

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Gilmar Staub

**PROJETOS DE VIDA E EMANCIPAÇÃO: CONSTITUINDO O SER-SUJEITO
CIDADÃO NO PÃO DOS POBRES**

São Leopoldo

2013

GILMAR STAUB

**PROJETOS DE VIDA E EMANCIPAÇÃO: CONSTITUINDO O SER-SUJEITO
CIDADÃO NO PÃO DOS POBRES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes

São Leopoldo
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S798p

Staub, Gilmar

Projetos de vida e emancipação: constituindo o ser-sujeito cidadão no Pão dos Pobres/ Gilmar Staub; orientador Daniel de Queiroz Lopes. – São Leopoldo: Unisinos, 2013.

194 f., il. color., 31 cm

Dissertação (Mestrado) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, 2013.

1. Cidadania. 2. Projetos de Vida. 3. Emancipação. I. Lopes, Daniel de Queiroz. II Título.

CDU 316.422

GILMAR STAUB

**PROJETOS DE VIDA E EMANCIPAÇÃO: CONSTITUINDO O SER-SUJEITO
CIDADÃO NO PÃO DOS POBRES**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre, pelo
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Aprovado em 29/08/2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes (Orientador)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Prof. Dr. Danilo Romeu Streck
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Prof. Dr. Evaldo Luis Pauly
Centro Universitário La Salle (UNILASALLE)

À minha família, em especial, aos meus pais, pelo dom da vida, ao meu irmão Antônio, às minhas irmãs Alice, Lenice e suas respectivas famílias e a todas as pessoas que me apoiaram nos momentos mais significativos e importantes de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para que este trabalho fosse possível.

A todos os familiares, amigos e amigas que, mesmo longe, me acompanharam e me apoiaram na minha trajetória de vida e que continuam sendo estímulo para a continuidade do meu trabalho.

À Rede La Salle, pela formação humana e cristã recebida, por seu apoio incondicional em todos os momentos da dissertação.

À Equipe Diretiva e Pedagógica do Colégio La Salle Pão dos Pobres pela receptividade, acolhida, auxílio e disponibilidade durante a pesquisa.

À Direção da Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, pela autorização da pesquisa, pelo interesse e apoio em todos os momentos que deles necessitei.

Ao João B. M. Rocha, Gerente Socioeducativo da Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, pela acolhida e disponibilidade durante a pesquisa.

À coordenação do CATI da Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio, em especial, à Isabel Cristina Machado e à Cléia Hansen Fraga, pelo grande apoio e auxílio pedagógico e pelas mediações feitas com as famílias envolvidas.

Ao professor Dr. Daniel de Queiroz Lopes, orientador deste trabalho, pelo apoio, paciência e provocações feitas durante as orientações realizadas.

Aos professores Drs. Danilo Romeu Streck e Evaldo Luis Pauly pela disponibilidade em contribuir na banca de Defesa da Dissertação.

Aos jovens Hércules, Cronos e Ísis pela participação na pesquisa através das narrativas de vida que me ajudaram a compreender e entrar num mundo vivido, cheio de riquezas pessoais, de sonhos e projeto de vida em construção e de vivências emancipatórias, auxiliando na riqueza deste trabalho.

“Começo a conhecer-me. Não existo. Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram, ou metade desse intervalo, porque também há vida...”

(Fernando Pessoa, 1986)

RESUMO

A presente pesquisa tem como temática investigativa os projetos de vida e emancipação: ser sujeito-cidadão, através de narrativas de vida de três jovens da Fundação Diocesana O Pão dos Pobres de Santo Antônio (Pão dos Pobres) da cidade de Porto Alegre - RS. A partir das narrativas de vida desses jovens em situação de vulnerabilidades, o presente trabalho pretende identificar e compreender como se dá a constituição do projeto de vida, com vistas à emancipação, e se este conduz os sujeitos a ser, de fato, sujeito-cidadão. A escuta e o olhar atento para a narrativa de vida dos sujeitos da pesquisa é fundamental para o pesquisador captar todas as *nuances* e os entrelaçamentos das tramas presentes nestas narrativas. O Projeto de pesquisa está inserido na linha de pesquisa III, Educação, Desenvolvimento e Tecnologias, do Programa de Pós-Graduação em Educação. Portanto, ele se apoia em teóricos situados nos citados campos de estudo. Nestes se opera com os conceitos como projetos de vida, emancipação, sujeito-cidadão, juventude e cidadania. Analisa-se também as referidas marcas e processos constituintes de autonomia, protagonismo e emancipação, utilizando análise documental, pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas abertas que permitam aos sujeitos da pesquisa, por meio de sua narrativa, refletirem sobre seu processo de autoformação para constituir seu projeto de vida e as formas emancipatórias que os tornam sujeitos cidadãos, mesmo que num contexto de exclusão social e/ou de extrema vulnerabilidade.

Palavras-chave: Projetos de Vida. Emancipação. Sujeito-Cidadão. Juventude. Cidadania.

ABSTRACT

This research has as theme projects of life and emancipation: be citizen-subject through life narratives of three young oh the Diocesan Foundation The Bread of the Poor of St. Anthony (Bread of the Poor) in Porto Alegre - RS. Based on the life narratives of these young people in situations of vulnerabilities, this paper aims to identify and to understand how is the constitution of the project of life, aiming at the emancipation, and if the project of life leads subjects to be, in fact, citizen-subject. Listening and looking out for the life narrative of the subjects is essential for the researcher to capture all the nuances and interlacements of the events present in these narratives. The research project is inserted in the search line III, Education, Development and Technology, of the Postgraduate Program in Education. Therefore he relies on theorists who belong to that research fields. In such fields it operates with concepts such projects of life, emancipation, citizen-subject, youth and citizenship. It analyzes also those marks and constituent processes of autonomy, participation and emancipation, using documental analysis, qualitative research, through open interviews to enable the research subjects through their narrative, to reflect on their process of self-determination to constitute his project of life and emancipatory forms which make them citizen-subjects even if in a context of social exclusion and/or extreme vulnerability.

Keywords: Projects of life. Emancipation. Citizen-subject. Youth. Citizenship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Hércules, Cronos e Ísis.....	25
Figura 2 – João Batista de La Salle ensinando em sala de aula.....	42
Figura 3 – Retrato da escola no Século XVII.....	49
Figura 4 – Ilustração da realidade das ruas de Paris em 1672.....	51
Figura 5 – A primeira escola dos Irmãos Lassalistas em Paris.	52
Figura 6 – Praça “Tia Lia” (Praça dos Brinquedos)	54
Figura 7 – Escudo do Pão dos Pobres	59
Figura 8 – Primeiro Projeto do Abrigo dos Pobres de Santo Antônio	61
Figura 9 – Foto do 1º Prédio do Pão dos Pobres em 1916	62
Figura 10 – Vista Frontal do Pão dos Pobres em 1930	62
Figura 11 – Colégio La Salle Pão dos Pobres	63
Figura 12 – Vista aérea da Fundação Pão dos Pobres	64
Figura 13 – Ilustração feita na data dos 117 anos do Pão dos Pobres.	65
Figura 14 – Prédio das Oficinas Profissionalizantes	66
Figura 15 – Imagem de Santo Antônio e La Salle dando pão aos pobres	67
Figura 16 – Dormitórios das Casas de Acolhimento Institucional.....	69
Figura 17 – Ambiente interno das Casas de Acolhimento Institucional	72
Figura 18 – Banheiros e Sala de convivência.....	73
Figura 19 – Capela Santo Antônio do Pão dos Pobres	75
Figura 20 – Quadra esportiva externa e Fachada interna do Pão dos Pobres.....	76
Figura 21 – Jovens e o primeiro emprego: emancipação	77
Figura 22 – Perfil do Egresso na Campanha publicitária	80
Figura 23 – Visita de ex-alunos.....	81
Figura 24 – Ambiente Interno de uma Casa de Acolhimento Institucional	89
Figura 25 – Encerramento do CATI (Antigo Internato do Pão dos Pobres).	91
Figura 26 – Projeto: Doe seu Brinquedo	92
Figura 27 – Refeitório e Buffet do La Salle Pão dos Pobres.....	96

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Categorias e questões fundantes	28
Quadro 2 – Primeira Revisão Bibliográfica	29
Quadro 3 – Segunda Revisão Bibliográfica	30
Quadro 4 – Terceira Revisão Bibliográfica	31
Quadro 5 – O Estado da Arte da Juventude	33
Quadro 6 – Programas em Funcionamento no Pão dos Pobres	69
Quadro 7 – Principais características dos jovens e sua representação nas décadas	110
Quadro 8 – Linha de tempo: Como as mudanças no Pão dos Pobres aparecem nas narrativas dos sujeitos da pesquisa.....	122
Quadro 9 – Atividades Assistenciais e das Isenções Usufruídas	146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
CASA	Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente
CATI	Centro de Atendimento Integral
CEP	Centro de Educação Profissional do Pão dos Pobres
CMDCA	Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente
DAT/MP-RS	Divisão de Assessoramento Técnico do Ministério Público/RS
FASC	Fundação de Assistência Social e Cidadania
FASE	Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional
FEBEM	Fundação Estadual para o Bem-estar do Menor
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
GE	Guia das Escolas
MR	Meditações para o tempo de Retiro
NASF	Núcleo de Apoio Sócio Familiar
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
POD	Programa de cumprimento de Medida socioeducativa
SOCIOEDUCATIVO	
SASE	Serviço de Apoio Socioeducativo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O PERCURSO DO MÉTODO	19
2 O PERCURSO TEÓRICO	29
3 O PERCURSO EMPÍRICO E AS APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E ANALÍTICAS	41
3.1 Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs	41
3.2 O Guia das Escolas Cristãs	44
3.3 A visão das crianças na época de La Salle	46
3.4 A Escola de La Salle: uma Instituição Inovadora	56
3.4.1 Uma Escola centralizada no aluno	58
3.5 A história da fundação diocesana “O Pão dos Pobres de Santo Antônio”	59
3.5.1 A Finalidade e Missão do Pão dos Pobres amparados na pedagogia lassalista	64
3.5.2 O perfil de aluno “egresso” desejado pelo Pão dos Pobres	74
4 REORDENAMENTO INSTITUCIONAL DO PÃO DOS POBRES: HÁ POSSIBILIDADES DE UMA EMANCIPAÇÃO JUVENIL ATRAVÉS DE UM PROJETO DE VIDA?	84
4.1 A Desinstitucionalização do Pão dos Pobres ou a eminência de uma nova institucionalização?	87
5 EDUCAÇÃO E CIDADANIA OU EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA?	94
5.1 O que é educação para a cidadania e ser-sujeito cidadão?	97
6 JUVENTUDE(S) E PROJETO DE VIDA: UM CAMINHO PARA A EMANCIPAÇÃO	102
6.1 As diversas conceituações de Juventude(s)	102
6.2 Juventudes com projeto de vida: caminho para a emancipação	111
CONCLUSÃO	120
REFERÊNCIAS	135
ANEXO A – SÍNTESE DA VIDA DE SÃO JOÃO BATISTA DE LA SALLE: FUNDADOR DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS (LASSALISTAS)	141
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	143
APÊNDICE B - DOCUMENTOS DA INSTITUIÇÃO FUNDAÇÃO PÃO DOS POBRES	146

APÊNDICE C – IMPORTÂNCIA DAS ESCOLAS CRISTÃS NO CONTEXTO DA ÉPOCA DE LA SALLE	148
APÊNDICE D – REORDENAMENTO INSTITUCIONAL DO PÃO DOS POBRES .	157
APÊNDICE E – CATEGORIAS DAS ENTREVISTAS	166
APÊNDICE F – LINHA DE TEMPO DO PÃO DOS POBRES E DOS SUJEITOS DA PESQUISA (HÉRCULES, CRONOS E ÍSIS)	186

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como temática investigativa as narrativas de vida de três jovens em situação de vulnerabilidade. Seu objetivo é buscar a compreensão do modo como se dá a constituição do projeto de vida, com vistas à “emancipação” desses sujeitos que os permita ser-sujeito cidadão. O projeto está inserido na linha de pesquisa III: Educação, Desenvolvimento e Tecnologias do Programa de Pós-Graduação em Educação.

Pesquisar narrativas de vida de jovens em situação de vulnerabilidade exige do pesquisador uma capacidade de saber trabalhar nos limites de tensão da relação dialética entre os interesses individuais do pesquisador e dos sujeitos da pesquisa e entre os interesses desses sujeitos e/ou dos locais a que um ou outro pertencem (neste caso o Pão dos Pobres e o Colégio La Salle Pão dos Pobres).

Este estudo se propõe a investigar a constituição do ser-sujeito cidadão através do projeto de vida de três jovens da Fundação Diocesana O Pão dos Pobres de Santo Antônio¹, de Porto Alegre - RS, utilizando pesquisa documental, pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas abertas que permitam a narrativa dos sujeitos da pesquisa refletir sobre seu processo de autoformação, para constituir seu projeto de vida, e as formas emancipatórias que os tornam sujeitos cidadãos, mesmo que num contexto de exclusão social e/ou de extrema vulnerabilidade.

Este pesquisador procura compreender a elaboração do pensamento, a construção do projeto de vida na exclusão/inserção social, indagando-se como e o que pensam os entrevistados sobre a construção de um projeto de vida e sua emancipação. Ao mesmo tempo, busca entender como esses sujeitos elaboram as constituições do ser-sujeito cidadão nas relações para com o outro (alteridade) num contexto de extrema vulnerabilidade social (pobreza, abusos sexuais, violência física e mental, rejeição e abandono familiar).

Catão (2001, p.11) afirma que a construção de um projeto de vida, em ambientes ou espaços em que ocorrem exclusões, exige reflexões sobre as contradições dessa realidade e toma as próprias diferenças como referência de como eles compreendem as coisas e o mundo.

¹ A origem da Fundação o Pão dos Pobres teve como objetivo inicial abrigar 18 viúvas pobres e seus respectivos filhos órfãos. O Pão dos Pobres foi fundado em 1895, pelo Cônego José Marcelino de Souza Bitencourt, após a guerra do Paraguai e a Revolução Federalista. Em 1916, o Pão dos Pobres foi assumido pelo Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (Lassalistas), Congregação fundada por São João Batista de La Salle em 1780, na França.

Surgida em 1895, a “Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio”² acolhe crianças, adolescentes e jovens em situação das mais diversas vulnerabilidades sociais, no bairro Cidade Baixa, da cidade de Porto Alegre - RS. A referida instituição tem amplo reconhecimento do poder público, por causa da sua tradição, do seu trabalho na proteção aos direitos da infância e dos seus projetos sociais envolvendo crianças, adolescentes e jovens da região metropolitana de Porto Alegre, de todas as idades, com grande situação de vulnerabilidade social.

Para que o leitor possa entender a estrutura dessa dissertação, gostaríamos de elencar algumas questões prévias para justificar a constituição dos capítulos deste trabalho na ordem em que se encontram. Também queremos reiterar que, ao fazer a narrativa histórica, tanto do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs quanto do Pão dos Pobres, foram emergindo e aparecendo muitos elementos e práticas pedagógicas que atravessam a história lassalista, de modo que algumas destas práticas vão se perpetuando ao longo do processo educativo do Pão dos Pobres.

Esta pesquisa é composta por seis capítulos que se fundamentam no processo e na história do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (Rede La Salle) de onde vieram os elementos pedagógicos importantes que se entrelaçam na história da Fundação Pão dos Pobres: educação, juventudes, cidadania, protagonismo, projetos de vida e emancipação.

Em primeiro lugar, entende-se que para dar conta das bases pedagógicas do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (Rede La Salle) é preciso situá-lo na história, sobretudo, da educação. O eixo central de trabalho da Rede La Salle é a formação humana e cristã de crianças, adolescentes, jovens e adultos, especialmente através da educação (da Educação Infantil ao Ensino Superior). Para tanto, foi necessário percorrer primeiro a história dessa rede de educação surgida há mais de trezentos anos, consolidando ano a ano sua experiência na formação integral dos estudantes e, assim, focando no preparo para a vida (emancipação) através da formação humana, intelectual, espiritual e, sobretudo, cristã. O Fundador dessa Rede de Escolas, São João Batista de La Salle (1651-1719), fundou escolas na França, para tirar os filhos dos artesãos e marceneiros da extrema pobreza, ensinando-lhes primeiro a língua vernácula, os bons costumes e dando-lhes, com vistas à emancipação, uma formação profissional.

² Com a finalidade de facilitar a leitura e a escrita, utilizaremos uma abreviação do nome “O Pão dos Pobres de Santo Antônio”. Para tanto, utilizaremos o nome mais comum e popular no linguajar da população em geral: “O Pão dos Pobres” ou “Fundação Pão dos Pobres”.

Em segundo lugar, é necessário compreender a história da Fundação Pão dos Pobres que, ao ser assumida pela Rede La Salle de Educação em 1916, passa a adotar o modelo educacional e os mesmos princípios cristãos desse Instituto, o que conseqüentemente gerou uma mudança profunda no processo pedagógico do Pão dos Pobres. Desta forma, com o passar dos anos, o Pão dos Pobres se fortaleceu pedagogicamente, tornando-se uma referência no atendimento de crianças, adolescentes e jovens em situações de extrema vulnerabilidade social. Além disso, ele passou a ter como característica e objetivo principal a preparação para a vida e para o trabalho profissional, oferecendo àqueles melhores condições de vida e a possibilidade de um futuro digno.

No primeiro capítulo, apresentamos o que chamamos de Percurso do Método, que é o processo feito através da metodologia de pesquisa. Ali se descreve o processo metodológico utilizado desde a escolha do campo empírico, da escolha dos sujeitos de pesquisa, das entrevistas, até a categorização das narrativas de vida dos jovens.

No segundo capítulo, descrevemos o percurso teórico utilizado como base teórica da pesquisa. Após exaustiva revisão bibliográfica, realizada nos *sites* da Capes, do MEC, de diversas bibliotecas virtuais e do banco de dados de diversas universidades, fez-se a seleção e uma posterior leitura de artigos, teses, dissertações e livros afins à temática escolhida. Com a temática e o campo de pesquisa definidos, buscou-se analisar os melhores métodos de pesquisa para aquela realidade. Foi realizada, então, uma pesquisa qualitativa semiestruturada, com entrevistas abertas através da narrativa de vida dos sujeitos da pesquisa. Também foi utilizada a análise documental, através da qual foram consultados livros, fotografias, atas e pareceres do Pão dos Pobres.

No terceiro capítulo, descreve-se o percurso empírico e as aproximações teóricas e analíticas do processo de pesquisa. Este capítulo se subdivide em dois. Em primeiro lugar, apresenta-se o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, através dos ensinamentos do seu fundador e educador São João Batista de La Salle, os quais estão presentes, sobretudo, no seu Guia das Escolas, com suas características, sua filosofia e realidade social e educacional dos séculos XVI e XVII na França. Acredita-se que a pedagogia e a filosofia lassalistas perpassam profundamente a formação humana e cristã dos alunos do Pão dos Pobres, bem como certas práticas da época do fundador, que continuam sendo aplicadas até os tempos atuais no Pão dos Pobres.

Em segundo lugar, apresenta-se a Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio com sua história, sua finalidade e missão. É impossível falar do Pão dos Pobres sem entrelaçar as

duas históricas instituições (Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs e Fundação Pão dos Pobres), que se encarregaram de zelar, cuidar e administrar o Pão dos Pobres.

Um aspecto importante a ser ressaltado é que o próprio La Salle passou por um internato parecido que se chamava *Colégio Bons Enfants*³, um colégio para nobres que funcionava em regime de internato. Esse resgate histórico é necessário, pois todo bojo da filosofia lassalista perpassa essa instituição centenária, tendo incidência direta na formação humana e cristã de todo corpo docente e discente da instituição na qual se fez a pesquisa.

No quarto capítulo, mostram-se alguns aspectos do reordenamento institucional do Pão dos Pobres ocorrido recentemente, gerando um impacto direto sobre seus alunos, acompanhado de uma série de tensões, conflitos “silenciosos, mas evidentes”, incertezas e certa “crise institucional”. Este reordenamento exigiu uma retomada das finalidades institucionais fundantes, de um planejamento institucional a curto, médio e longo prazos, bem como das implicações e adaptações necessárias para atender a legislação vigente. Estas situações de saída da zona de conforto foram geradas pela necessidade da reestruturação institucional, a partir da intervenção do Ministério Público e do Juizado da Vara da Infância e da Juventude para adequar a fundação às exigências do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Faz-se necessário aprofundar a discussão sobre a institucionalização dos jovens, e a posterior desinstitucionalização com suas implicações, tensões, contradições, soluções, e a possibilidade ou não de emancipação desses jovens com essa mudança de paradigma.

No quinto capítulo, discutem-se os conceitos de Educação e Cidadania, abrangendo também a escolarização e o ser-sujeito cidadão, sobretudo dos jovens, numa perspectiva de protagonismo e emancipação da juventude.

Por fim, no sexto capítulo, apresenta-se a(s) juventude(s), como conceito sociológico, e a necessidade de um projeto de vida consistente para que possam efetivamente viver seu protagonismo e emancipação ao longo da sua própria história. Para isso, fez-se uma discussão acerca da importância de um projeto de vida para as juventudes e percebeu-se que os adolescentes e jovens vêm sofrendo, ao longo da história, as consequências das diferenças sociais manifestadas na violência, no desemprego, na fome, no trabalho infantil, na prostituição e nas drogas. Essa realidade é o contrário do que apregoa o Estatuto da Criança e

³ O Colégio *Bons Enfants*, situado em Reims, a leste de Paris, é famoso pelo ensino e pela austeridade onde se é obrigado a falar latim até nos momentos mais raros de recreio. La Salle ingressa aos nove anos nesta escola vivendo e conhecendo a severidade de seus mestres.

do Adolescente (ECA), em relação à promoção de saúde, que garante ao jovem: educação, políticas sociais, alimentação e bases para o exercício da cidadania.

Esta investigação é motivada basicamente por minha ação como educador e minha experiência no trabalho com as juventudes onde tenho percebido muitas lacunas e poucos projetos que contemplem a construção de um projeto de vida para os jovens.

Por um lado, fala-se demasiadamente em escolhas para o vestibular, isto é, sobre os cursos e universidades pretendidas, e em realização profissional. Entretanto, quando aquelas não são concretizadas e esta alcançada, a frustração é enorme, sobretudo entre os menos favorecidos, que precisam se preocupar primeiro em trabalhar para sobreviver. Por outro lado, pouco se oferece quanto à orientação vocacional para jovens que pretendem descobrir sua vocação e construir uma história de vida com protagonismo (emancipação), ou seja, há poucas políticas públicas que contemplam e auxiliam nossos jovens nesse processo.

Neste sentido, algo que intriga o pesquisador é saber como se constitui o ser-sujeito cidadão em situações de vulnerabilidade social. Quais sonhos, projetos de vida aparecem na narrativa de vida de jovens nesta situação? Que sentido eles encontram para sua vida, longe de casa, numa instituição que os acolhe, forma e profissionaliza? Como se dá a institucionalização? Que valores e princípios são absorvidos pelos jovens institucionalizados? É possível ser-sujeito cidadão no Pão dos Pobres? Como se constroem os projetos de vida com vistas à emancipação?

Foram estas perguntas provocadoras que despertaram a curiosidade do pesquisador. Perguntas como estas e distintas experiências aconteceram nas mais diferentes formas e lugares: como professor dentro e fora da sala de aula, em jornadas de formação, em palestras, em programas de rádio, em retiros, em projetos de voluntariado (RS, SC e Chile), em aulas de reforço, em convivência com catadores de lixo, em atividades de voluntariado em hospitais, com grupos de jovens, com projetos ambientais envolvendo alunos, na formação de pais e professores (sul e norte do Brasil e no Chile), em projetos de redução de violência, nas Casas das Juventudes (município de Canoas - RS), como diretor de escolas e entre tantas outras atividades.

Fui percebendo, a partir do contexto de trabalho com crianças, adolescentes, jovens e adultos, a importância de uma assessoria adequada, isto é, sentindo a angústia dos estudantes de Ensino Médio para escolherem a profissão correta para o vestibular, vendo equívocos de escolha de jovens e adultos na vida pessoal e, ao mesmo tempo, a extrema dificuldade em

encontrar pessoas que se disponibilizassem para orientar as tantas outras no processo de escolha em suas vidas.

O interesse por essa temática se justifica por vários aspectos: minha trajetória de duas décadas de atuação na educação; meu trabalho por 10 anos consecutivos na orientação vocacional de adolescentes e jovens em inúmeras cidades do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Pará, do Maranhão e do Chile, onde conheci a dura realidade a que os jovens estavam submetidos, sobretudo os de classes mais vulneráveis; a curiosidade em saber como ocorre a constituição de um projeto de vida de jovens em situação de vulnerabilidade, bem como sua posterior emancipação, e em que situações o jovem se sente sujeito-cidadão dentro de uma instituição centenária; a expectativa de que este trabalho sirva de apoio e suporte para programas de direitos da infância e da juventude, e para promover, enfim, a reflexão sobre a construção do projeto de vida nos cidadãos em situação de vulnerabilidade.

Assim, tendo iniciado o mestrado, a partir das minhas leituras, experiências de trabalho com adolescentes e jovens e por incentivo de meu orientador, percebi a importância de realizar uma pesquisa acerca da constituição do projeto de vida com vistas à emancipação e ao ser-sujeito cidadão, com alunos que vivem numa instituição centenária de Porto Alegre. Por outro lado, essa mesma instituição é desconhecida nas suas práticas de trabalho e pouco pesquisada quanto às histórias e narrativas de vida de seus alunos, que estão ligadas às suas vivências e à sua formação na Fundação Pão dos Pobres, na busca de um sentido para a vida e, conseqüentemente, da construção de seu projeto de vida. Eis, portanto, o objetivo deste estudo e pesquisa.

1 O PERCURSO DO MÉTODO

Conforme apresentado na introdução, utilizou-se como método a pesquisa documental, a narrativa de vida e a pesquisa qualitativa, com entrevistas e perguntas abertas para que fossem identificadas as categorias que auxiliam na construção do projeto de vida como sujeito-cidadão, com a finalidade da emancipação juvenil.

A análise documental, como uma técnica decisiva para a pesquisa em ciências sociais e humanas, é indispensável, porque a maior parte das fontes escritas geralmente é a base do trabalho de investigação. Ela é realizada a partir de documentos considerados cientificamente autênticos. Conforme Santos (2000), a pesquisa documental é realizada em diversas fontes como tabelas estatísticas, cartas, pareceres, fotografias, atas, relatórios, obras originais de qualquer natureza – pintura, escultura, desenho, notas, diários, projetos de lei, ofícios, discursos, mapas, testamentos, inventários, informativos, depoimentos orais e escritos, certidões, correspondência pessoal ou comercial, documentos informativos arquivados em repartições públicas, associações, igrejas, hospitais, sindicatos.

A análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Em seu artigo sobre a análise discursiva, Moraes (2003) afirma que pesquisas qualitativas vêm sendo usadas em número cada vez maior ao se fazer análises textuais, pois estas pretendem aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga, a partir de análise rigorosa e criteriosa das informações daí obtidas. O referido autor faz uso de uma metodologia argumentativa baseada em quatro focos que também usamos nesta pesquisa:

1. Desmontagem dos textos: também denominado de processo de unitarização, implica examinar os materiais em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de atingir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados.
2. Estabelecimento de relações: processo denominado de categorização, implicando construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as no sentido de compreender como esses elementos unitários podem ser reunidos na formação de conjuntos mais complexos, as categorias.
3. Captando o novo emergente: a intensa impregnação nos materiais da análise desencadeada pelos dois estágios anteriores possibilita a emergência de uma compreensão renovada do todo. O investimento na comunicação dessa nova compreensão, assim como de sua crítica e validação, constituem o último elemento do ciclo de análise proposto. O metatexto resultante desse processo representa um esforço em explicitar a compreensão que se apresenta como produto de uma nova combinação dos elementos construídos ao longo dos passos anteriores [...].
4. Um processo auto-organizado: o ciclo de análise descrito, ainda que composto de elementos racionalizados e em certa medida planejados, em seu todo constitui um processo auto-organizado do qual emergem novas compreensões. Os resultados finais, criativos e originais, não podem ser

previstos. Mesmo assim é essencial o esforço de preparação e impregnação para que a emergência do novo possa concretizar-se (MORAES, 2003, p.192).

Quanto à análise textual qualitativa concordamos com Moraes que

[...] a análise textual qualitativa pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem de uma sequência recursiva de três componentes: desconstrução dos textos do *corpus*, a unitarização; estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada (2003, p.192).

Nesse mesmo sentido, o referido autor afirma que a análise qualitativa opera com significados construídos, a partir de um conjunto de textos, e que os materiais textuais constituem significantes, a que o analista precisa atribuir sentidos e significados (MORAES, p.192).

Trabalhar com narrativas e, a partir delas, chegar às histórias de vida, implica rememorar fatos da história, identificar-se com ela e ressignificar seu conteúdo. Por isso, torna-se ainda mais fundamental dar às pessoas a oportunidade do exercício do falar de si, do “narrar-se”, da redescoberta do prazer de brincar com as palavras.

Segundo Josso (2004), a melhor narrativa é aquela em que o autor usa a escrita para registrar a sua história de vida, isto é, em que o seu processo de construção e a determinação de uma dinâmica, dentro deste, põem à luz essa evolução autointerpretativa, que muitos de nós praticamos espontaneamente nos momentos de escolha, de orientação, de decisão. Conforme a autora a narrativa é:

[...] uma viagem empreendida pelo próprio sujeito, ao longo do qual vai se conhecendo como viajante, tomando consciência dos itinerários escolhidos, dos encontros e desencontros, das parcerias durante a viagem, das marcas deixadas pelo caminho, das aprendizagens, das lacunas. Viagem e viajante que aos poucos vão se cruzando e reconhecendo como um só (JOSSO, 2004, p.13).

A autora também afirma que o caminhar para si é voltar-se para si mesmo, mas que isso também implica em caminhar com o outro. Essa é uma metodologia que coloca o sujeito na centralidade do seu processo de formação e aprendizagem, que são a descoberta e a valorização da singularidade que marcam a narrativa da sua história de vida. Esse processo dialético é como uma viagem empreendida pelo próprio sujeito, ao longo da qual ele vai se conhecendo como viajante, tomando consciência dos itinerários escolhidos dos encontros e desencontros, das parcerias durante a viagem, das marcas deixadas pelo caminho, das aprendizagens, das lacunas. Viagem e viajante que aos poucos vão se cruzando e reconhecendo como um só.

A descoberta e a valorização desta singularidade marcam a metodologia das narrativas e histórias de vida, que, por sua vez, coloca o sujeito na centralidade do seu processo de formação e aprendizagem, pois,

[...] a narrativa de vida não tem em si poder transformador, mas, em compensação, a metodologia de trabalho sobre a narrativa de vida pode ser a oportunidade de uma transformação, segundo a natureza das tomadas de consciência que aí são feitas e o grau de abertura à experiência das pessoas envolvidas no processo (JOSSO, 2004, p.153).

Conforme Molina (2011), examinar histórias de vida, as memórias, as narrativas dos sujeitos, como possibilidade de produção de conhecimento, não é exatamente novidade no campo científico. Nóvoa (2000) afirma que a utilização de abordagens (auto)biográficas indica certa insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e a necessidade de uma renovação nos modos de produzir conhecimento científico.

Molina (2011) também afirma que pesquisar narrativas exige que se aprenda a trabalhar nos limites da tensão da relação dialética entre os interesses individuais do pesquisador e do pesquisado, e entre os interesses desses sujeitos e os das comunidades a que eles pertencem ou representam: comunidades escolares, comunidades locais ou comunidades científicas.

Ao narrar, recria-se a experiência vivida, levando em conta que a experiência em si e a narração são elementos distintos. Quando narramos, fazemos o ato de rememorar, ou seja, tornamo-nos sujeitos e protagonistas da narrativa de determinados aspectos, fatos ou eventos bons ou ruins de nossa vida. Cada memória é única e múltipla, pois é composta por diversos agentes que participaram de maneira direta ou indireta, mas internalizados por um sujeito, constituindo uma subjetividade. Configura-se aí a existência e o protagonismo desse sujeito entre tantos outros sujeitos do universo.

De acordo com Souza:

[...] a memória é escrita num tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas e das dimensões existenciais do sujeito narrador. É evidente que a memória inscreve-se como uma construção social e coletiva e vincula-se às aprendizagens e representações advindas da inserção do sujeito em seus diferentes grupos sociais. A relação entre memória e esquecimento revela sentidos sobre o dito e o não dito nas histórias individuais e coletivas dos sujeitos, marca dimensões formativas entre experiências vividas e lembranças que constituem identidades e subjetividades, potencializando apreensões sobre as itinerâncias e as práticas formativas. O não dito vincula-se às recordações e não significa necessariamente o esquecimento de um conteúdo ou experiência (2007, p.4).

A pesquisa qualitativa, no entendimento de Oliveira (2005, p.95), é assim considerada: o qualitativo estará sendo garantido pelo trabalho criativo e consistente do pesquisador em tecer articulações entre as fontes empíricas e as fontes teóricas, entre o geral, entre o específico e o momento histórico a partir do qual as falas estão sendo produzidas. Utilizam-se vários instrumentos nos processos (re)construtivos das memórias dos sujeitos, como, por exemplo, as entrevistas, as análises fotográficas e outros documentos.

Enfocando a importância da história oral, Oliveira (2001) diz que ela pode trazer histórias de pessoas “comuns”, permeadas de subjetividade, encontros, desencontros e saberes que, de um momento para outro, perdem o anonimato, tornando-se “autores” no seu coletivo. Assim, trabalhar com narrativas das histórias de vida, dá a oportunidade a todos os atores sociais de permitir que a memória construa os momentos de amor-ódio vivenciados e/ou vividos. Esse é um momento rico e único, que permite a reconstrução da própria história, senão a ressignificação dela.

Neste capítulo, apresento os procedimentos metodológicos que serviram como eixo condutor para a realização desta pesquisa. Esta dissertação, ora apresentada, tem como temática investigativa a narrativa de vida na constituição do projeto de vida e do ser-sujeito cidadão de jovens em situação de vulnerabilidade social⁴. Trata-se, portanto, de uma pesquisa com análise documental, pesquisa de cunho qualitativo com entrevista semiestruturada, com questões abertas, tendo como núcleo de análise as narrativas dos sujeitos para a elaboração de estudos de caso. O projeto está inserido na linha de pesquisa III, Educação, Desenvolvimento e Tecnologias, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS.

O pesquisador tomou conhecimento da existência da Fundação Pão dos Pobres há vinte anos, onde soube do modelo de internato que existia na instituição, bem como da modalidade de oficinas e formação para o trabalho que ali existia. Com o passar dos anos, tendo a oportunidade de visitar inúmeras vezes esta instituição, procurou aprofundar através de leituras das notícias que saíam em rádios e jornais sobre a vida de quem vivia naquele internato. De posse das informações acerca da instituição, o interesse em conhecer a fundo o que se passava, e quais os êxitos e fracassos dos internos, tornou-se um motivador para aproximá-lo mais ainda desse campo de pesquisa.

Assim, o pesquisador, já conhecido há muitos anos pela direção da instituição, iniciou suas visitas mais rotineiras em 2011, quando revelou à direção pedagógico-administrativa o

⁴ Vulnerabilidade social aqui como preconizado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que contempla a pobreza, situações de violência doméstica, abusos sexuais, drogadição, conflito com a lei, entre outros.

seu interesse na pesquisa. De imediato, houve acolhimento e prontidão da direção em abrir as portas para tal empreendimento, pois há muito interesse em melhorar e aprofundar as questões sobre o projeto de vida dos jovens e na sua posterior emancipação para a vida adulta.

A proposta inicial da pesquisa se daria somente com jovens do sexo masculino, por se tratar de uma Instituição que se preocupou desde 1895 até 2011 em acolher, abrigar e formar meninos órfãos e em vulnerabilidade social. Foi somente em 2011, que a Instituição, por causa da necessidade de adequação com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e das orientações da Promotoria de Justiça da Infância e da Juventude, tornou-se mista. Em vista dessa mudança, o pesquisador optou por incluir duas pessoas do sexo feminino, que tenham ingressado na primeira turma de meninas da Instituição, como uma possibilidade de trazer olhares e percepções diferentes de um internato, ou melhor, de uma “casa lar”, como agora são denominados os grupos de vivência no Pão dos Pobres.

No projeto de qualificação, havia a pretensão de conseguir a participação de duas jovens do sexo feminino e três jovens do sexo masculino, que integram o Centro de Apoio Integral (CATI)⁵, na pesquisa. Os critérios de participação no estudo foram: a) ter um tempo mínimo de dois anos de vivência na Instituição; b) aceitar participar da pesquisa (registrando a decisão com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE)⁶; c) apresentar um perfil desinibido e dicção audível para facilitar nas entrevistas; d) não ser necessariamente um aluno que tivesse apenas êxito e boas notas na escola, uma vez que não era um interesse desta pesquisa trazer uma imagem somente dos alunos da Instituição com maior destaque, por meio de suas narrativas, mas uma visão aproximativa das vivências do quadro de alunos nela presente.

Tendo feito esse processo de contato com a direção pedagógico-administrativa, diversas visitas ao estabelecimento, visitas à coordenação do CATI, foi apresentado o projeto de pesquisa para essas direções. O pesquisador ao apresentar os critérios de seleção, o perfil dos sujeitos da pesquisa, obteve a indicação de cinco sujeitos por parte da coordenação pedagógica do CATI.

⁵ Centro de Apoio Integral (CATI) que atende, em Regime de Apoio Socioeducativo, crianças e adolescentes de 6 a 17 anos com direitos ameaçados ou violados, visando a proteção integral, o direito à infância e o exercício efetivo da cidadania numa busca contínua de trabalho de formação integral. O CATI desenvolve ações de resgate da identidade, de formação e de educação, auxiliando e potencializando crianças e adolescentes na construção de sua autonomia e no seu projeto de vida. O foco pedagógico se dá no campo lúdico e relacional com a oferta de oficinas complementares nas áreas cultural, artística, desportiva e social. Tendo por princípio fundamental a promoção e a defesa dos direitos das crianças, dos adolescentes e de suas famílias.

⁶ O documento encontra-se no Apêndice A, p.143.

Com base nesse diálogo, chegou-se à primeira lista de composição dos sujeitos: 1) Um jovem de 18 anos, conluente do antigo internato e frequentador do curso técnico de marcenaria e em estágio empresarial na “Junior Achievement”; 2) Um aluno do CATI que frequenta a 8ª série (turma 801), da Escola La Salle Pão dos Pobres; 3) Um aluno do CATI que frequenta o 7º ano (turma 711) da Escola La Salle Pão dos Pobres; 4) Uma aluna do CATI que frequenta o 7º ano (turma 702) da Escola La Salle Pão dos Pobres; 5) Uma aluna do CATI que frequenta o 6º ano (turma 611) da Escola La Salle Pão dos Pobres.

De posse desses nomes, marcou-se um encontro com tais sujeitos da pesquisa para lhes explicar os objetivos desta, do processo a ser feito e perguntando sobre o interesse dos mesmos em participar do estudo. Feito esse primeiro contato, percebeu-se certa timidez inicial, o que não os impediu de perguntar acerca do que eles teriam que falar. Esclarecida a metodologia e a forma, eles manifestaram o desejo de participar da pesquisa.

Após essa explicação inicial, deixou-se claro, em um segundo contato, que a participação deles estava confirmada, desde que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) estivesse assinado por parte dos tutores legais desses sujeitos e com a anuência da Instituição (Fundação Pão dos Pobres).

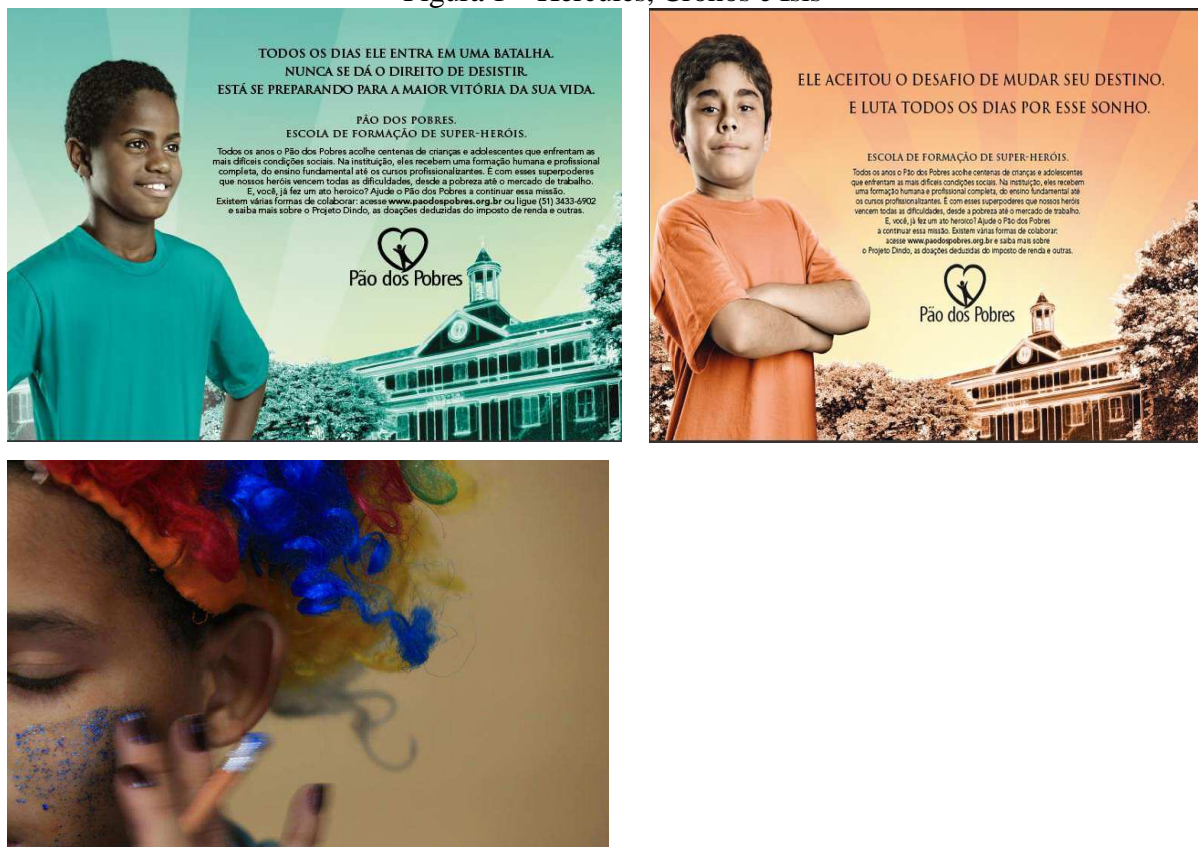
Durante o processo também ocorreram alguns imprevistos e dificuldades que acabaram trazendo obstáculos para o decurso previsto no cronograma da pesquisa. O primeiro desafio foi “seduzir” a coordenação do CATI em 2012 para a importância da pesquisa e, sobretudo, formar parcerias com o pesquisador. O segundo desafio foi ter que reiniciar praticamente todo o trabalho, a partir de 2013, ao deparar-se com a notícia da demissão da coordenadora do CATI e a necessidade da direção encontrar outra pessoa que ocupasse o seu lugar; valendo ressaltar que a nova coordenadora foi muito receptiva e prestativa durante a pesquisa.

Estava previsto, além das metodologias já citadas anteriormente, fazer uso da estratégia de um grupo focal com a temática do projeto de vida. O grupo focal seria composto pelas turmas em que os alunos sujeitos da pesquisa estudam durante as aulas de Ensino Religioso, com o intuito de criar maior vínculo, familiaridade e aproximação com estes. O pesquisador, porém, terminou não fazendo uso dessa estratégia devido ao choque entre os horários da pesquisa e as atividades da escola, sobretudo as provas trimestrais. A execução dos encontros com o grupo focal comprometeria a qualidade dos resultados de tal investigação, uma vez que os alunos estariam mais preocupados com suas atividades escolares.

Outra dificuldade encontrada foi a demora na devolução do documento de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por parte de um jovem do sexo masculino e uma jovem do sexo feminino. Assim, apenas dois jovens e uma jovem entregaram o documento assinado em tempo hábil.

Os participantes da pesquisa foram, então, uma aluna do CATI, que frequenta o 6º ano (turma 611) da Escola La Salle Pão dos Pobres denominada *Ísis* = Mãe (em referência à deusa egípcia Ísis por sua reverência à natureza maternal); um aluno do CATI que frequenta o 7º ano (turma 711) da Escola La Salle Pão dos Pobres, egresso do antigo internato, denominado *Cronos* = Tempo (referência ao tempo que ainda lhe falta para terminar os estudos e ser médico); e um jovem de 18 anos, também egresso do antigo internato e frequentador do curso técnico de marcenaria e em estágio empresarial na “*Junior Achievement*” denominado *Hércules* = Força (devido a sua capacidade de resiliência e determinação, apesar das dificuldades, para chegar um dia a ser um educador social do Pão dos Pobres). Optou-se por excluir os dois jovens que não entregaram a documentação, para não atrasar a pesquisa.

Figura 1 – Hércules, Cronos e Ísis



Na 1ª foto acima à esquerda, e na 2ª foto acima à direita, na campanha publicitária do Pão dos Pobres observamos dois meninos que batalham para realizar seus sonhos e chegar a um final feliz.

Fontes: Fotos 1 e 2 *site* do Facebook do Pão dos Pobres: <https://pt-br.facebook.com/photo.php?fbid=415353591814904&set=a.227972533886345.78570.211036032246662&type=1&theater> (Acessado em maio de 2013)

Na foto embaixo à esquerda, temos parte de um rosto de uma jovem se apresentando para o público. *Fontes:* Foto 03 do *site* da RBS:

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/05/criancas-e-adolescentes-do-pao-dos-pobres-soltam-baloes-para-marcar-o-dia-internacional-da-crianca-desaparecida-4147114.html>. (Acessado em julho de 2013).

Gostaria de explorar um pouco essas imagens escolhidas, que, para minha surpresa, fazem alusão aos sujeitos desta pesquisa. Na primeira foto, identifico o jovem Hércules, porque “todos os dias ele entra em uma batalha. Nunca se dá o direito de desistir. Está se preparando para a maior vitória de sua vida”, uma vez que, ao ter o desejo de se tornar um educador social do Pão dos Pobres, ele não dá para si mesmo o direito de desistir, sabendo que se o fizer, deixará de ganhar a maior vitória de sua vida, que é transmitir seu aprendizado adquirido durante sua permanência no Pão dos Pobres. Se o mitológico Hércules pode ser identificado por seus atributos físicos (pele bronzeada, quase negra, um aspecto considerado viril) e com muita disposição para a luta, o jovem entrevistado se assemelha em vários aspectos ao personagem mitológico, em especial, pela sua força de vontade de vencer.

Na segunda foto, vejo semelhança com a vida do jovem Cronos. “Ele aceitou o desafio de mudar o seu destino. E luta todos os dias por esse sonho”. Para alcançar o objetivo final, ser médico, o tempo urge para o jovem pesquisado, já que reprovou pela 3ª vez na sétima série. Esta é sua luta constante contra o tempo, para manter sua determinação inabalável.

Por fim, a terceira foto, que contém a metade do rosto de uma jovem, foi escolhida propositalmente, pois, retrata o rosto da Ísis cheio de alegria quando narra a concretização gradativa de seus sonhos: de ter uma festa de 15 anos (2013) e de ser cantora (já está no coral se apresentando no Teatro São Pedro), bem como de, no futuro, ter sua casinha, seus filhos e ajudar a quem precisa. A metade do rosto que não aparece retrata a tristeza da Ísis quanto ao envolvimento de familiares no vício das drogas, sobretudo seu pai que lhe prometeu dançar a valsa dos quinze anos com ela, mas não sabe se poderá comparecer. Não foi encontrada uma imagem que representasse a Ísis com seus sonhos de festa e de constituir família.

Depois de realizadas as entrevistas e as transcrições das mesmas, o pesquisador confirmou algumas das informações, às quais ele teve acesso inicialmente, e constatou mais algumas características importantes dos jovens que convêm destacar:

a) Cronos e Hércules passaram por situações de morte e perda de pessoas queridas do seu círculo de amizades;

b) Hércules mora com a mãe numa casa com 14 pessoas; possui dois irmãos e uma irmã em situação de dependência química acentuada; foi interno do Regime de Internato de 2008 a 2012, sendo desligado da Instituição devido ao Reordenamento Institucional que previa o fechamento do Acolhimento Semanal (antigo Internato); está, portanto, ainda em processo emancipatório e de desligamento institucional devido ao fechamento do Internato. De manhã estuda num colégio estadual para concluir o Ensino Médio (está no 2º Ano) e à tarde está cursando o curso profissionalizante de marcenaria. Ele está fazendo estágio dentro do programa da “*Junior Achievement*”, cujo objetivo é despertar o espírito empreendedor nos jovens, através de seus programas, e capacitá-los para o mercado de trabalho. Hércules continua tendo vínculos com a escola, participando do grupo de jovens e visitando frequentemente a casa de acolhida; está estagiando numa empresa em Porto Alegre; e sonha ser professor no Pão dos Pobres. Convém ressaltar que, duas semanas após a gravação das entrevistas, Hércules teve seu estágio encerrado por excesso de contingente.

c) Ísis tem o pai em situação de dependência química acentuada; mora com a mãe, a irmãzinha e o padrasto; sofre muito com a separação e a ausência do pai; teve brigas sérias com a mãe a ponto de ir morar com o pai; retornou para casa devido à situação de drogadição do pai e para evitar ser transferida para um abrigo institucional. Ela mora na Restinga, o que a obriga a levantar muito cedo de manhã para chegar ao Pão dos Pobres; frequenta a escola pela parte da manhã e participa das atividades do SASE na parte da tarde; sonha ser cantora, celebrar com festa seus 15 anos tendo seu pai dançando a valsa com ela, ajudar seu pai a sair das drogas, trabalhar para ajudar sua mãe, construir sua casa e depois constituir sua família.

d) Cronos busca minimizar sua situação de vulnerabilidade, afirmando que nunca faltou nada em casa; mora com a mãe e o irmãozinho, sendo que seus tios e a tia moram no mesmo terreno; foi interno do Regime de Internato de 2008 a 2012, sendo desligado da Instituição devido ao Reordenamento Institucional que previa o fechamento do Acolhimento Semanal (antigo Internato). Ele continua frequentando a escola na parte da manhã e à tarde participa de oficinas e do curso profissionalizante de serralheiro; mora no bairro Mathias Velho em Canoas, o que o obriga a levantar muito cedo de manhã para chegar a tempo no Pão dos Pobres; e sonha em ser médico.

Feitas as entrevistas, passou-se para a transcrição das mesmas para realizar uma posterior categorização. Foram feitas duas entrevistas com cada um dos sujeitos da pesquisa com a finalidade de qualificar a pesquisa e as entrevistas, bem como conseguir uma riqueza maior nas narrativas de vida desses jovens. Depois de feita a transcrição das entrevistas,

buscou-se elencar as categorias presentes nas falas dos jovens e fazer uma posterior análise de suas narrativas.

O quadro a seguir apresenta as categorias construídas a partir das narrativas e as questões de fundo que foram observadas para identificar aspectos importantes nas narrativas dos sujeitos.

Quadro 1 – Categorias e questões fundantes

CATEGORIAS	Questões fundantes
Narrativas da História de Vida	Quem sou? Como cheguei ao Pão dos Pobres?
História e trajetória de vida	Importância do Pão dos Pobres na vida dos jovens. Quais foram as principais mudanças percebidas na vida a partir do ingresso no Pão dos Pobres?
Projeto de vida	Sonhos: O que eu queria ser na infância? Quais são os meus sonhos hoje? O que eu quero ser quando crescer (sair do Pão dos Pobres)?
Emancipação	Quais atividades, eventos e fatos foram emancipatórios para os jovens?
Ser-sujeito cidadão	O que me fez ser o que sou hoje? O que me faz ser-sujeito cidadão? Como me sinto sujeito cidadão?
Formação humana e cristã	Pedagogia lassalista: Quais foram os impactos na vida dos jovens? Que eventos marcaram a vida dos jovens? Do que falam?
Institucionalização	Como os jovens expressam, vivem e sentem a institucionalização?

Fonte: O próprio autor

Também elaboramos um quadro completo das narrativas dos jovens, onde podemos perceber a densidade e a importância das falas dos jovens pesquisados, o qual se encontra no Apêndice E – Categorias das Entrevistas (p.166).

2 O PERCURSO TEÓRICO

Inicialmente, para a compreensão do leitor, quero deixar bem claro que fiz três pesquisas minuciosas de revisão bibliográfica justamente porque fui amadurecendo o projeto e, ao mesmo tempo, modificando o foco da pesquisa. As duas primeiras pesquisas bibliográficas se deram com o foco em projetos de vida de adolescentes, cidadania e escolarização. A primeira pesquisa foi feita em agosto de 2011, a segunda em dezembro-janeiro de 2011-2012 e a terceira em março de 2012, com novo enfoque em Projetos de Vida e Juventudes, cidadania e escolarização. Esta mudança se fez necessária porque, após leituras e o esclarecimento de que os “Adolescentes” são uma categoria mais psicológica enquanto que as “Juventudes” se tratam de uma categoria sociológica, realizou-se uma melhor aproximação do objetivo desta pesquisa.

A revisão bibliográfica contemplou dissertações e teses desenvolvidas no período de 2005-2010 em programas nacionais de pós-graduação em ciências humanas, psicologia, levantamento este realizado a partir do banco de teses e dissertações, bibliotecas digitais de instituições público/privadas de ensino superior, livreria eletrônica Scielo⁷, Ministério da Educação⁸ e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES⁹). Também se pesquisou em revistas de educação, psicologia e medicina, revistas eletrônicas, jornais, anais de congresso e ebooks.

No *site* do Ministério da Educação, se buscou identificar trabalhos acadêmicos sobre projetos de vida, adolescentes, escolarização e cidadania entre os anos de 2005 e 2010. Além disso, efetuou-se uma busca minuciosa com as seguintes palavras-chave nos diversos portais, conforme quadro:

Quadro 2 – Primeira Revisão Bibliográfica

CAPES – PRODUÇÃO DISCENTE PÓS-GRADUAÇÃO – PERÍODO: 2005 a 2010		
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - http://www.dominiopublico.gov.br/		
CATEGORIAS	Produções: Mestrado e Doutorado	Sites Consultados

⁷ Scientific Electronic Library OnLine (<http://www.scielo.org/php/index.php>). Acessado no dia 07/03/2012.

⁸ <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acessado pela última vez no dia 07/03/2012.

⁹ Atualmente o Banco de Teses do portal CAPES já contém os trabalhos defendidos em 2011 e 2012, mas a data limite do levantamento atual foi fixada em 2010.

Projetos de vida e adolescentes	237	http://www.capes.gov.br/
Projetos de vida de adolescentes	16	http://www.capes.gov.br/
Projeto de vida ¹⁰	10	Ciências Sociais e Humanas http://www.periodicos.capes.gov.br/
Projeto de vida	1618 ¹¹	http://www.dominiopublico.gov.br/
Projeto de vida	12 ¹²	Portal Domínio Público
Internatos	11	Banco de Teses da Capes
Internatos	05	Portal Domínio Público
Escolarização	79	Banco de Teses da Capes
Escolarização	1382	Portal Domínio Público
Escolarização e adolescentes	92	Banco de Teses da Capes
Cidadania	362	Banco de Teses da Capes
Cidadania	617	Portal Domínio Público
Cidadania de adolescentes	230	Banco de Teses da Capes

Fonte: O próprio autor

Como podemos observar, a primeira revisão bibliográfica foi um processo de pesquisa que apresentou alguns números exorbitantes de teses/dissertações, de tal modo que, ao revisá-las detalhadamente, percebi haver mistura de temáticas de modo que a maioria não correspondia à pesquisa. Acredito que isso tenha ocorrido por causa da inexperiência do autor, já que da primeira vez não havia sido realizado um cadastrado nos portais e as temáticas estavam totalmente destoantes do objetivo da pesquisa. Para tanto, descartou-se apenas os números de teses da primeira revisão bibliográfica, permanecendo as teses que eram objeto de interesse. Desta forma, refez-se a pesquisa, buscando identificar trabalhos acadêmicos, principalmente, sobre projetos de vida e adolescentes, porém, levando em conta também as palavras-chave deste trabalho e a realidade do local de pesquisa.

Quadro 3 – Segunda Revisão Bibliográfica

CAPES – PRODUÇÃO DISCENTE PÓS-GRADUAÇÃO – PERÍODO: 2005 a 2010

¹⁰ A categoria “projeto de vida” ao ser usada na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas, apresentou um número distinto de teses das que apareceram do banco de teses da Capes.

¹¹ Ao revisar detalhadamente esse número surpreendente, o pesquisador deu-se conta de que apareceram temáticas distintas nos resultados, sendo que, ao final da mesma, constatou-se entre esse imenso número de teses/dissertações apenas 03 sobre Projeto de Vida e 05 sobre juventude.

¹² Refeita a pesquisa de modo minucioso encontrou-se apenas 12 artigos sobre essa temática.

CATEGORIAS	Número de Produções em nível de Mestrado e Doutorado	Sites Consultados
Projetos de Vida	Mestrado: 64	http://www.capes.gov.br/
	Doutorado: 387	
Internatos e Abrigos	Mestrado: 11	http://www.capes.gov.br/
	Doutorado: 02	
Internatos de Juventude	Mestrado: 05	http://www.capes.gov.br/
	Doutorado: 03	
Abrigos de Juventude	Mestrado: 03	http://www.capes.gov.br/
	Doutorado: 06	
Escolarização	Mestrado: 1766	http://www.capes.gov.br/
	Doutorado: 506	

Fonte: O próprio autor

Tendo realizado esta segunda pesquisa, percebe-se que há um número elevado de teses sobre Projetos de Vida e sobre escolarização. Dentro dessas duas temáticas citadas, o pesquisador se deu conta de que diversas áreas humanas falam do mesmo tema, mas com enfoques distintos do projeto desta pesquisa.

Percebendo a necessidade de melhorar a revisão de literatura, partiu-se para nova investigação nos *sites* já utilizados nas pesquisas anteriores e citados no início deste capítulo. Nesta etapa da pesquisa, tendo mais claro os objetivos e conceitos necessários para elencar as categorias, perceberemos que a pesquisa se deteve mais em “Projetos de Vida”, com foco em adolescentes e juventude, cidadania e escolarização, obtendo os seguintes resultados:

Quadro 4 – Terceira Revisão Bibliográfica

CAPES¹³ – PRODUÇÃO DISCENTE PÓS-GRADUAÇÃO – PERÍODO: 2005 a 2010		
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO¹⁴ - http://www.dominiopublico.gov.br/		
CATEGORIAS	Número de Produções em nível de Mestrado e Doutorado	Sites Consultados

¹³ <http://www.periodicos.capes.gov.br/> Acessado pela última vez em 07/03/2012.

¹⁴ <http://www.dominiopublico.gov.br/> Acessado pela última vez em 07/03/2012.

Projetos de vida e adolescentes	237	Banco de Teses da Capes
Projetos de vida de adolescentes	16	Banco de Teses da Capes
Projeto de vida da juventude	18	Banco de Teses da Capes
Projeto de vida	12	Portal Domínio Público
Juventudes e projeto de vida	12	Banco de Teses da Capes
Juventude e cidadania	77	Banco de Teses da Capes
Escolarização e adolescentes	92	Portal Domínio Público
Internatos	11	Banco de Teses da Capes
Internatos	05	Portal Domínio Público
Escolarização	79	Banco de Teses da Capes
Escolarização	1382	Portal Domínio Público
Cidadania	362	Banco de Teses da Capes
Cidadania	617	Portal Domínio Público
Cidadania de adolescentes	230	Banco de Teses da Capes
Internatos e abrigos	Mestrado: 11	Banco de Teses da Capes
	Doutorado: 02	
Abrigos de juventude	Mestrado: 08	Banco de Teses da Capes
	Doutorado: 06	
Internatos de juventude	Mestrado: 05	Banco de Teses da Capes
	Doutorado: 03	
Escolarização	Mestrado: 1766	Banco de Teses da Capes
	Doutorado: 507	
Projeto de vida	Mestrado: 64	Banco de Teses da Capes
	Doutorado: 387	

Fonte: O próprio autor

Encontramos também um amplo estudo sobre as pesquisas sobre juventudes, da pesquisadora Marília Pontes Sposito¹⁵, onde ela afirma que na década de 60 a juventude era vista como problema já que era apontada como protagonista de uma crise de valores, de

¹⁵ SPOSITO, Marília Pontes. “Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área de educação”. In: SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). *Juventude e Escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002, pp.07-33.

conflito de gerações e dos comportamentos ético-culturais (lembramos os *hippies*, a revolução sexual e o movimento conhecido como “Sexo, Drogas, *Rock’n’roll*”). A partir da década de 70, diversas temáticas como emprego e entrada na vida ativa foram temas de estudo sobre a juventude.

Ao levar em conta a produção acadêmica em educação, Sposito¹⁶ pesquisa os períodos compreendidos entre 1980-1998, compreendendo 1.167 teses e 7.500 dissertações, perfazendo um total de 8.667 trabalhos. Provavelmente seja uma das pesquisas mais completas sobre essa temática. Desse conjunto de trabalhos ela encontrou 332 dissertações e 55 teses sobre juventude, representando 4,4% da produção total. A referida autora conclui que, apesar do volume significativo de teses e dissertações, ainda há um desconhecimento sobre a condição juvenil na sociedade brasileira, marcada por recortes intensos nas desigualdades sociais, culturais e étnicas que oferecem para a pesquisa a realidade plural da juventude (SPOSITO, 2002, p.22).

Tomo a liberdade de apresentar apenas uma das tantas tabelas que seu belíssimo trabalho apresenta. Observadas as categorias de pesquisa, percebemos que as mesmas não apontam diretamente uma tese ou dissertação especificamente sobre a temática de minha pesquisa (projeto de vida e ser sujeito-cidadão), porém há inter-relações e temas transversais que vêm ao encontro da temática.

Quadro 5 – O Estado da Arte da Juventude

CAPES – PRODUÇÃO DISCENTE PÓS-GRADUAÇÃO – PERÍODO: 1999 a 2006		
CATEGORIAS	Número de produções	
JUVENTUDE(S)	Mestrado	Doutorado
Movimento Estudantil	05	01
Jovens em conflitos com a lei; Violência Juvenil; Delinquência; Medidas socioeducativas.	29	05
Movimentos Juvenis; Participação Política, Social; ONGs; Protagonismo.	21	05
Grupos Juvenis; Culturas Juvenis.	07	03

¹⁶ Esta mesma autora tem outro belíssimo trabalho que também usei para consulta: SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*. vol.1. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

Juventude e Pobreza; Classe Popular; Exclusão; Inclusão.	18	10
AIDS, DST.	04	03
Escola: Práticas Educativas; Jovens e Adultos; Educação Confessional; Sucesso escolar; Educação Especial.	26	07
Meio Rural; MST.	20	06
Espaço Urbano; Consumo.	11	02
História de Vida; Subjetividade.	24	12
História; Anos 60.	05	00
Sexualidade; Gênero; Gravidez na Adolescência; Adoção; Aborto.	12	10
Drogas	07	01
Mídia: Televisão; Revista; Música.	07	07
Políticas Públicas	07	00
Juventude e Religião	12	01
Etnia; Juventude Afro; Indígena.	03	01
Jornalismo; Comunicação.	06	01
Adolescência; ECA; Direitos.	07	02
Pastorais da Juventude	09	01
Trabalho; Desemprego; Formação Profissional.	21	11
Universitários	07	11
Lazer; Lazer Noturno; Noite.	07	02
Tribos Juvenis: Skatistas; Surfistas; Punks; Grafiteiros; Góticos.	07	01
Internet; Blogs; Games; Chats; Eletrônicos.	06	01
TOTAL	288	90

Fonte: A autora SPOSITO, Marília Pontes (2002).

Com base no levantamento feito, buscou-se observar as temáticas das pesquisas, sobretudo quanto à temática “projetos de vida e juventudes”, constatando-se que grande parte das teses e dissertações defendidas na área da adolescência e do tema acima se vincula às áreas de psicologia, de psicopedagogia, da saúde, com investigações relacionadas à gravidez indesejada ou à paternidade responsável, a questões psicossociais, compreendendo as questões sobre os menores infratores em relação aos seus projetos de vida.

Feito este processo de busca minuciosa, passou-se a selecionar os artigos, textos, livros, dissertações e teses, com o foco temático condizente e com maiores possibilidades de serventia para o apoio e a base teórica da pesquisa. Lembro aos leitores que os autores que servem para pensar o marco teórico emergiram, em parte, dessa revisão da produção científica sobre a temática pesquisada.

Alguns autores em suas teses, dissertações, artigos científicos e/ou publicações, mesmo com focos distintos da minha temática, poderão servir de referência teórica em determinados aspectos da minha produção teórica, entre os quais cito o artigo *Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado* de Ana Augusta Ravasco Moreira Maia e Deise Mancebo (2010), que tem como objetivo analisar e discutir as maneiras pelas quais os jovens, na atualidade, vêm construindo trajetórias, narrativas e projetos de vida a partir das novas configurações assumidas pelo trabalho, e apresenta, inicialmente, as concepções teóricas centrais que nortearam a pesquisa: o contemporâneo, as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, a juventude e seus projetos de vida.

Outra autora, Juliana Thimóteo Nazareno Mendes, em seu texto *O projeto de vida dos jovens pobres na vivência do tempo presente* (2008), realiza um trabalho com foco analítico nos projetos de vida dos jovens, à luz da compreensão da juventude, como categoria social, e sua relação com o espaço-tempo. Ela pretende demonstrar que os Projetos de Vida dos jovens só adquirem sentido no tempo presente e, por isso, esse tempo precisa ser significado, na sua relação com o passado e o futuro. Tal autora também toma como ponto de partida a compreensão de que os projetos de vida dos jovens são construídos e significados em função das experiências socioculturais, e das vivências e interações interpessoais que eles estabelecem.

Já Luciano Osmar Menezes (2009), na sua dissertação *Adolescentes e projetos de Vida: um estudo com alunos da 1ª série do ensino médio de Joaçaba*, aponta que a experiência juvenil é particularmente importante porque é um momento em que os adolescentes definem os seus projetos de vida, objetivando identificar as projeções e influências atribuídas pelos adolescentes à família, à escola, aos amigos e à sociedade, na constituição desses projetos, no município de Joaçaba - SC.

Além disso, refletindo com Bourdieu (1983), evidencia-se a importância dada às questões do presente com o objetivo de se construir o futuro. Segundo o autor, “[...] os jovens se definem como tendo futuro, como definindo o futuro” (1983, p.119). Normalmente,

atribui-se aos jovens a grande tarefa de ser responsável por ações conscientes do presente, em virtude de um desenvolvimento satisfatório na qualidade de vida do futuro.

Nas observações realizadas no Pão dos Pobres, foi possível identificar múltiplas ações de empoderamento e de emancipação dos seus jovens, ao mesmo tempo em que foram identificadas ações que reforçam a institucionalização. Foi perceptível o esforço da instituição de propiciar processos emancipatórios em três eventos: 1) através da justiça restaurativa com a ressignificação dos atos e ações; 2) na reparação de dano através do círculo restaurativo (mediador(a), agressor(a) e agredido(a)); 3) na visão do ato infracional cometido como indisciplina, passando-se a fazer reflexões, diálogo, acompanhamento psicológico e outras ações que façam o jovem pensar sobre si e sobre o ato praticado. Todos esses processos têm um acompanhamento afetivo e emocional, processo de gestão através do Eneagrama e os princípios lassalistas descritos no Guia das Escolas.

Para auxiliar nesse processo, segundo o Gerente Socioeducativo, além de existir uma escolha assertiva dos profissionais que lá pretendem atuar (qual é o projeto de vida e o sonho desses profissionais), os mesmos recebem uma formação pedagógica inicial e permanente acerca de temas como: Formação Lassalista, valores humanos, identificação com a instituição, capacitação sobre legislação vigente, acompanhamento afetivo e emocional, processo de gestão (eneagrama), princípios e fundamentos pedagógicos lassalistas. Essa formação se dá através de Jornadas Formativas, reuniões mensais e levantamento de temas geradores oriundos dos próprios educadores.

Após esta formação dos educadores, os alunos também são contemplados com temas quanto à questão ambiental e de sustentabilidade (UNESCO), à questão da comunicação não violenta, aos processos emancipatórios, aos ritos de passagem para a emancipação, à tomada de consciência (de que a instituição está em seu benefício) e ao projeto de vida trabalhado pelo Protocolo Individual de Atendimento (PIA), traçando com cada aluno um projeto de vida individual (escrito) que é retomado individual e grupalmente por semestre.

Portanto, é de suma importância respeitar a individualidade de cada jovem, para que ele se sinta na sua própria casa, encorajando-o a ser responsável pelos seus atos e por si próprio, de forma a trabalhar a sua autonomia.

Neste processo permeado de descobertas, emoções, contradições, conflitos, o jovem necessariamente se defronta com diversas perguntas como: “Quem sou eu?”, “Para onde vou?”, “O que quero e espero da vida?”, “Qual rumo devo dar a minha vida?”, “O que quero ser?”, entre outras que vieram de encontro à temática da pesquisa onde procuro aprofundar os

conceitos de projeto de vida e emancipação, e o sentido de ser-sujeito cidadão com seus direitos e deveres para sua emancipação.

Baseado nas pesquisas e revisões feitas optou-se por utilizar como base autores como Josso (1999, 2004; 2010), Catão (1996, 2001, 2007), Dick (1999, 2003), Groppo (1997, 2000, 2009, 2010). Esses autores são centrais na produção teórica desta dissertação, já que a temática sobre projeto de vida e ser-sujeito cidadão são temáticas interdisciplinares, a tal ponto que elas são dependentes uma da outra, uma vez que não há como pensar um projeto de vida sem sentir-se sujeito-cidadão, e vice-versa, na construção da emancipação da juventude.

Não há como pensar um projeto de vida dissociado do ser-sujeito cidadão, pois, projetar a vida implica, necessariamente, inserir-se num mundo já constituído com suas mazelas, dificuldades, alegrias, tristezas, com suas possibilidades e não possibilidades. Para um jovem construir o seu projeto de vida, ele precisa de autonomia no plano individual e coletivo, pois o sujeito não se isola no mundo independente, mas existe uma intersubjetividade, um espaço comum de representações possíveis que favorecem a construção do projeto de vida.

Para compreendermos a filosofia lassalista que atualmente está impregnada na filosofia do Pão dos Pobres, é imprescindível ler os escritos de La Salle, sobretudo no Guia das Escolas Cristãs. O fato de La Salle apregoar que os educadores devem ensinar os seus alunos a “bem viver” e devem ser educados na “firmeza de pai e na ternura de mãe” já nos dá um indicativo por onde caminham seus processos pedagógicos. Além disso, La Salle abre escolas justamente para as crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social. É preciso entender que no contexto da época, para La Salle, a firmeza de pai era a justa medida, ou seja, não ser duro demais nem condescendente demais.

Josso (2004, 2010) é uma das mais importantes especialistas internacionais na área. Suas descobertas registradas em duas de suas publicações servem aqui de referência, a saber: *Experiências de vida e formação* (2004) e *Caminhar para si* (2010), onde faz sua autonarrativa que mostra como ela foi se descobrindo como sujeito aprendente que, segundo ela, é um aprender com a própria experiência. Com isto, é possível ao próprio sujeito questionar suas escolhas, dinâmicas, saberes, faltas, enfim, pensar sobre a sua própria existencialidade.

A originalidade da metodologia de pesquisa-formação em Histórias de Vida situa-se, em primeiro lugar, em nossa constante preocupação com que os autores de narrativas consigam atingir uma produção de conhecimentos que tenham sentido para eles e que eles se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos (JOSSO, 2004, p.25).

Pelo fato de entender que o sujeito, ao voltar-se para si mesmo, precisa caminhar com o outro, a autora está colocando o sujeito na centralidade de seu processo de formação e aprendizagem. A descoberta e a valorização da singularidade marca a metodologia das histórias de vida. Josso (1999; 2004; 2010) fundamenta toda teoria sobre projeto de vida como formação, compreendida como a procura de uma arte de viver em ligação e partilha, em quatro eixos: a busca da felicidade, a busca de si e de nós, a busca de conhecimento ou do “real” e a busca de sentido. Ela defende também a ideia de história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos.

Para reforçar esse argumento recorro a Molina (2011) que afirma que examinar histórias de vida, as memórias, as narrativas dos sujeitos como possibilidade de produção de conhecimento, não é exatamente novidade no campo científico. A autora cita que Nóvoa (2000) afirma que a utilização de abordagens (auto)biográficas indica certa insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação nos modos de produzir conhecimento científico.

Conforme Molina (2011), investigar uma temática por meio de narrativas é uma perspectiva metodológica bastante diferente das tradicionais entrevistas. Por um lado, produz a aproximação interessante – gerada pelo *feedback* sobre o protagonismo de sua trajetória. Por outro, apresenta novas dificuldades, por duas razões: a primeira passa pela construção do vínculo de confiança com as pessoas entrevistadas, no caso de se solicitar narrativas, e não concessão de entrevistas potencializa-se as dificuldades de negociação na busca do entendimento e da explicitação dos compromissos assumidos; a segunda é a escassa bibliografia disponível sobre os desafios dos pesquisadores, que utilizam narrativas e histórias de vida, ante o tensionamento dialético entre as dimensões epistemológicas e éticas. A autora diz que na narrativa, ou em histórias de vida, os sujeitos são no início apenas nomes e durante o processo ganham vida, pois têm rostos, biografias, sentimentos, relações, contextos, histórias, identidades.

Conforme Josso (2004, p.39), a construção da narrativa pressupõe a narrativa de si mesmo a partir da sua formação, utilizando o recurso das recordações-referências que dão sentido e base para a vida toda. Concordamos com Josso (2004, p.58) quando ela afirma que o caminhar para si é uma viagem empreendida pelo próprio sujeito, ao longo do qual vai se conhecendo como viajante, tomando consciência dos itinerários escolhidos, dos encontros e desencontros, das parcerias durante a viagem, das marcas deixadas pelo caminho, das

aprendizagens, das lacunas. Viagem e viajante que aos poucos vão se cruzando e reconhecendo como um só.

Outra autora que tem como base a própria Josso é Catão (1996b; 2001; 2007), ao falar das representações sociais na construção do projeto de vida. Esta afirma que o ser humano é um ser social e histórico, isto é, constituído no seu movimento, em todas as suas fases e processos de mudança ao longo do tempo, pela cultura e pelas condições sociais produzidas pela humanidade. Concebe-se o desenvolvimento do ser humano vinculado à história social e aos processos de internalização desta, mediado por sistemas simbólicos.

Compreende-se que o indivíduo e seu projeto de vida são constituídos num contexto real e numa cultura de ordenação deste real. Todo indivíduo, assim como o seu projeto de vida, é um projeto em movimento, podendo-se indagar como o projeto de vida é construído, qual a sua origem, como ele se inicia, como chega a existir, qual a sua finalidade.

Observa-se que, tanto o ser humano como o seu projeto de vida têm uma origem e uma finalidade, e que o estudo histórico dos mesmos, ou seja, estudá-los no seu processo de mudança, não é um aspecto auxiliar do estudo teórico, mas sua verdadeira base, requisito básico do método dialético. A sociedade construída por nós mesmos nos dá o limite e as possibilidades de elaboração e construção do projeto de vida, o qual está baseado fortemente nos modos culturalmente construídos de ordenar o real. A cultura coloca-se como parte essencial da constituição do ser humano e de seu projeto e, ao falar de concepção de projeto de vida de indivíduos e coletivos, estaremos falando também do projeto de vida da sociedade.

O ser humano é um ser social e histórico, é um ser constituído no seu movimento, em todas as suas fases e processos de mudança ao longo do tempo, pela cultura e condições sociais produzidas pela humanidade (CATÃO, 2007, p.1). O ser humano sempre é repleto de mistérios, dúvidas, certezas, incertezas, poesias, imaginação, criação e, sobretudo, de sonhos que quer realizar durante sua vida.

Concordamos com Catão (2001, p.57), quando se refere ao conceito de projeto de vida, em que afirma que, esse conceito permite apreender o sentido de vida dos indivíduos na articulação do seu passado, presente e futuro. A mesma autora afirma que não

[...] é a vontade que constrói o projeto de vida e nem as circunstâncias, não é o indivíduo com suas características individuais nem a sociedade com suas determinações, mas a relação indivíduo/sociedade produzida pela articulação do indivíduo com o mundo e com os outros indivíduos, formando e transformando assim sua visão de mundo, ou seja, suas representações sociais (CATÃO, 2001, p.59).

Dessa forma, a autora segue dizendo que compreende o sentido de projeto de vida, como produto das práticas sociais e profissionais, das relações humanas conscientes e inconscientes, pela forma de se expressar correta ou equivocadamente, pela inserção social concreta, pela participação, pertença e partilhas de vida em grupo, onde o coletivo forma e transforma as representações sociais do projeto de vida no fazer-se e construir sua identidade. Em outras palavras, é no horizonte das relações de construção e partilha com as pessoas, com as coisas, com a natureza, com o passado e com o futuro, que o homem se objetiva e se constitui sócio cognitivamente e afetivamente numa identidade que orienta suas ações (CATÃO, 2001).

O autor Dick (1999; 2003) já afirma que o caminho se faz na pastoral da juventude do Brasil e que, mesmo que eles tenham “gritos silenciados, mas evidentes”, esses jovens constroem sua história na história através da sua emancipação e protagonismo juvenil.

Por outro lado, Groppo (1997, 2000, 2009, 2010), em seus diversos escritos sobre a juventude, compreende as concepções a respeito desta como um processo de desenvolvimento social “rotulado” por um “vir a ser” expresso por chavões como “vocês são o futuro do país”, e não pela competência do ser protagonista no momento presente. Esta é uma das formas de negar o presente da juventude, enquanto espaço de formação, o que conseqüentemente dificulta o reconhecimento do jovem como sujeito de direito.

Neste cenário, os jovens aparecem como impossibilitados de construir novos parâmetros éticos, bem como projetos que transcendam o mero pragmatismo e as pretensões utópicas de transformação social. Com isso, eles não são ouvidos e respeitados como responsáveis, conscientes, autocríticos e capazes de decidir sobre sua própria autodeterminação, sem necessidade de se submeter às determinações que lhes são impostas pelas outras gerações.

O referido autor afirma que, ligadas à situação de precarização das condições juvenis, há concepções teóricas e ideológicas que contribuem na formação da subjetividade juvenil, no modo como os jovens se percebem e se inserem na sociedade.

3 O PERCURSO EMPÍRICO E AS APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E ANALÍTICAS

Este capítulo apresenta a origem da Rede La Salle no mundo, justamente porque em determinado período da história da Fundação O Pão dos Pobres, essa rede de ensino assume a direção pedagógico-administrativa desta instituição. Entendemos que, como escopo facilitador, é melhor iniciar falando da pedagogia lassalista para depois falar do Pão dos Pobres, pois as concepções de pessoa, de religiosidade, de educação integral da pessoa são automaticamente inseridas nessa nova gestão do Pão dos Pobres.

Os capítulos 4 e 5 foram escritos antes da banca de qualificação e, após realizar as entrevistas, identificou-se alguns fatos históricos e institucionais presentes nas narrativas e memórias dos sujeitos da pesquisa. Dessa forma, optamos por apresentar, ao longo do texto, extratos das entrevistas que revelem nas narrativas as marcas e traços pedagógicos da Instituição.

3.1 Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs¹⁷

O final do século XVII e início do século XVIII, na França, foi um período que marcou profundamente a civilização ocidental, pela passagem do final da Idade Média para a Modernidade e o Iluminismo, sendo o período do auge do regime monárquico absolutista. A figura que domina o cenário no país mais populoso, mais rico, mais católico da Europa, é a figura do rei Luís XIV.

Na França, embora tardiamente, estava em plena implantação a Contrarreforma Católica, iniciada mais de um século antes pelo Concílio de Trento. Essa reforma priorizava a fidelidade aos dogmas católicos que deveriam ser conhecidos pelo povo, à formação do clero secular, a disciplina do clero regular, a participação nos ritos sacramentais e a obediência à autoridade como representantes de Deus. Houve os enfrentamentos com a Reforma Protestante e Calvinista, que o rei procurou cessar com a revogação do Editto de Nantes e por meio da força.

Todos os princípios cristãos, filosóficos e pedagógicos que perpassam a Fundação são oriundos do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs que foi fundado por São João Batista de

¹⁷ Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs ou *Fratres Scholarum Christianorum* (mais conhecidos em alguns locais como Irmãos de La Salle ou Irmãos Lassalistas) é uma congregação religiosa de leigos consagrados, fundada por São Batista de La Salle, em 1680, na França.

La Salle¹⁸ em 1680 na França. São João Batista de La Salle e a fundação do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs situam-se nos séculos XVII e XVIII, em plena “Época Moderna”. O século XVII francês, também chamado “Século das Luzes”, por seu progresso nas ciências, letras e artes, foi também um século de sombras, de pobreza, segregação e diferenças sociais enormes, de grande ignorância religiosa e educacional, de violência e de guerras.

Figura 2 – João Batista de La Salle ensinando em sala de aula



Esta foto é uma cópia da pintura de Cesare Mariani, de 1888, que se encontra no Vaticano: João Batista de La Salle ensinando em sala de aula. Aqui percebemos os alunos atentos, ordenados e sentados com o livro em mãos acompanhando as atividades. Temos à direita um irmão professor como auxiliar em sala de aula, algo implementado por La Salle.

Fonte: <http://www.lasalle2.org/ClipArt/Iconog/icon145.jpg> (Acessado em 10 de agosto de 2012).

Essa congregação tem uma trajetória de mais de três séculos de trabalho voltado à educação, tendo como missão principal a educação humana e cristã das crianças e dos jovens. De origem francesa, sua filosofia é baseada nos escritos de seu fundador São João Batista de La Salle¹⁹, em especial, no *Guia das Escolas Cristãs*²⁰, escrito por ele no ano de 1706, para dar uma formação adequada e consistente aos professores da época.

¹⁸ Explicações detalhadas no anexo A: Síntese da Vida de São João Batista de La Salle, p.141, onde o leitor encontra de forma resumida a história do Fundador da Rede La Salle de educação.

¹⁹ Ele teve a ideia de criar escolas nas quais os filhos dos artesãos e dos pobres aprenderiam gratuitamente a ler, escrever e contar. Também receberiam uma educação cristã por meio do ensino do catecismo e outras instruções apropriadas para a formação de bons cristãos. Com este propósito, reuniu um grupo de homens solteiros e formou-os para o exercício do magistério, fazendo-os viver de forma coerente com o fim do Instituto e para renovar a vida dos primeiros cristãos.

Desta forma, La Salle projetou suas escolas que poderíamos classificar como escolas Renovadas e Adaptadas. a) Renovada, com: organização sequencial em classes e ordens; criação de ambiente propício, com valorização do silêncio; equilíbrio entre o emprego do método simultâneo e o atendimento individual; promoção conforme o ritmo pessoal; participação ativa do aluno, particularmente pelo exercício de variadas funções e atribuições; iniciação à leitura pelo vernáculo e avaliação sistemática; b) Adaptada, com: criação de escolas conforme as necessidades dos alunos: “Escola cristã e gratuita” para as crianças pobres; Noviciado para os Irmãos e “Seminários” (Escola Normal) para os mestres rurais; “Escola Dominical” para jovens obrigados a trabalhar durante a semana; “Pensionato” para jovens de famílias de posse; escolas específicas para exilados, para filhos de portuários e para delinquentes; conhecimento do aluno (fichas individuais, presença educativa...) e atenção decorrente às características individuais; currículo em vista das condições concretas da vida do aluno: catequese, leitura, escrita, cálculo, etc.

Gaulupeau (1992, p.17), ao se referir ao modelo de ensino²¹ e suas práticas, afirma que a pedagogia lassaliana, em seu tempo “nova nas escolas elementares, prefigura a forma escolar dos séculos seguintes: a escola pública do século XIX a ela se filiará, laicizando-a”. Diversos autores creditam a La Salle um conjunto de aspectos no campo da educação que vale a pena destacar, pois elas são o bojo da educação lassalista no mundo:

1. Haver cooperado para a progressiva generalização do ensino, considerando-o uma necessidade para as crianças e um dever dos responsáveis por elas, e permitindo o acesso a ele pela gratuidade; 2. Haver reconhecido “o valor da escola popular” e haver-se entregue a sua promoção; 3. Haver concorrido ao surgimento da “civilização escolarizada”: organização de um espaço e de uma prática, escolares, especialmente a nível primário; 4. Haver influído no estabelecimento de um currículo preciso da escola primária gratuita; 5. Haver participado significativamente no uso da língua materna como base de ensino elementar; 6. Haver ajudado na melhoria técnico-pedagógica da escola primária, particularmente com a adoção do modo simultâneo de ensino; 7. Haver marcado presença em várias frentes de ensino, particularmente no ensino elementar moderno e no esboçar-se do ensino secundário e da educação emendativa; 8. Haver preconizado e praticado uma pedagogia fundamentada no conhecimento do educando; 9. Haver colaborado para amenizar a disciplina escolar; 10. Haver elevado o conceito do professor primário, havê-lo

²⁰ O Guia das Escolas Cristãs, também designado mais brevemente Guia das Escolas, ou simplesmente Guia, é o livro que contém tudo o que os Irmãos das Escolas Cristãs deviam levar em conta no modo de lecionar e dirigir as casas de ensino do seu Instituto. A finalidade de sua elaboração foi assegurar a unidade de ação em todas as Escolas Cristãs da congregação religiosa fundada por São João Batista de La Salle. Todo candidato que passava a integrá-lo aprendia a dar aula segundo as normas desse Guia (Explicação feita na introdução por: HENGEMÚLE, Edgard. *Guia das Escolas Cristãs/João Batista de La Salle*. Canoas, RS: Editora Unilasalle, 2012).

²¹ Sugerimos ler o Apêndice C – A Importância das Escolas no Contexto da época de La Salle, p.148ss, justamente para que o leitor possa entender o contexto educacional dos séculos XVI e XVII.

caracterizado como profissional e haver impulsionado seu preparo, com a criação da Escola Normal para o professor primário leigo; 11. Haver redigido um manual “clássico em pedagogia”: O Guia das Escolas Cristãs; 12. Haver criado a primeira congregação docente constituída só de religiosos Irmãos (não sacerdotes), que continuou e internacionalizou a sua ação educativa (HENGEMÜLE, 2000, pp.68-69).

Nesse seu estudo minucioso, Hengemüle (2000) destaca, nas páginas seguintes, que as contribuições de La Salle no campo educativo tiveram uma influência direta na administração escolar nos séculos seguintes. Essas inovações se deram quanto à organização do espaço e do tempo escolar, ao agrupamento racional dos alunos, bem como fixando e graduando os conteúdos escolares, a definição quanto aos critérios de promoção dos alunos, a profissionalização do magistério, o desenvolvimento de métodos de ensino, a criação de manuais de ensino e enriquecendo a prática dos registros escolares.

La Salle repara no fato de que as crianças eram maleáveis e suscetíveis a mudanças, tornando-se um campo propício para que as impressões (exemplos) se gravassem profundamente, de modo que essa marca perdurasse por mais tempo. A pedagogia lassaliana, portanto, está enraizada na vida quando busca dar para as crianças uma educação que lhes convenha. Em outros termos, La Salle, preocupado com a vida adulta destas, interessava-se pelo futuro de seu trabalho, que estaria também voltado para a qualificação profissional de seu aluno: não só pensava no viver e conviver dele no mundo e na sociedade, mas se preocupava igualmente com seu sobreviver.

3.2 O Guia das Escolas Cristãs

O Guia das Escolas é o livro que contém tudo o que os Irmãos das Escolas Cristãs deveriam levar em conta no modo de ser, de lecionar e dirigir as escolas do Instituto. Para os seguidores da pedagogia de João Batista de La Salle, esse Guia das Escolas Cristãs é sempre uma volta às fontes e um meio para ler nosso presente à luz da alteridade que nos enfrenta e mediante um passado que perdura.

Seu valor para os Irmãos e para a História da Pedagogia é de primeira ordem, porque pôde inspirar-se em outras obras e práticas existentes naquela época, configurando um estilo próprio de ensinar e educar, que caracterizou as Escolas Cristãs e que fez com que muitos outros pedagogos, alguns deles fundadores de Institutos Docentes, haurissem dele suas ideias educacionais.

Entendemos, em princípio, que o conteúdo do Guia das Escolas, com suas orientações e indicações, não pode ser transcrito tal qual nos é apresentado no texto original, por questões práticas e óbvias: por ter sido escrito em francês do século XVI-XVII e devido aos aspectos históricos, culturais, sociais e científicos. Neste período, a humanidade evoluiu e avançou muito no que diz respeito aos conhecimentos, aprendizagens e conclusões pertinentes à educação. Por outro lado, também considero que certos princípios propostos no Guia das Escolas Cristãs ainda permanecem como indicativos essenciais para que a educação possa cumprir seu papel educacional de forma adequada.

De modo sucinto, poderíamos dizer que La Salle criou uma escola voltada, sobretudo, para os meninos pobres de sua época²², tendo como objetivo inicial o de trabalhar com a educação de crianças. Para alcançar esse fim, teve que reunir um grupo de pessoas que quisessem trabalhar com ele neste mesmo projeto. Esse grupo, originalmente sem preparo para a tarefa da educação, teve uma série de dificuldades para exercer a sua função educativa. Portanto, La Salle teve que fazer uma orientação constante (formação pedagógica), para melhor preparar esse grupo e este começar a atuar.

Concomitantemente, La Salle foi abrindo escolas e formando os seus professores. Sua orientação para o funcionamento das escolas e sua organização foi sendo construída pela prática e de modo cooperativo. La Salle foi o redator de uma grande obra pedagógica, mas baseado no fruto de um trabalho coletivo, sendo retomado e avaliado periodicamente pelos próprios Irmãos, o que contribuiu para estabelecer o Guia, melhorando e suprimindo pontos obsoletos da mesma. A mudança e a adaptação teriam que se produzir necessariamente na fidelidade à natureza da obra. O objetivo dessa obra foi assegurar a unidade de ação em todas as Escolas Cristãs da congregação religiosa fundada por La Salle.

Para garantir uma formação mais sólida dos professores, La Salle foi registrando minuciosamente todas as experiências vivenciadas nesta realidade educacional, o que veio a se tornar uma de suas grandes obras escritas sobre educação: O Guia das Escolas Cristãs. Este rico instrumento, revela profunda interdisciplinaridade: além de especificar conteúdos e procedimentos dos professores, aborda questões de currículo, de organização e de administração da escola, com uma riqueza de detalhes, previsão e precisão, marcadamente com influência cartesiana.

²² É importante ressaltar que em recentes pesquisas bibliográficas na França, descobriu-se que La Salle não só permitia meninos nas suas classes, mas inseria meninas quando não havia possibilidades de estudo ou de acesso a uma escola por perto. De certo modo, La Salle “infringia” as normas vigentes, de que somente podia atender meninos.

Muitos dos pontos que trata se referem à organização pedagógica. Outros tópicos poderiam ser chamados de psicologia educativa; outros de didática; outros de espiritualidade pedagógica; outros de relações humanas; etc. Observa-se que a finalidade do livro é assegurar a unidade de ação em todas as Escolas Cristãs do Instituto, fundado por São João Batista de La Salle, e que cada mestre jovem aprendesse a dar aula de acordo com as normas constantes no Guia.

A escrita de tal obra tem um estilo baseado na pessoa e nos valores do educador, em seus relacionamentos com os alunos, na maneira de ensinar e de educar, no funcionamento e organização geral da escola, no modo de viver o sentido religioso.

3.3 A visão das crianças na época de La Salle

Para melhor compreendermos os debates sobre a criança, a família e a juventude na época de La Salle, faz-se necessário olhar e compreender os conceitos e compreensões acerca dessas temáticas. No livro *História social da criança e da família*, Philippe Ariès (1981), famoso historiador francês, apresenta uma bela síntese acerca desses temas, desde o século XVI até o século XX.

Ariès (1981) afirmou que a infância²³ foi uma invenção da Modernidade, constituindo-se numa categoria social construída recentemente na história da humanidade. Para o autor, a emergência do sentimento de infância, como uma consciência da particularidade infantil, é decorrente de um longo processo histórico, não sendo uma herança natural. A reflexão sobre o período da infância provocou grandes mudanças no modo de compreensão desta, pois ela era pensada como qualquer fase da vida, sem se distinguir de outra, e se revelava através das “delícias de ser criança e de habitar no país da infância”, de um modo idêntico a si mesmo. Os séculos XVI e XVII, segundo Ariès, apresentam uma concepção de infância centrada na inocência e na fragilidade infantil. O século XVIII inaugurou a construção da infância moderna, assumindo o signo de liberdade, autonomia e independência.

Parece que o que Ariès queria fazer, quando afirma que a infância foi uma invenção da Modernidade, era ressaltar que a infância que conhecemos hoje foi uma criação de um tempo

²³ Para quem desejar aprofundar o entendimento acerca das diferentes concepções da infância e da adolescência, sugiro a leitura do artigo: FROTA, Ana Maria Monte Coelho. “Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção”. In: *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, v.7, n.1, pp.147-160, abr.2007. Disponível em <http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a13.pdf> (Acessado em 10/06/2013).

histórico e de condições socioculturais determinadas, sendo, portanto, um equívoco querer universalizar uma única análise, ou seja, analisar todas as infâncias e todas as crianças com o mesmo referencial. As crianças da atualidade não são do mesmo jeito daquelas dos séculos passados e nem serão idênticas às que virão nos próximos séculos, justamente porque a infância não é estanque, mas muda com o tempo, com os diferentes contextos sociais, econômicos, geográficos, e até mesmo com as peculiaridades individuais.

Narodowski (1993), em seu trabalho de pesquisa, nas análises da relação entre infância, poder e pedagogia, identifica um núcleo de consenso entre os historiadores acerca da definição de infância. Para o referido autor, a infância é um fenômeno histórico, e não meramente natural, e as características da mesma no Ocidente moderno podem ser esquematicamente delineadas a partir da heteronomia, da dependência e da obediência ao adulto em troca de proteção. Se aceitarmos a tese de Ariès (1981) acerca da infância, tal qual é entendida hoje, teremos que concordar que a infância não existia antes do século XVI.

Para Ariès (1981), o sentimento de infância é reconhecido no século XIX. Até esse período, as crianças eram tratadas como adultos em miniatura. Elas somente possuíam a possibilidade de receber cuidados especiais nos primeiros anos de vida, sobretudo se pertenciam a uma classe social “superior” financeiramente.

A inserção das crianças na vida dos adultos já se dava a partir dos três ou quatro anos de idade, ou seja, não havia diferenciação maior entre elas e os mais velhos, pelo contrário, elas já participavam das mesmas atividades dos adultos da época, como, por exemplo, orgias sexuais, enforcamentos públicos, trabalhos forçados nos campos ou em locais insalubres, além de serem alvo de todos os tipos de atrocidades praticados pelos adultos.

Assim, Ariès (1981) afirma duas coisas: primeiro, que a sociedade tradicional da Idade Média não via a criança como ser distinto do adulto e, em segundo lugar, mostra a transformação pela qual a criança e a família passaram, ocupando um lugar central na dinâmica social. Essa transformação fez com que a família se tornasse o lugar de uma afeição necessária entre os cônjuges e entre pais e filhos, o que não existia antes, ou seja, a criança passou de um lugar sem importância para ser o centro da família.

A partir dos séculos XIX e XX, o conceito de infância é retomado e modificado, sobretudo na Idade Moderna com Descartes (2005), que pensa de forma diferente, dando origem a um novo tipo de pensamento, que vai revolucionar a história da infância. As crianças começam a ser analisadas com existências separadas, uma fisiologia para o corpo e uma teoria de paixões para a alma. Nesse sentido, explica que é a alma que dá ordem ao corpo,

comandando seus movimentos, gerando com Descartes, uma supervalorização de dualismos, fortalecendo a visão positivista de conceber o mundo e o próprio homem (LEVIN, 1997).

Todavia, com Rousseau (1995), considerado um dos primeiros pedagogos da história, a criança começou a ser vista de maneira diferenciada e inovadora. Ele propôs uma educação sem prisões, sem juízes e sem exércitos. Além disso, com a Revolução Francesa em 1789, a função do Estado se modificou, bem como a responsabilidade e os interesses para com as crianças. Segundo Levin (1997, p.254), depois desse evento, os governos começaram a se preocupar com a educação e o bem-estar das crianças.

Émile Durkheim (1978), através dos seus escritos, buscou tecer, de uma forma mais imbricada, a relação entre a infância e a escola, com os objetivos de moralizar e disciplinar a criança. Segundo o autor, a criança, além de questionadora, teria um humor muito volátil e inconstante, pois a mesma teria a possibilidade de passar de um sentimento, de uma ocupação para outra com muita rapidez. Seu humor não teria nada de fixo, pois a cólera nasce e se aquieta instantaneamente, ela passa das lágrimas para o sorriso, da simpatia ao ódio, ou vice-versa, sem razão objetiva.

Portanto, segundo Durkheim (1978), era necessário e fundamental desenvolver a educação moral das novas gerações que deveriam ser capazes de se adequar às regras do jogo social, político e econômico. Segundo o filósofo, educar a criança significa moralizá-la no sentido de inscrever na sua subjetividade os três elementos da moralidade: o espírito da disciplina, onde a criança adquire o gosto da vida regular e da obediência à autoridade; o espírito da abnegação, com o qual a criança vai adquirindo o gosto de fazer sacrifícios pelos ideais coletivos; e a autonomia da vontade.

Com esta forma de pensar, de entender e conceituar a infância, é que La Salle se depara e vive quando se propõe a fundar escolas. Discorrendo sobre os escritos do Guia das Escolas, compreende-se melhor as concepções do fundador sobre as crianças, os educadores e a educação em si.

A educação é considerada por ele como um remédio oferecido por Deus, para proteger e livrar as crianças dos males que as ameaçam. As crianças são vistas como seres mais frágeis e, conseqüentemente, estão mais suscetíveis às inclinações do mal. Elas devem ser vistas, portanto, pelos educadores, como imagens vivas de Jesus Cristo, e estes, que são responsáveis pelos cuidados que as crianças precisam receber, devem se dedicar a elas em nome da fé, esmerando-se para lhes ensinar a bem viver.

La Salle se preocupa com as crianças dizendo que elas devem ser atraídas e estimuladas a gostarem do ambiente escolar, evitando, assim, as ausências em aula, bem como motivando-as a aprender. Alguns fatores que afastavam as crianças da escola era a liberdade que a rua lhes proporcionava, a exigência de trabalhar com os pais nos pequenos ofícios, como agricultura, marcenaria, carpintaria, etc., e os castigos físicos que as crianças sofriam tanto em casa quanto nas escolas.

Figura 3 – Retrato da escola no Século XVII



Esta imagem denominada “The Schoolmaster (1662) - Adriaen Van Ostade” retrata a desordem presente na sala de aula. Vemos um professor velho com um “instrumento” de castigo na mão para “corrigir” o aluno faltoso. Outras crianças estão sem assistência, de forma desordenada e cada qual fazendo o que quer. Além disso, a sala mais parece um ambiente sujo, em péssimas condições, sem bancos e cadeiras suficientes e adequadas para todos os alunos. Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Adriaen_van_Ostade_007.jpg (Acessado em 05 de janeiro de 2013).

Para tornar a escola atrativa, La Salle exorta os seus educadores de que é de suma importância que os alunos sejam conquistados por meio da brandura por parte dos professores, priorizando outros métodos, que possam convencê-los a virem à escola, ao invés de lidar com eles através de correções e durezas²⁴.

Durante a pesquisa, fomos percebendo nas narrativas, relatos que fazem alusão à firmeza e à ternura, descritas por La Salle no Guia das Escolas, dos professores na sua prática

²⁴ A aplicação de castigos físicos era comum na época, porém, o que chama a atenção, é a forma pedagógica com que La Salle sistematiza e escreve acerca desse tema no Guia das Escolas, reduzindo drasticamente os castigos físicos, para criar um ambiente escolar mais atrativo, uma pedagogia em que os castigos sejam aplicados somente em casos mais extremos para disciplinar os corpos daqueles mais rebeldes.

educativa no Pão dos Pobres. Hércules, ao se referir a um dos professores que mais o marcou na caminhada, o professor Orestes, o caracterizou pela sua postura firme e pela sua intenção de educar:

[...] o professor “Orestes”, ele era um professor bem casca dura conosco, porque o objetivo que ele sempre disse pra nós que era ensinar a gente e era mostrar pra nós o verdadeiro sentido de ser, né um cidadão, o verdadeiro sentido de ser um homem né, um homem bom, uma pessoa boa. E isso que ele queria ensinar pra nós (sic).

O relato nos mostra que a expressão “*casca dura*” em alusão à firmeza e à seriedade do professor, que se tornou sua referência, evidencia o quanto sua postura pedagógica refletiu no processo formativo dos jovens a tal ponto que eles acabaram criando um conceito do professor como alguém que lhes fez aprender a matemática e os ensinou a ser cidadão.

Em seu livro *Vigiar e punir*, Foucault (2006) critica La Salle por disciplinar os corpos, a exemplo do que ocorria com os soldados, e que foi posteriormente adotado pelos regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo. Porém, para La Salle, o espírito somente teria espaço num corpo disciplinado e ordenado.

Nesse sentido, a organização e a disciplina no Pão dos Pobres também se aplicavam às crianças e jovens, desde os horários de levantar, rezar, tomar as refeições e até mesmo em atividades mais rotineiras, como a hora do banho, como nos relata Hércules:

Chegava, pra você poder entrar no banho, tinha que parar em fila, e dois quadradinhos (aponta para dois azulejos do chão 30X30), de distância um do outro. Dois quadradinhos, o chão todo marcadinho com os quadradinhos, tinha que esticar o braço e dois quadradinhos de distância. O pessoal ficava na fila, esperando a sua vez pra tomar banho (sic).

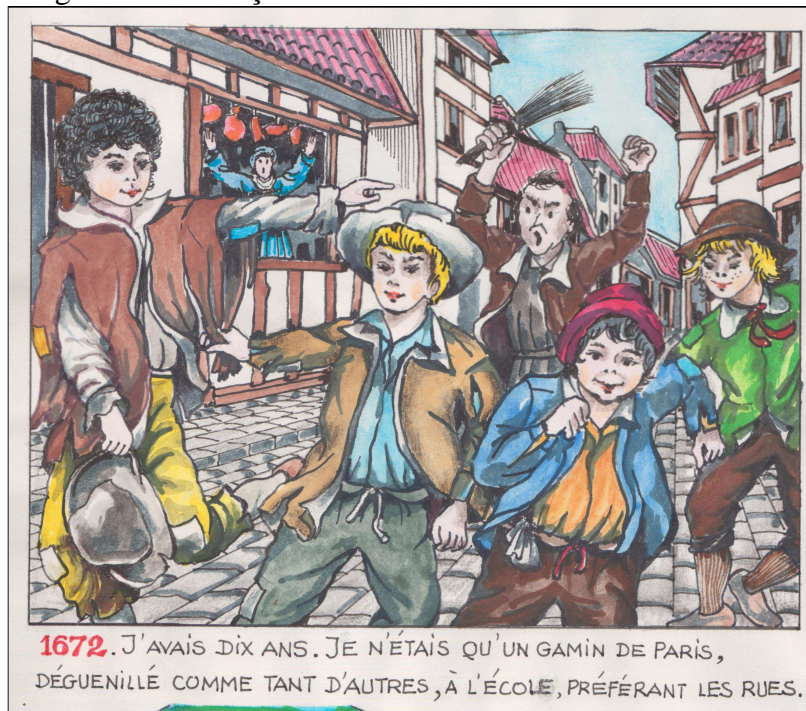
La Salle faz isso para criar hábitos corporais necessários para a aprendizagem através da leitura e da escrita. A disciplina foi uma estratégia usada por La Salle para conquistar a simpatia popular e das famílias, ao mesmo tempo em que ele já formava para a cidadania. Ele fez isto porque tinha presente que, com a consolidação da sociedade burguesa, o cidadão passara a ter condições de intervir na ação política e a participar da vida da sociedade. Como exemplo, podemos citar a recomendação de La Salle quanto a não fazer as necessidades na rua, algo que sujava a cidade e gerava maus costumes na população urbana. “Os mestres recomendarão particularmente a seus alunos não fazerem suas necessidades, não urinarem nas

ruas na saída da escola, avisando-os de que os que o necessitarem, o façam antes de sair” (GE 10, 3, 5, 2012, p.124)²⁵.

Nesse mesmo capítulo, o pedagogo explicita estratégias para: manter seus alunos em silêncio na entrada, permanência e saída da escola; realizar a oração/reflexão antes do início das atividades ou das refeições; fazê-los ter modos de comer à mesa e um ordenamento no retorno para casa, voltando em duplas e em silêncio para evitar incomodar as pessoas; instruí-los a evitar apedrejamentos (jogar pedras nas casas, animais e pessoas era comum para as crianças e jovens na época).

A rua era o maior atrativo das crianças, já que as casas eram insalubres, úmidas, sem espaços adequados para sentar, e, além disso, havia adultos na casa com seus afazeres que não permitiam a presença das crianças e adolescentes da época.

Figura 4 – Ilustração da realidade das ruas de Paris em 1672



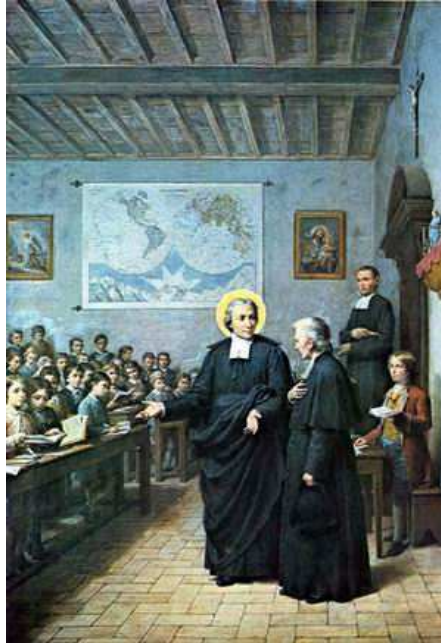
Esta pintura mostra um grupo de meninos fugindo de um senhor que tem galhos secos na mão, afugentando os jovens que provavelmente o importunavam. As ruas eram mais atrativas que a escola conforme os dizeres: “1672. Eu tinha dez anos. Eu era apenas um garoto de Paris, irregular como tantos outros na escola, preferindo as ruas”. Fonte: (Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs).

À medida que tomam consciência de si, de seus iguais e do todo social, os indivíduos sentem-se herdeiros de um patrimônio físico e cultural comum a todos: as ruas, os parques, a

²⁵ Como abreviatura oficial dos escritos de La Salle, no Guia das Escolas, passaremos a utilizar a seguinte forma de citação: GE 10, 3, 5, 2012, p.124.

língua, os monumentos. Tudo isso forma um povo e para que este tenha maturidade política, faz-se necessário um conjunto de preservação de valores, que são importantes para a convivência dos indivíduos e das classes sociais: o respeito à coisa pública e aos costumes.

Figura 5 – A primeira escola dos Irmãos Lassalistas em Paris



Pintura de Giovanni Gagliardi, 1901. A primeira escola dos Irmãos em Paris foi a da “Rue Princesse”, na paróquia de Saint Sulpice. O pastor, M. de La Chétardye, é mostrado aqui visitando a escola. Vemos um mapa *mundi* ao fundo, o professor em sala de aula em lugar de destaque, tendo um aluno auxiliar e preparado para fazer a devida leitura. Mostra também a organização dos alunos em classe, a limpeza, a ordem e os símbolos religiosos presentes. Fonte: <http://www.lasalle2.org/ClipArt/Iconog/icon46.jpg> (Acessado em 10 de agosto de 2012).

As recomendações de La Salle, para que os mestres tivessem o controle da rua (GE 10, 3, 7s), era a escalação de determinados alunos a tudo observarem em silêncio (sem falar nada) e depois relatarem tudo fielmente ao mestre sobre o que tinham observado. Caso tivessem falado durante a observação, sofriam um castigo ou penitência por terem desobedecido a ordem de não falar.

Após o término das aulas, os dois últimos alunos, chegados à porta da rua, deviam saudar o inspetor, ou o mestre que ali estivesse, e um deles devia fazer um sinal para este de que não havia mais alunos no recinto escolar. Percebemos aqui o quanto La Salle promovia o protagonismo dos seus alunos, delegando-lhes funções importantes para o bom andamento da escola.

A liderança, a ordem, a limpeza, o zelo pela educação, autonomia e cuidado com o outro foram algo que La Salle propôs de forma direta e indireta nos seus escritos, o que foi replicado no Pão dos Pobres. Percebemos no relato do Hércules, que os educadores

procuravam propiciar espaços de liderança, responsabilidade, de emancipação, do cuidado como o outro e, sobretudo, fortalecer os vínculos grupais. “E aí tinha os professores que sempre tinham que escolher dois líderes pra puxar a fila né, e aí ele puxava dois líderes, e aí dizia pros dois líderes botá os shampoo na nossa cabeça” (sic).

Na fala desse jovem, há uma referência de que essa forma de ordenamento dos jovens para o banho, a escolha de alguém para pôr o shampoo na cabeça dos colegas, tinha como finalidade economizar shampoo, saber esperar a sua vez para o banho, respeitar o outro e formar vínculos.

Ao que tudo indica, há aqui uma ligação muito forte à prática pedagógica da corresponsabilidade, presente na organização das atividades funcionais e institucionais. Ao mesmo tempo, atos emancipatórios eram propiciados, ao se delegar responsabilidades aos alunos através de funções e atividades específicas, no cuidado para com o ambiente de moradia e no respeito e ajuda para com a pessoa do outro, como observamos na narrativa do Hércules:

Depois nós tínhamos o horário da dos trabalhos, que dizia o professor: os serviços. O que era os serviços? Era o momento que nós parávamos pra limpar o nosso ambiente né. Eram separados grupos né, por turma, todas as turmas tinham grupos. Tais grupos limpavam seus quartos, os grupos limpavam os corredores, os grupos limpavam o pátio, limpavam a pracinha, limpavam ahn, tinha um pessoal que ajudava a lavar a louça do almoço, pra janta, e assim da janta pro café da manhã. E assim era, nós limpávamos o que nós sujávamos né, que pra mim era muito bom assim, foi uma, foi um algo a mais né, um tchan digamos assim, pra minha formação dentro da fundação (sic).

Esta reflexão somente aparece nos relatos do jovem Hércules, pois o mesmo passou seis anos na Fundação La Salle, onde ele efetivamente morou no regime de internato. Por diversas vezes, o mesmo jovem apresenta em suas falas a importância da responsabilidade em cuidar dos espaços, dos ambientes, do corpo. Ele também dá muita ênfase à importância da confecção dos móveis para a Instituição, bem como à reforma dos brinquedos da “pracinha Tia Lia”, que eles estragavam durante o ano. O orgulho de ter consertado algo, ou de ter fabricado a mesa ou a cadeira em que estava sentado, são notórios na narrativa do Hércules:

A praça é, desde o início dela até a finalização, o que mais me marcou assim, acho que na verdade tudo me marcou né. O simples fato de que essa praça foi homenagem a tia Lia, nossa com a tia Lia, porque logo, ela queria muito que nós reformássemos a praça, e foi um pedido dela. Nós começamos a reformar, nós começamos a reformar e ela veio a falecer, então tudo marcou né, essa praça assim. O primeiro ferro que nós dobramos, do banco até o balanço que fizemos, ou até uma simples pintura. Acho que tudo foi marcante, principalmente pra mim que vivia, né que, do Pão dos Pobres até hoje. Até hoje não, mas frequento o Pão dos Pobres hoje então. Tudo marcou assim, acho, os brinquedos que eu brinquei, que eu ajudei a estragá, depois eu ajudei a reformar então, é um prazer, é uma coisa imensa assim

[...] E eu reformei a partir de uma formação que eu recebi dentro do Pão dos Pobres, então ver a qualidade, a força do trabalho que se tem aqui dentro né, a competência dos professores com seus alunos e tal (sic).

Figura 6 – Praça “Tia Lia” (Praça dos Brinquedos)



Nas duas fotografias vemos os brinquedos em meio às árvores que fazem uma bela sombra. Esta praça recebeu o nome de Praça da Tia Lia, falecida e que era muito estimada pelos internos do Pão dos Pobres, como relatou acima o jovem Hércules. *Fonte: (Foto arquivo pessoal Gilmar Staub).*

A organização e disciplina sempre eram levadas a sério, compreendidas como uma forma de organização mínima de cada um dos internos do Pão dos Pobres. Esses princípios da ordem, da limpeza, do respeito mútuo, também acompanharam a trajetória do Hércules:

E era interessante porque ele trabalhava conosco assim. Era nossa organização. Chegava, pra você poder entrar no banho, tinha que parar em fila, e dois quadradinhos (aponta para dois azulejos do chão 30X30), de distância um do outro. Dois quadradinhos, o chão todo marcadinho com os quadradinhos, tinha que esticar o braço e dois quadradinhos de distância. O pessoal ficava na fila, esperando a sua vez pra tomar banho (sic).

Já Cronos, ao se referir às questões de regras, de disciplina e/ou “castigos” aplicados na Instituição, relata que havia algumas práticas comuns e que ele temia:

Antes de 2007, era ainda aquele regime meio antigo lá que, se incomodasse tinha que cheirar a parede, ficava de pé um tempão assim, se incomodasse você ficava um tempão em pé no corredor, um tempão. E aí eu fui poucas vezes, passei a me comportar porque não queria que isso acontecesse comigo (sic).

Já Ísis, que vem de outro processo institucional, ao explicar o que a ajudou a mudar de comportamento, frente ao desinteresse nos estudos e aos enfrentamentos constantes com a mãe no âmbito familiar, assim se expressa:

Pro estudo? É que tipo que aqui no, tanto aqui (na escola La Salle Pão dos Pobres) quanto no Pão tem muitas regras e onde eu estudava não tinha essa, essas tal de regras. E quando comecei, nos primeiros dias de provas que eu tava saindo ruim nas provas, aí eu comecei a vê os outros estudando, falando em estuda, fal..., fal..., indo

bem na prova, e daí eu comecei a perceber as pessoas falando isso. E começou meu interesse de, em estuda mais, e eu comecei a me interessa mais (sic)

A aluna se expressa satisfeita pelo fato da mãe tê-la matriculado no Pão dos Pobres, apesar de ter ficado furiosa e muito sentida, quando soube da nova transferência de escola, pois ela já havia sido transferida de escola por duas vezes, por questões disciplinares e devido à desestrutura familiar, o que a havia deixado muito triste e sentida. Diz Ísis:

E foi uma ajuda mesmo. Eu não era assim como eu sou hoje, eu era muito diferente. Não gostava de fazer as coisa, eu gostava tipo, eu gostava de ir pro colégio mais só pra encontrar meus amigos, não pra estuda. E quando eu vim aqui pro Pão dos Pobres e pro colégio aqui, me ajudou muito (sic).

Ao ser questionada sobre a escola, sua nova vida e o quanto a escola significa pra ela, Ísis se expressa assim:

A escola significa é, significa é, é o La Salle Pão dos Pobres significou bastante coisa importante pra mim. É importante até falei pro... acho pros meus colegas, que eu não queria que..., que pena que tem só até a oitava série, porque eu não queria sair, porque nesse colégio nasceu uma história, tá sendo parte da minha história pra mim, me ajudou muito (sic).

Percebe-se o processo pelo qual a Ísis passou, nestes dois anos, neste novo ambiente escolar. Ao mesmo tempo, a mesma já se preocupa com o desligamento da escola. Quando concluir o Ensino Fundamental, novamente terá que buscar outra escola para concluir os estudos. Percebeu-se o quanto isto é sofrível para a jovem. Por outro lado, a ajuda mais personalizada, a parceria escola-família foi algo importante para fazer a Ísis modificar sua postura frente aos estudos e na compreensão de escola.

La Salle primeiro forma seus professores, dando-lhes as ferramentas pedagógicas necessárias para serem bons professores. Ao mesmo tempo, incita os professores para que toquem o coração das crianças e estas se sintam movidas a aprender. Podemos perceber que esta ação pedagógica e formativa se mostra no relato do jovem Hércules, quando ele expressa seu reconhecimento por um dos professores que o marcaram na Instituição: “Então foi uma das coisas que o professor Orestes me ajudou muito né, trabalhou muito comigo na questão de liderança, foi algo que pra mim foi um reforço muito bom né” (sic).

Atento às diferenças e características pessoais de cada aluno, La Salle orienta os professores para que façam uma classificação por níveis de desenvolvimento na própria sala de aula, o que sempre lhe rendeu vantagens sobre os outros professores, porque o rendimento dos alunos é maior e mais rápido.

Com as reformulações do ECA, o Pão dos Pobres também foi se adaptando a essas exigências, reestruturando seu modo funcional. Recordamos que antes da criação do ECA, nas instituições de modo geral, sobretudo nos abrigos e internatos, não havia uma preocupação maior com o cuidado e as peculiaridades das diversas faixas etárias presentes na Instituição. O importante era acolher as crianças, instruí-las e prepará-las para a emancipação, ou seja, para a vida adulta. Com as orientações do ECA, o Pão dos Pobres também passa por uma reformulação interna que acabou impactando na vida dos jovens, como nos narra Cronos:

E também, também aí metade do ano de 2008, eles separaram por idade. Quem tinha nascido tipo 2006 vai pra turma tal assim. Daí era pra combinar bem assim, acho que assim era pra começar um vínculo maior daí, ficou melhor pois era da mesma idade (sic).

Os alunos que se formavam na escola lassalista saíam preparados para a vida ativa laboral e imediatamente refletiam se servia ou não a sua educação-formação.

Como bem sabemos, o modelo escolar da atualidade teve sua origem no final do século XIX, porém os ideais desse modelo são anteriores a este período, ou seja, estão fundamentados nos pensadores da pedagogia francesa dos séculos XVII e XVIII, como Comenius, Rousseau e La Salle.

3.4 A Escola de La Salle: uma Instituição Inovadora

Segundo Hengemüle (1997), podem-se elencar as seguintes contribuições de João Batista de La Salle no campo da educação: cooperação para a progressiva generalização do ensino; reconhecimento do valor e promoção da escola popular; organização de um espaço e de uma prática escolares, contribuindo para o surgimento da “civilização escolarizada”; influência para o estabelecimento de um currículo preciso da escola primária gratuita; participação significativa na utilização da língua materna; adoção e difusão do método simultâneo do ensino; prática de uma pedagogia fundamentada no conhecimento do aluno; colaboração para amenizar a disciplina escolar; melhoria no conceito do professor primário, caracterizando-o como profissional e impulsionando sua preparação; redação de um manual clássico em pedagogia, o Guia das Escolas; criação da primeira congregação docente constituída só de religiosos leigos.

La Salle instruía seus professores dizendo que amar as crianças é conhecê-las individualmente, é dar-lhes uma qualidade diferenciada para evoluir e crescer como pessoas. Esta é uma atitude necessária para cada professor no cotidiano da sala de aula, imitando a

atitude do Bom Pastor, da qual fala Jesus em suas parábolas, e fortalecendo a espiritualidade. Esta espiritualidade é praticada até hoje em todos os continentes sob as mais diversas formas de religiosidade ecumênica.

Abaixo percebemos, na narrativa do Hércules, como era a prática no Pão dos Pobres no período de internato e como isso impactou na vida dele:

Uma coisa muito linda que até hoje eu cultuo e faço: nós rezávamos antes das refeições, né, fazíamos nossa oração e o mais bonito era o coro né, que todos os meninos dentro do refeitório faziam, na época eram 280 meninos né [...] independente da religião que eles eram, dentro da instituição todos rezavam juntos e isso era muito lindo (sic).

João Batista de La Salle criou o Seminário para Mestres de Campanha (preparava Mestres para os povoados do interior), sendo considerado o primeiro Curso de Magistério da história. Ele e os Irmãos mais competentes orientavam a respeito do modo como os Irmãos-professores mais jovens e futuros Mestres deveriam preparar e dar bem as aulas. La Salle, com os Irmãos, iniciou escolas primárias para meninos pobres; escolas profissionais; escolas para formar mestres; pensionatos para jovens mais ricos; escolas de recuperação para delinquentes; escola para 50 meninos nobres que fugiram com o rei Tiago II da Inglaterra para a França. Com os ouvidos muito atentos aos acontecimentos e buscando atender às necessidades da época, o pedagogo se mantém à frente de outras instituições.

La Salle inicia outra jornada surpreendente: ensina, em primeiro lugar, a língua vernácula (francês), pondo o latim como língua secundária, para adequar o ensino à realidade das classes sociais baixas. Ele também busca aproximar os pais na educação dos filhos, explicando-lhes, sobretudo, os benefícios futuros de manter os filhos na escola, ao invés destes permanecerem na rua ou nos ofícios da labuta diária dessas famílias pobres.

Outra estratégia fundamental no projeto educacional do pedagogo foi a implementação do método de ensino simultâneo²⁶, que consistia em atender um grande número de alunos separados em subgrupos, conforme o grau de desenvolvimento individual. Segundo esse método, cada professor deveria atender a três classes. Ele foi criado e sistematizado por São João Batista de La Salle, que suavizou a disciplina escolar da sua época, proibindo os castigos físicos.

²⁶ O método simultâneo superou o método individual de ensino, em que o professor atende individualmente um aluno por alguns minutos. Porém, trazia como consequência o tumulto em sala de aula, prejudicando o aproveitamento da disciplina. La Salle adotou o método simultâneo de ensinar quando a maioria dos educadores de seu tempo ainda se utilizava do método individual.

3.4.1 Uma Escola centralizada no aluno

As escolas da época eram muito sujas, mal conservadas, mal iluminadas, com a luz das velas de cera, e muito desordenadas. La Salle inicia um trabalho formativo com as famílias e alunos para que estes viessem limpos e, ao mesmo tempo, zelassem pela limpeza do colégio, para promover a dignidade. Sua classe funciona com alunos se ajudando mutuamente, de modo que os mais capazes auxiliassem aqueles com maior dificuldade.

Devido ao tamanho das suas salas, era possível dar aulas para duas turmas simultaneamente. O ano escolar tinha 46 semanas de aulas; havia estudantes de diferentes idades entre seis e doze anos; e se tentava convencer os pais do benefício dos estudos, ao invés de manter tais crianças no trabalho.

O colégio possuía um rigoroso sistema de educação que ia do mais simples ao mais complexo, sendo que cada nível correspondia a uma unidade que durava um mês. As tábuas de desenhar, os diagramas, os mapas, os quadros negros, os materiais sobre catecismo e os livros para ler eram deixados de forma acessível tanto para o professor como para os estudantes. Além disso, as orientações eram claras e objetivas para estes.

O professor devia permanecer sempre com os alunos e em atitude de vigilância, de modo que os mesmos não permanecessem ao relento, o que mantinha um clima de estudos na sala. Ao mesmo tempo, o educador devia dar atenção individual aos alunos que tinham que permanecer em silêncio e trabalhando. Aos alunos que avançavam mais rapidamente nos estudos, eram dadas tarefas individuais e confiados pequenos serviços de auxílio ao professor e aos colegas menos capazes.

O “Projeto Educativo Lassalista”, nas suas mais recentes apresentações, articula-se em torno de três elementos: o serviço aos jovens, a dimensão associativa da ação e a busca de uma educação humana e cristã integral. Estes três elementos se enraízam numa tradição trissecular incessantemente atualizada, conforme Lauraire (2007, p.1).

O bojo educativo da Rede La Salle no Brasil, descrito no Guia da Escola Lassalista²⁷, tem por filosofia promover a educação humana e cristã, formando o aluno integralmente, como pessoa humana, concebendo-a em três níveis: físico, psíquico e espiritual, possibilitando-lhe a ação nas seguintes potencialidades: afeto, inteligência e vontade. A

²⁷ O Guia da Escola Lassalista é um documento elaborado pela Direção de Educação e Pastoral da Rede La Salle no Brasil, visando criar maior unidade de ação e formação das escolas, fortalecendo a identidade da Rede Lassalista de Educação.

finalidade da educação lassalista é o desenvolvimento do aluno, assegurando-lhe a formação integral, indispensável ao exercício da cidadania e à progressão no trabalho e nos estudos posteriores, capacitando os alunos a se relacionarem com a natureza, consigo mesmos, com outro ser humano e com Deus, de forma que sempre saibam amar, pensar, refletir, criar, optar, decidir e agir à luz dos valores humanos e do Evangelho.

Nesse sentido, podemos perceber que nessa formação integral se trabalha, sobretudo, o projeto de vida do estudante lassalista, com especialistas da área de psicologia, teologia e pastoral, onde o aluno busca compreender-se, isto é, fazer uma releitura da sua história de vida (atos emancipatórios), para, a partir daí, projetar-se ao futuro como pessoa humana, que, tendo como princípios os valores evangélicos, buscará sua realização pessoal e profissional.

3.5 A história da fundação diocesana “O Pão dos Pobres de Santo Antônio”²⁸

Figura 7 – Escudo do Pão dos Pobres



Vemos neste desenho o escudo do Pão dos Pobres com os dizeres: “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”, nos quais se percebe a forma de pensar da época. *Fonte: Livro.*

O Pão dos Pobres de Santo Antônio é uma Fundação Diocesana, uma pessoa jurídica de direito privado, sediada em Porto Alegre - RS, sem fins lucrativos. Ela possui como finalidade manter uma entidade beneficente de atendimento socioeducativo integral à criança e ao adolescente empobrecido e em situação de vulnerabilidade pessoal e social, através de estabelecimentos anexos e outras obras de caridade, de acordo com os seus recursos. Entre os estabelecimentos anexos, a Fundação poderá manter instituições de ensino primário, secundário e de aprendizagem profissional, abertas à criança e ao adolescente em geral,

²⁸ Este é o nome original da fundação, porém com o passar do tempo o nome comumente utilizado é “O Pão dos Pobres”, que também iremos utilizar no decorrer do texto.

visando sempre o atendimento socioeducativo. Ela também poderá manter Escola ou Centro de Pesquisa e Educação Profissional para atuar nos níveis básicos, técnico e tecnológico, cuja oferta de cursos se adequará às demandas sociais, ao mercado de trabalho, ao mundo do trabalho e à legislação pertinente. A Fundação foi declarada entidade de utilidade pública nos níveis federal, estadual e municipal. Em 22 de dezembro de 2006, foi requerido pedido de renovação do CEAS através do processo nº 71010.004817/2006-80, deferido conforme Resolução nº 3, de 23/01/2009, publicada no Diário Oficial da União em 26/01/2009, com validade de 01/01/2007 a 31/12/2009, cuja renovação aguarda apreciação do pedido formalizado em 23 de dezembro de 2009, através processo nº 71000.116036/2009-07, remetido ao Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome em 26 de março de 2010, conforme art. 35, da Lei nº 12.101/2009.

O compromisso social é a essência do Pão dos Pobres. A história da Instituição começou como contraponto a uma sangrenta guerra civil de cunho político entre os anos de 1893 e 1895. Até pouco tempo antes, o Brasil era governado pelo regime imperialista, que regia o País desde a sua descoberta, em 1500. Em 1889, pacificamente, instaurou-se o novo sistema de governo, que perdura até o presente, criando-se a nova República Federativa do Brasil.

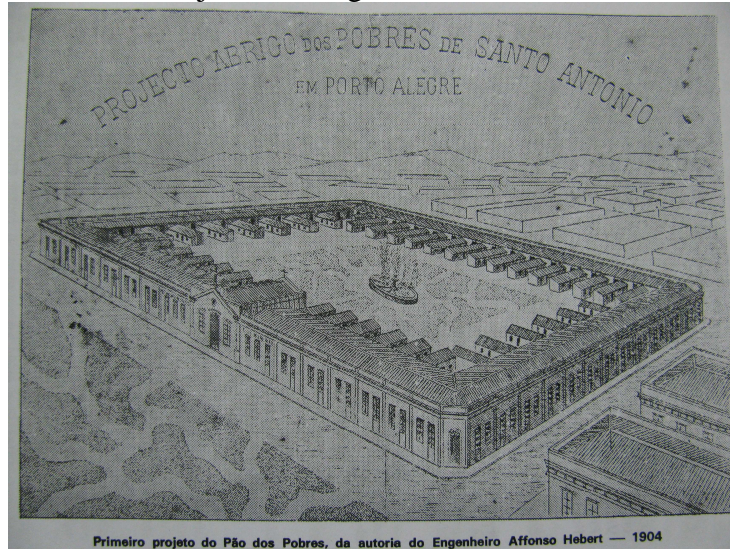
Porém, para os habitantes do Estado do Rio Grande do Sul, esta passagem não foi tão pacífica assim. Sob o argumento de que a nova república explorava os gaúchos, com pesados impostos sobre os bens de produção criados no Estado, surgiram dois expressivos grupos separados ideologicamente por distintos posicionamentos: os favoráveis ao governo republicano – integralistas; e os revolucionários – que defendiam a separação do Sul do Brasil, desejando a criação de um país independente. A disputa, ocorrida no ano de 1893, chamou-se de Revolução Federalista, também conhecida como Guerra da Degola, e dizimou mais de 10.000 pessoas²⁹, deixando viúvas e seus respectivos filhos órfãos abandonados à própria sorte. Nesse panorama, surgiram algumas iniciativas com o objetivo de amparar as viúvas e dar proteção, educação e profissionalização aos órfãos da época, sendo que uma das poucas instituições a ter sucesso nessa empreitada, subsistindo até hoje, foi o Pão dos Pobres.

O Pão dos Pobres foi fundado em 1895, pelo cônego José Marcelino de Souza Bittencourt, sendo que este, apenas em 1900, conseguiu angariar fundos para a aquisição de um terreno para as instalações oficiais das suas obras sociais. A pedra fundamental da

²⁹ Conforme dados encontrados no site <http://www.brasilecola.com/historiab/revolucao-federalista.html>. (Acessado em 10.09.2012).

Instituição, que se chamava “Abrigo das Famílias Pobres do Pão dos Pobres de Santo Antônio”, foi lançada em 1904 e era voltada ao suprimento alimentar de viúvas carentes e ao auxílio financeiro para alugueis de casas e outras finalidades.

Figura 8 – Primeiro Projeto do Abrigo dos Pobres de Santo Antônio



Vemos neste desenho o primeiro projeto feito pelo Engenheiro Affonso Herbert, em 1904, de um modelo de internato-abrigo para os meninos do Pão dos Pobres, o que acabou não se concretizando pelos altos custos de construção da mesma. *Fonte: Livro.*

Logo em seguida, fundaram-se duas escolas, a Dom Sebastião, para meninas, e a Dom Feliciano, para meninos, para educar filhos e netos das referidas viúvas, sendo ambas inauguradas em 1910.

Contudo, o falecimento do fundador, em 1911, abalou a Instituição, que, apesar de caminhar em franco processo de expansão, não encontrou tão facilmente quem quisesse assumir o compromisso de lhe dar continuidade. Entretanto, um veemente apelo feito à Congregação Religiosa dos Irmãos das Escolas Cristãs ou Lassalistas, pelo Arcebispo Metropolitano Dom João Becker, em 1915, fez com que esta continuasse a obra de Marcelino Bittencourt, convertendo o abrigo de viúvas em internato para menores órfãos, sendo reinaugurado em 02 de abril de 1916, conforme vemos na foto.

Figura 9 – Foto do 1º Prédio do Pão dos Pobres em 1916



Vemos nesta fotografia o 1º prédio construído em 1916, quando a administração passou para a Congregação dos Irmãos Lassalistas. *Fonte: Livro.*

Três Irmãos Lassalistas assumem o Orfanotrófio Santo Antônio do Pão dos Pobres com 40 Órfãos usufruindo de total gratuidade. Este foi o início da pedagogia lassalista (Fé, Fraternidade e Serviço). Para tanto, houveram campanhas de arrecadação de materiais e donativos para o Orfanotrófio. No 30º aniversário da Instituição é feito o lançamento da pedra fundamental do novo Prédio do Pão dos Pobres que acabou sendo concluído em 1930 e o mesmo se lançava imponente na cidade de Porto Alegre.

Figura 10 – Vista Frontal do Pão dos Pobres em 1930



Na 1ª foto da esquerda temos esta raríssima fotografia aérea da Cidade Baixa. Podemos observar o Pão dos Pobres com o riacho passando atrás das oficinas, enquanto que o Guaíba chegava até a rua em frente ao prédio. Vale também observar as casas da Rua João Alfredo que davam fundos para o riacho e que conferiram à mesma o apelido de “Rua da Margem”. A ponte que aparece cruzando o riacho em baixo na fotografia está no alinhamento da Rua da República. *Fonte: http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2010_08_01_archive.html. (Acessado em 01 de junho de 2013)*

Na 2ª foto (direita) vemos uma fotografia do Orfanotrópio feita de frente ao que hoje é a Rua Borges de Medeiros com a Rua Praia de Belas. *Fonte: Livro.*

Conforme documentos e registros, esta obra necessitou de muitos doadores, muita boa vontade para ser construído com recursos de pessoas físicas e jurídicas, sendo necessários cinco longos anos de trabalhos exaustivos, mas também de méritos coroados com a alegria de poder minorar o sofrimento de tantas crianças e jovens.

Em 1932 foi fundada, ao lado do Pão dos Pobres, a Escola D. João Becker, com capacidade para 400 alunos, tornando-se mista apenas em 1972, com curso ginásial, e que, em 2008, passou a ser administrada pela Rede La Salle, sendo chamada de Colégio La Salle Pão dos Pobres.

Figura 11 – Colégio La Salle Pão dos Pobres



Vista frontal de parte do Colégio La Salle Pão dos Pobres após ser assumido pela Rede La Salle (2008), que efetuou uma reforma total nos prédios. *Fonte: (Foto do arquivo Rede La Salle).*

Ainda em 2000, com ampla campanha para angariar recursos para reforma de todo prédio do Pão dos Pobres, o mesmo foi totalmente reformado, mostrando sua imponência e beleza na cidade baixa de Porto Alegre.

Figura 12 – Vista aérea da Fundação Pão dos Pobres



Vista aérea da Fundação Pão dos Pobres no período da restauração em 2000. O Pão dos Pobres foi projetado pelo engenheiro-arquiteto alemão Joseph Lutzemberger, sendo que sua fachada é de inspiração francesa. *Fonte: Por-Ramiro-Furquim-_OAF1505).*

3.5.1 A Finalidade e Missão do Pão dos Pobres amparados na pedagogia lassalista

Com o texto explicativo anterior, já é possível perceber que, além de ter um suporte cristão, o Pão dos Pobres passa a se reestruturar, em todos os sentidos, com a gestão lassalista e, posteriormente, com o advento das mudanças na legislação, sobretudo do Estatuto da Criança e do Adolescente. No período dessa reestruturação, sobretudo mais recentemente, em seu reordenamento institucional (2008), a Fundação Pão dos Pobres apresenta a seguinte definição acerca da sua finalidade e missão:

O Pão dos Pobres é uma instituição que se define substantivamente, uma vez que seu nome revela sua missão, sua trajetória, seus princípios, sua vocação, sua visão e, acima de tudo, sua intenção. Destina-se ao atendimento prioritário aos pobres, entendendo-se como pobres, todos aqueles, que na ordem social são colocados à margem de todos os bens socioculturais produzidos ao longo da construção da história da humanidade. [...] constrói cidadania através de ações de resgate da identidade, de formação pela educação e de educação pelo trabalho, assim, fazendo deste espaço um grande laboratório pedagógico no qual as relações interpessoais, entremeadas por afeto, construção de conhecimento, diálogo permanente, exercício da espiritualidade, constroem no sujeito o substrato humano positivo que nele se torna a mola mestra da conquista de sua autonomia e de seu protagonismo. (REORDENAMENTO INSTITUCIONAL, p.07, 2008).

Em seus 117 anos de funcionamento, a Fundação O Pão dos Pobres formou mais de 80 mil pessoas e atualmente atende em torno de 1.200 (mil e duzentas) crianças e adolescentes, de 0 a 24 anos, em seus projetos socioeducativos. Com a ajuda de doações de todos os tipos, procura manter e trabalhar na construção de um projeto de vida para crianças e jovens, a maioria em situação de vulnerabilidade social, pobreza ou violação de direitos. Através de

cursos profissionalizantes, oficinas e acolhimento, o Pão dos Pobres atua na formação de cidadãos preparados para buscar o seu espaço na sociedade e ajudar a desenvolvê-la.

Figura 13 – Ilustração feita na data dos 117 anos do Pão dos Pobres



Na página da Fundação na data de 15 de agosto de 2012 encontramos o seguinte: Hoje a Fundação O Pão Dos Pobres completa 117 anos de dedicação a crianças e adolescentes e comemora com orgulho todos os 80mil cidadãos que já formou até hoje. Que muitos mais sorrisos possam surgir deste trabalho tão bonito.

Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=510717805611815&set=a.227972533886345.78570.211036032246662&type=1&theater> (Acessado em junho de 2013).

A estrutura atual da Instituição conta com 175 funcionários e voluntários trabalhando diariamente em seus projetos. Mensalmente são servidas mais de 40 mil refeições, ela possui 10 cursos profissionalizantes em funcionamento, que são frequentados por mais de 500 alunos, e atende diariamente 300 crianças em oficinas artísticas, pedagógicas e esportivas.

A Fundação Pão dos Pobres apresenta uma lenta recuperação econômico-financeira nos últimos anos, sobretudo, desde a assunção da nova direção no último quadriênio. Após vários períodos de crise financeira e da necessidade de alienar bens imóveis de significativa importância para a Instituição, atualmente o cenário é outro. Ela vem fazendo parcerias com órgãos públicos e privados, e campanhas publicitárias criativas e de sensibilização, para reforçar a tradição e o vigor institucional perante a sociedade, existentes graças à seriedade pedagógico-administrativa, à reestruturação institucional, com seus ganhos e perdas, e à transparência na prestação de contas. Sugerimos a leitura do Apêndice D – Reordenamento Institucional (p.157), que descreve o Reordenamento Institucional, trazendo o fundamentalismo aristocrático do Judiciário. Ao mesmo tempo, a extinção do Internato no Pão dos Pobres, que se revelou uma “briga de interesses”, com imenso autoritarismo judiciário, obrigou vários jovens a sair do Pão dos Pobres sem terem concluído seus estudos e sua formação iniciada há vários anos.

Apesar disto que ocorreu, ela ainda mantém inúmeras parcerias com empresas, bancos, rádios, jornais, televisão, empresários de diversos setores, onde se apoia e busca auxílio para suas necessidades eminentes. Para os jovens que querem fazer uma experiência pessoal de empreendedorismo, a Instituição tem parceria com a *Junior Achievement* Rio Grande do Sul, que dá a oportunidade aos jovens de adquirirem novas experiências profissionais na geração de renda e de negócios, que podem servir como base para a sua vida profissional.

Figura 14 – Prédio das Oficinas Profissionalizantes



Na 1ª fotografia, à esquerda, vemos o prédio onde funcionam os cursos profissionalizantes. Fonte: Fotografias feitas para disciplina de Jornalismo Online II, da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS. Participaram: Daniel Fraga, Julia Finamor, Nathália Carapeços e Vithoria Vaz em Fonte: <http://www.flickr.com/photos/97697786@N02/9078362135/> (Acessada em 21 de julho de 2013). Na 2ª fotografia, à direita, vemos a Ministra dos Direitos Humanos Maria do Rosário visitando o Pão dos Pobres e as oficinas profissionalizantes dos educandos do curso de Mecânica Automotiva (tarde) em abril de 2012. Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=442579442425652&set=pb.211036032246662.-2207520000.1374455130.&type=3&theater> (Acessado em 10 de julho de 2013).

Com cunho cristão católico desde a sua origem, através da mitra diocesana de Porto Alegre, o Pão dos Pobres sempre recebeu uma forte influência cristã através de seus padroeiros, que têm por inspiração e modelo maior Jesus Cristo. No que tange à espiritualidade, em um dos grandes eixos fundacionais da Instituição se apregoa que a essência do trabalho do Pão dos Pobres está confiada à proteção e ajuda de dois santos padroeiros.

O primeiro é Santo Antônio, protetor dos pobres, engajado na busca de objetos ou pessoas perdidas, e que tem aos seus pés um menino, a quem estende o pão. O segundo é São João Batista de La Salle, grande teólogo e padroeiro universal dos educadores, que também tem um menino aos seus pés, a quem estende um livro. No pão e no livro, o Pão dos Pobres, então, construiu e alicerçou sua identidade e vocação: acolher crianças pobres, órfãs e que

moram em ambiências de vulnerabilidade social, para lhes alimentar o corpo, iluminar a mente, educar o coração e treinar as mãos.

Figura 15 – Imagem de Santo Antônio e La Salle dando pão aos pobres



Na 1ª foto à esquerda, vemos uma das imagens de Santo Antônio, tendo nas mãos a figura do menino Jesus com dois pães, e na mão direita o pão sendo oferecido a uma pessoa com fome. *Fonte: Arquivo Pão dos Pobres.* Na 2ª foto, à direita, visualizamos um momento marcante da renúncia de La Salle aos seus bens para tornar-se igual aos professores, oferecendo suas riquezas aos pobres na forma de pão. As duas imagens têm em comum a doação de pão a quem tinha fome, necessidade básica dos mais necessitados da época e em períodos de guerras e crise econômica. *Fonte: Arquivo Instituto La Salle - Roma/Itália em <http://www.lasalle.org/quienes-somos/fundador/imagenes/> (Acessado em 10 de janeiro de 2012).*

Ou seja, ela é uma instituição filantrópica que acolhe crianças, adolescentes e jovens pobres, dando-lhes uma formação humana, cristã e profissional, que incidem diretamente em seu projeto de vida, emancipando-os como cidadãos para, em seguida, devolvê-los à sociedade com novas perspectivas e possibilidades.

Como forma de ilustração dessa mesma linha de pensamento, o Padre José Junges escreveu um poema, em que aparecem claramente os objetivos da Instituição para com os órfãos e pobres:

Ó Pão dos Pobres, casa bendita; Em que palpita, qual luz dos céus,
O ideal sublime das almas nobres: “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”.
Mansão Sagrada, suave asilo; Éden tranquilo de almas em flor,
Onde a ventura dos orfãozinhos; Se externa em hinos de paz e amor.
Quem conta os pobres sem pai com vida; Sem mãe querida, sem pão nem lar,
Que em ti tiveram dos pais o afeto; Um almo teto com bem-estar?
De quantos órfãos desamparados; Foram formados bons cidadãos,
Que agora tiram a subsistência; Da diligência das próprias mãos?
E Santo Antônio, teu padroeiro; Sorri fagueiro, dizendo a Deus:
“Senhor Bondoso, dá teus favores; Aos benfeitores dos órfãos meus.”
(PARMAGNANI, 1978, p.9).

Como podemos perceber, o que está por detrás dessa expressão é a alusão ao tempo de La Salle, quando ele buscava conscientizar os pais das crianças pobres sobre a importância de enviar os filhos à escola, para que aprendessem não só os ossos do ofício do trabalho, mas também crescessem intelectualmente (iluminando a mente e educando o coração) através das letras, tendo, assim, condições de se preparar para um mundo melhor. Igualmente, La Salle pensa em tirar, de um modo indireto, as crianças e jovens do jugo dos pesados trabalhos, que possuíam enquanto filhos de artesãos e camponeses, bem como da falta de ocupação nas ruas, reduzindo a delinquência entre os filhos dos pobres que viviam nas cidades.

O fato de a educação, nos tempos de La Salle, ser tarefa eminentemente da Igreja, era determinante para atingir seus fins e estabelecer seus conteúdos e o controle das instituições e do magistério. “Quanto à finalidade, a educação, em síntese, visava instruir as crianças cristãmente e levá-las a viver a fé, se católicas; “catolicizá-las” se huguenotes; retirá-las da vagabundagem e ociosidade, se pobres” (HENGEMÜLE, 2000, p.46).

Hengemüle (2000) continua sua reflexão afirmando que, mesmo que houvesse na época o objetivo de perseguir essas finalidades, havia gente que promovia o ensino popular por interesses “nobres”, como a redenção das pessoas e a elevação sociocultural das classes populares. Porém, segundo o autor, isso não impedia que, por detrás dos esforços educativos, tivessem interesses religiosos, políticos, sociais e econômicos.

O autor afirma também que as escolas eram arma para um combate religioso-político, pois a ordem real de 1698, depois renovada em 1724, obrigava todas as paróquias a manter escolas funcionando e obrigando todas as crianças até os 14 anos a frequentar essas escolas, tendo como pano de fundo o proselitismo religioso, sobretudo a catolicização dos protestantes. Os dois grupos que mais brigavam eram os Jesuítas e os Jansenistas, sobretudo na dominação ideológica da sociedade: quem tem a juventude, tem o futuro.

O pensamento da época de La Salle em educar as crianças e jovens, através das escolas e internatos, pela educação, sobretudo religiosa, foi sendo incorporado no Pão dos Pobres e continua enraizado nos tempos atuais. Tendo como missão potencializar o desenvolvimento integral da criança e do adolescente numa perspectiva solidária, construída por meio de práticas socioeducativas, a Instituição se vocacionou para o atendimento de crianças e adolescentes órfãos, instituindo o critério de ingresso, a pobreza absoluta e o alto risco social.

Sob a direção da Congregação Lassalista, entre 1916 e 1930, ela construiu grande parte do prédio que hoje está a serviço das crianças pobres, mantendo atendimentos em

regime de acolhimento individual em apoio à família, admitidas a partir dos oito anos de idade, que permanecem protegidas, abrigadas e amparadas até os 18 anos. Atualmente a Instituição recebe crianças com menos de oito anos de idade em situação de vulnerabilidade, encaminhadas pela promotoria ou pela Vara da Infância e da Juventude, e recebe jovens até 24 anos de idade, que estão em situação de conflito com a lei (jovens da FASE) e precisam cumprir medidas socioeducativas.

Figura 16 – Dormitórios das Casas de Acolhimento Institucional



Aqui vemos os dormitórios, masculino acima à esquerda e o feminino à direita, das Casas do Pão dos Pobres que abrigam 20 crianças e adolescentes, de 0 a 18 anos incompletos, e que possibilitarão aos jovens o desenvolvimento integral das dimensões humanas, além de proteção integral e atenção básica constituída de moradia, vestuário, alimentação, educação, saúde e uma convivência humanitária saudável. Este projeto faz parcerias com a FASC (Fundação de Assistência Social e Cidadania). *Fonte: (Foto arquivo pessoal Gilmar Staub).*

Durante sua permanência na Fundação Pão dos Pobres, o aluno recebe a formação escolar no Colégio La Salle Pão dos Pobres (até o 9º ano do Ensino Fundamental) e formação profissional através de diversos cursos profissionalizantes conforme a tabela:

Quadro 6 – Programas em Funcionamento no Pão dos Pobres

ÁREA DE ATUAÇÃO	PÚBLICO ALVO	NÚMERO DE ATENDIDOS
CATI: Centro de Atendimento Integral	Crianças e adolescentes de 06 a 17 anos	Atualmente atende 230 crianças e adolescentes
<p>OBJETIVOS: O projeto da CATI é desenvolvido dentro das diretrizes da proteção social especial de média complexidade, visando o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários que, apesar de frágeis, ainda não foram totalmente rompidos. Ele atende em Regime de Apoio Socioeducativo, crianças e adolescentes de 06 a 17 anos com direitos ameaçados ou violados, visando a proteção integral, o direito à infância e o exercício efetivo da cidadania numa busca contínua no trabalho de formação integral. O CATI desenvolve ações de resgate da identidade, de formação e de educação, auxiliando e potencializando crianças e adolescentes na construção de sua autonomia e no seu projeto de vida. O foco pedagógico se dá no campo lúdico e relacional com a oferta de oficinas complementares nas áreas cultural, artística, desportiva e social. Tendo por princípio fundamental a promoção e a defesa dos direitos das crianças, dos adolescentes e de suas famílias.</p>		



CATI
Centro de Atendimento Integral

O CATI oferece oficinas culturais, prática esportiva e outras atividades lúdicas para crianças de 6 a 15 anos. O objetivo é oferecer proteção social básica e atendimento integral às famílias, que também recebem acompanhamento complementar.

Nesse projeto, o Pão dos Pobres trabalha a prevenção de ocorrências como exclusão social, violência doméstica, trabalho infantil e uso de drogas.

Fonte da Imagem: <http://www.paodospobres.org.br/site/index.php>. (Acessado em 10 de março de 2013).

CEP – O Centro de Educação Profissional do Pão dos Pobres	Adolescentes e jovens em vulnerabilidade social e em situação de violação de direitos	Mais de 500 adolescentes e jovens de 16 anos a 24 anos de idade
--	--	--

OBJETIVOS: O projeto CEP tem como objetivo formar cidadãos e profissionais para o mundo do trabalho com cursos técnicos e cursos profissionalizantes. Ele é desenvolvido dentro das diretrizes da proteção social básica, dando a oportunidade de uma iniciação profissionalizante no mundo do trabalho para a população a partir dos 16 anos até 24 anos de idade, em situação de vulnerabilidade social.

CURSOS OFERECIDOS: Embasados no Programa da Lei da Aprendizagem (Decreto nº 5.598/2005), os principais cursos profissionalizantes oferecidos são: Elétrica Industrial e Predial, Mecânica de Automóveis, Serralheria, Marcenaria, Informática Básica e Manutenção de Computadores, Reparador de Circuitos Eletrônicos, Mecânica da Usinagem, Assistente Administrativo.

Além destes, a Fundação também promove os cursos técnicos de Manutenção e Suporte em Informática e de Fabricação Mecânica, com duração de 1.000 a 1.600 horas.

Junto com os cursos são desenvolvidas atividades de informática, gestão e cidadania, matemática e ginástica laboral.



CEP
Centro de Educação Profissional

O CEP do Pão dos Pobres atende mais de 500 adolescentes e jovens a partir de 16 anos.

Além da idade, a exigência mínima para participar dos cursos técnicos e profissionalizantes é estar frequentando a escola no turno inverso.

Mecânica de Automóveis, Informática Básica e Marcenaria são os cursos mais procurados.

Fonte da Imagem: <http://www.paodospobres.org.br/site/index.php>. (Acessado em 10 de março de 2013).

POD SOCIOEDUCATIVO – Programa de cumprimento de Medida socioeducativa	Adolescentes e jovens até 24 anos	Em média de 40 a 80 jovens (Número que varia conforme encaminhamentos da FASE).
--	--	--

OBJETIVOS: O POD tem os objetivos de melhorar as condições no cumprimento das medidas socioeducativas e promover a ressocialização dos jovens em conflito com a lei no Estado.

É um programa organizado pela Secretaria da Justiça e Direitos Humanos, a partir de ações concretas e inovadoras, onde o foco é ajudar a prevenir a violência e reduzir a reincidência do ato infracional entre os egressos da FASE.

O Pão dos Pobres atende o Eixo II do POD Socioeducativo, que prevê apoio e acompanhamento ao jovem e à sua família, inserção social e no mercado de trabalho. Todos os educandos recebem auxílio financeiro de meio salário mínimo, além de passagens e alimentação. A Fundação também promove a inclusão em oficinas, cursos profissionalizantes, acompanhamento escolar, atividades culturais e esportivas e encaminhamento para o mercado de trabalho.



POD Socioeducativo

O Programa de Oportunidades e Direitos (POD) Socioeducativo oferece cursos profissionalizantes, apoio e acompanhamento aos egressos da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul, Fase/RS .

Os participantes do projeto recebem auxílio financeiro, passagens de alimentação. A Instituição também promove a inclusão em oficinas, acompanhamento escolar, atividades culturais e esportivas.

Fonte da Imagem: <http://www.paodospobres.org.br/site/index.php>. (Acessado em 10 de março de 2013).

ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL	Crianças e Adolescentes (meninos e meninas)	80 crianças e Adolescentes Quatro casas com 20 integrantes cada
----------------------------------	--	--

OBJETIVOS: O Pão dos Pobres oferece proteção integral e atenção básica, constituída de moradia, vestuário, alimentação, educação, saúde e uma convivência comunitária saudável, respeitando as necessidades de cada indivíduo. Trabalha para possibilitar a capacidade de ponderação e ação das crianças, dos adolescentes e de suas famílias quando esta existir, diante de suas histórias de vida, para que possam se desenvolver enquanto indivíduos integrais, com direitos e deveres, possibilitando-lhes, assim, vivenciar um processo de mudança, além de uma perspectiva inovadora de experiência e projeto de vida. Em outros termos, a Instituição trabalha com o desenvolvimento integral das dimensões humanas.



Acolhimento Institucional


Atualmente a Instituição acolhe 80 crianças e adolescentes, de 0 a 18 anos incompletos, em 4 unidades de Acolhimento Institucional. A Fundação oferece proteção integral e atenção básica, constituída de moradia, vestuário, alimentação, educação, saúde e uma convivência comunitária saudável.

Neste projeto busca-se possibilitar um processo de mudança, além de uma perspectiva inovadora e projeto de vida a todas as crianças e adolescentes.

Fonte da Imagem: <http://www.paodospobres.org.br/site/index.php>. (Acessado em 10 de março de 2013).

SASE – Serviço de Apoio Socioeducativo	Crianças e Jovens	175 crianças e jovens
---	--------------------------	------------------------------

OBJETIVOS: O objetivo do SASE é desenvolver atividades pedagógicas com os seguintes temas: 1) Juventude e Projetos de Vida; 2) Horta e Educação Ambiental; 3) Cultura de Paz em uma sociedade não violenta.



SALVANDO ... O ... MUNDO
uma criança DE CADA VEZ

Fonte da Imagem: <http://www.paodospobres.org.br/site/index.php>. (Acessado em 10 de março de 2013).

COLÉGIO LA SALLE PÃO DOS POBRES	Crianças e adolescentes de 06 a 18 anos de idade	421 alunos aproximadamente, tendo 30% de alunos “externos e pagantes” do ensino regular
<p>PROPOSTA EDUCATIVA: O estudante é protagonista no processo de construção do conhecimento. A proposta pedagógica visa uma educação de excelência e o desenvolvimento integral dos sujeitos em seu nível físico, psíquico e espiritual.</p> <p>A educação lassalista, baseada nos princípios de São João Batista de La Salle, é integradora das dimensões intelectual, afetiva e volitiva, promovendo as relações fraternas e solidárias, bem como o respeito à diversidade.</p>		

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Vemos na referência os quatro principais eixos de atuação na justiça restaurativa e de emancipação de crianças, adolescentes e jovens da Instituição. Dentro da política institucional, é frequentemente apregoada pelas coordenações a frequência e o sucesso na escola de todos os atendidos, como condição fundamental para o ingresso e permanência nos cursos. Ou seja, é obrigatória a assiduidade e a valorização dos estudos (através do colégio) para garantir uma vaga e a permanência em algum curso profissionalizante.

Figura 17 – Ambiente interno das Casas de Acolhimento Institucional



Na 1ª foto, à esquerda, vemos a ambientação interna dos corredores e das Casas de Acolhimento Institucional. Percebemos nela a presença uma Bíblia sobre a mesa, símbolo da identidade cristã da Instituição. Na 2ª foto, à direita, vemos a sala de coordenação de uma das Casas. As Casas de Acolhimento Institucional são quatro: a 1ª Casa foi inaugurada em 25/05/2011; a 2ª Casa foi inaugurada em 01/06/2011; a 3ª Casa em setembro de 2011; e a 4ª Casa em dezembro de 2012. Fonte: (Foto arquivo pessoal Gilmar Staub).

Disciplinas complementares, com intuito de cultivar valores indelévels na vivência e prática da ética, moral, bons costumes e valores evangélicos, além de uma programação com atividades recreativas, que os estimulam para a liderança e convívio em grupo, também fazem a diferença na forma que o Pão dos Pobres atende os jovens.

Segundo a direção da Instituição, uma prova da eficácia da formação humana e profissional do Pão dos Pobres, é a colocação de até 83% de jovens egressos no mundo do trabalho, pois se formam com a convicção, as habilidades e a capacidade de ganhar o pão com o suor do próprio rosto, ser felizes com o que conseguem construir e contribuir com a elevação da condição social de suas famílias, integrando-se à sociedade como bons profissionais e profissionais bons. Estes dados não puderam ser averiguados nesta pesquisa, pois não eram o foco da mesma. Porém, é um discurso institucional extremamente otimista do ponto de vista prático. Para justificar esta afirmação, a Fundação Pão dos Pobres faz parcerias com muitas empresas que contratam estes jovens com a formação profissional recebida nessa fundação. Uma questão que fica em aberto é se após o período de experiência estes jovens são efetivados e por quanto tempo eles conseguem se manter no emprego, já que eles dependem de transporte público, precisam encontrar moradia, organizar sua vida pessoal e suas contas pessoais e, sobretudo, administrar seu salário.

Figura 18 – Banheiros e Sala de convivência



Na 1ª foto, à esquerda, temos um dos banheiros masculinos, sendo que há banheiros em todos os andares e por casas ao lado dos quartos. Percebe-se que o ambiente também é usado para secar e lavar as roupas. Na 2ª foto, à direita, vemos uma das salas de estar de uma das Casas de Acolhimento Institucional. *Fonte: (Foto arquivo pessoal Gilmar Staub).*

Atualmente, a Fundação Pão dos Pobres compreende a necessidade de continuar a qualificar e ampliar o trabalho para atender de forma qualitativa e quantitativa a camada social mais necessitada da região metropolitana de Porto Alegre - RS, estando alinhada às necessidades de quem busca a Instituição e compondo a complexa rede de proteção e integração dessa cidade, focando na população mais vulnerável.

3.5.2 O perfil de aluno “egresso” desejado pelo Pão dos Pobres³⁰

Após essa descrição acerca da finalidade e missão do Pão dos Pobres, podemos perceber que há uma tônica constante nas linhas e entrelinhas de seu projeto institucional que vão de encontro ao perfil do aluno que se quer formar, para então “devolvê-lo” à sociedade com uma formação integral (formação humana e cristã), através dos valores lassalistas. Em vista da origem cristã e religiosa da Instituição, não há como não conceber que a mesma não se utilize da religiosidade católica e da mística lassalista para formar os seus alunos.

Amparada no ECA, esta formação inclusive é reconhecida e apontada como importante pela 9ª Promotoria da Justiça da Infância e da Juventude, quando esta assim se expressa: “[...] podendo inclusive ampliar numericamente as vagas existentes, focando-se na oferta de atividades esportivas, culturais, espirituais e profissionalizantes” (DOC nº. 0199/2009-DAT³¹, p.2/15).

Em outras palavras, há o reconhecimento do valor das diversas atividades realizadas, inclusive as espirituais (catequese, inserção nas práticas cristãs, como batizado, primeira eucaristia e crisma, aos católicos), que são oferecidas a todos os alunos da Instituição e reconhecidas no ECA, Art. 15, parág. 3, quando se refere ao direito que a criança tem na participação numa crença e culto religiosos.

Essa é uma das práticas institucionais ainda vigentes na Instituição, pois a espiritualidade e/ou reflexões sobre as atitudes individuais no dia a dia, são formas de tomada de consciência das pessoas sobre seus valores e suas práticas.

Abaixo transcrevemos relatos dos entrevistados sobre a formação religiosa/espiritual que aprenderam e internalizaram. Percebe-se o quanto e como cada um atribui sentido e significado para sua existência mediante a espiritualidade vivenciada. Hércules narra o seguinte:

Uma coisa muito linda que até hoje eu cultuo e faço: nós rezávamos antes das refeições, né, fazíamos nossa oração e o mais bonito era o coro né, que todos os meninos dentro do refeitório faziam, na época eram 280 meninos né, em 2007, eram 280 meninos, e todos eles rezavam junto, né, mesmo que tivesse um não era católico né, tivesse outro que não era, independente da religião que eles eram, dentro da instituição todos rezavam juntos e isso era muito lindo (sic).

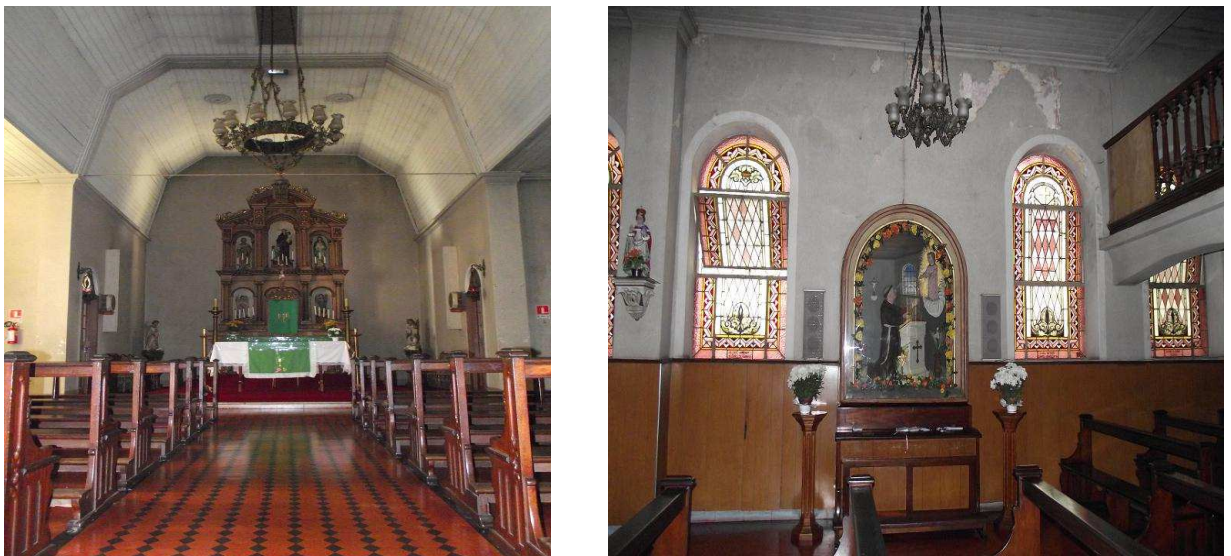
³⁰ No quadro 6, nos dizeres dos quatro eixos, já aparecem alguns dados sobre a meta pretendida pelo Pão dos Pobres acerca do perfil dos egressos.

³¹ DAT-MP/RS: Divisão de Assessoramento Técnico do Ministério Público/RS, que fez a análise técnico-pedagógica da Fundação Pão dos Pobres com vistas do seu Reordenamento Institucional.

Em outro momento da narrativa, há uma clara referência à formação religiosa recebida no Pão dos Pobres, da pessoa que se tornou referência nesse processo. Percebe-se o valor e o impacto positivo que isso teve na vida do jovem Hércules:

E nesse primeiro ano eu tive a questão da primeira comunhão, depois no próximo ano crisma, que foi pra mim as duas coisas mais marcantes do meu tempo na instituição porque antes de eu entrar na instituição eu não tinha religião nenhuma, não tinha religião nenhuma, agradecia meu alimento, mas não sabia o que era ser católico, ser evangélico, o que que era qualquer religião, independente dela, não sabia o que era. Sabia rezar, mas não sabia rezar pra que, por que, qual o objetivo da oração, pra quem tava rezando. E dentro do Pão dos Pobres eu aprendi, aprendi com a tia Cléia, que foi minha catequista, que foi também que me “crismo” (crismou) também. Que foi pra mim ótimo. [...] andava de camisa social preta de seda, eu só usava pra ir pra missa, botava uma calça de abrigo e um sapatinho que eu tinha feito primeira comunhão, e aí usava o sapatinho, a calça de abrigo e a camisa e ia pra Igreja [...] Eu só usava pra ir pra missa, o sapatinho e a camisa social [...] E depois me tornei coroinha também [...] Tudo isso foram coisas que marcaram, foram coisas bem marcantes que tocam assim (sic).

Figura 19 – Capela Santo Antônio do Pão dos Pobres



Capela de amplo apelo popular, onde ocorre a tradicional Festa do Padroeiro Santo Antônio, cuja cerimônia tem como mote a distribuição dos pãezinhos bentos aos devotos, e local onde os alunos católicos participam de celebrações e da catequese. Fonte: <http://www.centro-de-porto-alegre.info/2010/08/porto-alegre.html> (Acessado em 10 de janeiro de 2013).

Uma das meninas que está há mais tempo no Pão dos Pobres (02 anos) atribui, de forma indireta, sua mudança de postura e de atitudes quanto aos estudos, tanto à ajuda que passou a receber, quanto ao acompanhamento religioso que lhe foi oferecido pela “Tia Cléia”. Ísis assim relata:

[...] por causa que quando eu tava no outro colégio, eu bagunçava, eu não me interessava pelo estudo, e quando eu entrei pra cá eu comecei a me interessá pelo

estudo, bom eles começaram a me ajudá mais, eu fiz até “Crisma”, com a tia Cléia, comecei a melhorá (sic).

De forma geral, o Pão dos Pobres tem como objetivo a formação integral dos seus alunos, focando na formação humana, cristã, profissional e para a cidadania. Para atingir esse fim, ele oferece educação formal e profissional aos seus alunos através da iniciação profissional protegida, apoio sócio-familiar e fortalecimento do seu processo emancipatório, além de trabalhar aspectos relacionados à saúde física e psíquica e processos psicopedagógicos focados na construção de plano de metas individuais, de emancipação e de carreira.

São propostos também grupos operativos, grupo de cuidadores de quarto, cuidadores mirins, conselheiros de turma, grêmio da juventude e assembleia (DOC nº. 0199/2009-DAT, p.5/15). No que tange às atividades lúdicas, ele oferece oficinas socioeducativas (artísticas, culturais, musicais, desportivas), bem como oficinas de elevação e sucesso escolar (português, matemática, inglês).

Figura 20 – Quadra esportiva externa e Fachada interna do Pão dos Pobres



Na 1ª fotografia, à esquerda, vemos um pequeno grupo de meninos praticando atividades esportivas na quadra externa da Fundação Pão dos Pobres. Na 2ª fotografia vemos, ao lado da quadra, o prédio onde ficam localizadas as 04 Casas de Acolhimento Institucional. *Fonte: (Foto arquivo pessoal Gilmar Staub).*

Estas atividades e oficinas extracurriculares são muito citadas e apreciadas pela forma e ênfase com que os entrevistados citavam as mesmas. Podemos perceber que é através dessas práticas que ocorrem emancipações individuais e coletivas dos jovens do Pão dos Pobres. É perceptível a alegria dos jovens músicos mostrando, talvez uma das suas maiores conquistas emancipatórias, sua primeira carteira de trabalho assinada, ingressando no mundo do trabalho, através da oficina de música oferecida pelo Pão dos Pobres.

Figura 21 – Jovens e o primeiro emprego: emancipação



Alunos do Pão dos Pobres celebrando seu primeiro emprego como músicos na Orquestra Jovem do Rio Grande do Sul, representando a emancipação e o objetivo final que o Pão dos Pobres tanto almeja: que todos consigam se profissionalizar e viver sua autonomia, protagonismo e emancipação. *Fonte:* <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=663075920376002&set=a.227972533886345.78570.211036032246662&type=1&theater> (Acessado em 10 de maio de 2013).

Concordamos com a proposta de Peruzzolo (2004, p.5) de uma Educação Popular com finalidade de empoderamento, defendida por Paulo Freire, para que sirva de norteadora dos processos educativos em casas que acolhem e trabalham com crianças e jovens em situações de vulnerabilidade. Baseada em Brandão (2008), a referida autora sugere uma pedagogia que trabalhe uma concepção de autonomia e que pense o educando como protagonista de seus processos educativos, de modo que essa pedagogia consiga experimentar processos emancipatórios para a vida toda, através de valores de vida, do respeito às histórias pessoais, do desenvolvimento humano e do compromisso com o futuro dos sujeitos envolvidos, por meio da produção de novos conhecimentos.

Ao que nos parece, as atividades transversais e oficinas em turno inverso são produtoras de conhecimento, autonomia e emancipação, como aparece no relato em que o jovem participava de diversas oficinas, porém, como seu foco era o curso de serralheiro, ele teve que optar em deixar algumas oficinas para poder se aperfeiçoar, como nos relata Cronos:

[...] depois de 2008 já tinha as oficinas daí. Começou a ter as oficinas de música daí. Tinha aula daí, de cavaquinho, violão, bandolim, pandeiro, percussão, teclado também tinha. E tinha tênis também, é tênis. Daí eu fiz o tênis, daí eu fiz o tênis e eu fiz aula de bandolim que é um instrumento parecido com cavaquinho de 8 cordas. E daí essa, essa aula de música era aqui, daí ano passado, deixa eu vê, é ano passado no meio do ano passou pro teatro São Pedro. Aí lá no teatro São Pedro trocou.... Daí eu queria fazer lá no Teatro São Pedro só que eu não pude fazer porque tinha que tirar o meu curso (serralheiro) que é da uma (13h) as cinco e meia (17h30). Daí não dava daí (sic).

Também consta no eixo programático, conhecimentos básicos, específicos e de gestão, bem como o acompanhamento escolar e familiar. Para tanto, há trabalhos educativos durante a semana em padaria, gráfica³² e informática; práticas livres (diferentes grupos de vivências interpessoais); atividades de socialização (passeios, mostra de talentos, competições, jogos e outros), que servem de estímulo e desenvolvimento pessoal e interpessoal, como nos narra Ísis:

O SASE tem atividades. Segunda-feira tem o projeto “Tô ligado” aí tem percussão, tem violão, tem dança, tem circo, tem teatro. Eu faço percussão e violão. Que eles ensinam. E terça tem tênis, e eu entrei esse ano, e tô gostando muito do tênis. [...] E faço teatro, o teatro é no Teatro São Pedro, só que o teatro é lá no centro (sic).

No que se refere à preparação para a inserção no mercado de trabalho, os cursos profissionalizantes se estruturam em três grupos de carreira, ou seja, cursos de iniciação profissional (carreira ampla) para adolescentes com maior escolaridade, cursos de menor duração (carreira intermediária) para adolescentes com maior defasagem escolar e os cursos rápidos (carreira restrita) para os adolescentes com grande defasagem escolar.

Destaca-se aqui a semelhança da estratégia que era usada por La Salle em seu tempo, quando classificava os alunos por grau de aprendizagem, ou com maior facilidade em aprender, que hoje são chamados de grupos de aceleração em diversas instituições escolares. Percebe-se aqui uma sintonia com a prática pedagógica do tempo do La Salle.

Para desenvolver o protagonismo juvenil como parte da intencionalidade pedagógica, a Instituição permite a criação de múltiplos espaços de participação dos adolescentes no grêmio estudantil, em assembleias, conselhos e tutorias diversas, proporcionando momentos e situações de empoderamento pessoal, como nos narra Hércules:

Teve um evento aqui no Pão dos Pobres que foi assim, [...] eu fiquei muito feliz mesmo, cada vez mais, eu queria cada vez, só queria mais o Pão, foi evento de um acerto de contas (Balanço Social), que tem todo ano com as empresas que apoiam a instituição e aí me chamaram pra ser o mestre cerimônia [...] E eu fiquei pensando [...] eu tô aqui sabe [...] eles poderiam ter conseguido alguém melhor ou do mesmo nível que ele³³, mas não, eles me chamaram! Isso significa que eu estou passando uma coisa boa pra instituição e tô aqui. Então quer dizer, felicidade indescritível [...] assim, não sabia descrever o que era, o que sentia naquele momento. E tá falando diante de todos aqueles grandes empresários, falando em nome da instituição (sic).

³² A gráfica do Pão dos Pobres foi fechada no segundo semestre de 2012, por implicar em prejuízos financeiros de grande monta e por não dispor de dinheiro necessário para renovar o parque de máquinas, que está obsoleto frente às inovações tecnológicas necessárias para sobreviver no mercado gráfico.

³³ Hércules faz referência ao mestre cerimônia do ano anterior, que foi um jornalista bem conhecido no Rio Grande do Sul, e ao fato de que agora ele quem estava num lugar com tamanha importância.

Percebe-se que essas possibilidades oferecidas aos alunos da Instituição são geradoras de emancipação e de fortalecimento do projeto de vida em construção e, nesse sentido, os educadores têm papel fundamental na sua postura e atitude proativa para com os jovens, como percebemos na narrativa do Hércules:

[...] ele era um professor bem casca dura conosco, porque o objetivo que ele sempre disse pra nós que era ensinar a gente e era mostrar pra nós o verdadeiro sentido de ser né um cidadão, o verdadeiro sentido de ser um homem né, um homem bom, uma pessoa boa. E isso que ele queria ensinar pra nós. E ele não, em momento nenhum ele brincou nesse sentido (sic).

Há também pequenos gestos de formação para a liderança e responsabilidades individuais, como delegar a um deles a organização da sala de aula, manter a ordem entre os alunos, buscar ou devolver materiais pedagógicos para o professor (mapas, *data-show*, chaves, pincéis, livros). A formação para a liderança é oferecida a todos e cada um desenvolve a sua liderança pessoal, porém, alguns alçam voos mais altos que outros, como vemos na experiência do Hércules:

E aí um tempo depois eu acabei me tornando né, um dos líderes da turma. O que foi muito bom pra mim, foi onde me descobri né, me descobri enquanto pessoa assim né, o que devia melhorá, o que devia muda, que tava bom assim, pra descobri minha maturidade também né, pra lidar com as pessoas. Então foi uma das coisas que o professor “Orestes” me ajudou muito né, trabalhou muito comigo na questão de liderança, foi algo que pra mim foi um reforço muito bom né (sic).

Quanto ao projeto de vida, tem-se uma proposta chamada “Livro da Vida”, com o objetivo de reconstituição e reconstrução da trajetória de vida dos alunos, desde o nascimento até a constituição de um “desenho” de um projeto de vida, o que irá fortalecê-lo na busca de sua realização pessoal e profissional. A ilustração a seguir quer mostrar o resultado final através da educação transformadora.

Figura 22 – Perfil do Egresso na Campanha publicitária



Percebemos a mensagem clara nas duas fotografias: na 1ª fotografia, à esquerda, a história precisa ser preenchida por quem ajuda reforçando a fraternidade no Pão dos Pobres; e na 2ª fotografia, vemos o resultado do jovem que ao passar pela formação integral do Pão dos Pobres, resultará no perfil do egresso: um jovem com emprego e o reconhecimento do ser sujeito-cidadão fora da Instituição. Este perfil se faz através da educação.

Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=514598128557116&set=a.227972533886345.78570.211036032246662&type=1&theater> (Acessado em 10 de julho de 2013).

Há uma grande preocupação institucional em preparar os jovens para a vida. Essa preparação consiste em “ser gente capaz de se relacionar bem com outras pessoas”, em ter uma formação humana para toda a vida e em ter um bom preparo profissional para ingressar imediatamente no mundo do trabalho, após a conclusão dos estudos e/ou do curso que os jovens frequentam na Instituição, como nos narra Hércules:

[...] e foi quando também que eu comecei a explorar mais esse meu lado né, de liderança né, entrei no INTERACT, e aí era onde a gente explorava. [...] O Interact, assim óh, é uma palavra que ela é americanizada, como diz, que tem um significado de jovem ativo, alguma coisa mais ou menos assim, jovem ativo, “act” alguma coisa assim, não me recordo muito bem [...] e aí era um espaço onde nós explorávamos nossas lideranças realmente, era, tínhamos delegação com presidente, vice-presidente, o secretário, o tesoureiro e o diretor de protocolo. Bom, eu quando entrei no INTERACT, eu entrei sabe como sócio, quem não era da mesa diretora, era sócio do Interact, trabalhavam como sócio. Eu entrei como sócio [...]. O pessoal com uma postura exemplar, pessoas assim falavam muito bem, pronunciavam muito bem as palavras, um ambiente assim que me identifiquei logo de cara, pô é isso que eu quero (sic).

Percebe-se nitidamente a emancipação gradativa do jovem, que foi sendo ajudado por pessoas significativas no seu rol de interações e vivências, e, ao mesmo tempo, o projeto de vida se manifestando, ao dizer que se identificou imediatamente com as atividades e afirmando prontamente que era isso mesmo que ele queria.

Conforme Catão (2007), percebemos que na relação com o outro e consigo mesmo, o jovem vai elaborando o seu eixo de construção do projeto de vida, expressando o sentimento da necessidade e ajuda do outro e de si. A partir do momento da escolha de vida, o jovem transfere o olhar de si para o mundo e do mundo para si, tendo o trabalho como mediador entre si e o mundo.

Na seguinte narrativa percebemos o quanto a mediação, sobretudo do diretor do Pão dos Pobres, foi importante para uma escolha pessoal, que possibilitou um processo emancipatório feito pelo Hércules:

E aí o presidente da época me convidou, Michael Catania era o presidente e disse: “- Hércules, queria te convidar pra ser diretor de protocolo”. “- Diretor de protocolo? Mas que bicho é esse?” Diretor de protocolo dentro da função do INTERACT, era o cara que apresentava a mesa diretora, era o cara que tava falando sempre né, que tinha que ter uma boa postura, boa dicção e tinha que tá sempre ali preparado pros improvisos, tudo. E eu disse, “- Meu e agora?” Nessa época eu tinha vergonha de falar em público, tinha vergonha [...] Aí tinha INTERACT, o pessoal foi me ajudando, o Ir. Valério foi me apoiando. Na época o Ir. Valério era diretor de protocolo do Rotary e me deu uma boa ajuda, de uma forma que conversamos bastante então, que o Ir. Valério né, nos aproximamos muito, nós se tornamos bem amigos, e a companheira Icilda também, báh, bem amigos mesmo. Nos comunicávamos bastante, estávamos sempre se conversando, trocando experiências desses eventos e o irmão também era do Rotary na época. Então, comecei a me destacar dentro do INTERACT e crescendo muito também dentro do Interact desenvolvendo meu trabalho. E fui convidado para ser secretário, fui convidado pra presidente, vice-presidente e tesoureiro (sic).

Um dos momentos celebrados na fundação Pão dos Pobres, sempre é o da percepção do resultado do trabalho realizado para com os jovens quando se formam num curso profissionalizante e se aventuram no mundo do trabalho e, em dado momento, retornam para visitar a Instituição.

Figura 23 – Visita de ex-alunos



A visita de ex-alunos sempre é motivo de alegria dos professores e direção da Instituição, pois representa matar a saudade, demonstrar quantas marcas positivas foram deixadas na vida do jovem, sobretudo quando os mesmos

têm êxitos na vida pessoal e profissional. *Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php> (Acessado em junho de 2013).*

Desta forma, há uma nítida percepção do perfil que ela busca formar, para depois emancipar: um jovem que seja em primeiro lugar humano e cristão, seguindo os preceitos evangélicos com valores de vida a zelar e a praticar; um jovem autônomo e capaz de gerenciar a sua vida; um jovem profissional que seja capaz de ser cidadão reconhecido por seu talento, zelo e dedicação no seu emprego e/ou trabalho, de modo que possa se realizar pessoal e profissionalmente. Nesse sentido, Hércules nos narra o seguinte:

Se hoje me perguntassem assim: Hércules, tu aproveitou o Pão dos Pobres? Eu diria: Muito, muito. Todas as oportunidades, todas as oficinas que tinha eu participava, todas as oficinas [...] Aí peguei Interact, capoeira, tinha música eu fazia, tinha oficina de teatro eu fazia, tinha oficina de..., tinha o grupo de jovens na escola e eu ia e fazia, tanto que quando comecei no grupo de jovens também eu ajudei a fundar um grupo novo né, eu fui um, ajudei a fundar um grupo novo, quando a escola começou a ser La Salle, porque antes era O Pão dos Pobres de Santo Antônio. Daí fizemos um grupo novo, fizemos vários trabalhos e eu estava sempre incluso nessas coisas todas. Aparecia algum evento alguma coisa, báh chama o Hércules, sempre fui muito participativo nesse sentido. Sempre tentei puxar meu irmão pra esse lado para aproveitar as oportunidades, aproveitar. E uma coisa, que nesse tempo eu aprendi, que tu pode ter todas as atividades do mundo, mas o que tu tem que priorizar são os estudos, e foi o que eu fiz assim, eu fazia tudo, mas principalmente estudar (sic).

Percebe-se, na fala do jovem, a capacidade de indagar, de apreender e analisar a trajetória feita e de significar o futuro, identificando as oportunidades e as representações sobre as possibilidades de mudanças e transformações de dar sentido ao seu projeto de vida (CATÃO, 2007).

Da parte do pesquisador, existe uma curiosidade em saber que ações de acompanhamento externo (pós Pão dos Pobres) são oferecidas aos ex-alunos na sua vida extramuros, onde não há mais uma instituição que os acolhe e protege, como ocorria até então. Agora é o jovem que precisa viver sua emancipação efetiva para de fato não sucumbir, nem cair em novas vulnerabilidades sociais.

Há um discurso institucional que se utiliza nos atos oficiais de que 83% dos alunos do Pão dos Pobres saem com emprego garantido ao se formarem nos cursos técnico-profissionalizantes. Por quanto tempo esses jovens se mantêm no emprego? Como a Instituição os socorre em situações emergenciais? Eles retornam para buscar ajuda? Sentem-se amparados? Como eles vivem sua emancipação e autonomia, frente aos desafios da sociedade de consumo, da necessidade de habitação e emprego, para conseguirem ser reconhecidos como cidadãos?

Como este não é o objetivo desta pesquisa, creio que seja uma boa possibilidade de estudos posteriores para um doutorado. O pesquisador julgou, porém, ser oportuno fazer essa colocação para não deixar passar em branco esta temática desafiadora para a Instituição e para os jovens que vão se emancipando.

4 REORDENAMENTO INSTITUCIONAL DO PÃO DOS POBRES³⁴: HÁ POSSIBILIDADES DE UMA EMANCIPAÇÃO JUVENIL ATRAVÉS DE UM PROJETO DE VIDA?

Historicamente a Fundação Pão dos Pobres sempre se manteve atrelada às origens e finalidades da sua fundação, sendo que, em alguns sentidos, manteve-se incólume aos novos tempos e às novas realidades dos direitos sociais, que foram garantidos por lei nos últimos anos. Dali vem sua lógica de fazer o que sempre fez, ou seja, acolher somente meninos no internato, justamente porque nas suas origens havia instituições que se ocupavam com as meninas, mas infelizmente estas sucumbiram por motivos diversos, e o Pão dos Pobres veio justamente para atender a parcela dos meninos órfãos que estavam excluídos e esquecidos na época.

Sem querer ser negativista, mas realista, a ampla maioria dos alunos do Pão dos Pobres é oriunda da parte mais “cruel” de nossa sociedade. Numa sociedade que apresenta degradações, marcada pela pobreza, pela fome, pelo desemprego, pelo aumento da toxicod dependência, por assassinatos, estupros, pelas mais diversas formas de violência (infantil, juvenil, doméstica), pelo alcoolismo, multiplicam-se as situações em que as famílias não têm competências sociais, econômicas e parentais para proporcionar um crescimento harmonioso aos menores, irrompendo, por vezes, em situações de maus-tratos físicos e psicológicos, abandono, negligência, trabalho infantil, consumos ilícitos, abuso sexual e noutras consequências nefastas que põem em risco a vida da/o criança/jovem junto da sua família biológica ou do que dela resta.

Com as crescentes melhorias do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), o Ministério Público do Rio Grande do Sul passou a fiscalizar e acompanhar instituições que cuidam de crianças e/ou menores de idade. Iremos abordar aqui, em específico, o processo de adequação à nova legislação, em especial, à exigência de reordenamento institucional do Pão dos Pobres, que se iniciou em 2008 e que vem causando impactos pedagógicos diferentes daquilo que fazia parte da tradição da Instituição.

Com o advento dessa novidade, a Fundação Pão dos Pobres questionou diversos apontamentos feitos pela equipe avaliadora do DAT/MP-RS³⁵ – Divisão de Assessoramento

³⁴ Maiores informações sobre esse reordenamento seguem no Apêndice D (p.157) – Histórico sobre o Reordenamento Institucional do Pão dos Pobres, em que consta todo o processo feito, os conflitos com o Ministério Público, os acertos e erros, na visão do pesquisador, quanto à forma de condução do processo.

³⁵ DAT/MP-RS – Divisão de Assessoramento Técnico do Ministério Público/RS.

Técnico do Ministério Público/RS, que em certos momentos se tornaram conflitivos devido à forma “invasiva e autoritária” dos órgãos competentes nesta área, não respeitando a história e a tradição dessa Instituição centenária que vinha obtendo bons resultados com seu trabalho e metodologia utilizadas até então.

Não gostaríamos que o leitor fizesse uma leitura equivocada de que a Fundação Pão dos Pobres estava totalmente dentro da lei, em tudo que é previsto no ECA, mas apontar para a forma truculenta com que se agiu no processo, pois, compreende-se que o DAT/MP-RS é um órgão técnico-científico que avalia os casos pelos quais o Ministério Público se interessa. Ora, se o assistente social emite “avaliação social” para fins de “concessão de benefícios” (LOAS, art. 20, § 6º), por que o magistério com formação superior não se autoriza a emitir laudos pedagógicos? Se o laudo da DAT/MP-RS é tecnicamente perfeito, por que a Prefeitura não é obrigada a financiar tal prescrição?

São perguntas que ainda precisam ser respondidas com o tempo, porém, algo inevitável de se afirmar é que num mundo ideal o Pão dos Pobres seria totalmente desnecessário. Como seria bom não haver necessidade de casas de acolhida, de instituições que abrigam menores em conflito com a lei, abandonados ou em riscos de morte e vulnerabilidade social, de modo que toda criança, adolescente e jovem tivesse um lar digno para desenvolver seu projeto de vida.

Conforme o Gerente Socioeducativo, o reordenamento não trouxe uma perda de identidade institucional, pois o planejamento foi feito a partir da identidade dela mesma (da Instituição). Ele também trouxe uma gama maior de atividades diferenciadas para os alunos da Instituição, possibilitando novas formas de interação, de conhecimento do mundo “extramuros”, da vida social, de encarar a vida e projetar-se, consolidando seu projeto de vida pela elaboração de processos emancipatórios. Percebe-se essa conexão com a realidade ao se observar a filosofia presente no projeto chamado “Aqui mora a Fraternidade”, no qual está descrito, na justificativa, um conceito de cidadania que a Instituição assume como tarefa:

A Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio desde 1985^[36] constrói cidadania através de ações de resgate da identidade, de formação pela educação e de educação pelo trabalho, assim, fazendo deste espaço um grande laboratório pedagógico no qual as relações interpessoais, entremeadas por afeto, construção de conhecimento, diálogo permanente e exercício da espiritualidade, potencializam no sujeito o substrato humano positivo que nele se torna a mola mestra da conquista de sua autonomia e de seu protagonismo, tendo como resultante, um ser humano mais feliz

³⁶ Provável equívoco de digitação, pois a data de fundação da Instituição é 1895 e não 1985, como consta na citação, já que o autor se remete a ações de resgate de identidade, cidadania, etc.

e realizado, tanto no seu hoje quanto em seu futuro próximo em projetos, conquistas e realizações (PROJETO DE REORDENAMENTO, Etapa II, 2008, p.2).

Para possibilitar uma gama enorme de possibilidades dentro do planejamento pedagógico, percebe-se que as atividades pedagógicas complementares oferecidas, impactam cada jovem de uma maneira distinta, até porque os interesses e processos emancipatórios são subjetivos. Ao falar das atividades do SASE, a jovem Ísis narra o seguinte:

O SASE tem atividades. Segunda-feira tem o projeto “Tô ligado” aí tem percussão, tem violão, tem dança, tem circo, tem teatro. Eu faço percussão e violão. Que eles ensinam. E terça tem tênis, e eu entrei esse ano, e tô gostando muito do tênis. [...] E faço teatro, o teatro é no Teatro São Pedro. [...] Ah é divertido. A gente vai fazer uma apresentação agora. Quinta-feira se não me engano no teatro São Pedro (sic).

Já o jovem Cronos, relata de forma orgulhosa que ajudou a fazer a matrícula de amigos no curso profissionalizante de serralheria, que era novidade pra todos: “E eu fiz as inscrição pro curso, pra estudar “serralheria” e tinha uns amigos meu que nunca tinham feito serralheria” (sic).

Enquanto que o jovem Hércules apresenta, em sua narrativa, a sua grande motivação e vontade de aprender e saber mais, sobretudo de fazer um curso profissionalizante, que lhe renderia um futuro emprego e a possibilidade de auxiliar sua família:

Todas as atividades do Pão dos Pobres eu me envolvia, me envolvia em todas. [...] Mas principalmente fazer um curso profissionalizante. [...] E o curso profissionalizante nos proporcionaria né, além de uma formação, um emprego, para ajudarmos a nossa família (sic).

Como percebemos, os projetos de vida dos jovens são construídos e significados em função de suas experiências pessoais e grupais, das vivências e interações interpessoais estabelecidas por eles. Nesse sentido, concordo com Catão (2001, p.32), quando ela afirma que a perspectiva de futuro, enquanto projeto de vida, já se inicia na infância, “onde o sujeito apreende sua condição social, sua condição de classe, através da família e da comunidade”.

Entendemos que os projetos de vida dos jovens são construídos e significados em função das experiências que eles vão tecendo no dia a dia, com as mediações dos educadores, dos colegas e monitores das casas de acolhimento institucional, que interferem direta ou indiretamente nas decisões acerca do Projeto de Vida. Podemos perceber esse impacto no relato do jovem Hércules:

Os professores diziam pra mim: Báh, eu te vejo como um educador da Instituição, um dia. E aquilo me deixava muito feliz, significava pra mim que eu estava passando pra eles uma postura legal, positiva, algo positivo. Me sentia cada vez mais feliz dentro da Instituição – as portas estavam se abrindo pra mim (sic).

Com isso, as reflexões sobre a juventude precisam ser compreendidas em torno de alguns eixos: como categoria socialmente construída e, portanto, na relação com o tempo histórico e social. Outro fator preponderante é a experiência que a juventude constrói, a partir do tempo presente, das suas representações, do tempo e espaço das suas vivências, e a organização do tempo social que vai se concretizando.

Lembrando de Bourdieu (1983), fica evidente a importância que é dada às questões do presente em vista da construção de um Projeto de Vida futuro. Segundo o autor, “[...] os jovens se definem como tendo futuro, como definindo o futuro” (1983, p.119). Normalmente, atribui-se aos jovens a grande tarefa de ser responsável por ações conscientes do presente, em virtude de um desenvolvimento satisfatório na qualidade de vida do futuro.

Também podemos apontar os Projetos de Vida com vistas à emancipação dos jovens em situação de vulnerabilidade, que, apesar de se constituírem individualmente, universalizam-se, na medida em que apresentam pontos comuns como a educação, o trabalho, a família e seus sonhos.

4.1 A Desinstitucionalização do Pão dos Pobres ou a eminência de uma nova institucionalização?

A partir do Reordenamento Institucional, por parte das pessoas mais antigas do Pão dos Pobres, percebe-se algumas incertezas e questionamentos acerca do futuro da Instituição. Com as mudanças em voga, há perguntas a serem respondidas: Como será o futuro da Instituição? Ainda seremos reconhecidos como “O Pão dos Pobres”, com toda sua trajetória construída? Temos condições de gerenciar, acompanhar e formar mais de 1.200 crianças, adolescentes e jovens com suas peculiaridades nos tempos atuais? Como fazer uma boa formação humana e cristã se, a partir do reordenamento, a transitoriedade dos alunos em situações de vulnerabilidade social (sobretudo as vítimas de abandono, de violências físicas, incesto e abusos sexuais) será algo frequente?

Entendemos que a institucionalização se dá quando se trata do acolhimento de crianças, adolescentes ou jovens que vivem em função da Instituição, sem que se tenha em conta as necessidades afetivas e de relacionamento exterior, necessárias ao desenvolvimento e bem-estar das crianças, adolescentes e jovens acolhidos.

Peruzzolo (2004), ao analisar a situação de crianças e adolescentes institucionalizadas em abrigos de proteção especial e em situação de vulnerabilidade, constata que a

institucionalização está muito presente na vida dessas pessoas. A autora explica que a perda do contato familiar, com sua estrutura de organização, sofrida por essas crianças e jovens, bem como de participação na vida de uma família, não é substituída pela organização institucional. Em outras palavras, esta não lhes traz as mesmas experiências partilhadas em uma família, pois crianças e jovens apenas convivem juntos, compartilham os espaços e atividades de forma conjunta, com monitores nos três turnos, gerando uma rotatividade de pessoas, o que reforça a ação institucionalizante.

Além disso, prossegue a autora afirmando que eles não participam de certas discussões, como o custo das despesas domésticas, uma vez que sempre têm alimentação de boa qualidade, vestuário, brinquedos³⁷, sempre recebidos da Instituição, que os faz não atribuir valor algum às coisas do dia a dia e, assim, não se sentir implicados no processo. As coisas que eles estragam ou perdem não são deles, mas da Instituição, que tem obrigação de repor os mesmos.

Em certo sentido, concordo com essa percepção da referida autora, mas para minha surpresa, na entrevista com o jovem Hércules, o mesmo relatou o seguinte:

Nesta praça tudo marcou assim, acho, os brinquedos que eu brinquei, que eu ajudei a estragar, depois eu ajudei a reformar então, é um prazer, é uma coisa imensa assim. E eu reformei a partir de uma formação que eu recebi dentro do Pão dos Pobres, então ver a qualidade, a, a força do trabalho que se tem aqui dentro né, a competência dos professores com seus alunos (sic).

Percebemos a institucionalização presente em todas as falas do jovem, apesar de ele ainda estar num processo de desligamento, como já foi referido anteriormente. O surpreendente na narrativa do Hércules é trazer o contrário daquilo que geralmente se pensa das crianças e jovens em situação de vulnerabilidade: que elas não têm zelo e cuidado com as coisas. Creio que uma lição para a sociedade seja possibilitar aos jovens atividades reparadoras de danos físicos ou materiais. Certamente os jovens aprendem a valorizar as coisas das quais usufruem quando se tornam responsáveis por elas. Do mesmo modo, entendemos que há uma estreita ligação entre o projeto de vida e a identidade pessoal, sendo estas noções inseparáveis das noções de pertença social e cultural (CATÃO, 2001), ou seja, a formação iniciada na infância tem incidência direta na prática dos valores apreendidos.

³⁷ A figura 24 mostra o ambiente interno de uma das “Casas de acolhimento Institucional” que, mesmo “imitando” alguns espaços de uma casa, não é de fato como um lar desejado, porém, é para muitos jovens este o único refúgio e único lar onde se sentem seguros e com cidadania.

Figura 24 – Ambiente Interno de uma Casa de Acolhimento Institucional



Nas duas fotos vemos a ambientação interna dos corredores e das Casas de Acolhimento Institucional. Na 1ª foto, à esquerda, vemos jovens assistindo TV, num período de ócio, e recebendo a visita de um ex-aluno do antigo internato, que me guiou pela casa com autorização da coordenação do CATI. Na 2ª foto, à direita, vemos a ambientação e diversos materiais para as crianças e adolescentes e jovens. As Casas de Acolhimento Institucional são quatro: a 1ª Casa foi inaugurada em 25/05/2011; a 2ª Casa foi inaugurada em 01/06/2011; a 3ª Casa em Setembro de 2011 e a 4ª Casa em Dezembro de 2012. *Fonte: (Foto arquivo pessoal Gilmar Staub).*

Concordamos em parte com a autora, quando ela critica a falta de preocupação com os brinquedos e materiais que são estragados pelos jovens institucionalizados. Acredito que falte uma política conscientizadora e, ao mesmo tempo, uma prática pedagógica positiva para estes jovens. Concordo que uma mera substituição de materiais sem uma reflexão crítica para com as atitudes de destruir brinquedos, efetivamente não compromete a pessoa. Por outro lado, trago aqui a narrativa do jovem Hércules, onde, em momentos distintos, expressa o sentido de “Casa”, “me conheci por gente”, mostrando justamente o sentido contrário do que a referida autora afirma:

O Pão dos Pobres é minha casa, eu falei sério assim, melhor dizendo, falei sério, eu fazia tudo pelo Pão dos Pobres, tudo pelo Pão dos Pobres.[...] Então, to estudando muito pra quem sabe né, vir a trabalhar no lugar onde eu me formei, no lugar onde, o lugar que me criou, a segunda casa, lugar onde eu me conheci, me conheci por gente [...] Tratávamos nós, como fossemos, como se fosse uma casa mesmo. Na verdade acaba se tornando né. A partir de um tempo que tu convive dentro do Pão dos Pobres, que tu vive esse Pão dos Pobres, tu torna isso tua casa (sic).

A partir da análise documental, da leitura de atas e dos projetos existentes, chamou-se de veras a atenção o fato de o Pão dos Pobres, desde a sua origem, ter procurado praticar o contrário da “institucionalização” em si, esmerando-se pela desinstitucionalização, não negligenciando o acesso à família, o desenvolvimento humano, afetivo, de vivência e contato com o mundo exterior, mas, pelo contrário, buscando fortalecer os vínculos parentais, ao liberar nos fins de semana todos aqueles que tinham algum laço parental consistente (tio, tia,

avós, padrinho ou madrinha, etc.), conforme citado anteriormente. Esse contato era salutar, pois se percebia, por um lado, a alegria de quem podia contar com esse vínculo e, por outro lado, o grau de sofrimento da minoria que não tinha esses vínculos e que necessitava permanecer na Instituição nos fins de semana.

Quando se trata de refletir sobre a questão da Infância e Juventude, somente o conhecimento acadêmico não é suficiente; é preciso mais. Faz-se necessária a existência da experiência do que é viver em um mundo apartado das reais possibilidades que uma sociedade justa pode oferecer; é preciso compreender a “sofrência” (analogia de viver a experiência do sofrimento) de quem sofre cotidianamente as mazelas da exclusão; saber o que significa viver sem o mínimo recurso, ser criado em comunidades carentes, sem segurança, ter de deixar filhos entregues à própria sorte.

Creio que nesse processo o equívoco está na conduta dos formalistas, que, ao interpretarem de forma rígida e fria o artigo 98 do ECA, baseiam-se no entendimento de que a permanência nas instituições com saída apenas nos fins de semana leva ao rompimento dos vínculos familiares. Os mesmos esquecem que, para atender os princípios que regem os direitos fundamentais, previstos na Constituição Brasileira e reforçados pela Lei 8.069/90, não é suficiente apenas ler de forma fria a lei. É preciso aplicá-la naquilo que ela não proíbe, usando o bom senso com visão e sensibilidade suficientes para o atendimento do que rege a Doutrina da Proteção Integral e o Princípio da Prioridade Absoluta dos Direitos da Criança e do Adolescente, de forma plena.

Na apresentação da descrição de seu projeto de Reordenamento Institucional, aparecem claramente seus eixos institucionais quando se afirma que, historicamente, o Pão dos Pobres é reconhecido como: “[...] pioneiro no atendimento a meninos, crianças e adolescentes que se tornaram órfãos pela falência dos pais ou abandono de suas famílias nos períodos de conflitos militares, ou abandonados por seus familiares diante de adversidades variadas” (REORDENAMENTO INSTITUCIONAL, 2008, p.2).

Ao longo de sua trajetória, a Instituição manteve acesa a chama de atuar junto à população menos favorecida, dando a esta a oportunidade de ter: o cuidado, através de seu internato; uma educação de qualidade, mediante sua escola; uma iniciação e inserção no mundo do trabalho, através dos seus cursos de aprendizagem; e uma iniciação profissional, por meio de seus cursos profissionalizantes. Queremos reafirmar que o ideal seria não necessitar de instituições com acolhimento institucional, porém, enquanto as mazelas da

sociedade não se resolvem, o mal menor é manter estas instituições funcionando para atender essa parcela de pessoas desfavorecidas.

De posse dessas informações, o Ministério Público ordenou a readequação e implementação dos processos que eles julgavam não satisfatórios ou condizentes com o ECA. Assim, a Instituição passou por transformações físicas, estruturais, pedagógicas, e institucionais. Ela foi transformada em quatro casas, acolhendo cada uma 20 integrantes, no máximo, e possuindo equipe pedagógica permanente em três turnos.

Além do contingente que o Pão dos Pobres já atendia, dentro do projeto SASE, que conta com 95 participantes de 06 a 14 anos de idade, surgiu um convênio com a prefeitura municipal de Porto Alegre e a Instituição recebeu os jovens da FASC no contraturno das aulas. Estes jovens têm família e participam das oficinas de aprendizagem, visando a ressocialização. O grupo Cidade Escola conta com 125 integrantes de 06 a 14 anos, conveniados com a SMED, que tem atividades no contraturno da escola no Pão dos Pobres. Ainda há um grupo de 18 meninos semi-internos, entre 11 e 15 anos que estão encerrando o ciclo de permanência na Instituição até o final de 2012, por imposição da promotoria, afirmando que os mesmos não se enquadram em vulnerabilidade por terem família.

Figura 25 – Encerramento do CATI (Antigo Internato do Pão dos Pobres)



Nesta imagem, vemos o último grupo de internos fazendo o rito de desligamento Institucional. No Facebook do Pão dos Pobres constavam os seguintes dizeres: “Muita emoção aqui no Pão dos Pobres que hoje realiza a cerimônia de encerramento do CATI, despedindo-se de 18 educandos que aqui viveram por longos anos. Também contamos com a presença especial do Prefeito José Fortunati e do Vereador Kevin Krieger. Parabéns a todos os meninos! Que o Pão dos Pobres permaneça em suas vidas, assim como vocês permanecerão nas nossas.

Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=568884153128513&set=a.227972533886345.78570.211036032246662&type=1&theater> (Acessado em 13 de junho de 2013).

A grande meta do Pão dos Pobres sempre foi baseada na emancipação, na garantia dos direitos cidadãos. Hoje, porém, há evidência de uma nova institucionalização das crianças, adolescentes e jovens que para lá são encaminhados por situações extremas de vulnerabilidade. Se, por um lado, o poder público aboliu uma das ações mais desinstitucionalizadas, que era o sistema de acolhimento semanal, hoje a preponderância pode vir a ser outra. Surge a configuração de institucionalização somente daqueles que estão “impedidos de deixar o espaço físico da Instituição”, por situações de abusos sexuais, violações em geral e outras vulnerabilidades.

Ao mesmo tempo, há situações de crianças e jovens que apenas são “depositados” na Instituição, enquanto ocorrem (geralmente em segredo de justiça) as investigações necessárias para apurar os fatos de cada situação e/ou o procedimento processual ainda está transcorrendo no foro criminal ou civil. Quando sai o veredito, podendo retornar para a família ou ser encaminhado para uma nova família, será que são oferecidas ferramentas adequadas para o desligamento institucional e uma emancipação efetiva do sujeito?

Assim, podemos inferir que a promoção da autonomia e sua posterior emancipação de jovens institucionalizados necessitam ser propiciados de forma gradual, baseados na individualidade e autonomia de cada jovem. É necessário dar a eles a oportunidade de escolher e de tomar decisões, bem como de desenvolver competências pessoais e sociais, além de ser importante envolver os jovens em atividades fora da Instituição, para favorecer seu projeto de vida, baseado em valores e princípios como dignidade, respeito, autonomia, escolha, participação, equidade, entre outros.

Figura 26 – Projeto: Doe seu Brinquedo



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=630860736930854&set=a.227972533886345.78570.211036032246662&type=1&theater> (Acessado em 19 de junho de 2013).

Na 1ª imagem, à esquerda temos o testemunho da Bruna após doar o seu brinquedo predileto. Esta atividade foi proposta por um grupo de mídia com o intuito de desenvolver uma campanha de doação de brinquedos em que cada criança deveria doar o brinquedo que mais gostava para outra criança. Na 2ª imagem, o Gerente Socioeducativo fala dos objetivos da campanha dos brinquedos, demonstrando que “valores institucionais” estavam presentes nas ações desenvolvidas no Pão dos Pobres. Percebe-se que no ambiente do Pão dos Pobres se procura, de forma criativa, despertar e valorizar os sentimentos mais nobres: pensar no outro com amor e respeito, acompanhados de solidariedade.

5 EDUCAÇÃO E CIDADANIA OU EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA?

Quando falamos em educação não há como não nos perguntarmos sobre que educação estamos falando. Educar para quê? Para quem? Para preparar as crianças e os jovens para que mundo? Para o mundo do trabalho a serviço de um sistema hegemônico existente? Ser cidadão em que sentido e para quê? Estas são perguntas que necessitam de respostas que são complexas, exigindo uma reflexão mais aprofundada.

Se nos capítulos anteriores pudemos conhecer mais acerca da educação na França nos séculos XVI em diante, sobretudo dos modelos e formas de educação para crianças e jovens, queremos agora aprofundar as questões educacionais da atualidade, sem perder o foco de toda história educacional anterior.

Na introdução da 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Educação (RAUPP, 2010, p.5), afirma-se que a educação para a vida e para o trabalho nunca foi tão importante para as pessoas e, conseqüentemente, para a humanidade, e que em nenhum outro momento, como no momento presente, essas temáticas tiveram confluências tão relevantes e decisivas. Afirma-se também que há duas características vigentes na atualidade: a inovação tecnológica e a sustentabilidade que, ao se sobreporem às demais, exigem pessoas altamente preparadas em níveis qualitativos sem precedentes.

Percebe-se que essas são duas temáticas essenciais a serem amplamente debatidas e melhoradas, porém, com elas também se precisa promover a justiça social, a inclusão, a cidadania, a educação de qualidade e o protagonismo das pessoas, de modo que esse processo as conduza para uma vida digna.

Para tanto, gostaríamos de explorar um pouco os conceitos de educação e cidadania. Como bem sabemos, existe uma infinidade de discussões e produções teóricas sobre esses conceitos, que vêm carregadas de sentidos paradoxais, que são por vezes demasiado encantadores e vagos na prática. Quanto ao educar, penso que o bojo educacional que pode servir de inspiração e modelo é a filosofia lassalista, adequada e alinhada à Lei de Diretrizes e Bases (LDB), ao trabalhar os conteúdos programáticos exigidos por lei e outros que a Instituição acredita serem necessários e importantes na formação humana e cristã.

Na sociedade moderna, nascida das transformações que culminaram na Revolução Francesa, o indivíduo é visto como homem (pessoa privada) e como cidadão (pessoa pública). O termo cidadão designava originalmente o habitante da cidade, mas com a consolidação da sociedade burguesa, esse termo se amplia, passando a indicar a ação política e a participação do sujeito na vida da sociedade.

Cidadania (do latim, *civitas*, “cidade”) é o conjunto de direitos e deveres ao qual um indivíduo está sujeito em relação à sociedade em que vive, ou seja, à coletividade da qual participa. Consultando o dicionário encontramos o seguinte:

Cidadania *s.f.* (1913) 1 qualidade ou condição de cidadão 1.1 condição ou dignidade de quem recebe o título honorífico de cidadão 2 *jur* condição de pessoa que, como membro de um Estado, se acha no gozo de direitos que lhe permitem participar da vida política (HOUAISS; VILLAR, 2009).

O dicionário HOUAISS, A. (2009), nos traz a seguinte explicação acerca do termo “cidadão”:

Cidadão *s.m.* (1269) 1 habitante da cidade 2 indivíduo que, como membro de um Estado, usufrui de direitos civis e políticos por este garantidos e desempenha os deveres que, nesta condição lhe são atribuídos 3 *infrm.* qualquer indivíduo; sujeito. c. do mundo ou do universo pessoa que coloca suas obrigações para com a humanidade acima dos interesses de seu país (2009, p.463).

O exercício da cidadania depende do tipo de poder político instituído. Nas sociedades modernas, a participação política dos cidadãos é imitada pela divisão de classes, que não possibilita a todos os indivíduos um acesso igualitário aos bens materiais e culturais produzidos na sociedade. A desigualdade social não permite a efetivação das liberdades constitutivas da sociedade civil, entre elas a liberdade política de participação nos assuntos políticos, que não se realiza para todos os membros da sociedade.

O sujeito precisa se sentir incluído nas questões básicas da sociedade e, sobretudo, ver o resultado das ações. Ao ser questionado sobre por que houve uma melhoria de comportamento e atitude dos jovens em regime de internato, o jovem Cronos relata que isso ocorreu a partir de uma mudança de postura de grupo e de uma mudança de direção do Pão dos Pobres³⁸, sendo tais melhorias percebidas numa série de coisas, desde o comportamento dos jovens até a modificação da utilização de vasilhas de metal para o surgimento de um *buffet* executivo, mudanças estas que surgiram quando a Rede La Salle assumiu a escola:

Daí a gente melhorou e não teve mais isso daí. Daí trocou o diretor e trocou quase tudo, trocou. Daí o La Salle aqui assumiu, porque antes a gente era só a instituição e o colégio, daí o La Salle assumiu e daí mudou bastante coisa. Ah, a gente começou a se dedicar nos estudos, começamos a se comportar melhor. Daí em 2008, daí em relação a estrutura também a gente, a gente almoçava em vasilhas de metal, eu me lembro. Daí teve um evento e começou a “mostra” *buffet*, mostraram e botaram um *buffet* (sic).

³⁸ O jovem se refere ao fato de que antes de 2008 era somente a Fundação Pão dos Pobres que cuidava do Internato e da Escola, o que é verdadeiro, pois em 2008 a Rede La Salle passou a assumir pedagógica e administrativamente a Escola La Salle Pão dos Pobres.

Figura 27 – Refeitório e Buffet do La Salle Pão dos Pobres



Aqui vemos o refeitório e o buffet onde os alunos fazem suas refeições diárias juntamente com os professores e coordenações da casa. *Fonte: (Foto arquivo pessoal Gilmar Staub).*

É importante perceber que na fala do Cronos aparece uma satisfação com relação à inclusão, que se pode compreender como uma afirmação de cidadania. A passagem de um modelo antigo para um novo modelo com ação inclusiva, de ter um refeitório e um *buffet* que agrade aos olhos, reforça a dignidade desses jovens, valorizando-os como pessoas.

Nesse sentido, a nossa República Brasileira ainda não conseguiu realizar uma política democrática efetiva. Os princípios básicos das democracias modernas, como o direito de todos os indivíduos à liberdade de pensamento, associação, credo, locomoção, manifestação de opinião por intermédio da imprensa e da propaganda, são garantidos por lei. Porém, o acesso a estes mecanismos é restrito.

Vejamos como, por exemplo, no momento atual de preparação para a Copa das Confederações de 2013, os preparativos para a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016 geraram diversas situações de violação dos direitos humanos de inúmeros cidadãos nas cidades-sede desses eventos, bem como o superfaturamento e desvio de verbas públicas. Se a Constituição diz que o domicílio de qualquer cidadão é inviolável e o direito à proteção é garantido por lei, não é isso o que presenciamos em diversos canais de televisão, sobretudo nas mídias sociais, onde os barracos nas favelas são invadidos e sistematicamente destruídos pelas prefeituras, sem qualquer tipo de consideração.

Tais situações revelam como esses cidadãos, relegados a uma situação de vulnerabilidade social, são alvos de ações arbitrárias e sofrem a discriminação social. O mesmo acontece com o analfabetismo, as diferenças raciais e culturais, a miséria, o desemprego e as diversas formas de violência, que afetam sistematicamente a vida de grande parte da população brasileira e impedem o exercício efetivo da cidadania.

Enfrentar o grande desafio de assegurar e ampliar o exercício da cidadania em nosso país implica em questionar o caráter excludente de nosso modelo econômico e, ao mesmo tempo, efetivar e aprimorar a democracia. Faz-se necessária uma política democrática que viabilize as mudanças econômicas para sanar os graves problemas sociais da nação brasileira.

Por isso, em nossa sociedade, o exercício da cidadania não é apenas uma questão de aprendizagem, mas também de luta por condições dignas de vida, trabalho e educação. Trata-se de criar espaços de manifestação na sociedade civil, onde os interesses comuns possam ser defendidos e os indivíduos possam tomar consciência do papel que desempenham na sociedade.

Esse espaço de manifestação e reivindicação tomou forma através das redes sociais, sobretudo o Facebook, onde estamos vivenciando, neste exato momento, um movimento acompanhado por diversas manifestações em todo país. Ele é denominado por alguns de “A Revolta dos 20 centavos”, com inúmeros *slogans* e frases de impacto, como “Vem pra Rua”, que se revelou um dos maiores fenômenos sociais de reivindicações dos direitos dos cidadãos, bem como de melhoria e diminuição das tarifas do transporte público, da qualificação dos atendimentos na área da saúde, de uma educação com mais qualidade e de revolta contra a corrupção política que assola o país há décadas, refletida na impunidade para aqueles políticos corruptos. Vê-se, por fim, um movimento de paralisação, seguido por diversos protestos contra os altos impostos pagos pelos brasileiros, a celeridade da justiça, o não respeito aos direitos dos cidadãos e a desigualdade social, entre outros.

5.1 O que é educação para a cidadania e ser-sujeito cidadão?

A palavra cidadania, por seu “excesso de uso”, termina se desgastando e perdendo seu sentido real ao longo do tempo. Mesmo assim, é necessário que tentemos definir o conceito, os conteúdos e as metodologias de uma educação para a cidadania.

Primeiramente, cabe salientar que a educação para a cidadania se insere num amplo movimento de luta pela garantia dos direitos humanos em todo planeta. Ela é um movimento polissêmico, polêmico, divergente, pluralista, mas um movimento histórico concreto, de tal forma que possui uma linguagem, uma articulação, uma abrangência e uma organização tamanha, que supera todas as fronteiras da humanidade.

Pelo fato de existir uma sociedade civil universal, que vem sendo construída ao longo do tempo, onde Estados, Governos e Organismos Internacionais tendem a falar a mesma

linguagem e a convergirem em ações conjuntas, isso possibilita ao educador, quando defende os direitos humanos, sentir-se amparado e partícipe de uma comunidade internacional engajada nas lutas sociais de transformação.

Em segundo lugar, é interessante ressaltar que a educação em direitos humanos já, há algum tempo, integra nosso sistema educativo, através da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e das orientações para a construção dos Projetos Político-Pedagógicos (PPP). Nota-se que estes documentos consideram como parte integrante do ensino público e privado tanto a formação profissional quanto a formação para a cidadania.

A interdisciplinaridade é outra característica da educação em direitos humanos. Este tema, por sua própria natureza, obriga à superação das tradicionais divisões em disciplinas e departamentos e estimula a adoção de uma postura interdisciplinar, permitindo um encontro e uma colaboração mais sistemática e orgânica entre várias disciplinas: direito, história, filosofia, ciências sociais, psicologia social, serviço social, educação, entre outras.

Frente a essas definições, o pesquisador procurou observar no campo de pesquisa os princípios pedagógicos presentes na educação para a cidadania no Pão dos Pobres, com as seguintes questões de fundo: Em que consiste essa cidadania na prática? O que é feito para o aluno ser-sujeito cidadão na prática? Como esses alunos podem ser-sujeitos cidadãos se não vivem no “mundo externo” (extramuros), mas entre os muros da Instituição? Como se pensa a constituição do ser-sujeito cidadão fora da sociedade (intramuros)? Como os alunos recebem a mensagem da Instituição? Como a Instituição Pão dos Pobres pensa contribuir na constituição do projeto de vida de seus alunos e alunas?

Estes questionamentos se estendem para o ambiente escolar, pois, quando nos deparamos com a criança, o adolescente e o jovem em sala de aula, como educadores, corremos o risco de compreender o mesmo apenas na sua dimensão de aluno. Desse modo, o “ser aluno” é tido como um dado natural, e não como uma construção social e histórica, independentemente do sexo, idade, origem social ou das experiências sociais vividas na sua condição de aluno, quase sempre atentando somente para a sua dimensão cognitiva, o que informa o tipo de compreensão que o professor possui desses atores.

Peruzzolo (2007) se refere às dificuldades de independência social dos jovens que deixam as casas de acolhida, tendo como situação crucial o emprego e a moradia. No entanto, ela também chama a atenção para o modo como os processos educativos de crianças

institucionalizadas têm interferência na construção de sua autonomia. Para tanto, ela cita Brandão (2002) e também concordamos quando diz que:

Um primeiro passo para fundamentarmos o ofício de aprender da pessoa cidadã não está em torná-la mais eficaz, mais funcionalmente eficiente, mais objetiva, mais produtiva em termos utilitários, ou mais racionalizada segundo uma visão estreita do próprio trabalho científico ou mesmo de trabalho político. Isto virá em seguida e, insisto, é complementar, assessorio. O primeiro passo deveria estar no sabermos recuperar a vocação de saber e de sempre poder aprender mais e melhor com a razão fundadora do próprio aprendizado e a busca humana do conhecimento e da sabedoria (BRANDÃO, 2002, p.75).

Em vista de uma emancipação, de uma participação cidadã dos seus alunos na vida pública, percebemos no relato a seguir, a forma como o Pão dos Pobres procurava oferecer atividades extramuros, a saber, situações de reflexão, de participação cidadã, de sensibilização para com o outro, com eventos sociais em outras entidades e participação em organismos que formavam seus alunos, como nos narra o jovem Hércules:

Tínhamos eventos que organizávamos como jantãs com o Rotary, jantares que organizávamos para angariar fundos pra Instituição ou e nós trabalhávamos com uma creche próximo daqui, que agora não me recordo o nome. Nós trabalhávamos com esta creche e, dentro disso, nós angariávamos fundos. Nós também tínhamos as representações fora da Instituição. O que eram essas representações? Nós tínhamos eventos em Minas Gerais, Belo Horizonte, Venâncio Aires no RS, Lajeado, Rio Pardo, Guaíba, eram lugares onde tinham Rotarys (sic).

Penso que a grande questão de fundo ainda seja: É suficiente o que o Pão dos Pobres oferece para que os jovens se sintam efetivamente sujeitos protagonistas da sua história e para possibilitar a cidadania em todos os sentidos? É sabido que enquanto estão na Instituição isto está garantido, mas ao saírem, como conseguirão acesso aos seus direitos? Isso é algo para o qual ainda não temos resposta mensurável, frente à tamanha mudança que a Instituição vem realizando desde o reordenamento institucional.

O momento, a fase da vida e suas peculiaridades, a origem social, o gênero e a etnia, que constituem o jovem, nem sempre são levados em conta na escola, o que faz com que se construa a vida do aluno fora da escola, como um tempo futuro e vazio de sentido, um não tempo. Dessa forma, pouco se aprende sobre os atores e sujeitos reais que frequentam a escola, as suas múltiplas dimensões da experiência social, suas demandas e expectativas. No entanto, a Fundação Pão dos Pobres tem uma peculiaridade que lhe favorece: ela trabalha o físico, o psíquico e o espiritual, de forma conjunta e integrada com a escola formal e no contraturno nas oficinas e atividades de cada projeto.

Para Schwartzman (2007), a evasão escolar não ocorre apenas por questões econômicas, mas tem a ver com um sistema educacional brasileiro que é excludente, com longa tradição em reprovar as crianças que não conseguem acompanhar os estudos. Outro fator é o fato das escolas desconsiderarem os aspectos socioculturais da comunidade em que estão inseridas, desenvolvendo, muitas vezes, ações autoritárias alheias à realidade dos alunos e, por isso, desprovidas de sentido, realizando um movimento sutil de exclusão dos seus alunos.

Como o Pão dos Pobres trabalha exclusivamente com sujeitos em situação de exclusão social, devido a sua situação de vulnerabilidade, o cuidado para evitar a evasão escolar, bem como de trabalhar a realidade dos alunos, é uma constante. Através de projetos interdisciplinares e complementares a Instituição ajuda na formação humana e integral dos alunos com retiros, grupos de jovens, acompanhamento pedagógico e psicológico, entre outros, como percebemos na narrativa do jovem Cronos: “Tinha o grupo de jovens também. A gente fazia, a gente fazia reflexões do que acontecia no dia a dia das questões assim. Sobre preconceito, uma coisa assim, tipo um tema sobre o que acontecia. Aí a gente ia lá, discutia, debatia sobre isso daí” (sic).

Levar em conta o jovem existente no aluno implica reconhecer que a vivência da juventude, desde a adolescência, tende a ser caracterizada por experimentações em todas as dimensões da vida subjetiva e social, e a escola é um dos espaços de vivenciar as subjetividades, os sonhos, as frustrações, os projetos de vida com vistas à emancipação.

Os jovens, a princípio, tornam-se capazes de refletir, de se perceber como indivíduo que participa da sociedade, influenciando e sendo influenciado, fazendo deste período o momento do exercício de sua inserção social, tornando-se autor de sua trajetória. Este período é crucial e fundamental para que o jovem se desenvolva plenamente como adulto e cidadão, sendo necessário tempo, espaço e relações de qualidade que lhe possibilitem experimentar e desenvolver suas potencialidades.

Nesse sentido, um dos jovens egressos do Pão dos Pobres, que passou pelo regime de internato, hoje continua com vínculo tanto com a escola quanto com a Fundação. De manhã, ele vai para a escola e à tarde está fazendo curso profissionalizante de serralheiro. Como podemos perceber em seu relato, Cronos está num processo de emancipação bem consolidado, de autonomia, de persistência e, ao mesmo tempo, de determinação em aproveitar os espaços emancipatórios que lhe são oferecidos:

Moro na Mathias Velho – Canoas. [...] Me acordo as 05h10. E aí eu me acordo, me arrumo, pego a roupa que vou pro banho, daí escovo os dentes, tomo algum café, um suco, um refri daí venho pra cá. Daí pego um ônibus até o trem, pego o trem e do centro pego mais um ônibus pra vir pra cá. [...] Volto todo dia. Quando termina a aula, eu almoço aí e depois a uma e meia (13h30) eu tenho curso, curso da uma e meia até as três e meia (15h30), quer dizer as cinco e meia (17h30), as três e meia é o intervalo daí, uns 10 minutos eu acho (sic).

Porém, podemos questionar se o jovem efetivamente se sente cidadão, quando precisa levantar-se cedo, enfrentar uma maratona de 2 horas entre ônibus e Trensurb para chegar no horário de início das aulas. Por outro lado, percebe-se que o mesmo já está adaptado e conformado com essa nova realidade. O que me transpareceu nesse processo de saída do internato, e de retorno ao convívio com sua mãe e seu irmão, é que o fato de ainda permanecer vinculado ao Pão dos Pobres e ao colégio lhe ajudou com o “luto” surgido do desligamento do regime de internato.

6 JUVENTUDE(S) E PROJETO DE VIDA: UM CAMINHO PARA A EMANCIPAÇÃO

Ao falar de juventude, no singular, corremos o risco de nos perder em afirmações vagas. A etimologia das diferentes palavras, que habitam o mundo jovem, nos acena para a sua complexidade. A idade juvenil fascina pelo tremendo paradoxo da vulnerabilidade e da potencialidade. Ela é uma etapa de fragilidade, onde se deixa para trás a serenidade e a segurança da infância para ingressar aos poucos na vida adulta, onde ainda não se atingiu a solidez necessária, embora seja repleta de potencialidades. Parafraseando alguns ditos populares, diríamos que, pelo fato de ainda não ter chegado à maturidade, dispõe de um céu infinito para voar.

Procuramos focar as juventudes numa perspectiva mais sociocultural. Outra observação conceitual é que concebemos que não há apenas um rosto ou um perfil de juventude. Da mesma forma que há multiplicidade de contextos sociais, há também múltiplas feições da juventude. Portanto, concordamos com Dayrell (2003) que devemos enfatizar a noção de juventudes existentes, no plural, para ressaltar a diversidade de modos de ser jovem.

6.1 As diversas conceituações de Juventude(s)

Falar de juventudes e de suas temáticas, certamente é tratar de um tema que, ao mesmo tempo em que empolga, desafia. Acredito que as instabilidades e reações diversificadas das juventudes são um “termômetro” acerca do que está se passando com elas. Tenho a impressão de que a sociedade em geral, no senso comum, ao falar socialmente de juventudes, caracterizam-nas muito mais pelos acontecimentos negativos provocados por uma parcela de jovens, do que pelos protagonismos vividos por eles. Socialmente os jovens se caracterizam pelo seu paradoxo, por fenômenos marcados pelos extremos de empolgação, vibração e protagonismo, bem como por sua retração, inércia ou pelos modos temerosos devido às suas atitudes reativas às situações de exclusão, como ocorre com o êmbolo de um relógio, que, de tempos em tempos, vai de um extremo a outro.

Por isso, ao abordar a temática da juventude nada melhor do que entrar no mundo deles sem incorrer em preconceitos ou reforçar ideias generalistas e do senso comum. Isso exige um olhar atento para evitar a ingenuidade de vê-los como culpados do contexto de um mundo globalizado e em constante mudança, para não responsabilizá-los ou dar a eles o papel de únicos responsáveis pelas transformações que esta sociedade vive. Falar de juventude

exige ter uma abordagem conceitual para além do estado de espírito, de ânimo, de energia e de força.

Na verdade, todas as visões conceituais vêm carregadas de valores e características da categoria social que as define. Está em jogo como cada grupo (instituições) deseja garantir que a juventude seja. É pelo seu entendimento passar por uma situação polissêmica, que conceituá-la é um desafio. As abordagens conceituais se fazem necessárias para entender essa fase intermediária entre a infância e a vida adulta. Este período etário necessita de olhares capazes de ir além do período marcado por mudanças físicas do corpo humano.

A juventude tem sido marcada e muitas vezes estigmatizada, na sociedade, por diferentes visões conceituais. Muitos a consideram como sendo o momento primordial para se estabelecer as relações da vida grupal, da relação entre seus iguais e das experiências que interferem nos resultados de buscas, encontros, desencontros, inseguranças, curiosidades, medos, confusões, indefinições, mudanças, crises e crescimentos. Entretanto, poucos são os que defendem que a juventude seja uma fase de descobertas, de experiências em que se tem permissão para viver com mais intensidade os questionamentos, discernimentos, entendimentos, sonhos e projetos de vida. De modo geral, cobra-se da juventude uma postura adulta, de maturidade, compromisso e responsabilidade.

Um dos grandes estudiosos e escritores acerca das juventudes, Pe. Hilário Dick (1997), num de seus livros sobre a temática em voga, faz referência ao livro *Civilização do amor: tarefa e esperança* (1997), da *Conferência Episcopal Latino-Americana*³⁹, dizendo que ele procura ser teórico e prático, apresentando visões sobre a juventude e partindo de uma perspectiva cristã compromissada com milhares de grupos juvenis da América Latina.

Apresenta quatro visões sobre juventude: (1) *A visão biocronológica*, definindo a juventude em termos de idade. É o jovem quem tem de 15 a 24 anos. A juventude é etapa de transição; (2) *a visão psicológica*, que identifica a juventude como o período conflitivo da vida da pessoa em que ela se vê a si mesma com a vida nas mãos, mas sem o devido reconhecimento ou a devida capacidade. A juventude, nessa concepção, é um segundo nascimento, caracterizando-se como uma etapa de construção da identidade: tempo de opções e de definições de vocações; (3) *a visão sociológica*, que vê na juventude um grupo social, admitindo – dentro dele – diferentes setores: jovens da roça e do campo, estudantes, operários/trabalhadores, universitários, indígenas, afro-americanos e jovens em situações críticas (jovens dependentes de drogas, jovens que delinquem, jovens na prostituição, jovens de rua e na rua, homossexuais, soropositivos, com deficiências, etc.); (4) *a visão cultural-simbólica*, que procura ver a juventude em seu universo cultural. Criando movimentos culturais que acentuam o lúdico, a dimensão estética, etc. Todos nos damos conta de que faltaria, entre essas visões, uma quinta: *a visão jurídica ou legal*

³⁹ CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano; SEJ – Seção Juventude.

de juventude – a visão que de fato impera em uma leitura ou abordagem (CELAM, 1997. In: DICK, 2003, p.15).

Gostaríamos de salientar que neste trabalho levamos em conta essas quatro dimensões, com maior ênfase na segunda e na terceira, apontadas pelo autor. Ao abordarmos a temática da juventude, é preciso mergulhar no mundo dos jovens para compreender seus fenômenos. Contudo, entrar de forma aberta e desarmada, ou seja, sem cair nos preconceitos, julgamentos e/ou reforçar ideias estereotipadas do senso comum acerca das juventudes.

Conforme Libânio (2004), os submundos culturais dos jovens e dos adultos se entrecruzam, se entremeiam, se entremesclam a cada momento. Essa atitude exige um olhar atento para evitar a ingenuidade de vê-los como culpados do contexto de um mundo em mudança e globalizado, para não lhes responsabilizar ou lhes dar o papel de únicos responsáveis pelas transformações que esta sociedade vive.

São muitos os ensaios feitos na busca de uma tentativa de conceituar, diferenciar e, sobretudo, limitar onde iniciam e onde terminam os períodos caracterizados como adolescência e juventude. Essa busca é antiga, remontando aos gregos que iniciaram essa reflexão, mas ela ainda não obteve resultados satisfatórios, por causa da hegemônica linha de pensamento cartesiano, adotado por muitas academias, onde cada coisa deve ocupar o seu lugar restrito, não se podendo estender ao campo alheio. Percebemos isso numa sintética retrospectiva junto aos pensadores e filósofos que desde a Grécia antiga expunham suas preocupações à definição do jovem e do adolescente.

Desde a Grécia antiga até o século V, as raízes filosóficas tinham suas âncoras em Homero, Sócrates, Platão e Aristóteles. Neste período, a vida era organizada em função do efebo⁴⁰, mas, segundo Ortega y Gasset (1987), apresentava-se como modelo a ser seguido a figura do homem maduro que educa e dirige. Na Roma antiga, que tem início em 753 a.C., com a fundação de Roma, até por volta do século V, os estudiosos eram Lucrécio, Cícero, Sêneca e Quintiliano. E, no governo de Augusto, os meninos de 16 anos eram inseridos em uma classe denominada “príncipes da juventude”. Por volta do século VI e VII, na Idade Média, as delimitações começavam a assumir características etárias, definidas como: infância (de 0 a 7 anos), puberdade (de 8 a 13 anos), adolescência (de 14 a 21 anos) e juventude (de 22 a 30 anos). Uma consideração importante trata do fato de que, apenas aos 40 anos, os homens podiam participar dos cargos políticos, porque esta idade representava o fim da idade dos perigos. A partir do século XVIII, com J. J. Rousseau, começa a surgir, então, uma visão mais sociológica da juventude, e a principal característica atribuída aos jovens, neste período, é, segundo Ortega y Gasset (1987), identificada em uma figura que somente executa as velhas ideias implantadas pelos adultos, afirmando não “[...] a sua juventude, mas princípios recebidos” (p.119). Somente ao fim do século XIX, surge, nas classes burguesas o termo adolescência, como o resultado de uma sociedade capitalista e industrializada, com a intenção de demarcar o início da segunda infância, definindo a idade para

⁴⁰ Rapaz que atingiu a puberdade, homem jovem, mancebo (NOVO AURÉLIO, 1999).

além dos 13 anos. Esta sociedade caracterizou uma juventude que almeja a maturidade precoce, chegando a envergonhar-se de sua condição juvenil. (GRINSPUN; GUIMARÃES, 2008, pp.1-2).

Atualmente se utiliza, estuda e investiga a juventude (ABRAMO, 1994, 1997, 2003; SPÓSITO, 1997; ABRAMOWAY, 2004; entre outros), principalmente na distinção da fase de adolescência (dos 12 aos 17 anos) – conforme o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) –, caracterizada por mudanças que marcam o processo de desenvolvimento humano, tais como mudanças no corpo e alterações de voz. Também se investiga a fase da juventude ou dos jovens adultos, ou ainda, na pós-adolescência (dos 18 aos 24 anos, que se pode estender um pouco mais, levando em conta a moratória da juventude, dependendo das políticas públicas vigentes no país em questão), caracterizada pela sua imersão na vida social e principalmente no mundo do trabalho com a independência financeira dos familiares. No entanto, no Brasil, convencionalmente se utiliza a faixa etária de 15 a 24 anos, o que nos serve de base para nossa reflexão.

Creemos que deveríamos iniciar questionando-nos acerca do que entendemos como juventude. Para quem falamos? Como a compreendemos? Mesmo na tentativa de compreendê-la em suas diferentes perspectivas, é preciso que tenhamos uma formulação consistente sobre o conceito “juventude”. Esse exercício de conceituação ajuda a formular melhor o que queremos propor aos jovens, quando atuamos com e em prol deles.

Creio ser mais fácil falar das juventudes no plural, mas a questão é: de qual juventude estamos falando? As juventudes seriam uma condição provisória, transitória, diferente de outras categorias como gênero, classe social, que se apresentam como mais permanentes? Para muitos estudiosos, é aceitável a existência em quase todas as sociedades de uma gama suficiente de expectativas em torno da juventude, por vislumbrarem nos jovens características associadas, paradoxalmente, à reprodução e à mudança social. No entanto, sua conceituação é uma produção sócio histórica, posto que cada época e sociedade admite sua concepção própria e lhe atribui funções específicas.

A temática da juventude sempre foi permeada de ambivalências: ora a juventude é compreendida como potência, ou como promessa de mudança, como foi caracterizada nos anos 50 e 60, ora como problema social, risco e vulnerabilidade frente à sociedade. Precisamos procurar compreender a juventude a partir das ambivalências, sendo importante compreender quem são os jovens de fato, conhecer os contextos, seus valores e projetos de vida.

O estudioso Pierre Bourdieu (1978) foi um precursor no entendimento da juventude como pluralidade, numa entrevista publicada em “*Les jeunes et le premier emploi*”, de Paris. Foi a partir de seu posicionamento crítico a respeito das visões homogêneas de juventude, frequentemente associadas aos critérios etários, que Bourdieu (1983), com base em seus trabalhos de campo, percebeu uma multiplicidade de grupos e de situações sociais experimentadas pelos jovens. A homogeneidade não condizia com a realidade de suas pesquisas e, assim, ele iniciou um movimento no sentido de conceber as juventudes. Segundo seu olhar, as divisões etárias são formas de manipulação social, uma maneira de manter cada um em um lugar determinado, o que fica claro na seguinte passagem: “As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre impondo limites e produzindo uma ordem onde cada um deve se manter, em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar” (BOURDIEU, 1983, p.112).

Diversos estudiosos distinguem adolescência de juventude, o que não é nossa pretensão. Portanto, como base conceitual, utilizaremos alguns autores e organismos de pesquisa que têm vivências e experiências diretas com as juventudes, sem nos prender em números absolutos, devido às divergências de conceito e idade compreendida como juventude, como veremos em seguida.

A pesquisa *Retratos da juventude brasileira* (ABRAMO; BRANCO, 2005, pp.369-447), desenvolvida pelo Instituto Cidadania – Projeto Juventude (2003) –, enfocou jovens brasileiros de 15 a 24 anos, que representavam 20% da população brasileira, ou seja, mais de 34 milhões de jovens em 2004.

Observemos que já a Pesquisa Juventudes Sul-americanas – IBASE/PÓLIS (2008), refere-se ao segmento de juventudes entre 18 e 29 anos, diferente da pesquisa do Instituto Cidadania. Os números se alteram significativamente para um contingente maior, porém não muda quanto à porcentagem em relação à população total nacional, já que houve significativo aumento populacional⁴¹. Além disso, esses dados ainda são imprecisos, pois transcorreram cinco anos desde a conclusão dessa pesquisa.

O Brasil conta, atualmente, segundo projeções da PNAD (2007), com uma população de 183.987.291, sendo que 131.251.000 com mais de 18 anos de idade (70% do total). O ritmo de crescimento da população vem decaindo há já mais de 3 décadas, devido à queda da taxa de fecundidade; mas o peso da população juvenil, embora menor que em outros períodos, é ainda bastante grande: são 40 milhões de

⁴¹ Conforme os dados do IBGE 2010, a população brasileira alcançou o número de 190.732.694 pessoas. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm> (Acessado em outubro de 2012).

jovens entre 18 e 29 anos, representando 21,1% da população total (Pesquisa Juventudes Sul-americanas – IBASE/PÓLIS, 2008, p.7).

Segundo estimativas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2007 o Brasil possuía cerca de 50,2 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, o que correspondia a 26,4% da população (SITUAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA, 2007, p.45).

A referida pesquisa aponta uma progressiva redução do número de jovens dessa faixa etária devido a diversos fatores perceptíveis em muitos países, como a queda da taxa de natalidade, a redução do número de nascimentos por família, a queda da taxa de fertilidade humana, entre outros. Além da questão demográfica, devemos levar em conta a dificuldade para conciliar estudo e trabalho. A inserção produtiva e cidadã não é algo fácil para a juventude. Essas questões que afetam a juventude são vividas de forma diversa e desigual entre os jovens, variando de acordo com a origem social, níveis de renda, sexo, raça, disparidades socioeconômicas entre campo e cidade e entre regiões do país.

No resumo executivo das políticas públicas, elaborado pela UNESCO, encontramos o seguinte sobre o termo juventude:

O termo “juventude” refere-se ao período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos, e durante o qual se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero. Convencionalmente, para comparar a situação de jovens em distintos contextos e fazer um acompanhamento da evolução no tempo, se estabelecem ciclos de idade – comumente de 15 a 24 anos ou de 15 a 29 anos (UNESCO, 2004, p.7).

O mesmo documento aconselha que, por mais que se delimitem de forma etária as juventudes, sobretudo em políticas públicas, se deve considerar que existem diferentes tipos de juventudes, e que as de hoje têm características próprias em relação às juventudes de outros tempos.

Na introdução do documento sobre as políticas públicas para as juventudes, há um indicativo registrando a vontade dos jovens em participar das políticas públicas como sujeitos e o seu desejo do reconhecimento de suas especificidades, suas identidades, que se singularizam em relação a de outras populações, o que pede, portanto, criatividade e inovação no plano de políticas públicas (UNESCO, 2004).

Ao contrário do senso comum e de determinados meios de comunicação social da atualidade, que culpam os jovens pela violência gerada pelas drogas, roubos, estupros e outros crimes, o documento vem corroborar que os jovens são vítimas do sistema e da falta de políticas públicas eficazes, levando-os a viver à margem da sociedade.

[...] são uma população vulnerável em diversas dimensões, figurando com relevo nas estatísticas de violências, desemprego, gravidez não desejada, falta de acesso a uma escola de qualidade, carências quanto aos bens culturais, ao lazer e ao esporte. Os jovens, mais do que uma geração do futuro, são uma geração com necessidades no presente e, fundamentalmente, são também uma geração em processo, ou seja, atores estratégicos do desenvolvimento (UNESCO, 2004, p.5).

As juventudes buscam respostas contínuas às necessidades de atenção integral, de modo que propostas de políticas de juventudes devem ultrapassar enfoques setoriais, pontuais, fragmentados, convencionais e avançar, para imprimir uma perspectiva geracional-juvenil nas distintas ações, considerando que, antes de tudo, juventude é tempo de estudar, de se formar cultural e fisicamente, de desenvolver valores éticos e espírito crítico e ter garantia dos meios de subsistência de modo digno.

Nos tempos atuais, os jovens experimentam grandes vulnerabilidades sociais, múltiplos desafios quanto a sua vida futura, enfrentando com muitas incertezas os riscos advindos do processo de globalização e da homogeneização, o que os marginaliza em diversos sentidos.

Apesar da melhoria econômico-financeira e do aumento de escolarização⁴² de vários países emergentes, sobretudo o Brasil, os jovens ainda vivenciam muitas dificuldades para se incorporarem ao mercado de trabalho, pois as oportunidades continuam escassas, exigem experiência e formação acadêmica. Mas como os jovens podem ter experiência se estão em início de formação profissional e de escolhas de vida? Como conciliar estudo e trabalho? Os que não tiveram oportunidade de estudo ou os que abandonaram o sistema escolar por razões diversas, sofrem as maiores marginalizações, o que os sujeita a maiores vulnerabilidades sociais. Essas situações acabam atrasando o processo de autonomia dos jovens, bem como sua inserção no mercado de trabalho.

Existem, pelo menos, cinco elementos cruciais para a definição da condição juvenil em termos ideais: i) a obtenção da condição adulta, como uma meta; ii) a emancipação e a autonomia, como trajetória; iii) a construção de uma identidade própria, como questão central; iv) as relações entre gerações, como um marco básico para atingir tais propósitos e v) relações entre jovens para modelar identidades, ou seja, investir em jovens como agentes de socialização através de seu grupo de pares (UNESCO, 2004, p.7).

Outro pesquisador que tenta definir a juventude é o Pe. Jorge Boran, um irlandês radicado no Brasil desde 1969 e que trabalha há mais de quatro décadas com juventudes.

⁴² Mesmo com o aumento de escolarização, a UNICEF aponta que ainda existe 3,7 milhões de crianças e jovens fora da escola. <http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/23942/brasil-tem-37-milhoes-de-criancas-e-jovens-fora-da-escola-mostra-unicef/> (Acessado em 20 de novembro de 2012).

A juventude é um período na vida em que o ser humano está aberto para todo tipo de influência. Estas podem determinar o futuro caminho a ser seguido na vida, para o bem ou para o mal. O adolescente tem uma estrutura psíquica aberta. [...] Os jovens recebem a cultura moderna de braços abertos. Eles são seus grandes propagandistas e suas grandes vítimas. Devido à sua flexibilidade e aos estágios biológico e psicológico pelos quais estão passando, eles têm uma capacidade e sensibilidade acuradas para detectar terremotos e movimentos que estão por acontecer sob a terra. Eles são uma espécie de sismógrafo que indica para onde a futura sociedade está se dirigindo (BORAN, 2000, pp.60-61).

O resumo executivo da Unesco, sobre as políticas públicas de/para/com as juventudes, define que:

O termo “juventude” refere-se ao período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos, e durante o qual se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e gênero (UNESCO, 2004, p.23).

Quem é o jovem do século XXI? Qualquer resposta que apresente uma “imagem” monolítica do adolescente incorre no erro de padronizar o que é múltiplo. Para corroborar com o descrito anteriormente, esse documento também afirma que não existe “uma” juventude, mas várias. Há diferenciações no que se refere à classe social, às referências culturais ou ao tipo de relação estabelecida no ambiente familiar – inúmeras realidades que têm interferência direta no processo de formação da(s) identidade(s). No entanto, certos elementos se repetem simultaneamente em várias partes do planeta e possuem importante peso na discussão.

Poderíamos dizer que ser jovem hoje é questionar-se diante da vida, ser inconformado consigo e com a realidade que nos cerca, é estar a caminho, em busca da construção da sua identidade na história. Ser jovem é ter uma atitude de vida, saber manter os valores e qualidades da juventude.

Para Libânio (2004, p.18), “o termo jovem remonta a outra etimologia. ‘Jovem’ faz ecoar o adjetivo *aiutans* do verbo *aiutare*, ajudar. Jovem é aquele que atingiu a idade de poder ajudar”. Ainda segundo este autor, há muitos pontos de vista para analisar a juventude com a intenção de compreendê-la, sobretudo sob o ponto de vista psicológico evolutivo, social e religioso.

O pesquisador Groppo (2004) acrescenta, ao falar de juventude, que muitos defendem uma concepção “pós-moderna” da juventude, defendendo a pós-modernidade no curso da vida. A juventude é aí um estilo de vida associado a comportamentos escolhidos pelo indivíduo e ligados a certos padrões de consumo. Ao mesmo tempo, generaliza-se a negação da juventude no seu sentido moderno, como momento de socialização secundária que antecipa

o ingresso na maturidade e no mundo público. Negação esta cada vez mais realizada por certos grupos sociais. Isto significa a regressão de certas conquistas sociais, de certos direitos sociais e aspectos positivos da universalização relativa das juventudes modernas.

Percebe-se em nível mundial uma nova mobilização de indivíduos e grupos juvenis, quase sempre, não conscientemente, em torno desta “identidade”, nos movimentos sociais e políticos em todo mundo de crítica à globalização, na América Latina, durante recente crise nos países asiáticos (Coréia do Sul, Indonésia), no Iraque com a destituição do presidente e recentemente no Irã. É preciso ainda considerar a capacidade de autonomia das juventudes, partindo da sua relação experimental com valores, ideias e instituições durante sua socialização secundária – daí ainda poderem emergir visões de mundo alternativas e radicalmente críticas (mas não necessariamente “de esquerda”).

Definindo a juventude, Groppo afirma que:

[...] a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo é uma situação vivida em comum por certos indivíduos (GROPPO, 2000, pp.7-8).

E ainda complementa:

O termo juventude designa um estado transitório, uma fase da vida humana cujo início é muito claramente definido pela aparição da puberdade; quanto ao fim da juventude, varia segundo os critérios e pontos de vista que se adotam para determinar os indivíduos que são jovens (GROPPO, 2000, p.10).

Avançando na retrospectiva, podemos sintetizar as principais características relacionadas à juventude, com a intenção de expor os pontos convergentes que definem e especificam um melhor entendimento do termo utilizado. Desse modo, segundo Dick (2003) tem-se:

Quadro 7 – Principais características dos jovens e sua representação nas décadas

Anos 40	Jovens marcados pelas experiências chocantes vividas durante a Segunda Guerra Mundial e com as bombas atômicas no Japão.
Anos 50	“Anos Dourados” – jovens mais autônomos.
Anos 60	Década onde o tema JUVENTUDE foi mais explorado, expansão do Movimento <i>hippie</i> como uma ameaça à ordem social.
Anos 70	“Anos de ressaca” – juventude insatisfeita, buscando mudanças para sair de uma sociedade estagnada, apática e viciada.
Anos 80	Defesa do protagonismo juvenil através da “Pastoral Juvenil” e redução dos avanços da liberdade sexual através da difusão da AIDS; jovens sem ideologia, individualistas, consumistas e conservadores.

Anos 90	Transição de uma geração que valorizava a organização, a articulação, a lógica e o raciocínio, para uma geração que valoriza o corpo, o prazer, o fragmentado e o individual. Surge a “geração <i>zapping</i> ” (em constante mudança).
---------	---

Fonte: Dick, 2003, pp.237-256.

E quem são os verdadeiros interessados na juventude? A quem interessa definir o que é juventude? E para quê? Não seria um interesse maior dos adultos? Sim, são os adultos os verdadeiramente interessados em definir e entender racionalmente o fenômeno das juventudes.

A civilização ocidental moderna, ao mesmo tempo em que aspira a transformação, deseja a estabilidade; quando imagina ter chegado a uma situação estável das coisas, a mudança tudo transforma. É neste sentido que a sociedade moderna, sobretudo os adultos, ao mesmo tempo em que admira a juventude, a teme. Eles a admiram por significar a possibilidade de transformação, que historicamente prova que nem sempre significa “progresso ou avanço”, conforme provam movimentos de extrema direita e conservadores. Por outro lado, eles a temem pelo desejo de estabilidade, pelo medo da transformação de uma situação que não parecia ou não deveria ser perene, segundo valores que pareciam absolutos. Além disso, eles a temem pela sua vontade de mudança, sua capacidade de resiliência, pelo seu espírito aventureiro e instável e por todos os paradoxos que englobam as juventudes.

O momento e o espaço da juventude é “outro local” de enfrentamento entre a diversidade humana e as poucas opções (limitadas e “castradoras”) das identidades e da definição do curso da vida. Neste local existe a possibilidade de se gerar revolta, violência, delinquência de indivíduos e grupos desacomodados.

6.2 Juventudes com projeto de vida: caminho para a emancipação

A palavra “projeto” vem do latim “*projectu*” que quer dizer “lançado para diante”, ou seja, uma ideia que se forma para executar algo no futuro. Todo ser humano se projeta a partir de sonhos e projetos e, dessa forma, vai constituindo o seu projeto de vida. Logo, este é um elemento constitutivo de todo ser humano.

Mas o que entendemos por projeto de vida? Partimos da ideia de que ele seria uma ação do indivíduo de escolher um futuro, dentre outros possíveis, transformando os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de ser alcançados, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida. Nesse sentido, o projeto não deve ser entendido

como resultado de um cálculo matemático, estrategicamente elaborado, ou de um processo linear, como está presente no senso comum, mas de acertos, de erros, de busca pelo impensável, impossível, surpreendente, inovador, conquistando tudo que pareça improvável.

Josso (2010), falando no significado do “caminhar para si”, reitera que este é um voltar-se para si mesmo, não solitário, mas um caminhar com o outro. De outra forma, ela diria que a vida é uma viagem empreendida pelo próprio sujeito, ao longo da qual vai se conhecendo como viajante, tomando consciência dos itinerários escolhidos, dos encontros e desencontros, das parcerias durante a viagem, das marcas deixadas pelo caminho, das aprendizagens, lacunas. Ele é um aprendizado surgido com a própria experiência, permitindo que o próprio sujeito se questione acerca das suas escolhas, seus saberes, possibilidades, faltas, enfim, sobre sua própria existência.

Para que haja crescimento pessoal, as pessoas necessitam projetar-se. Para ocorrer uma decisão de vida, a pessoa precisa estar vivendo intensamente valores e ideais de vida. Essas decisões mais complexas não se iniciam na infância, porém, a partir da adolescência e, sobretudo, na fase da juventude que se tende a apostar, escolher, arriscar. São etapas das grandes decisões que orientam a vida. Esses sonhos, que vão se tornando ideais a serem alcançados, despertam desejos e dinamismos que levam a apostar em uma determinada forma de vida. É ali que se inicia a grande base, os alicerces do que chamamos de projeto de vida.

A construção do projeto de vida, segundo Catão (2009a), não se limita apenas às condições objetivas de vida, mas é caracterizada na dialética entre a subjetividade e a objetividade, pois é através da reflexão crítica de suas vivências que os indivíduos veem possibilidades/impossibilidades de superação de uma determinada realidade no futuro. A construção do projeto de vida é uma configuração humana do ser cidadão, sujeito de sua história individual/social, uma criação analítica, crítica e articulada.

O projeto de vida é um convite a tomar a vida nas próprias mãos e a descobrir a grandeza de decidir sobre a própria existência que leve a um compromisso pessoal e social. Recordo-me do meu período de juventude, em que o “*slogan*” mais repetido era “juventude o futuro do país”, em que vivíamos confusos sobre o porquê de ser necessário esperar o futuro chegar. Ao mesmo tempo, que futuro era esse e quando ele efetivamente chegaria. Mesmo com toda essa propaganda, vivi meu período de adolescência e juventude extremamente engajado nos movimentos sociais da época e em grupos de teatro, danças e música.

Um dos escritos que por vezes causava certo medo de errar, medo por suas incertezas, era aquele composto pelas páginas da vida que se estava preenchendo. Isso tinha influência de

um discurso de Igreja, por vezes demasiado moralista e atemorizador. Um dos tantos escritos que faziam pensar muito sobre a vida e elaborar um projeto de vida era o poema *A História em minhas mãos* do Pe. Zezinho (1985), onde ele escreve sobre a importância do cuidado nas escolhas e suas consequências na vida:

Tenho o infinito na cabeça
O passado nas costas,
O presente nos ombros,
O futuro nas pernas
E a História em minhas mãos.

Tenho em branco as folhas do futuro,
Preencho as folhas do presente,
Rabisco e sublinho as do passado
E arquivo as que merecem ser História.

De todas elas, porém,
Preocupam-me as do presente,
Porque, se não souber usar delas,
Com critério e maturidade,
Acabarei rabiscando antes do tempo
As folhas do futuro,
E, quando lá chegar,
Pode ser que me falem folhas
De que eu terei necessidade.

A história que tenho em mãos não é elástica.
Não posso, pois, desperdiçá-la
Não tenho o direito de economizá-la
Não posso cair no ridículo de ser mesquinho, e não devo ser pródigo demais.

Percebemos nesse poema o grau de seriedade e importância dadas à escolha certa, às opções que se faz durante a caminhada da vida, sobretudo dos jovens, sendo que se a folha em branco for preenchida de forma equivocada, não mais a terei para refazer o percurso. Nesse sentido, também me remeto ao poeta Fernando Pessoa, em seu poema *Começo a conhecer-me*, no qual ele enfatiza que: “Começo a conhecer-me. Não existo. Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram, ou metade desse intervalo, porque também há vida” (1986).

No documento do CELAM (2003), observa-se o seguinte:

A ausência de um projeto de vida leva à dolorosa realidade da perda de identidade e à falta de perspectivas de futuro; à incapacidade de sonhar, à manipulação e à massificação; de indignidade e de morrer; à passividade frente a um sistema neoliberal que fragmenta a vida e acentua a violência, a pobreza e a corrupção (2003, p.95).

Portanto, o projeto de vida é a coluna vertebral da existência, o fio condutor de dimensões essenciais das pessoas que escolhem como querem e desejam viver a vida. Em outras palavras, ele é uma opção de vida que precisa ser cuidadosamente estudada, rezada e

planejada, pois é um conjunto de valores que acompanham a pessoa ao longo da vida. O projeto de vida representa grandes opções pessoais carregadas de sentido de onde se quer chegar, buscando os meios necessários para chegar lá, sabendo ser necessário sacrificar-se e esperando o tempo necessário para alcançar a concretização desse projeto. Hércules mostra nessa passagem algo que faz parte desse projeto:

Eu quero passar adiante, passar pros jovens que ainda vem pra cá né, passar essa experiência que eu tive aqui dentro que foi maravilhosa [...] Este é um projeto que tenho pra minha vida. De, nem que seja pra daqui a 50 anos, mas que eu possa passar por dentro do Pão dos Pobres como educador, então uma próxima fase da minha vida assim, um passo que vem (sic).

Esta fala do jovem Hércules vai de encontro ao que afirma Menezes (2009) em sua dissertação de mestrado, quando fala da necessidade de constância, da escolha profissional e da construção da sua identidade, para depois exercer uma atividade profissional:

O projeto de vida não é uma coisa que se muda todos os dias, deve ter constância, coerência e consequência aonde se querem chegar. A escolha profissional é um processo difícil e longo, pois tem a ver com o que o adolescente é e procura ser e desenvolver em vista da construção de sua identidade. Abertura e predisposições são essenciais para a obtenção de bons estudos, formar-se, capacitar-se e a concretização de bom curso acadêmico, em vista de uma atividade profissional com dignidade e coerência de vida, de acordo com os sonhos e metas idealizadas no discernimento à luz das potencialidades e das aptidões do adolescente com as necessidades da sociedade (MENEZES, 2009, p.79).

O que você quer ser quando crescer? Saber a resposta para essa questão não é o fim das dúvidas, das buscas, mas o ponto de partida para várias outras perguntas e respostas. É através dela que o futuro de uma pessoa começa a ser desenhado e com ela que esta transforma seu plano “maluco” em algo possível, fazendo a pessoa crescer, amadurecer e se dar conta das suas responsabilidades pessoais e sociais. O dar-se conta e seguir estes sonhos ou projetos de vida são fundamentais na realização do ser humano.

Na juventude, continuam e se consolidam as mudanças iniciadas na adolescência. A passagem da adolescência não é uma mudança abrupta mas é extremamente marcada pelas decisões a serem tomadas, como a escolha da profissão. É a época de ser protagonista, e, ao mesmo tempo, valorizar a individualidade, o subjetivo e os sentimentos. Ao se perceber e perceber a realidade à sua volta, o jovem descobre o sentido da vida e, a partir dele, constrói seu projeto de vida, o que inclui definir sua vocação (Pastoral da Juventude Estudantil, 2005, p.62).

A formação e a vivência de grupos juvenis contribuem para o jovem desenvolver a autocrítica e a auxiliar na superação de crises e conflitos, bem como no interesse pelo outro, possibilitando situações de abertura para amar e ser amado. Uma questão importante é gerar nas juventudes novas atitudes de vida que possam favorecer e clarificar seus projetos de vida,

viver em comunidade e realizar intervenções eficazes na transformação da realidade que os cerca. No projeto de vida, faz-se necessário que o jovem faça um planejamento equilibrado entre o projeto individual e o coletivo.

A sensibilidade e o engajamento social variam de região para região, sendo que nas culturas mais individualistas as pesquisas têm demonstrado que as pessoas privilegiam a autorrealização, enquanto que nas culturas mais coletivistas a prioridade é o funcionamento harmônico da família ou da sociedade. Em vista da sua situação pessoal ou coletiva, de modo geral, as camadas sociais mais vulneráveis apresentam características mais solidárias, participativas na perspectiva do outro.

Como vemos nos relatos dos três jovens entrevistados, há formas distintas de expressar essa vontade de ajudar os outros. Na primeira narrativa, Ísis diz o seguinte: “Eu falei pra minha mãe, quando eu “crescê” eu quero ser assim, eu quero ajudar bastante as pessoas. Agora eu comecei a ajudar bastante as pessoas e quero ajudar os outros” (sic).

Com o sonho de ser médico, para poder ajudar as pessoas e salvar vidas, Cronos já dá o belo exemplo de como ser solidário com o outro, ao ceder o assento para pessoas necessitadas: “Porque um médico obstetra pode ajudar as pessoas, a salvar vidas. Daí eu gostei daí. [...] eu gosto de ajudar porque as vezes elas tem dificuldades e eu ajudo. Tipo no ônibus tem uma mulher com um bebê daí eu dou lugar pra ela daí” (sic).

Ainda temos o exemplo do retorno que o Hércules quer dar para futuros jovens do Pão dos Pobres, vindo a ser um educador da Instituição e, assim, passando adiante sua experiência de vida:

[...] é que eu acho ainda que pra mim me completa, falta só ser professor da Instituição assim, ser educador da Instituição. [...] mas o essencial eu aprendi. Eu quero passar adiante, passar pros jovens que ainda vem pra cá né, passar essa experiência que eu tive aqui dentro que foi maravilhosa [...] Este é um projeto que tenho pra minha vida (sic).

Projetar-se para a vida e para o mundo é ter como foco a construção da autonomia, tomando as decisões pessoalmente e levando em consideração a objetividade dos fatos e dos fatores importantes para sua vida. A autonomia acontece quando a pessoa mede as consequências sociais dos seus atos, internaliza as regras, a lei moral, os princípios e valores fundamentais de modo consciente e livre. A autonomia do jovem significa, portanto, esse crescente estatuto independente, encontrando em si e não nos outros as razões do próprio agir, da autoestima e da segurança interior.

O projeto de vida, diferente dos projetos arquitetônicos, dos projetos políticos e dos projetos educativos, não é escrito formalmente, com objetivos, metodologia e cronograma a serem cumpridos. Neste momento, nos interessa pontuar que a ideia de projeto de vida remete a um plano de ação que um indivíduo se propõe realizar em algum momento do futuro, em um arco temporal mais ou menos largo, em alguma de suas esferas de vida, seja para o campo profissional, articulando estudo e trabalho, seja para a vida afetiva ou mesmo para o lazer, dentre outras. A jovem Ísis se projeta para o futuro articulando o trabalho com sua futura constituição de família, mas sem perder o objetivo de ajudar sua mãe e seu pai:

Eu sempre falei assim, quando eu crescer eu vou trabalhar primeiro, vou montar minha casinha, vou ter minha casa, vou ajudar bastante minha mãe. Vou, pra depois me juntar com uma pessoa, mas primeiro vou ajudar minha mãe, pra depois me juntar e pensar em ter filhos. [...] Meu sonho sempre foi esse: ajudar minha mãe e tirar meu pai das droga (sic).

Concordamos com Catão (2007, p.1) quando afirma que o projeto de vida de um indivíduo vai se constituindo num contexto real e numa cultura de ordenação deste real, sendo que esse ser humano social e histórico é indivíduo e projeto em movimento, indagando sobre a finalidade desse projeto. Ela também afirma que a cultura é parte essencial da constituição do ser humano e de seu projeto, o que implica em falarmos também do projeto de vida em sociedade. A autora também reitera que:

[...] se tem estudado o projeto de vida como um sistema psicológico sócio-cognitivo-afetivo-espaço-temporal historicamente construído em relação com passado, presente e futuro, onde o horizonte é futuro na sua relação com o passado na intenção de transformação do presente (CATÃO, 2001, p.1).

Tais elaborações dependem sempre do campo de possibilidades, ou seja, dependem do contexto sócio-econômico-cultural concreto no qual cada jovem se encontra inserido, e que circunscreve suas possibilidades de experiências. Neste sentido, o projeto possui uma dinâmica própria, transformando-se na medida em que há o amadurecimento dos próprios jovens e/ou mudanças no campo de possibilidades. Ele nasce e ganha consistência em relação às situações presentes, mas implicando de alguma forma em uma relação com o passado e o futuro, como vemos na narrativa do Hércules:

[...] meu sonho sempre foi ser professor, né assim, ser professor, trabalhar, dar aula. No início eu queria fazer Educação Física né, e hoje eu quero, queria trabalhar com história, ser professor de história, fazer quem sabe filosofia, adoro filosofia ou sociologia (sic).

Entendemos, porém, que para falarmos de projeto de vida precisamos falar necessariamente sobre o sentido último do homem, seus valores e fins válidos, em outras palavras, sobre o sentido da vida. Quanto a essa temática Coreth (1973) diz o seguinte:

Quem não tem valores e fins válidos, que dão à sua vida sentido e orientação, este não sabe mais, em tudo isto, nem por que nem para onde. Sente um vazio interior, um profundo mal-estar e se revolta contra isto. Na inquietação fermentante do nosso tempo, com todos os protestos e revoltas estrondosas, em que em geral permanece velado contra que se levantam e principalmente a favor de que se engajam, abre-se um abismo de vazio interior, um caos de desorientação e sem-sentido. No fundo, é uma explosão de niilismo contra si mesmo: contra tudo que não preenche este vazio interior e não salva desta falta de sentido em que se está. É uma expressão, mesmo se muitas vezes perplexa e desamparada, da ardente pergunta pelo sentido da vida: por um sentido último da vida humana inteira no mundo, realmente válido, sustentador e orientador (CORETH, 1973, p.192 *apud*; RABUSKE, 1981).

O ser humano somente se realiza, na medida em que vai além de si mesmo e responde as perguntas essenciais que vão surgindo em momentos distintos da vida. Em outros termos, ele só vive sua vocação de fato, ao passo que busca encontrar respostas para o porquê e a finalidade de se estar vivendo, para o sentido que se dá à vida, para o que se quer ser como pessoa e como sujeito protagonista da própria história. Estas metas, entre outras tantas, têm como pano de fundo a autorrealização como uma exigência absoluta.

A realização do ser humano se dá na medida em que ele vai além dele mesmo e responde as questões absolutas e de sentido da existência humana:

O homem somente se realiza na medida que vai para além de si mesmo e responde a apelos absolutos. Isto pressupõe um fundamento absoluto, que constitui o horizonte pleno de sentido e que, por isso, não poderá ser um conteúdo particular no âmbito desse horizonte. Deve ser uma grandeza transcendente – o Transcendente. Para poder fundar e garantir também o sentido da existência humana pessoal, deve ser um fundamento-de-sentido pessoal, um Tu absoluto. A gente compreende alguma coisa do que é visado com a palavra “Deus”, quando se dá conta de que se trata duma resposta à angustiante pergunta pelo sentido da vida (RABUSKE, 1973, pp.202-203).

O referido autor afirma ainda que se tem, dessa forma, um homem que pergunta pela sua própria essência. Este ato de se questionar somente é possível porque ele já sabe algo de si mesmo, porque se caracteriza por uma autoconsciência e uma autocompreensão. Assim, é um saber que possibilita a pergunta. O autor ainda continua afirmando que o ser humano não se compreende plenamente fazendo com que ele permaneça para si mesmo enigmático e misterioso, estando imerso na obscuridade do ser e devir material, que lhe impede uma autocompreensão plena. Por outro lado, é esta dualidade que determina a essência do homem, surgindo dela a possibilidade e a necessidade do seu perguntar.

O sentido da vida é algo que deve ser descoberto. Esta descoberta exige uma opção fundamental, que consiste em se deparar com a relação entre o finito e o infinito que se opõe ativamente àquele. Ademais, uma pessoa precisa necessariamente e essencialmente da relação com outra pessoa. Não há “eu” sem um “tu”. A dimensão comunitária e intersubjetiva pertence à essência mesma da pessoa. Pessoa é autonomia, e, simultaneamente, abertura ao outro.

O pensamento filosófico desenvolvido por Emmanuel Lévinas (1906-1995) procura fazer uma reconstrução da subjetividade não mais a partir do ideal de sujeito autônomo e livre que caracteriza a construção do sujeito moderno. Inversamente, nesse processo de reconstrução, ele compreende a subjetividade situada, fundamentalmente, em um horizonte ético aberto pela ideia do infinito. É no “face-a-face” humano que se irrompe todo sentido. Diante do rosto do Outro, o sujeito se descobre responsável e lhe vem a ideia de infinito.

A alteridade, vivida como expressão ética, é o critério a partir do qual Lévinas faz sua leitura antropológica. À medida que o ser humano se abre para outro e busca, diante deste, assumir uma atitude de acolhida e bondade, a vida vai como que se revelando em mais vida.

Para um eu ético, no horizonte do mundo, há algo fundamental a ser levado em conta: “O Rosto, o Próximo”. O pensamento levinasiano se torna imprescindível pelo fato de toda a sua obra apontar para uma nova sociedade, justa, plural e pacífica, sustentada em relações éticas corresponsáveis, conferindo sentido à altura do humano, e rompendo a barreira do vazio e da indiferença nihilizante.

O essencial consiste em quebrar a indiferença e o individualismo evidentes e imperantes atualmente, afirmados jurídica e filosoficamente e promovidos politicamente. A opção pela renovação de uma moral do dever individual, que pode ter seus méritos, deverá ser confrontada com a redescoberta da relação inter-humana – esta é a admiração fundante de toda a vida social.

Se a trama desta relação for refletida, notar-se-á que toda construção social repousa sobre ela, que toda política, no bom sentido da palavra, é o desenvolvimento de relações sociais a ser feito com base no respeito das alteridades, com responsabilidade e altruísmo. Segundo Lévinas, o Ser dominou a Antiguidade e a Idade Média, sendo depois substituído pelo Eu desde a época moderna até os nossos dias, porém, sempre sob o mesmo sinal: a unidade unificadora e totalizante que exclui o confronto e a valorização da diversidade, entendida como abertura para o Outro. Assim, a obra filosófica de Lévinas transmite o alerta

de uma emergência ética de se repensar os caminhos da Filosofia a partir de um novo prisma, de se partir do e, já, em direção ao Outro.

O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é um simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade anterior a toda a iniciativa, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo. O absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo. A coletividade em que eu digo “tu” ou “nós” não é um plural de “eu”. Eu, tu, não são indivíduos de um conceito comum (LEVINÁS, 1988, p.26).

O ser humano é um ser social e histórico, é um ser constituído no seu movimento, em todas as suas fases e processos de mudança ocorridos ao longo do tempo, pela cultura e condições sociais produzidas pela humanidade. Concebe-se o desenvolvimento do ser humano vinculado à história social e aos processos de internalização desta, mediado por sistemas simbólicos. Compreende-se que o indivíduo e seu projeto de vida são constituídos num contexto real e numa cultura de ordenação deste real. Todo indivíduo, assim como o seu projeto de vida, é indivíduo e projeto em movimento, podendo-se indagar como o projeto de vida é construído, qual a sua origem, como se inicia, como chega a existir e qual a sua finalidade.

Observa-se que, tanto o ser humano como o seu projeto de vida têm uma origem e uma finalidade, e que o estudo histórico dos mesmos, ou seja, estudá-los no seu processo de mudança, não é um aspecto auxiliar do estudo teórico, mas sua verdadeira base, requisito básico do método dialético. A sociedade construída por nós mesmos nos dá o limite e as possibilidades de elaboração e construção do projeto de vida, o qual está baseado fortemente nos modos culturalmente construídos de ordenar o real. A cultura coloca-se como parte essencial da constituição do ser humano e de seu projeto e, ao falar de concepção de projeto de vida de indivíduos e coletivos, estaremos falando também do projeto de vida da sociedade.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, apresentou-se o resultado da pesquisa que teve como temática investigativa as narrativas de vida de três jovens em situação de vulnerabilidade, com o objetivo de entender como se dá a constituição do projeto de vida com vistas à “emancipação” desses sujeitos que os permita ser-sujeito cidadão.

Mesmo sabendo que as apreensões que constituem as narrativas dos sujeitos são a sua representação da realidade e, como tal, estão repletas de significados e reinterpretações, Cunha (1998) segue dizendo que o fato de a pessoa ir destacando acontecimentos, suprimindo outros, de dar ênfase em determinadas situações, de negar momentos da vida, lembrar e esquecer, está repleto de significados. Além disso, estas aparentes contradições podem ser exploradas com finalidade pedagógica.

Trabalhar com narrativas na pesquisa é aventurar-se na desconstrução ou construção das próprias experiências, tanto do pesquisador quanto do sujeito da pesquisa, exigindo uma relação dialógica, de confiabilidade e cumplicidade de dupla descoberta, além de ser um exercício extremamente formativo. Neste processo de construção das narrativas dos sujeitos, focou-se na concepção de que o Projeto de Vida é algo essencial ao longo da vida, já que a necessidade de refletir (pensar), antes de fazer qualquer escolha (ação), exige do sujeito um constante planejamento para a vida, projetando suas ações e refletindo suas condutas.

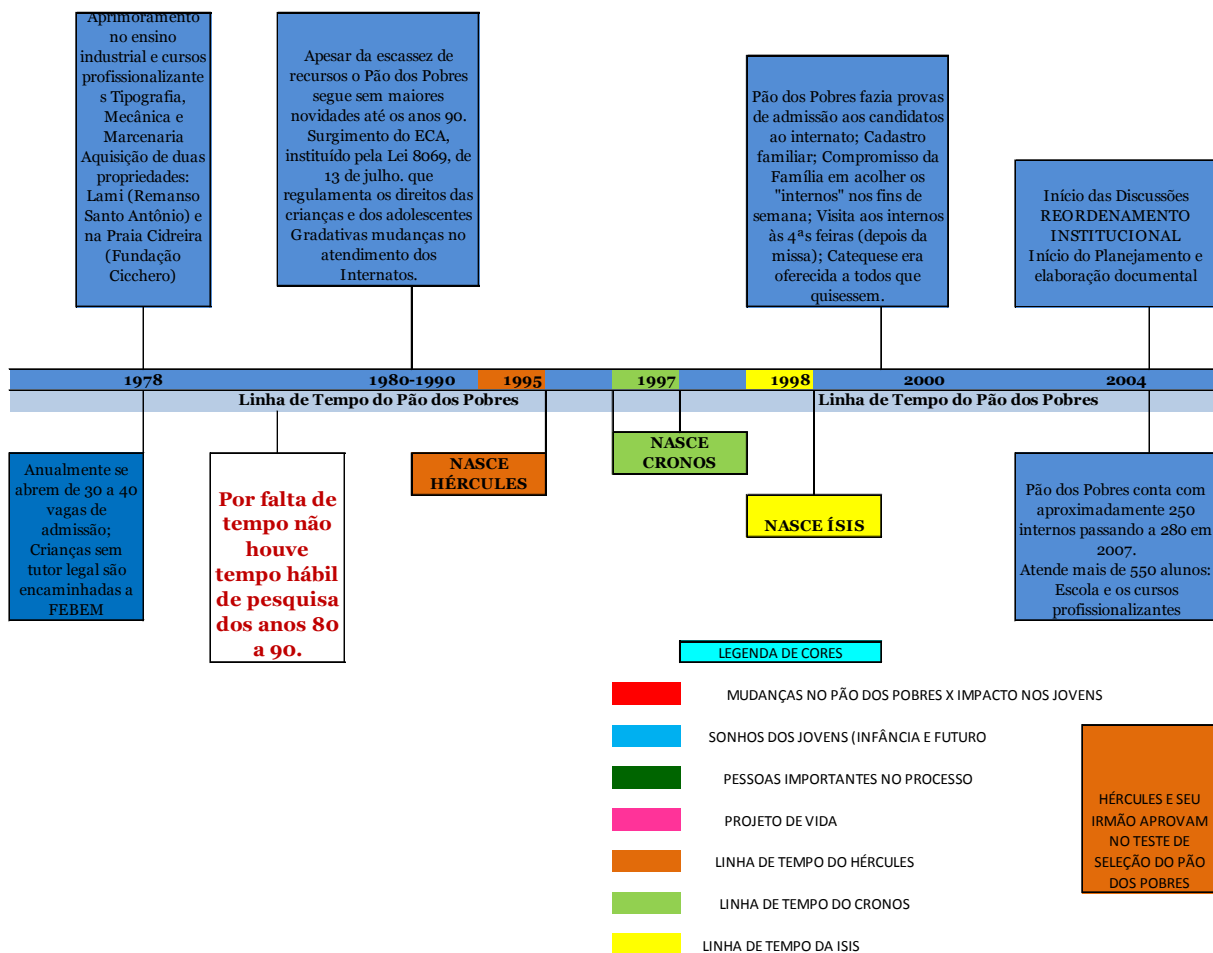
A construção de uma linha de tempo da história do Pão dos Pobres juntamente com a história de cada um dos sujeitos da pesquisa, destacando os fatos mais marcantes tanto da instituição quanto dos sujeitos da pesquisa, mostra alguns entrelaçamentos muito significativos no processo.

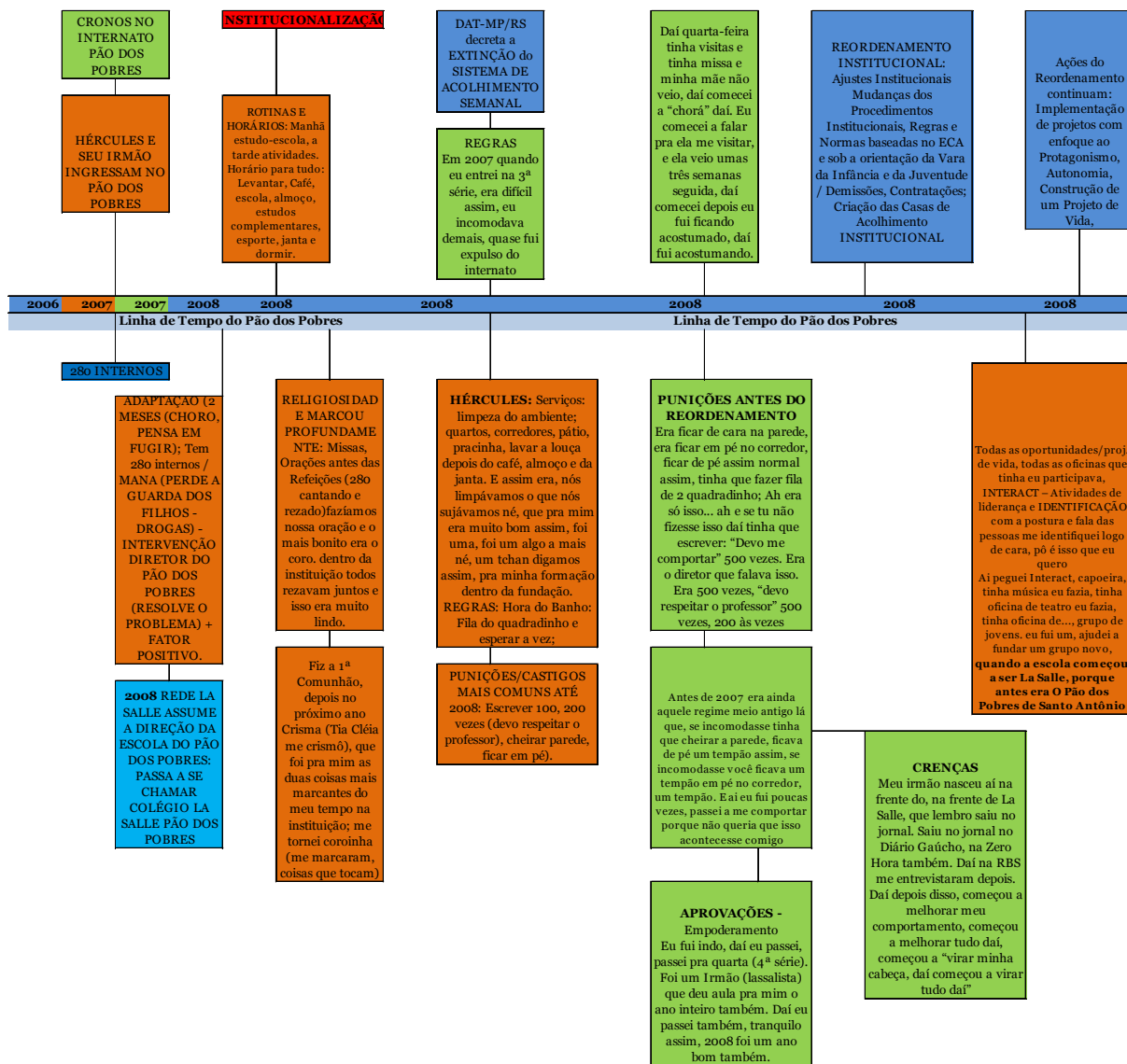
Toda pedagogia lassalista, que vai perpassando a instituição e a posterior institucionalização dos jovens, é evidente. As falas sobre Projeto de Vida, enquanto Exclusão/Inserção Social, norteiam-se no trabalho (emprego), como mediador de si e do mundo e permitindo, na visão deles, uma posição na divisão de trabalho e a evidência do sentimento de inserção, superação, aceitação e realização pessoal e profissional. É perceptível que o Projeto de Vida destes jovens baseia-se na educação, como meio para encontrar um trabalho (profissão) para sua realização em família. Percebe-se que o trabalho (emprego) trará consigo a possibilidade de mudança de vida, e vice-versa.

Esse foi o nosso exercício nesta pesquisa, cujas conclusões iniciamos pela apresentação seguinte linha de tempo:

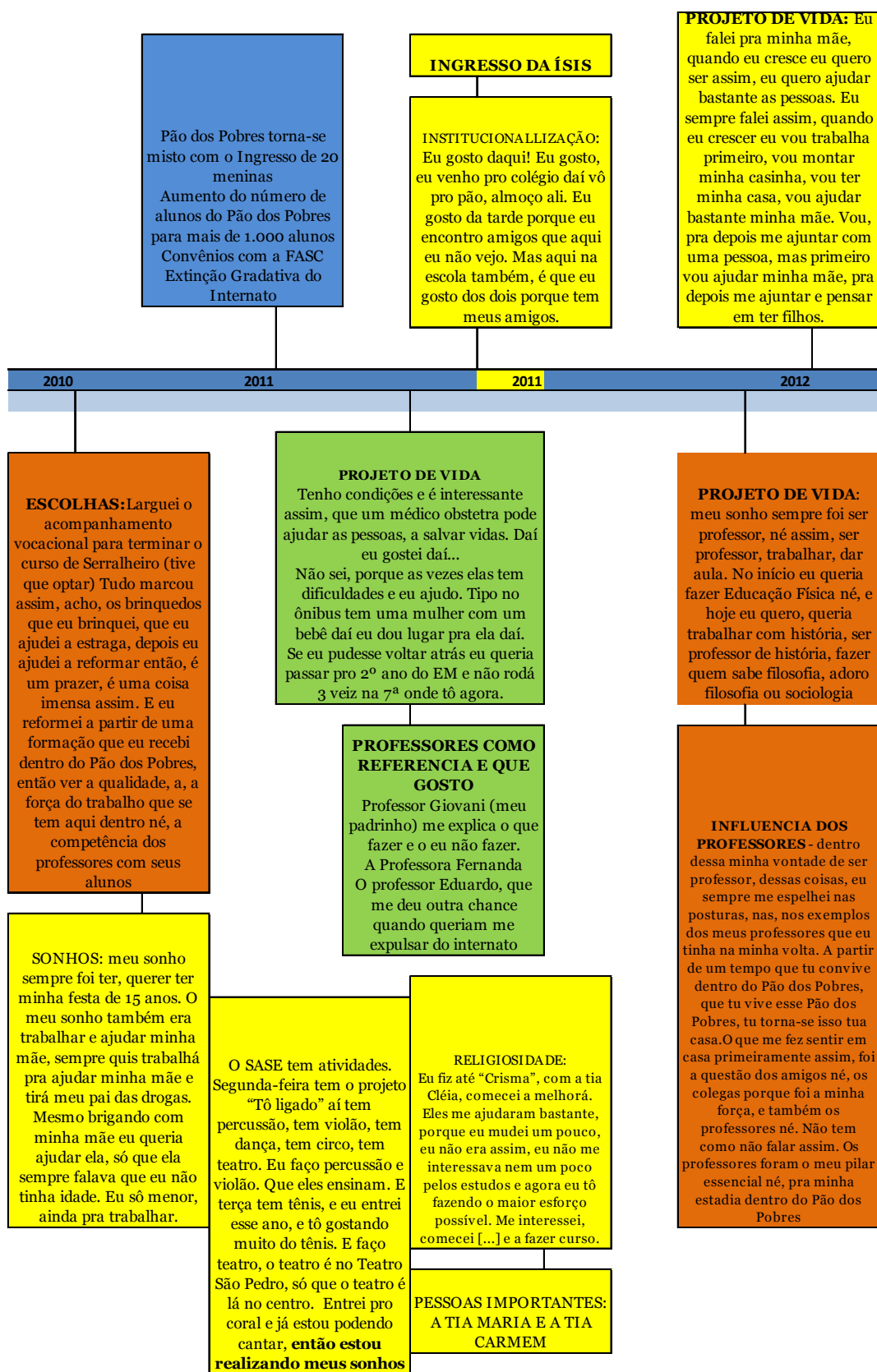
Quadro 8 – Linha de tempo: Como as mudanças no Pão dos Pobres aparecem nas narrativas dos sujeitos da pesquisa













A linha de tempo foi construída tendo como objetivos demonstrar o quanto aparecem nas narrativas dos jovens os aspectos institucionais, bem como os impactos das mudanças do Pão dos Pobres na vida desses jovens. Ao mesmo tempo, com ela se busca identificar os momentos de institucionalização, de ser-sujeito cidadão, de projetos de vida (sonhos de infância e os sonhos atuais até a saída do Pão dos Pobres) e de emancipação.

Iniciamos construindo a linha de tempo do Pão dos Pobres desde a origem de seu nome, e sua razão de ser, até os tempos atuais, fazendo recortes de fatos e acontecimentos considerados relevantes pelo pesquisador e que, de forma direta e indireta, estão impregnados pela pedagogia lassalista e contribuem para a constituição do ser-sujeito cidadão e do projeto de vida de seus alunos.

Em termos metodológicos, havia por parte do pesquisador um pequeno roteiro elaborado em forma de tópicos temáticos: a) Falar da infância, família e sonhos de infância; b) Ingresso no Pão dos Pobres (como, por que ou quem encaminhou); c) Rotina semanal do Pão dos Pobres, atividades que participa e estudos; d) Sonhos que tenho hoje (o que quero ser quando crescer) e como se imaginam depois do Pão dos Pobres.

Os três jovens têm algumas características que se assemelham quanto à vulnerabilidade social. Ambos são de famílias com extrema pobreza econômica, desestrutura familiar e conflitiva, ambos têm situações de perda de pessoas próximas. Hércules “perde dois irmãos e a irmã” para as drogas; perde o vínculo com o antigo diretor do Internato, por ele ser transferido e por questões de saúde; perde a “Tia Lia” (faleceu), uma funcionária que os acolhia e tratava como filhos e que eles viam como uma mãe carinhosa e atenciosa com eles. Cronos perde seu melhor amigo de infância que sempre ia buscá-lo na escola, quando Cronos era bem pequeno. Essa foi uma enorme perda para ele. Já a jovem Ísis também perde o pai, tios e vários primos para as drogas (mortos), tendo vivenciado muitas dificuldades e inclusive situações de fome, sobretudo da mãe que deixava de comer para alimentar as duas filhas.

O Ingresso no Pão dos Pobres: O ingresso do jovem Hércules e do Cronos se deu no mesmo ano, porém com idades distintas e ambos permaneceram até dezembro de 2012 no internato do Pão dos Pobres. Ísis ingressa apenas em 2011, na 1ª turma de meninas da história do Pão dos Pobres após seu reordenamento institucional.

Hércules e Cronos ainda vivenciaram o final do processo de planejamento do Reordenamento Institucional e com alguns processos transitórios em andamento que provavelmente passaram imperceptíveis aos mesmos por estarem no seu primeiro ano no internato.

Nas narrativas dos Hércules e Cronos aparecem situações de choro, tristeza, medo, desespero e necessidade de adaptação (2 meses) ao ingressarem no Pão dos Pobres. Os dois jovens sempre se referem à mãe e em nenhum momento falam do pai (mesmo sabendo que são órfãos, porém não narraram como se sucedeu a orfandade). Creio que faltou experiência nas entrevistas por parte do pesquisador em perguntar algo sobre esse assunto, porém, as

narrativas são livres e, como se percebe, houve o máximo de cuidado para não interferir no andamento da mesma.

Na narrativa da jovem Ísis aparece a palavra “revolta” e a expressão “fiquei sentida” por ela ter sido obrigada a entrar no Pão dos Pobres, inicialmente gerando mágoas com a mãe, o que se desfez com o tempo de vivência na escola e no Pão dos Pobres. Ísis possui como maior referência o pai, mesmo este se encontrando em situação de dependência química. Ela demonstra muita preocupação quanto a esta situação e deseja ajudar, o mais rápido possível, o pai a sair das drogas. Sente muito sua ausência, mesmo ele morando no mesmo bairro e na mesma rua que ela. Seu apego afetivo é imenso a ponto de sonhar com a mudança de vida de seu pai.

Para Hércules, o Ingresso no Pão dos Pobres se deu por motivos distintos, mas com algo em comum: “Salvar ou ordenar o filho”. A referência de um tio que, formado no Pão dos Pobres, conseguiu se estabelecer na vida e também, por isso, elogia bastante a Instituição, incentivou a mãe de Hércules a conseguir uma vaga para ele no Pão dos Pobres. Um ano depois, Hércules e seu irmão conseguem ser aprovados num teste de seleção no Pão dos Pobres, por incentivo da mãe, que buscou refúgio na Instituição para não perder os dois menores para as drogas, como havia sucedido com 3 dos outros filhos mais velhos.

Cronos foi encaminhando pela mãe ao Pão dos Pobres para não ficar “jogado por aí” e por intermédio de um amigo que já estava estudando no Pão dos Pobres. De modo diferente, a jovem Ísis ingressou no Pão dos Pobres como “castigo”, devido ao mau comportamento (na escola e na rua), gerando uma situação familiar ainda mais conturbada (conflitos com a mãe). Ísis sofreu muito com a separação dos pais, com a pobreza, sobretudo com a falta de comida e brinquedos na infância, fazendo comparações entre ela e sua irmã mais nova, que hoje “tem muita coisa”, comparado a ela. Inicialmente, Ísis conseguiu vaga apenas no SASE do Pão dos Pobres em 2011. Somente seis meses depois conseguiu a vaga no Colégio La Salle Pão dos Pobres. Portanto, pela manhã ela estuda no colégio, almoça e participa das atividades do SASE, e, no período da tarde, no Pão dos Pobres.

Pedagogia Lassalista: Percebe-se nas narrativas dos jovens algo da pedagogia lassalista em comum: a formação humana representada na solidariedade e a formação cristã representada nas falas como missas, 1ª Comunhão e Crisma (catequese). Quanto à solidariedade, percebe-se que todos querem ajudar de uma ou de outra forma pessoas que precisem de ajuda. Todos relataram que pelo fato de se sentirem ajudados, amparados e cercados de professores e/ou funcionários comprometidos com eles, isso os faz sentir vontade

de retribuir esse gesto. Em outras palavras, percebe-se a solidariedade com terceiros, mesmo que em pequenos gestos, como: “ceder lugar pra mulheres grávidas no Trensurb” (Cronos); ajudar sua mãe em tarefas de casa (Ísis); e em querer transmitir todo seu aprendizado vivido no Pão dos Pobres para as outras gerações vindouras (Hércules). Quanto à formação cristã, os três narram o fato de terem ou participado das missas ou feito a 1ª comunhão e a Crisma (catequese) durante seu período no Pão dos Pobres. Para Hércules, sobretudo, o fato de ouvir todos os internos rezando antes das refeições e cantando nas missas o enchia de orgulho. Porém, essa área religiosa é coordenada há muitos anos por uma leiga que é muito estimada e reverenciada pelos alunos do Pão dos Pobres.

Projeto de vida e emancipação: Constata-se que os jovens têm um projeto de vida expresso através dos seus sonhos concretos ligados à realização pessoal e profissional. Ambos têm consciência de que, muitas coisas dependem deles para que eles alcancem seus objetivos. Há consenso de que, para tanto, é preciso, em primeiro lugar, estudar (aproveitar o estudo) com muito afinco e, em segundo lugar, buscar uma formação profissional. Teoricamente, está claro para eles que o protagonismo, a iniciativa e a postura proativa perante as adversidades, dependem muito da força de vontade de cada um deles. É perceptível uma autonomia entendida como a capacidade de decidirem qual é o seu projeto de vida por si mesmos, embora necessitem de apoio constante de pessoas de confiança. Hércules narra que seu projeto de vida sempre esteve ligado à educação, ao desejo de ser professor nas áreas de filosofia ou sociologia. Em síntese, ele pretende vir a ser um educador social do Pão dos Pobres (“da instituição que me formou e me fez me conhecer por gente”). Esse desejo está ligado a querer ensinar às pessoas, querer passar adiante as coisas que aprendeu, trabalhar no lugar onde se formou, no lugar que onde foi “criado”, na segunda casa que se reconheceu como indivíduo-pessoa. É, inclusive, dentro do Pão dos Pobres que o mesmo se vê realizando seus sonhos, seu projeto de vida.

Cronos tinha como projeto de vida ser maquinista de trem, porém passou a querer ser médico ginecologista ou obstetra, para poder ajudar as pessoas e salvar vidas. “Gosto de ajudar porque às vezes as pessoas sofrem, e eu ajudo”, diz ele. Ele possui consciência de que precisa estudar muito, se concentrar, arranjar amizades, criar vínculo com os professores e se dedicar o suficiente para alcançar esta meta. Para tanto, pretende fazer acompanhamento vocacional para discernir sua vocação (tem um amigo que serve de referência).

Ísis tem muita vontade de ajudar sua mãe, porém, fica ansiosa por não ter ainda idade para ajudá-la. Ela possui como sonhos: fazer uma festa no seu aniversário de 15 anos em

2013; ser cantora; tirar seu pai das drogas; arrumar um emprego pra ajudar a mãe e as pessoas que precisam; construir sua casinha e constituir família para ter seus filhos. Nota-se que a jovem tem sonhos bem concretos e que vão de encontro a sua realidade familiar. Além disso, ela demonstra grande desejo de ajudar as pessoas, porque é ajudada tanto no colégio onde estuda quanto no Pão dos Pobres. Segundo a mesma, ela começou uma nova história de vida no Pão dos Pobres porque fez amigos e amigas tanto no colégio quanto no Pão dos Pobres. Está muito contente com as atividades e oficinas propiciadas pelo SASE, pois essas estão possibilitando realizar um dos seus sonhos, que é ser cantora, uma vez que está ensaiando e se apresentando no Teatro São Pedro de Porto Alegre.

Para Ísis, as regras existentes tanto no colégio quanto no Pão dos Pobres a ajudaram, pois em outros locais onde estudou e frequentou não existia a “tal das regras”, como ela define. A mesma expressa que antes era bagunceira, não fazia nada, não era educada, não se interessava por nada e, ao mesmo tempo em que sonhava, não fazia nada para conquistar estes sonhos, muito menos ajudar sua mãe. Ela relata que agora que entrou para o “Pão” e para o La Salle, está começando a realizar os seus sonhos. Sua mudança ocorreu porque se sentiu ajudada por professores e amigos, que chamavam ela e a família para explicar “as coisas”, o que a fez começar a entender como funcionava a Instituição.

Cronos apenas fez referência às regras como forma de funcionamento que todos tinham que cumprir para não serem expulsos ou sofrerem sanções, como “ficar em pé e cheirar parede”. Hércules, por sua vez, via as regras como importantes, porque o mesmo, por se destacar pela liderança, recebia pequenos cargos de confiança dentro da Instituição que o faziam se sentir importante. Em várias situações, já recebia a tarefa de ir passando “matéria” no quadro ou de organizar a sala até o professor chegar e, nessa hora, segundo o mesmo, fazia o uso das regras.

O desligamento Institucional: Hércules sabe que precisa concluir primeiro o Ensino Médio e se dá conta de que está atrasado nos estudos, resultado das 2 reprovações no início da vida escolar devido aos problemas de saúde. Ele está se empenhando o máximo para concluir o Ensino Médio. Estava estagiando na *Junior Achievement* - RS até o final das entrevistas. Depois relatou com tristeza que haviam encerrado o contrato de estágio por excesso de estagiários. Ele segue participando do grupo de jovens da escola e visita semanalmente o Pão dos Pobres para matar a saudade. Está em processo de elaboração do luto do desligamento e relata com tristeza o fato de o internato ser fechado, pois, para ele, este era a segunda casa que o formou, que o fez se conhecer como indivíduo e que abriu as portas para ele.

Já o jovem Cronos foi muito sucinto na sua narrativa quanto a este aspecto. Ele narra que sente falta dos amigos do Pão dos Pobres e que está sendo difícil. Sua narrativa focou-se nas dificuldades enfrentadas para continuar a vir diariamente pela manhã para a escola e cursar o curso profissionalizante no turno inverso.

Para surpresa do pesquisador, Ísis em sua narrativa apontou para sua futura situação de desligamento da escola. Segundo ela, não gostaria de sair da escola e lamenta que a mesma ofereça somente o Ensino Fundamental, e não o Ensino Médio. Ela justifica que gosta dos dois, da escola e do “Pão”, porque tem amigos e por ter iniciado uma história que a está ajudando muito.

Ser-sujeito cidadão: A maratona de Cronos se inicia às 05h10 da manhã, necessitando este pegar ônibus, Trensurb e ônibus novamente para chegar no início do horário das aulas. Ele fala com tristeza de ter que abrir mão das aulas de música, do grupo de jovens, da escola e das aulas de tênis, devido ao choque de horário com o curso de serralheria que pretende concluir. Creio que aqui chegamos numa situação questionadora: essa rotina do jovem é efetivamente um sentir-se cidadão com todos os seus direitos? Como fica a cidadania desse jovem frente à obrigação do Ministério Público (conforme discutimos no Apêndice D) que o obriga a fazer esta maratona diária de ir e vir do município de Canoas - RS, se antes o mesmo residia no Pão dos Pobres, sobrando-lhe tempo para estudar e fazer todas as atividades com dignidade e prazer?

Rotina semelhante é a da jovem Ísis que, por morar na Restinga, necessita levantar-se às 04h30 da manhã, caminhar até a parada, por vezes em situações de risco e tiros, pegar dois ônibus diferentes para chegar no horário da aula. E o trajeto inverso por vezes é mais demorado ainda (não tem hora pra chegar).

Aspectos institucionais nas narrativas: Os três jovens, em distintos momentos, falam das rotinas, dos horários e das atividades que tiveram e/ou têm no Pão dos Pobres.

Hércules narra sobre a exigência do professor Orestes, as regras e disciplina na hora do banho (fila do quadrado) e o fato de que tudo era regrado, isto é, de que tinha horário para tudo. Ele relata os serviços que realizavam, desde arrumar os quartos, lavar a louça, limpar o pátio, a pracinha, até reformar bancos, cadeiras e balanços que estragavam e que eles cuidavam como se fossem pertencentes a uma casa mesmo. Ele narra que após sua adaptação no primeiro ano no Pão dos Pobres, não via a hora das férias acabarem para retornar o mais rápido possível. Relata que ao retornar em 2008 tudo estava diferente e mudado. Não podiam mais trabalhar (realizar os serviços de limpeza, de auxílio na cozinha), havia constantes trocas

de coordenação (4 num ano) e a necessidade de adaptação a cada pessoa que entrava e/ou saía. Segundo ele, os mesmos sofriam, pois, quando estavam habituados com o perfil de um, o mesmo já era trocado por outro. Para ele, outro sofrimento foi a saída do diretor, considerado por ele um grande amigo que o auxiliava muito.

Cronos, em sua narrativa, diz que em 2008 ficou melhor porque não tinha mais aquele “sistema antigo”, onde havia certas punições e castigos como ficar em pé por um bom tempo nos corredores ou “cheirar parede”, ou ainda escrever 100, 200 ou 500 vezes “devo respeitar o professor”. Ele narra também que almoçavam em tigelas de inox e que a partir da troca da direção e da vinda do La Salle, tudo mudou, pois, puseram *buffet* e fizeram classificação por faixas etárias para fortalecer os vínculos.

Na narrativa da Ísis aparece a fala de que a “tal de regras” tanto no Pão quanto no La Salle não existiam na escola que ela estudava. Ela faz seguidas distinções entre o La Salle e o Pão dos Pobres.

Com essas análises das narrativas dos jovens no Pão dos Pobres, percebe-se que nas relações interpessoais, nos processos de escolha e constituição do sujeito, o Pão dos Pobres tem por primazia a formação pessoal (humana e cristã) e a acadêmico-profissional com vistas à emancipação do sujeito, compreendido como alguém capaz de ser e de viver na sociedade com autonomia para a cidadania. Nessas relações e processos, faz-se necessário estar muito atento para as subjetividades, considerando as pessoas como sujeitos subjetivados no interior de práticas coletivas, institucionais e sociais. Quanto aos conceitos que o termo cidadania carrega consigo, é perceptível que isto não passou despercebido do Pão dos Pobres durante a elaboração do reordenamento institucional, de modo que os jovens tenham constantes atos emancipatórios que os façam ser-sujeito cidadão.

Quanto aos alunos dos cursos técnicos e profissionalizantes, já se percebe uma emancipação, uma constituição de projeto de vida mais solidificado, pois estão mais focados na formação profissional que implicará positivamente na sua vida pessoal. Após o término do curso e sua inserção no mercado de trabalho, há um acompanhamento externo na empresa por um período de tempo, garantindo-lhes uma segurança maior na emancipação.

Dentro do acolhimento institucional, percebe-se que a emancipação é vista com pequenos atos e gestos. Que as crianças e os jovens consigam uma estrutura adequada para sua vida, com o resgate da sua dignidade e de modo geral a “educação”, é, por vezes, a única forma de elas se emanciparem. É fundamental continuar a incentivar a construção do projeto de vida para que o mesmo se torne uma dimensão fundamental no seu processo de maturação

individual e coletiva. Todavia, para que essa construção do projeto de vida aconteça, o jovem necessita de espaços e tempo de reflexão sobre seus sonhos, desejos, possibilidades, bem como de informações qualitativas sobre o contexto social onde pretende se inserir e construir um rumo para sua vida. Acreditamos que a escola é um espaço fundamental para se fortalecer a concretização do projeto de vida com vistas ao protagonismo e emancipação, bem como de todos os projetos desenvolvidos no Pão dos Pobres.

Talvez o grande desafio do Colégio La Salle Pão dos Pobres e da fundação Pão dos Pobres seja conseguir preparar e acompanhar efetivamente seus alunos na vida social, no futuro emprego, e quem sabe, o mais desafiador, prepará-los para a vida, conduzindo-os também para o ingresso no ensino superior. Espera-se que no conjunto de ações não se esqueçam de abrir espaços de reflexão acerca da realidade dos seus alunos, para ajudá-los na constituição do seu projeto de vida. Espera-se também que a escola consiga dialogar com os projetos de vida que os alunos vivenciam e elaboram e, assim, as vivências escolares dialoguem e se relacionem sempre com seus projetos de vida. Evidencia-se que os jovens têm também o desejo de serem felizes nas suas escolhas, mesmo que por vezes a vida se mostre dura nas lutas e labutas diárias.

Pensar num projeto de vida prefigura uma atitude de cuidado para consigo mesmo e para com o outro. Na categoria “outro”, devemos conceber aquele que constitui o ecossistema, o relacional, a pessoa e a natureza. Para que a vida humana se tornasse efetiva, desde o primeiro momento da vida, foi necessário que alguém dedicasse cuidados a ela. Aquele que foi cuidado em condições ideais aprende a valorizar a vida, a cuidar de si e a construir certa independência, sem deixar, porém, de estender essa prática do cuidado aos demais, condição esta necessária para a continuidade da vida na humanidade.

Talvez a grande dificuldade dos adultos seja conseguir pensar nas crianças, nos adolescentes e jovens, de modo que lhes propiciem um FUTURO maiúsculo, cheio de protagonismo e realizações. Ao invés de apenas apontar caminhos, precisamos fazer o caminho com os jovens.

Que não caiamos no equívoco de pensar que os jovens não querem nada sério. Eles, pelo contrário, têm muito a nos narrar e contar! Só precisamos ouvir suas narrativas de vida, ora alegres e tristes, ora barulhentas e ora silenciosas, para depois caminharmos com eles o caminho da vida. Os jovens podem ser, e são de fato, construtores e reconstrutores do seu mundo. É dever dos adultos entendê-los como tal. O jovem é sujeito que sente, pensa, sonha, deseja, erra, acerta. Temos o grande desejo de que os jovens consigam construir seu projeto

de vida com vistas à emancipação, para que o ser-sujeito cidadão efetivamente se concretize no presente, não permanecendo apenas como um sonho futuro. Acredita-se que o sentido da vida seja fazer sentido a outras vidas (pessoas).

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.
- _____; FREITAS, Maria Virginia de; SPOSITO, Marília P. (Orgs.). 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família* [1973]. Trad. D. Flaksman. 2ª ed., Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rev. Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BLAIN, Jean-Baptiste. *La vie de Monsieur Jean-Baptiste de La Salle, instituteur des Frères des Écoles Chrétiennes*. v.2. Rouen: Jean-Baptiste, 1733.
- _____. *Vida do Padre João Batista de La Salle: fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs*. Trad. Irmão Albino Affonso Ludwig. v.1. 2009.
- BOURDIEU, Pierre. “A ‘juventude’ é apenas uma palavra”. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BORAN, Jorge. *Os desafios pastorais de uma nova era*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CATÃO, Maria de Fátima Martins. *Excluídos sociais em espaços de reclusão: as representações sociais na construção do projeto de vida*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- _____. *Projeto de vida em construção: na exclusão/inserção social*. João Pessoa: UFPB/Ed. Universitária, 2001.
- CATÃO, M.F.M.; DUARTE, F.J.U.; OLIVEIRA, K.N.C. “Orientação para o trabalho dos excluídos sociais em espaço de reclusão”. In: *III Encontro de Extensão da UFPB*. João Pessoa: UFPB, 1996b.
- CELAM; CNBB Setor Juventude. *Projeto de vida: caminho vocacional da Pastoral da Juventude Latino-Americana*. São Paulo: CCJ – Centro de Capacitação da Juventude, 2003.
- CORSETTI, Berenice. “Análise documental no contexto da metodologia qualitativa”. In: *UNIrevista*, vol.1, n.1, pp.32-46, jan. 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/ART%2005%20BCorsetti.pdf>. Acesso em: 21 de junho de 2013.

- CUNHA, Maria Isabel da. *O Professor Universitário na transição de paradigmas*. 1.ed. Araraquara: JM Editora, 1998.
- DAYRELL, Juarez. “O jovem como sujeito social”. In: *Revista Brasileira de Educação*, n.24, p.42, set./dez. 2003.
- DÉMIA, Charles, *Règlements pour les écoles de la ville et Diocèse de Lyon*. Paris: Bibliothèque Nationale, [s.d.]. *apud* GAUTHIER, Clermont. TARDIF, Maurice (Orgs.). Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Martins Fontes, 2ª ed., São Paulo: 2005.
- DICK, Hilário. *Civilização do Amor: Tarefa e Esperança. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- _____. *Gritos silenciados, mas evidentes: Jovens construindo juventude na história*. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *O Caminho se faz – História da Pastoral da Juventude do Brasil*. Porto Alegre: Evangraf, 1999.
- DOCUMENTO DA CNBB - 85. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DURKHEIM, E. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FROTA, Ana Maria Monte Coelho. “Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção”. In: *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, v.7, n.1, pp.147-160, abr.2007. Disponível em <http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a13.pdf> (Acessado em 10/06/2013).
- GAULUPEAU, Yves. “La France à l’écoles normales (et les IUFUM?)”. Paris: L’Harmattan, 1994, pp.25-137. In: HENGEMÜLE, Edgard. *La Salle: Uma leitura de leituras (O Padroeiro na História da Educação)*. Centro Universitário La Salle, Canoas: La Salle, 2000.
- GROPPO, Luis A. “Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes”. In: *Ultima década*, Cidpa Valparaíso, v.33, pp.9-26, diciembre 2010.
- _____. *Juventude: ensaio de sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

_____. “O funcionalismo e a tese da moratória social na análise das rebeldias juvenis”. In: *Estudos de Sociologia* (São Paulo), v.14, pp.37-50, 2009.

HENGEMÜLE, Edgard. *Educação lassaliana: Que educação?* Canoas-RS: Salles, 2007.

_____. *La Salle: uma leitura de leituras*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: UNISINOS, 1997.

HERNÁNDEZ, Fernando; MONTSERRAT, Rifà (Coord.). “Aprender a ser en la escuela primaria. Bolsillo”. In: *Octaedro*, S.L. Barcelona, n.14., Ed. Octaedro, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si*. Trad. Albino Pozzer. Coord. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

_____. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. “História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos”. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.25, n.2, pp.11-23, jul./dez. 1999.

LA SALLE, São João Batista de. *Guia das Escolas Cristãs*. Canoas, RS: Editora Unilasalle, 2012.

_____. *Meditações para todos os domingos do ano com os Evangelhos dos Domingos*. Trad. Irmão Albino Afonso Ludwig. Canoas: Ed. La Salle, 1988.

_____. *Meditação de São João Batista de La Salle para educadores cristãos*. Porto Alegre: Santo Antônio – Pão dos Pobres, 1953.

_____. *Obras Completas de São João Batista de La Salle*. Coord. Edgard Hengemüle. Trad. Albino Afonso Ludwig [et.al.]. Canoas, RS: Unilasalle, 2012.

LAURAIRE, Léon. *La Guía de Las Escuelas: Enfoque Pedagógico*. Trad. H. Tomás Muñoz, Roma, Callejas, FSC, n.62, 2006.

LESSARD, Claude; TARDIF, Maurice (Orgs.). *O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais*. Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LEVIN, Esteban. *A infância em cena – Constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. *História dos Jovens 2. Da antiguidade à Era Moderna*. V.1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *História dos Jovens 2. A época contemporânea*. V.2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MAIA, Ana Augusta Ravasco Moreira; MANCEBO, Deise. “Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado”. In: *Psicologia, ciência e profissão*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2010, 30 (2), 376- 389.
- MARCELINO, Maria Quitéria dos Santos; CATÃO, Maria de Fátima Fernandes Martins; LIMA, Cláudia Maria Pereira de. “Representações Sociais do projeto de vida entre Adolescentes do Ensino Médio”. In: *Psicologia, ciência e profissão*, Universidade Federal da Paraíba, 29 (3), pp.544-557, 2009.
- MENDES, Juliana Thimóteo Nazareno. *O projeto de vida dos jovens pobres na vivencia do tempo presente*. UFJF, Juiz de Fora: [s.e.], 2008.
- MENEZES, Luciano Osmar. *Adolescentes e projetos de vida: um estudo com alunos da 1ª série do ensino médio de Joaçaba*. UNOESC - Joaçaba: [s.e.], 2009.
- MORAES, Roque. “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva”. In: *Ciência & Educação*, v.9, n 2, pp.191-211, 2003.
- MOLINA, Rosane Kreuzburg. “Pesquisar com narrativas docentes: experiência, epistemologia e ética”. In: *R. Educ. Públ.*, Cuiabá, v.20, n.44, pp.429-441, set./dez. 2011.
- NARODOWSKI, Mariano. *Infância e poder: a confrontação da pedagogia moderna*. Tese de doutorado em educação. Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- NASCIMENTO, Cláudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. “A Construção Social do conceito de Infância: uma tentativa de reconstrução historiográfica”. In: *Linhas*, Florianópolis, v.9, n.1, pp.04-18, jan./jun. 2008. Disponível em <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1394/1191>. (Acessado em 20/06/2013).
- NÓVOA, António. *O Regresso dos Professores*. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/68387246/O-regresso-dos-professores>. (Acessado em 12/03/2012).
- _____. “Os Professores e as Histórias de suas vidas”. In: *Vidas de Professores*. Portugal: Porto Editora, 1992.
- ORTEGA Y GASSET, José. “Juventude”. In: *A Rebelião das Massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. pp.239-248.

- PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL DO BRASIL. *Marco referencial da Pastoral da Juventude Estudantil: nossa vida, nossos sonhos*. [S.I.: s.n.], [200-?].
- PERUZZOLO, Dani Laura. *Os processos educativos para a construção da autonomia de crianças institucionalizadas*. UNISINOS, São Leopoldo: Anpedsul, 2004.
- RABUSKE, Edvino. *A Antropologia Filosófica*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.
- RAUPP, Marco Antonio. *Sessão Plenária 4: Educação e C, T & I : Educação de Qualidade desde a 1ª Infância (texto para discussão)*. 4ª CNCTI - Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. Ministério da Ciência e Tecnologia; Subsídios da área de Ensino de Ciências e Matemática para a IV CNCT&I e IV CNCT&I-Sudeste. Vitória, 31 de março de 2010.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: do romantismo até nossos dias*. 4.ed. v.3. São Paulo: Paulus, 1991.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- SANTOS, Antonio Raimundo dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- SAUVAGE, Michel. *Catequesis y Laicado: Participación de los laicos en el ministerio de la Palabra divina y misión en la Iglesia del religioso laical educador*. Roma: Ediciones San Pío X, 1963.
- SCHWARTZMAN, S.; COSSIO, M.B. “Juventude, educação e emprego no Brasil”. In: *Cadernos Adenauer – geração futuro*, vol.VII, n.2, pp.51-65, 2007.
- SILVA, Cristiane A. Fernandes da. “Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional”. In: *Tempo soc.* [online], vol.17, n.2, pp.396-400, 2005.
- SPOSITO, Marília Pontes. “Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação”. In: SPOSITO, Marília Pontes (Coord). *Juventude e Escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002, pp.07-33.
- _____(Coord.). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*. v.1. Belo Horizonte, MG: Argumentvm, 2009.
- STAUB, Gilmar. *Juventudes nas mídias do mundo pós-moderno: presença protagônica ou presença manipulada?*. São Leopoldo: UNISINOS, 2005. Monografia, Unidade Acadêmica de Educação Continuada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005.

Revistas Eletrônicas

Caderno MEL - <http://www.delasalle.com.br/dls/CADERNOMEL12.pdf> (Acessado em maio de 2011).

Electronic Document Format (ABNT) SILVA, Cristiane A. Fernandes da. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. Tempo soc., São Paulo, v.17, n.2, nov. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200020&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Dec. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702005000200020>. (Acessado em Dezembro de 2012).

PERUZZOLO, Dani Laura. *Os processos educativos para a construção da autonomia de crianças institucionalizadas*. UNISINOS, São Leopoldo: Anpedsul, 2004. Disponível em [http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12_28_34_OS PROCESSOS EDUCATIVOS PARA A CONSTRUCAO DA AUTONOMIA DE CR.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12_28_34_OS_PROCESSOS EDUCATIVOS PARA A CONSTRUCAO DA AUTONOMIA DE CR.pdf) (Acessado em 14 de maio de 2013).

Revista Digital de Investigación Lasaliana; *Revue Numérique de Recherche Lasallienne*; *Digital Journal of Lasallian Research*: http://revista_roma.delasalle.edu.mx/pdf/Revista4.pdf (Acessado em maio de 2011).

<http://feppj.files.wordpress.com/2007/12/unesco.pdf> (Acessado em outubro de 2012).

http://www.lasalle.org.br/upload/portal/publicacoes/Biografia_de_La_Salle-BLAIN.pdf (Acessado em maio de 2011).

http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/2009/livro_SituacaoSocialBrasileira_2007.pdf (Acessado em outubro de 2012).

http://www.institutocidadania.org.br/HTML/downloads/revista_cidadania_em_baixa.pdf (Acessado em outubro de 2012).

<http://www.scielo.cl/pdf/udecada/v11n19/art06.pdf> (Acessado em agosto de 2012).

<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a20v17n2.pdf> (Acessado em novembro de 2012). *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v.17, n.2, pp.396-400, 2005.

<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1394/1191>. (Acessado em 20/06/2013).

<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT20-4136--Int.pdf> (Acesso em outubro de 2012).

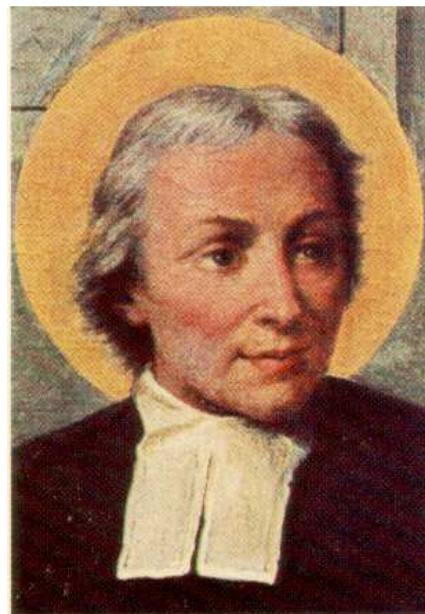
<http://www.dominiopublico.gov.br/> (Acessado pela última vez em 07/03/2012).

<http://www.periodicos.capes.gov.br/> (Acessado pela última vez em 07/03/2012).

ANEXO A – SÍNTESE DA VIDA DE SÃO JOÃO BATISTA DE LA SALLE: FUNDADOR DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS (LASSALISTAS)

São João Batista de La Salle nasceu em Reims, na França, aos 30 de abril de 1651, no Reinado de Luís XIV, numa época de riqueza econômica, cultural e humana e cultural para poucos, e de pobreza, principalmente, educacional e religiosa para muitos.

Era filho primogênito, entre 11 irmãos, de Luís de La Salle (Conselheiro do Rei) e de Nicolle Mœet (da nobreza de Reims). Desde os 10 anos, sentia-se chamado ao sacerdócio. Iniciou seus estudos no Colégio dos Bons Meninos, em sua cidade natal. Realizou, depois, estudos de Filosofia e Teologia na Universidade de Reims e na Sorbona, em Paris.



La Salle doutorou-se em Teologia, e, aos 27 anos de idade, foi ordenado sacerdote. Seu sonho era ser um bom pároco, mas Deus o encaminhou para a missão de criar escolas para crianças pobres. Foi um sacerdote e pedagogo francês inovador, que consagrou sua vida a formar professores destinados à formação de crianças pobres. Para isso, teve de preparar educadores. Reuniu os professores, em comunidade, e os tornou religiosos-educadores-leigos, consagrados a Deus no serviço da educação humana e cristã da infância e da juventude. Esses educadores passaram a se chamar “Irmãos das Escolas Cristãs”. Aqui no Brasil, são conhecidos por Irmãos Lassalistas. Ao falecer, aos 68 anos de idade, em 1719, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, por ele fundado, estava presente em diversas regiões da França.

La Salle foi um pioneiro na educação. Fundou a primeira Escola Normal (Magistério) com a respectiva Escola de Aplicação para exercitar os normalistas no ato de educar. Foi um dos primeiros organizadores do Ensino Fundamental e um dos precursores do Ensino Popular. Criou também instituições de Recuperação de Menores delinquentes e escolas de Ensino Médio Profissional para jovens e adultos.

Alguns dos princípios que fundamentam sua ação pedagógica são: O ensino é um direito de todos, e deve ser gratuito para os pobres; A escola cristã é uma presença evangelizadora da Igreja, e deve humanizar, realizando a síntese entre a fé e a cultura; A escola desenvolve um ensino de qualidade, uma séria formação dos educadores e dos educandos, e constitui-se numa comunidade educativa; Ao educador cabe conhecer e amar

seus alunos e consagrar-lhes “*firmeza de pai e ternura de mãe*”; O educando precisa se preparar para a vida, mediante um aprendizado amplo e prático, através da participação ativa nas aulas e na vida escolar.

La Salle, por sua vida e ação em prol da educação humana e cristã da infância e da juventude, foi proclamado santo, em 1900, pelo Papa Leão XIII, e em 15 de maio de 1950, o Papa Pio XII o proclamou Padroeiro Universal dos Educadores. O Governador do Rio Grande do Sul, Ildo Meneghetti, no uso de suas atribuições, o declarou Patrono do Magistério Público do Rio Grande do Sul, em 1954. Esse é o reconhecimento da Igreja e da sociedade do bem que São João Batista de La Salle realizou.

A congregação conta atualmente com mais de 4.500 Irmãos religiosos e educa aproximadamente um milhão de alunos em mais de 80 países. Para maiores informações: <http://www.lasalle.edu.br/>. Para quem quiser se aprofundar na pedagogia lassalista poderá ter acesso aos escritos de La Salle sobre os educadores. Os mesmos podem ser acessados em: <http://www.lasalle.org/recursos/publicaciones/escritos-del-fundador/>.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DO ESTUDO: PROJETOS DE VIDA E ESCOLARIZAÇÃO: CONSTITUINDO O SER-SUJEITO CIDADÃO NO PÃO DOS POBRES

Pesquisador responsável: Gilmar Staub (PPGEDU/UNISINOS)

Professor orientador: Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes (PPGEDU/UNISINOS)

Período de realização do estudo: 01/12/2012 a 30/06/2013

Convite para participação no estudo

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de mestrado sob responsabilidade do Mestrando Gilmar Staub e sob orientação do Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes do Grupo de Pesquisa Educação Digital, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (GPe-dU/PPGEDU/UNISINOS).

Para decidir se deseja ou não participar desta pesquisa você precisa saber dos objetivos deste estudo. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fornece informações detalhadas sobre a pesquisa, as quais serão apresentadas e discutidas com você.

Após receber informações sobre este estudo, será solicitado que você assine este termo de consentimento livre e esclarecido caso aceite participar. Peça ao coordenador da pesquisa ou alguém de sua equipe para explicar qualquer dúvida que você possa ter antes de assinar esse termo de consentimento livre e esclarecido.

Qual é o objetivo deste estudo?

O objetivo desta pesquisa é estudar/pesquisar, como temática investigativa, histórias e narrativas de vida na constituição do projeto de vida e do ser sujeito-cidadão de jovens com vulnerabilidade social. As narrativas de vida serão construídas através de entrevistas e perguntas abertas para que sejam identificadas as categorias que auxiliam na construção do projeto de vida, tendo como objetivo a emancipação juvenil através do ser sujeito-cidadão.

Quais são as minhas responsabilidades se eu participar deste estudo?

A sua participação é na condição de sujeito entrevistado; num primeiro momento, pretendo realizar uma entrevista individual a ser agendada previamente junto a você. A entrevista terá perguntas abertas (semiestruturadas), ou seja, terá algumas perguntas formuladas previamente pelo pesquisador, mas, no momento do diálogo, a fala será livremente organizada por você, sempre com o foco no tema da pesquisa.

Para garantir a máxima fidelidade à sua fala, toda a entrevista será gravada e, logo após, transcrita. Todo o áudio fica à sua disposição, bem como a transcrição.

E como fica o sigilo em relação às informações coletadas pelos pesquisadores?

Os pesquisadores envolvidos no projeto comprometem-se em guardar sigilo em relação à identidade dos participantes da pesquisa, assim como de outros que, porventura serão citados no decorrer do processo, inclusive instituições de toda e qualquer natureza. Não serão divulgados nomes ou quaisquer outros dados que permitam a sua identificação. Todas as informações coletadas serão organizadas em bancos de dados digitais com acesso restrito aos pesquisadores, sendo armazenadas por até 10 anos (a contar da data de término dessa pesquisa) e posteriormente apagadas. Você poderá ter acesso aos seus dados a qualquer momento mediante solicitação ao coordenador ou a equipe da pesquisa.

Quem mais participará deste estudo?

Participarão deste estudo cinco (05) alunos do Pão dos Pobres, correspondendo idades entre 13 e 17 anos e que tenham um tempo mínimo de dois anos de vivência no Pão dos Pobres.

Posso desistir de participar deste estudo?

Você pode desistir de participar dessa pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para você. Para tanto, basta comunicar o coordenador da pesquisa por telefone ou e-mail.

Receberei pagamento para participar deste estudo?

Não. Os participantes não receberão nenhum pagamento pela participação nessa pesquisa.

Haverá algum custo envolvido?

Não. Você não terá nenhum custo adicional em participar dessa pesquisa.

Se eu tiver dúvidas ou problemas, a quem devo contatar?

Se você precisar de alguma informação adicional, tiver dúvidas, sugestões, reclamações, ou quiser comunicar que não deseja mais participar da pesquisa, pode entrar em contato diretamente com a responsável por esta pesquisa, Gilmar Staub pelo telefone (51)99218541 ou pelo e-mail <gilmarstaub@gmail.com>, ou ainda com o orientador da pesquisa, Prof. Dr. Daniel de Queiroz Lopes, através do telefone (51)3590-8241 ou e-mail <danielql@unisinobras.br>.

Eu, portanto, certifico o seguinte:

- Li as informações acima e entendo que o estudo envolve uma pesquisa. Estou ciente do objetivo do estudo.
- Tive a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas. Todas as minhas dúvidas referentes a este estudo foram esclarecidas satisfatoriamente.
- Entendo que tenho a liberdade para me retirar deste estudo a qualquer momento.

Concordo em participar deste estudo e entendo que receberei uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nome do Participante (letra de forma)

Nome do Representante Legalmente Autorizado
(se necessário, caso o participante tenha menos de 18 anos de idade; letra de forma)

Assinatura do Participante ou do
Representante Legalmente Autorizado

Data

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

GILMAR STAUB
Nome do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador

Data

ASSINATURA DO ORIENTADOR:

DANIEL DE QUEIROZ LOPES
Nome do Orientador

Assinatura do Orientador

Data

APÊNDICE B – DOCUMENTOS DA INSTITUIÇÃO FUNDAÇÃO PÃO DOS POBRES



O Pão dos Pobres de Santo Antônio é uma Fundação Diocesana pessoa jurídica de direito privado, sediada em Porto Alegre - RS, sem fins lucrativos, tem como finalidade manter uma entidade beneficente de atendimento socioeducativo integral à criança e ao adolescente empobrecido e em situação de vulnerabilidade pessoal e social, estabelecimentos anexos e outras obras de caridade, na medida de seus recursos. Entre os estabelecimentos anexos, poderá manter a Fundação instituições de ensino primário, secundário e de aprendizagem profissional, abertas à criança e ao adolescente em geral, visando sempre o atendimento socioeducativo. Poderá manter também Escola ou Centro de Pesquisa e Educação Profissional para atuar nos níveis básicos, técnico e tecnológico, cuja oferta de cursos se adequará às demandas sociais, ao mercado de trabalho, ao mundo do trabalho e à legislação pertinente. Foi declarada entidade de utilidade pública nos níveis federal, estadual e municipal. Em 22 de dezembro de 2006, foi requerido pedido de renovação do CEAS através do processo nº 71010.004817/2006-80, deferido conforme Resolução nº 3, de 23/01/2009, publicada no Diário Oficial da União em 26/01/2009, com validade de 01/01/2007 a 31/12/2009, cuja renovação aguarda apreciação do pedido formalizado em 23 de dezembro de 2009, através processo nº 71000.116036/2009-07, remetido para o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome em 26 de março de 2010, conforme art. 35, da Lei nº 12.101/2009.

As principais políticas contábeis aplicadas nas demonstrações contábeis vêm sendo aplicadas de modo consistente em todos os exercícios apresentados, salvo disposição em contrário.

As demonstrações contábeis da Entidade foram elaboradas e estão sendo apresentadas de acordo com as práticas contábeis adotadas no Brasil, as quais estão definidas no Pronunciamento de Contabilidade para Pequenas e Médias Empresas, emitido pelo Comitê de

Pronunciamentos Contábeis (CPC PMEs (R1)), bem como a ITG 2002 - Entidades sem Finalidade de Lucros, aprovada pela resolução CFC nº 1.409 de 21 de setembro de 2012.

Em consulta ao setor contábil da Fundação Pão dos Pobres e da Sociedade Porvir Científico (mantenedora do Colégio La Salle Pão dos Pobres) apresentamos de modo sintetizado os investimentos feitos na formação de seus educandos.

A Fundação Pão dos Pobres tem como público alvo o atendimento socioeducativo integral às crianças e adolescentes empobrecidos e em situação de vulnerabilidade pessoal e social.

O Colégio La Salle Pão dos Pobres atende educandos em situação de vulnerabilidade social, tendo como caráter principal a filantropia que se reverte em forma de gratuidade da maioria das mensalidades de seus estudantes. Em 2012, o colégio concedeu 90% de bolsas de estudo ou gratuidade aos seus 421 alunos, perfazendo um valor total de R\$ 1.437.300,00 investidos diretamente em educação.

Já a Fundação Pão dos Pobres, por ter 1.200 alunos nas suas mais diversas atividades, oficinas, cursos profissionalizantes, investiu nos últimos dois anos mais de R\$ 8.000.000,00 (oito milhões) de reais em atividades assistenciais, além dos 20% da sua receita que são revertidos diretamente em bolsas assistenciais.

Demonstramos a seguir, os gastos e despesas com as atividades assistenciais e das isenções usufruídas pela entidade, em cumprimento a legislação que regula as entidades filantrópicas:

Quadro 9 – Atividades Assistenciais e das Isenções Usufruídas

Receitas provenientes das atividades operacionais	Custo do Atendimento Gratuito	Valor da Isenção Usufruída	Vinte por cento s/Receita	Percentual de Gratuidades/Receita Operacional
2011 - 4.959.505,71	3.970.825,45	792.606,37	991.901,14	80,06%
2012 - 5.067.354,14	4.222.819,86	1.114.883,23	1.013.470,83	83,33%

Fonte: Setor Contábil da Fundação O Pão dos Pobres (2012).

Em 2012, o Pão dos Pobres investiu em educação o equivalente a R\$ 1.500.000,00 e a cifra de R\$ 2.117.000,00 em alimentação de seus alunos e funcionários. O custo mensal de cada aluno do Pão dos Pobres atualmente gira em torno de R\$ 1.800,00.

APÊNDICE C – IMPORTÂNCIA DAS ESCOLAS CRISTÃS NO CONTEXTO DA ÉPOCA DE LA SALLE

1 REALIDADE EDUCACIONAL DA FRANÇA NO SÉCULO XVII

A realidade da educação francesa no ano de 1680 era de uma grande deficiência quanto ao acesso e à possibilidade de transformação. A realidade socioeconômica da França era tão grave, que 80% da população vivia numa situação econômica precária. Era difícil sair da situação de pobreza justamente porque não havia maiores possibilidades para sair dela. Ao mesmo tempo, a ignorância religiosa predominava sobre a maioria das pessoas.

É na conjugação de vários fatores e mudanças quanto à compreensão da infância que, no século XVII, assistiu-se a publicação de vários tratados de pedagogia. Gauthier (2010, p.144) diz que a originalidade desses tratados, bem como sua repercussão, permite afirmar que a pedagogia é obra do século XVII. Porém, antes desse século, já existia escritos acerca desse assunto que favoreceram o advento pedagógico nos séculos seguintes⁴³.

Entre os escritos, podemos citar Comenius⁴⁴, que, no século XVI, escreveu a *Didática Magna*⁴⁵ (1657), obra essa que é um tratado da arte universal de ensinar tudo a todos como tentativa de sistematização da pedagogia e da didática. Esse tratado constitui-se num regime paradigmático do saber acerca da educação da infância e da juventude através de uma nova tecnologia social que é a escola. A concepção do aluno como lugar do não saber, a aliança entre escola e família, em que ocorre a passagem da criança do ambiente familiar para o escolar, o ensino simultâneo que determina o lugar do docente como lugar do saber, constituem as bases da concepção moderna de infância e educação (NARODOWSKI, 1999, p.19).

Comenius foi o criador da Didática Moderna e um dos maiores educadores do século XVI; já no século 17, ele concebeu uma teoria humanista e espiritualista da formação do homem que resultou em propostas pedagógicas hoje consagradas ou tidas como muito

⁴³ Jacques De Batencour (1669) redige: *A escola paroquial ou a maneira de bem ensinar nas pequenas escolas*; Charles Démiá se torna conhecido por seus *Regulamentos para as escolas da cidade e diocese de Lyon*; Jean-Baptiste de La Salle (1651) publica a *Conduta das escolas cristãs*; os Jesuítas marcam a época com a sua *Ratio Studiorum* (Programa e regulamento dos estudos da Sociedade de Jesus).

⁴⁴ Comenius (1592-1670) nasceu na Morávia, de uma família cristã. Foi precursor do atual movimento ecumênico. Professor, reitor de colégios e escritor fecundíssimo, foi talvez o pedagogo mais significativo do século XVII.

⁴⁵ “[...] se trata de uma lcaixa de ferramentas’ que, através de normas e explicações, constitui o esquema básico para as atividades de ensino nas escolas por parte dos educadores modernos. A *Didática Magna* se constitui como um instrumento teórico capaz de brindar respostas ao desafio dos novos tempos a respeito da formação desse novo corpo social: o chamado corpo infantil” (NARADOWSKI, 1999, p.18).

avançadas. Entre essas ideias estavam: o respeito ao estágio de desenvolvimento da criança no processo de aprendizagem, a construção do conhecimento através da experiência, da observação e da ação e uma educação sem punição, mas com diálogo, exemplo e ambiente adequado. Comenius pregava ainda a necessidade da interdisciplinaridade, da afetividade do educador e de um ambiente escolar arejado, bonito, com espaço livre e ecológico. Estão ainda entre as ações propostas pelo educador checo: coerência de propósitos educacionais entre família e escola, desenvolvimento do raciocínio lógico e do espírito científico e a formação do homem religioso, social, político, racional, afetivo e moral.

Contemporâneo de Comenius, De La Salle criou, em 1684, o primeiro estabelecimento de ensino destinado à formação de professores, colocou em prática o método simultâneo, escreveu o Guia das Escolas Cristãs, que é um detalhado manual de procedimentos didático-pedagógicos. O Guia tem por objetivo beneficiar os alunos, pois os Irmãos compreendiam que no centro da sua tarefa educativa e missão estavam as crianças, que seriam instruídas. Para garantir a centralidade da educação nas crianças e pelas crianças, eles padronizaram de forma pormenorizada as rotinas escolares.

Um pouco mais tarde, Rousseau lança uma obra prima intitulada *O Emílio*, que destaca a importância de se considerar e respeitar a criança a partir de sua identidade e seu desenvolvimento gradual. Mesmo que essas iniciativas ainda não denotassem uma resposta institucional às necessidades educacionais, elas foram a base teórica a partir da qual se desenvolveu o projeto da escola moderna.

La Salle viveu e atuou a maior parte de sua vida no século XVII, período do Realismo Pedagógico⁴⁶, ou seja, do preparo para a vida. Os autores acima citados tiveram influência direta ou indireta no pensamento de La Salle, que coincide com vários teorizadores e educadores realistas: dá precedência à língua vernácula sobre o latim, seu trabalho é metódico, tem a ideia de educação para todos, quer dar um ensino útil aos filhos do povo.

Atento à realidade da época, La Salle lança seu primeiro esforço em tentar não reproduzir, em sua escola, a estratificação da sociedade francesa do seu tempo e facilitar nela a aproximação dos mais desafortunados com os mais afortunados desta sociedade. La Salle procura fazer com que as pessoas cultivem, em sua escola, relações sociais positivas e a fraternidade cristã.

⁴⁶ É o processo pedagógico que tem por objetivo a inserção do indivíduo mais ativamente na sociedade, onde o currículo é elaborado em função das necessidades da sociedade.

Na perspectiva da diminuição das barreiras e da aproximação das camadas sociais pobres ele toma algumas medidas práticas: a) primeiro procura o desenvolvimento dos bons modos e dos hábitos de higiene física, os quais tornam a escola um ambiente propício a todas as crianças; b) a gratuidade praticada na escola lassaliana serve como elemento inibidor da desigualdade; c) o contato dos mais pobres com os filhos dos burgueses na escola cria um relacionamento propício, sobretudo aos mais pobres, ao enriquecê-los com vocabulário ampliado, modos refinados e contatos úteis para a vida, sobretudo a vida profissional futura.

Tendo como objetivo a gratuidade a serviço dos pobres, La Salle faz uma opção radical em favor deles e para conscientizar os professores, descreve-lhes a realidade social dos futuros educandos:

Refleti sobre a prática generalizada, entre os operários e pobres, de deixarem os filhos viver soltos pelo mundo, na vadiagem, antes de poder empregá-los em alguma profissão. Não cuidam absolutamente em enviá-los a uma escola, já por sua pobreza, que não lhes permite pagarem os professores, já pela necessidade de procurarem trabalho fora de casa. Isto forçosamente os obriga a deixá-los ao abandono. As consequências disso são funestíssimas. Pois essas pobres crianças, acostumadas, durante vários anos, a levar uma vida de vadiagem, terão muita dificuldade de acostumar-se depois ao trabalho. Além disso, por frequentarem más companhias, aprendem a cometer muitos pecados, que dificilmente deixarão, por causa dos hábitos viciosos adquiridos por tanto tempo (MR 194, 1988, pp.441-442).

João Batista de La Salle não foi o primeiro a criar escolas gratuitas para os pobres. Já existiam várias delas, sobretudo escolas paroquiais de caridade. O funcionamento de uma escola implica gastos, e quem pagava os custos eram as paróquias, os bispados, as câmaras, que se comprometiam a destinar uma renda à escola para assegurar sua permanência.

Ao instruir seus discípulos (Irmãos), admoesta-os dizendo: “Por seu zelo, procurem dar sinais sensíveis de que vocês amam aqueles que Deus lhes confiou” (La Salle, XVII). Esse tipo amor que diz La Salle, assume formas como o estar com eles, para educá-los mais adequadamente por melhor conhecê-los; a acompanhá-los de perto para resguardá-los, preventivamente, do mal e encaminhá-los à prática do bem.

Quando o pedagogo fala da relação entre os alunos, propõe que ela seja feita de modo equilibrado: equilíbrio entre firmeza e bondade, de um lado, e entre afabilidade, ternura e mansidão, de outro. Se vocês têm com eles a firmeza de pai para retirá-los e afastá-los do mal, devem ter também a ternura de mãe para acolhê-los e proporcionar-lhes todo o bem que depende de vocês (La Salle, XVII).

Nesse período, alguns fatores importantes contribuíram para o aparecimento da pedagogia, entre eles a Reforma Protestante⁴⁷, a Contrarreforma Católica⁴⁸, um novo sentimento em relação à infância⁴⁹, problemas de violência e delinquência nas cidades, fazendo com que um maior número de crianças ingressasse nas escolas. Esse ingresso nas escolas deu-se a partir de uma preocupação moral do século XVII, quando, conforme Gauthier (2010), a infância recebe uma conotação negativa, mas a sua cura é assumida por agentes exteriores à família, os religiosos.

Por não se aceitar mais a leviandade da infância, mas, pelo contrário, buscar corrigi-la, confinou-se as crianças em instituições que substituiriam a família. Em outras palavras, sentiu-se a necessidade de criar escolas, para responder ao novo sentimento moral pela infância (GAUTHIER, 2010, p.131).

A partir do século XVII, uma mudança considerável em relação à criança ocorre: a escola substitui a aprendizagem como meio de educação e, assim, a criança deixa de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. Em outros termos, a criança é separada dos adultos e mantida à distância, numa espécie de quarentena, na escola, antes de ser solta no mundo. Inicia-se o processo de enclausuramento das crianças que perdura até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização.

Com o advento desse novo olhar sobre a infância, surge também uma preocupação para além dela, a saber, com relação à juventude, que na época também era turbulenta e precisava ser corrigida. Da mesma forma que as crianças, os jovens, em números cada vez mais numerosos, e desocupados se tornavam um grande problema para os burgos, vagando pelas ruas, mendigando, furtando, causando escândalos e medo entre os moradores da época.

⁴⁷ Fundada por Martinho Lutero (1517), teólogo e religioso alemão. Lutero foi um dos primeiros a contestar fortemente os dogmas da Igreja Católica. Afixou na porta da Igreja de Wittenberg as 95 teses que criticavam vários pontos da doutrina católica. As 95 teses de Martinho Lutero condenavam a venda de indulgências e propunha a fundação do luteranismo (religião luterana). De acordo com Lutero, a salvação do homem ocorria pelos atos praticados em vida e pela fé. Embora tenha sido contrário ao comércio, teve grande apoio dos reis e príncipes da época. Em suas teses, condenou o culto às imagens e revogou o celibato. Martinho Lutero foi convocado a desmentir as suas 95 teses na Dieta de Worms, convocada pelo imperador Carlos V. Em 16 de abril de 1521, Lutero não só defendeu suas teses como mostrou a necessidade da reforma da Igreja Católica.

⁴⁸ A Contrarreforma: Preocupados com os avanços do protestantismo e com a perda de fiéis, bispos e papas reúnem-se na cidade italiana de Trento (Concílio de Trento) com o objetivo de traçar um plano de reação. No Concílio de Trento ficou definido: Catequização dos habitantes de terras descobertas, através da ação dos jesuítas; Retomada do Tribunal do Santo Ofício Inquisição: punir e condenar os acusados de heresias; Criação do Index Librorum Prohibitorium (Índice de Livros Proibidos): evitar a propagação de ideias contrárias à Igreja Católica.

⁴⁹ A visão da infância, e, por conseguinte, o comportamento dos adultos em relação a ela, varia ao longo da época. Uma vez superado o risco da mortalidade infantil, a criança se mistura aos adultos e pertence à sociedade dos adultos. Com seu pai, toma parte nas atividades agrícolas ou, com sua mãe, na colheita e no cultivo da horta. No século XVII, a infância se torna uma verdadeira preocupação moral. Sua leviandade (sua desordem, seu vício, seu pecado) deve ser corrigida (Cf. GAUTHIER, 2010, pp.130-131).

Charles Demia tem uma nova ideia e proposta para a época. Ao declarar “que abrir uma escola é fechar uma prisão”, aparece pela primeira vez um argumento sobre a utilidade social da escola. Este mesmo autor, ao se referir à juventude e aos filhos do povo, afirmava que eles estavam na última libertinagem, por falta de instrução [...], sendo preciso educá-los pelo estabelecimento dos catecismos e da disciplina nas escolas (CHARTIER; COMPÈRE & Julia, 1976:60 apud GAUTHIER, 2010, p.132).

Conforme Gauthier (2010), o nascimento da pedagogia⁵⁰ se deu no século XVII. Segundo ele, se a educação, durante as épocas passadas, se define pela instalação de certo número de elementos educativos, cuja essência é formada pelos seus conteúdos e métodos, a dimensão pedagógica só é objeto de consideração sistemática no século XVII. Vários fatores concorrem para isso: a reforma iniciada por Lutero, a réplica católica, a preocupação moral com a infância, assim como um questionamento da utilidade da escolarização na manutenção da ordem social. Esses fatores têm como efeito um aumento do número de alunos, e logo de escolas, que acarreta a necessidade de uma reflexão consciente e organizada sobre a estrutura completa da classe, para resolver novos problemas de ensino (GAUTHIER, 2010, p.121).

A leitura que La Salle fez acerca da pobreza do seu tempo, e de seus efeitos, pode ter conotações sociológicas. Mas suas conclusões estão longe das de Marx ou de outros sociólogos, porque se situam na linha da fé e da promoção integral da pessoa humana: “Deus teve a bondade de remediar tão graves inconvenientes pelo estabelecimento das Escolas Cristãs, nas quais se ensina gratuitamente e só pela glória de Deus” (LA SALLE. MR 194, 1, p.440).

Sensível às situações de pobreza e ignorância religiosa, La Salle se dá conta de que uma das grandes e urgentes necessidades era instruir as pessoas, sobretudo as crianças e os jovens, para que pudessem sobreviver e garantir melhores postos de trabalhos. Para poder dar conta da demanda e do seu projeto, o fundador se vê na necessidade de convidar jovens dispostos a trabalhar com ele e, para alcançar tal objetivo, vê-se na necessidade de primeiro formar estes jovens como professores. Para tanto, ele os leva para morar em sua casa e os instrui em todos os sentidos, dando-lhes as condições necessárias para exercerem o ofício de educadores. Surge assim, uma das grandes vertentes pedagógicas iniciadas por La Salle: a

⁵⁰ Por pedagogia entendemos aqui a codificação de certos saberes próprios ao docente, isto é, um conjunto de regras, de conselhos metódicos, que não devem ser confundidos com os conteúdos a ensinar, e que são formulados para o mestre, a fim de ajudá-lo a ensinar ao aluno, para que este aprenda mais, mais depressa e melhor (GAUTHIER, 2010, p.126).

formação de professores para as escolas primárias, já que as universidades estavam bem organizadas pelos jesuítas.

O Movimento Catequético e Escolar foram a segunda forma de resistência e de defesa dos pobres. O movimento catequético parte de um movimento mais amplo, de reforma pastoral e religiosa, que marcou a vida da Igreja Católica na França no século XVII, tal como marcara a da Itália, no século XVI, ainda antes do Concílio de Trento. Para ele, as escolas cristãs eram uma necessidade de primeira ordem, sobretudo na França, onde a situação religiosa era mais difícil, especialmente devido às guerras de religião. Por isso, pode-se afirmar que o movimento em favor da escola popular é fruto de uma autêntica preocupação pastoral. Em geral, os propagadores do movimento catequético advogavam, também, a criação de escolas. É o que constata Michel Sauvage (1963), quando afirma que “o movimento em favor da escola popular, no século XVII, nasceu da inquietude apostólica, e a escola aparece geralmente como obra da Igreja e está orientada efetivamente à educação da fé” (SAUVAGE, 1963, p.454).

Pelos registros fotográficos e descritivos da época, percebe-se que, no ambiente escolar, há uma grande desordem quanto à aula em si, por causa: da falta de organização dos espaços da sala de aula; das admoestações e castigos físicos aplicados pelo professor, que eram individuais perante a turma; do método individual, segundo o qual a criança era chamada à mesa do professor para prestar contas do conhecimento adquirido, de forma oral, enquanto o resto dos alunos ficava “abandonado” ou ocioso; e da discrepância ou mistura de idades na sala de aula, que geravam um enorme problema para o professor.

Hoje, no entanto, é complicado compreender o que se passava há mais de trezentos anos atrás. Como entender uma escola daquele tempo?

El término “escuela” presenta el inconveniente de designar realidades culturales o sociales varias. Más aún que esta polisemia, lo que puede incomodar al lector moderno es la necesidad de distinguir entre el sentido genérico (conjunto de instituciones donde se instruye a personas, sin distinción de nivel, y que constituyen el sistema escolar) y el sentido restringido (em cuyo caso escuela designa la institución de enseñanza de nivel elemental) (LAURAIRE, 2006, p.19).

A disciplina era dura, condizente com a realidade da época e de muita violência social. Oficialmente, o caráter misto das escolas estava absolutamente proibido pelas autoridades civis e religiosas, regra esta que frequentemente era burlada, sobretudo na zona rural, já que os pequenos povoados não tinham condições de manter duas escolas e contratar um professor e uma professora para cada. Por outro lado, não se podiam condenar todas as meninas ao analfabetismo. Desta forma, La Salle se preocupa em buscar com que as freiras-monjas se

ocupem da educação das meninas, rompendo com a lógica machista da época, segundo a qual somente os meninos podiam estudar.

Não havia textos compartilhados entre os alunos para melhorar o nível de ensino. Como nas escolas, não havia espaço para atividades ao ar livre, para jogos e brincadeiras. As crianças acabavam ficando mais tempo na rua para fazer o que houvesse de interessante e prazeroso, como jogar, fazer algazarras, travessuras, quebrar telhados, assustar cavalos das carruagens, roubar e/ou beber de modo desenfreado, reforçando a concepção de que a criança era habitada pelo demônio, por não ter regras nem controle das suas ações.

Quanto ao pensamento e ação educacional francês da época, o comum era “julgar – arbitrar – reprimir”, de modo que se tivesse um mínimo de ordem e disciplina, o que para La Salle não servia, pois não resolvia a questão central. O mesmo confrontou essa linha de pensamento, implementando nas escolas, sobretudo no pensamento dos professores, ações e atitudes de “prever – prevenir – gerir”, procurando antecipar-se aos problemas para encontrar soluções mais rápidas. Assim, o pedagogo quer que seus educadores possam cultivar e aperfeiçoar uma série de qualidades ou virtudes:

- I. A gratuidade, ou seja, a ausência de interesse pessoal, mas amor e dedicação aos alunos, até aos mais ingratos e mal educados: “Vossa profissão vos obriga a ensinar [...] e estais obrigados a fazê-lo desinteressadamente” (M 108, 2)⁵¹.
- II. A atividade e coragem: “Vosso zelo no emprego deve ser tão ativo e corajoso que possais dizer [...] o que nos interessa é trabalhar pela salvação dos alunos” (M 201,3).
- III. Entusiasmo ou zelo “somente um ardente entusiasmo pela salvação de vossos alunos deve ter-vos decidido a [...] dar aos alunos uma educação cristã” (M 201, 3).
- IV. Amor, ternura e firmeza: “Esforçai-vos para dar provas sensíveis de que amais aos que Deus vos confiou” (M 201,2). “Deveis considerar a vossa obrigação de conquistar o amor dos alunos” (M 115,3). Mas isto sem moleza, pois, “se tendes a ternura de mãe, precisais ter a firmeza de pai” (M 101,3).
- V. Seriedade: “Esta seriedade [...] não consiste em mostrar um rosto severo ou descontente, nem em usar palavras duras; mas numa grande serenidade em palavras e ações” (GE, I Parte, cap. III, sec. II). Exemplo: “As crianças, ordinariamente, se formam pelo exemplo de seus professores e se decidem mais facilmente a fazer o que veem praticar” (M 202,3).
- VI. Conhecimento do que se deve ensinar: “Deveis conhecer perfeitamente os valores do Evangelho” (M 175,3) e “os conhecimentos humanos e tudo o que se refere à natureza” (M 160,3), porque “vossa ignorância seria criminosa, já que teria como consequência a ignorância dos alunos” (M 153,1).

⁵¹ São 208 as meditações escritas por São João Batista, sendo agrupadas em três conjuntos: domingos e festas do ciclo litúrgico (MD); festas principais do ano (MF) e para o tempo do retiro (MR). São escritos sempre em três “pontos”: o primeiro faz referência ao Evangelho ou à vida de um santo; o segundo uma reflexão e o terceiro uma aplicação prática à vida do Irmão. Aqui o autor, ao fazer referência ao livro das Meditações de São João Batista La Salle, apenas usa a letra “M”, indicando o número da meditação e o segundo ponto, ou seja, Meditação nº 108, segundo ponto.

As crianças da época eram consideradas pela sociedade francesa como candidatas à prisão. Segundo a Igreja da época, elas se preparavam para o inferno, já que o corpo “indócil” das crianças era *habitat* do demônio e precisava ser domado. No entanto, La Salle dá uma conotação positiva para a infância ou as crianças. Ele diz, em primeiro lugar, que elas são filhos(as) de Deus e batizados; em segundo lugar, que era necessário anunciar o evangelho gratuitamente e que a escola não podia ser para os professores, mas sim, para os alunos pobres. Assim, fazia-se necessário criar as escolas para os menos favorecidos: “[...] são os instrumentos da bondade de Deus para a salvação das crianças pobres e mais abandonadas: porque é disposição da Providência estabelecer escolas cristãs e gratuitas em favor dessas crianças” (LUDWIG, 2009, p.38).

2 EDUCAÇÃO EFICAZ E EFICIENTE DE LA SALLE

La Salle é um homem que deseja e busca a eficácia e a eficiência. No terreno educativo, La Salle se mostra profundamente interessado para que suas escolas sejam exitosas: “Esmere-se em fazer seus alunos aprender bem” (La Salle). A primeira coisa a fazer era atrair as crianças à escola e convencer os pais de que a educação garantiria um futuro melhor. O segredo era a gratuidade do ensino com qualidade e adequado às necessidades populares, com professores bem preparados e atrativos.

A segunda coisa a fazer era conseguir manter os alunos nas escolas, tomando as precauções necessárias para que a evasão não ocorresse devido à rispidez de um professor. Para tanto, os professores deviam instruir os alunos para que não se evadissem da escola. La Salle pensa que, para um aprendizado eficaz, é necessário conservar o aluno por tempo suficiente na escola. A terceira coisa a fazer era cuidar para que os alunos tirassem proveito dos estudos, progredissem e tivessem êxito. O progresso do aluno é evidenciado quando se verifica o bom andamento da escola.

Para La Salle, o alcance destas finalidades, a existência da escola como eficaz, exige que ela “ande bem” em sua estruturação e funcionamento, que exista como instrumento eficiente. Tal alcance é o resultado do trabalho concertado. Mas que trabalho? O de criar, inovar ou de transformar e, em todos os casos, prever, organizar, executar e avaliar.

A vigilância dos professores na escola é destinada particularmente para o aluno. Para tanto, o mestre deve prestar atenção constante para corrigir as palavras que o aluno lê

incorretamente e deve fazer com que todos os alunos da mesma lição (turma) sigam a leitura em andamento e guardem estrito silêncio.

La Salle orienta os professores para que tenham os alunos “inteiros” na aula, devendo, para isso, criar um ambiente de trabalho apropriado, aproveitar integralmente o tempo, cuidar na seleção de conteúdos, utilizar os melhores métodos, técnicas e recursos disponíveis. O mestre deve buscar a perfeição no trabalho realizado, ter seriedade na promoção, cuidar da avaliação, saber motivar os alunos. Para La Salle, a formação dos professores (na época os Irmãos) não era uma simples opção possível, mas uma responsabilidade essencial e uma preocupação permanente em aperfeiçoar-se no ensino, a tal ponto que ocupava todos os momentos livres de sua vida extraescolar. Cada um deveria esforçar-se para melhorar todos os dias sua competência até atingir a excelência.

APÊNDICE D – REORDENAMENTO INSTITUCIONAL DO PÃO DOS POBRES

Com a exigência de a Fundação Pão dos Pobres apresentar uma proposta de reordenamento ao Ministério Público do Rio Grande do Sul, DAT – Unidade de Assessoramento em Direitos Humanos, este, após um período de estudos e acompanhamento da proposta de reordenamento apresentado pelo Pão dos Pobres, fez sua primeira análise e constatações no ano de 2009, em documento intitulado: “Avaliação do Projeto de Reordenamento” apresentado pela Instituição Pão dos Pobres.

1 UM PEQUENO HISTÓRICO

Em seus apontamentos feitos num primeiro documento DAT nº 0385/2008, é interessante destacar que a equipe afirma que a instituição é de grande porte para atendimento de crianças e adolescentes nos moldes dos antigos internatos. Segue dizendo que “não se caracteriza como abrigo, visto que a população atendida não apresenta situações que justifiquem o afastamento do convívio familiar e conseqüente acolhimento institucional” (DAT nº 0385/2008, p.2). Aqui há um choque de compreensão de vulnerabilidade social e pobreza entre o Pão dos Pobres e a equipe técnica da Divisão de Assessoramento Técnico (Unidade de Assessoramento em Direitos Humanos). Para o Pão dos Pobres, os alunos internos necessitam do acolhimento para não serem expostos às mazelas da sociedade, mesmo que vários tenham vínculos familiares não rompidos. Nos fins de semana, por exemplo, boa parte desses alunos internos são liberados para passar o fim de semana com “esses familiares” e para não se desligarem do mundo. Para a equipe técnica, isso não faz sentido, pois afirma que a população atendida não apresenta situações que justifiquem o afastamento familiar e o acolhimento institucional.

Percebe-se claramente que não há convergência de compreensão de todo processo histórico que a instituição vinha fazendo, já que as próprias famílias carentes procuravam a instituição para garantir uma formação humana e profissional para seus filhos. O processo agora se inverteu: é o ministério público que determina quem pode e deve ingressar na instituição.

O documento aponta ainda que o atendimento feito no modelo de internato não encontra parâmetro e amparo legal, visto que o ECA garante direito à convivência familiar e comunitária, o que implica em oferecer serviços em meio aberto, por meio dos quais a criança e o adolescente tenham suas necessidades educativas e de socialização atendidas. Segue

avaliação onde consta que a instituição “não altera a essência do modelo de atendimento, mantendo o pernoite dos adolescentes, além disto, atende jovens do sexo masculino, contrariando o princípio da coeducação”.

Nesse sentido, a equipe orienta o Pão dos Pobres a redirecionar seu projeto de reordenamento, “abolindo o atendimento de pernoite e oferecendo atividades socioeducativas em meio aberto, em ambos os turnos, podendo inclusive ampliar numericamente as vagas existentes, focando-se na oferta de atividades esportivas, culturais, espirituais e profissionalizantes” (DAT nº 0385/2008, p.2). O documento segue apontando que a instituição conta com infraestrutura básica para esse tipo de atendimento, bem como de educadores, equipe técnica e salas que podem ser adaptadas para as atividades.

É interessante notar que no momento seguinte ao que a equipe exige a abolição do acolhimento de pernoite, ela se expressa da seguinte forma:

[...] pontua-se a necessidade do serviço já que se dispõe a compor a Política de Assistência Social [...], alargar seus critérios de ingresso, acolhendo crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, ou seja, vítimas de violência doméstica e urbana, usuários de substâncias psicoativas, autores de ato infracional, dentre outras circunstâncias (DAT nº 0385/2008, p.3).

A equipe pede para ampliar o número de educadores do turno noturno, para que a instituição consiga zelar bem pelo cuidado dessas crianças e adolescentes e, assim, evitar que os jovens de maior porte físico ou de maior ascensão sobre o grupo subjuguem os mais frágeis, podendo resultar em diferentes formas de violência.

Alguns questionamentos se fazem necessários: Porque a equipe exige o abolimento do acolhimento semanal para os meninos internos do Pão dos Pobres, e depois sugere alargar seus critérios de ingresso e inclusive aumentar o número de educadores que cuidam dos mesmos no período noturno? Se a instituição tem uma política de atender um número máximo de alunos internos para não perder a qualidade, não estaria por trás dessa proposta de ampliação do número uma tentativa de desafogar o “estado” dessa obrigação? Não seria uma confirmação da ineficácia do Estado, jogando para esta e outras instituições a responsabilidade em sanar essa problemática, já que o modelo “FEBEM” implodiu?

Dessa forma, durante o ano de 2010, a Instituição Pão dos Pobres de Santo Antônio recebeu correspondência da 9ª Promotoria da Justiça da Infância e da Juventude, com a justificativa de que a exigência do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente – CMDCA aponta para a necessidade de reordenamento da Instituição, exigindo a extinção do atual modelo de “acolhimento semanal” bem como a transformação do

atendimento prestado em apoio socioeducativo em meio aberto, para crianças e adolescentes de Porto Alegre (centro e entorno), de ambos os sexos. Aventa também a possibilidade de acolhimento institucional na modalidade de moradia para jovens adultos com mais de 18 anos de idade.

O mesmo relatório também afirma não estar claro na documentação a metodologia de trabalho e as concepções fundantes da instituição, ao mesmo tempo em que algumas metodologias se encontram divorciadas de seus conceitos e propostas práticas. Podemos mencionar um exemplo ilustrativo, para que seja de fácil compreensão o paradoxo com que a direção se deparava. Há regras a serem respeitadas e seguidas tanto no internato quanto na escola onde os alunos internos estudam. Esta escola atende a todas as classes sociais da comunidade, pagantes e bolsistas, tendo, portanto como toda escola, seu regulamento e regras próprias. Porém, acontece que a escola prevê em seus estatutos a suspensão e ou desligamento de alunos que infringiam por repetidas vezes as normas do estatuto.

,Em outras palavras, se, por um lado, a instituição previa o acolhimento justamente dos que não foram atendidos a contento em outros programas, como ela podia amparar práticas que poderiam chegar a um desfecho de desligamento do adolescente/jovem da instituição? Conforme a promotoria, a Instituição em suas propostas de trabalho, remete justamente ao sentido de emancipação dos internos. Portanto, se prevê o desligamento por descumprimento de regras, faz pensar e questionar sobre o tipo de emancipação mencionada nos projetos. A promotoria argumenta ainda que as incongruências da proposta poderiam ter relação com a tentativa de conceder à instituição uma aparência de modernidade, no que tange ao uso de conceitos relacionados à defesa dos direitos humanos, sem alterar as bases de um atendimento calcado em outros valores e oriundos de um processo histórico anterior à implementação do ECA, pois ainda se encontrava amparada num modelo de “internato”.

Quanto ao “acolhimento semanal”, questionado e abolido pelo ministério público, é importante que o leitor saiba que a instituição sempre prezou pelos vínculos familiares e o contato com o mundo externo por parte dos seus alunos internos. É relevante ainda salientar que a Instituição fazia uma entrevista personalizada com famílias pobres que traziam seus filhos para estudar e se aperfeiçoar numa profissão durante o período de permanência no Pão dos Pobres. Ao mesmo tempo, os meninos órfãos que chegavam por intermédio de pessoas como padrinhos, tios, tias, avôs e avós e outras, tinham estas como “responsáveis”. Além disso, tais pessoas eram cadastradas e assinavam um termo de responsabilidade, bem como de participação ativa na vida desses meninos. Assim, os fins de semana eram designados para

passarem em casas dessas famílias, fortalecendo vínculos familiares e contato com o mundo externo.

A instituição entendia que não se podia romper com os laços familiares e sociais dessas crianças/adolescentes, pois precisava ter contato com o mundo externo para que não acontecesse que, ao se formar aos 18 anos de idade, não soubesse se virar no mundo externo no tocante à vida pessoal e profissional. Esta visão era duramente contestada pela promotoria, ao apontar que o modelo de acolhimento semanal implicava em “abandono” dos meninos, e que isso não consta no ECA.

A direção do Pão dos Pobres responde, dizendo para a Promotoria que o regime de “acolhimento semanal” foi aprovado pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente – CMDCA, ou seja, que não houve constatação de alguma irregularidade nesse modelo, e que todas as crianças foram encaminhadas à instituição à pedido do Juizado da Infância e da Juventude e Ministério Público. A direção também reitera que a missão da instituição não contempla o acolhimento institucional na modalidade de moradia para jovens acima de 18 anos de idade.

Com a aprovação do ECA, em 1990, e sua conseqüente reestruturação, passou despercebido da instituição que o ECA rege sob o regime da coeducação, que se volta para a ideia de uma socialização rica em interlocuções. Essa terminologia é comumente usada para designar, na perspectiva sexista, a educação dos sexos e entre os sexos, rompendo com a histórica separação dos sexos, tanto nas escolas, nos abrigos, como em outros serviços. Segundo esse modelo de separação, diferentes sexos deveriam ser educados em distintos espaços e a partir de diferentes valores e concepções.

Dentro do seu projeto de reordenamento a instituição apresenta os programas com os quais atua:

SASE (Serviço de Apoio Socioeducativo em Meio Aberto), que presta atendimento às crianças e adolescentes de seis a quatorze anos, com apoio socioeducativo, proteção social para as crianças com seus direitos ameaçados ou violados, e que vivam em vulnerabilidade. O SASE fundamenta-se na ideia de inclusão social que é feita através da construção da participação cidadã dos sujeitos, protagonizando ações voltadas para sua emancipação (2008, pp.20-23). Este projeto tem previsto o Acolhimento Sócio Educativo em meio aberto, com crianças e adolescentes com vulnerabilidade social extrema, mas que possuam vínculos familiares e possam retornar para suas casas no final do período.

Os jovens que fazem o processo de iniciação profissional e que tenham vínculo familiar efetivo poderão permanecer durante dois turnos diários, retornando para casa no final do dia. Desta forma, são beneficiadas crianças de 06 a 14 anos pelo SASE; Adolescentes e Jovens de 14 a 18 anos em programas para juventude (Trabalho Educativo, Aprendizagem Profissional e Pró-Jovem) e as Famílias que são atendidas nos “Programas Família”, de origem socioeducativa.

Programa de Trabalho Educativo (PTE), que visa atender adolescentes e jovens entre 14 e 18 anos de idade em programas para juventude tais como: Trabalho Educativo e Educação Profissional e Programa Ação Rua (destinado a crianças e adolescentes em situação de rua).

Educação Profissional, Modalidade e Aprendizagem, com egressos do Programa de Trabalho Educativo da cidade.

Programa Família, que se destina às famílias residentes em Porto Alegre e que tem crianças e adolescentes, pessoas portadoras de deficiência e idosos em vulnerabilidade social e renda per capita mensal de até meio salário mínimo. Este programa é integrado pelo NASF (Núcleo de Apoio Sócio Familiar) e pelo PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). Nesse programa, as famílias, além de receberem acompanhamento de assistentes sociais e apoio psicológico, recebem uma bolsa-auxílio de R\$200,00 mensais pelo período de seis meses a um ano.

1.2 Algumas tensões existentes no Pão dos Pobres

Aqui segue uma crítica pessoal à determinação do poder público de misturar crianças e jovens de diversas idades e realidades de vulnerabilidade e/ou conflito com a lei. Com isso, se instaurou uma “crise temporária”, pois não se consegue mais uma unidade nos processos de gestão e convivência entre esses alunos, por diversos motivos preponderantes que elencaremos a seguir.

a) **Equipe de Assistentes Sociais:** Um dos fatores de primeira preocupação lassalista é a formação permanente de seus professores e funcionários (conforme fazia La Salle, p.20). Porém, com as modificações feitas no Pão dos Pobres, houve a necessidade de aumentar a quantidade de assistentes sociais contratados e atuando em três turnos, o que dificultou uma maior troca de experiências e resolução de conflitos dentro da instituição. Além disso, neste momento inicial, a formação lassalista, cujo objetivo é conseguir instaurar a

pedagogia lassalista, não pôde ser realizada. Há um grande perigo de esses profissionais atuarem apenas em seu turno, não conhecendo a história e a pedagogia institucional e, assim, não valorizando os valores lassalistas que sempre preponderaram na instituição e falhando quanto à coesão e unidade profissionais. Esses assistentes sociais, pelo seu pouco tempo na instituição e por sua “não formação lassalista”, entram em choque com os educadores mais antigos da instituição, que estão imbuídos de toda formação humana, cristã e lassalista. Percebe-se uma necessidade urgente de criar unidade nesse sentido para não se perder o cerne do elã lassalista.

b) **Mistura de Públicos e abandono familiar:** a mistura de públicos, a diferença de idades e as situações de vulnerabilidades distintas vêm criando um ambiente bastante carregado e difícil na instituição. Os jovens mais violentos, desregrados, desrespeitosos, acabam interferindo e influenciando outros jovens ou adolescentes a agirem de forma semelhante. Isso pode vir a reproduzir situações parecidas com extintas instituições do passado. Ao mesmo tempo, o “abandono” dessas crianças por parte dos seus pais e/ou responsáveis acaba impactando no processo de formação humana dessas crianças e jovens, fortalecendo a ideia de um “depósito de crianças”, ou uma forma encontrada por seus familiares de se livrar delas.

c) **Perda do “controle”:** Se anteriormente a instituição fazia uma “seleção de entrevista”, exigindo a assinatura de um termo de compromisso de algum responsável (pais, avós, tios, tias e ou padrinhos) para que estes acompanhassem o processo de desenvolvimento físico, psíquico e espiritual da criança/adolescente ou jovem interessados em ingressar na instituição, isto hoje praticamente se torna impossível. Antes do reordenamento, a instituição garantia certo perfil de público, com o qual queria e podia trabalhar qualitativamente. Hoje isso mudou. Não é mais a instituição que escolhe quem ingressa, mas sim o ministério público e/ou a Vara da Infância e da Juventude, que fazem o encaminhamento de crianças, adolescentes ou jovens em vulnerabilidade, obrigando a instituição a acolher quem é encaminhado com todas as suas necessidades e demandas.

d) **Instituição Mista:** Uma das grandes controvérsias do processo de reordenamento institucional foi a “obrigatoriedade” de acolher meninas no Pão dos Pobres, algo que nunca ocorreu em sua história e sequer era mencionado em seus estatutos, já que desde a sua origem esta instituição se preocupou com os meninos órfãos, enquanto outras entidades, na época, acolhiam. Atendendo as exigências legais da coeducação, a instituição acolhe hoje 70 meninas encaminhadas pelo ministério público e que estão em situação de vulnerabilidade.

Percebe-se, por parte da direção, uma inconformidade com a forma e o processo conduzido por uma juíza da Vara da Infância e da Juventude, que acusou a instituição de sexista, machista e preconceituosa, sem levar em conta toda a sua tradição, história e atos fundacionais. Com essa mistura, gerou-se outra preocupação interna: um aumento da necessidade de controle, vigilância e atenção, para evitar situações de constrangimento e/ou assédio sexual entre meninos e meninas.

e) **Quantidade versus Qualidade:** Um dos motivos da “seleção de entrevista”, instituída até então, era o zelo pela qualidade do trabalho realizado na instituição, com um limitador de um número máximo de vagas. Hoje a preocupação está na quantidade de pessoas encaminhadas à instituição. Antes do reordenamento, a instituição tinha em torno de 250 internos permanentes e uns 400 não internos, número considerado ideal para fazer um bom trabalho. Hoje a instituição atende mais de mil crianças, adolescentes e jovens que foram encaminhadas pela promotoria e outros selecionados por questões de vulnerabilidade, sem contar com os alunos da escola, o que perfaz um total de quase 1.400 crianças e jovens na instituição.

f) **Tensão entre regras internas da Fundação Pão dos Pobres versus regras da Escola La Salle Pão dos Pobres:** O complexo do Pão dos Pobres também conta com uma instituição de ensino: a Escola La Salle Pão dos Pobres, somente de Ensino Fundamental, com capacidade máxima para 450 alunos, para todas as classes sociais (pagantes e não pagantes). Esta escola atende a todos os alunos da fundação Pão dos Pobres em faixa etária condizente com a idade escolar. Os que estão acima da idade escolar estudam em escolas públicas da redondeza, já que estas atendem a situações com essas características. Por vezes, há situações de agressões a colegas e professores, desrespeito, falta de capacidade de convivência em grupo, implicando em infrações do regimento da escola. Assim, surgem as tensões entre as duas direções, “Escola e Fundação”, quando precisam deliberar sobre afastamento temporário e/ou suspensão de matrícula do educando, que reiteradas vezes comete infrações mais sérias. A razão disso é o fato de o ECA não permitir a exclusão ou privação de estudos das crianças e jovens sob medidas protetoras, o que é aceitável e compreensível. Por outro lado, na escola ocorrem insatisfações tanto do corpo docente e como do corpo discente, por não haver uma “punição” cabível a estes alunos, fortalecendo a ideia de “nada acontece de mais sério com os infratores porque são protegidos por lei”, causando certos desânimos e impotências nos professores.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) afirma que o Abrigo é considerado uma medida de proteção provisória e excepcional, utilizável como forma de transição para posterior colocação das crianças e adolescentes em família substituta, não implicando privação de liberdade (art. 101, parág. único). Ainda no art. 92, o ECA determina quais são os princípios e critérios que devem orientar esse programa.

Por outro lado, temos instituições que, ao longo dos anos (muitas funcionam há décadas ou até mais de 100 anos), vêm desenvolvendo excelente trabalho, voltado para a população infanto-juvenil carente, atuando em regime especial de educação, diferenciado daquele do Abrigo, previsto no art. 101, VII c/c art. 98 do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Essas instituições operam na modalidade de ensino integral. Em algumas, as crianças/adolescentes são liberadas(os) no fim do dia; em outras, permanecem na entidade durante a semana, retornando aos lares nos fins de semana, feriados e férias. Tudo dependendo do seu grau de vulnerabilidade social e seu vínculo parental.

O fato de existirem ainda instituições como internatos para menores de idade, em especial o Pão dos Pobres, não significa que essas “internações” ensejaram o enfraquecimento dos vínculos familiares. Pelo contrário, formarem-se grupos unidos, fortalecidos com o resgate da sua autoimagem, do trabalho intenso acerca do seu projeto de vida, da sua formação humana e cristã consistente, a ponto de a grande maioria sentir orgulho em morar na instituição e dizer que lá pôde virar “gente” (cidadãos com direitos e deveres), cumprindo suas funções de forma digna e, sobretudo, dedicando-se à aprendizagem de uma profissão que lhes garanta sobreviver no futuro.

Outra crítica feita a essas instituições é de que, nesses locais, as crianças/adolescentes perdem sua individualidade (são coisificados), por terem que seguir regras rígidas para as atividades propostas, desde o despertar da manhã, passando pelos horários das refeições, até a hora de dormir. Será que os “legalistas” não se dão conta de que a sociedade, de modo geral, está organizada por horários, sobretudo as empresas que possibilitarão um emprego a esses internos? Regras se convertem em fatores positivos para o desenvolvimento e formação do cidadão que deve ser sujeito protagonista de direitos e deveres. Creio ainda que, por vezes, se faz confusão com a figura do Abrigo, excepcional e temporário como prevê o art. 98 c/c 101, VII do ECA: “[...] instituição que acolhe crianças/adolescentes abandonadas, órfãos, vítimas

de maus-tratos e/ou negligência, para as quais se indica família substituta caso haja impossibilidade de se promover a reintegração familiar” (ECA, 1990).

Com a figura dessas instituições, onde, além de propostas educacionais desenvolvidas, trabalha-se, sobretudo, com o fortalecimento do núcleo familiar, conclui-se, pois, que, ao se matricular um filho numa instituição de regime especial de educação, a intenção seja buscar ensino de qualidade em local seguro, com preservação dos direitos constitucionais garantidos às crianças e aos adolescentes, para o exercício futuro de cidadania plena, ou seja, para garantir muito daquilo que foi negado pelos pais desses infantes.

APÊNDICE E – CATEGORIAS DAS ENTREVISTAS

CATEGORIAS	SUJEITO A - HÉRCULES	SUJEITO B – ÍISIS	SUJEITO C – CRONOS
<p>1. Narrativa da História de Vida: Quem sou e como cheguei ao Pão dos Pobres</p>	<p><i>Primeiramente meu nome é Hércules, eu tenho 18 anos, nasci no dia 17 de janeiro de 1995. Eu sou um cara que, sou bem de muita personalidade, uma personalidade considerável forte, sou um cara que sempre busco as coisas que, que eu quero, é, ponho objetivos na minha vida e tento cumpri-los sempre, sempre tento sempre né, alcançar minhas metas.</i></p> <p><i>[...] E eu, antes de entrar no Pão, tive vários né, vivi, eu me criei com minha família, meus irmãos, né, mas durante minha infância tive dois irmãos mais velhos que se acabaram se perdendo no caminho, acabaram se, tendo envolvimento com drogas e, eles sempre tiveram tudo assim, né. Minha mãe foi, que sempre protegeu muito, se preocupou muito, é sempre deu de tudo pra</i></p>	<p><i>[...] Bom sou a Íisis! Eu vim da Restinga. Sempre fui da Restinga, nunca mudei, aí eu tenho bastante a... eu tenho 14 anos, vô fazê 15 agora. [...], tô na 7ª série, ahm, tô no La Salle. Hoje tem 03 agora morando na minha família, Moro com minha mãe, com a minha irmã, meu padrasto. Moro com eles, moro separada com meu pai, mas mora no mesmo bairro meu pai. E vou começar a fala, antes de eu vim pro Pão.</i></p> <p><i>[...] Minha infância? Minha infância era boa até um certo momento. Antigamente eu [...] tinha muito contato com minha tia, prima da minha mãe, daí era boa até um momento assim, até que minha mãe e meu pai começo a briga. Começou meio me atrapalhá. Fui num psicólogo, tudo, pra mim né, eu tava meia confusa, comecei a me atrapalhá um pouco no colégio. Essas briga que eles tinham, aí no momento, aí eu não me lembro qual foi a idade que</i></p>	<p><i>Meu nome é Cronos, tenho 16 anos e vou falar sobre a minha história, durante toda minha história do Pão dos Pobres. Bom, antes de eu entrar no Pão dos Pobres eu, eu... eu morava... antes de eu entrar no Pão dos Pobres eu morava em Canoas, no Bairro Mathias Velho onde eu moro ainda. [...] Moro com a mãe e com o meu irmão. Só que o pátio é bem grande assim e tem três casas. A casa do tio é na frente e lá nos fundos tem a casa da tia e da minha mãe. Eu moro com a minha mãe daí. Mora uma tia e um tio que no caso minha mãe é irmã deles, ele é irmão dela.</i></p> <p><i>[...] Antes de eu entrar no Pão dos Pobres, minha vida, minha vida era normal assim, só que quiseram me botar no Pão dos Pobres por causa que eu, eles acharam que eu ah, ia ficar muito jogado, e não ia estudar direito. [...]</i></p> <p><i>[...] Daí e eu acabei até rodando um ano também na 2ª série, quando eu tinha é... deixa eu vê... 8 (oito) anos eu rodei daí [...] um aluno me,</i></p>

	<p>eles, mas eles acabaram se perdendo, mesmo dando tudo isso. Foi quando ela achou que poderia vir a acontecer isso comigo e com um irmão meu, mais novo, que estávamos vindo logo atrás. Então, com algum passar do tempo, e minha mãe observando a posição que tomavam meus irmãos né, de acordo com a vida que estavam escolhendo, ela tentou intervir várias vezes, ela tentou ajuda-los, das melhores formas, tanto resgatá-los, eles foram caindo numa mesmice e não quiseram se ajudar, de todas as formas que ela estava oferecendo, também apoiando pra sair daquele mal que eles estavam. Então ela percebeu que é, poderia a vir a respingar em mim e no meu irmão né, e assim sucessivamente nos irmãos que vieram mais tarde, né e minhas sobrinhas.</p> <p>[...] Um belo dia ela disse que nós teríamos que fazer uma prova e que seria ótimo se nós passássemos nessa</p>	<p>eles se separaram. Aí foi um momento triste pra mim e me atrapalhei mais, aí fiquei meia abalada.</p> <p>[...] Que meu pai, meu pai é drogado. Aí tem meu tio que é drogado, meus primo antes tava no abrigo, tem meus primo também que estão na casa lar.</p> <p>[...]Eu fui passa, eu gosto de passa férias com minha tia aqui no Cristal. Aí comecei a andar com minha prima e minha prima começo a me levá, aí comecei a largá. A gente começou a aprontar um pouco, aí sei que não foi grave. Daí minha mãe decidiu me trocar de colégio. Só que eu não sabia que ela ia trocar de colégio que ia muda tudo. Que antigamente, o meu colégio ele é bom, sei que, mas agora fiquei sabendo que as professora não querem dá aula. Se não tivesse aqui, eu não ia ter, se não tivesse no Pão, eu não teria aulas, no momento eu podia tá em casa .[...], é que minha mãe me tirou também do colégio por causa de gurias, e eu me meti em “bolo”,[...] Quando ela me</p>	<p>me buscava e trazia pro colégio, e ele acabou falecendo. Eu gostava muito dele também e a minha vida assim desde que eu nasci, foi normal assim, nunca passei por dificuldades. [...] E também eu vim pro Pão dos Pobres, através de um amigo meu. A gente é amigo há anos, desde quando a gente era bebê assim. Daí ele, ele veio um ano antes pro Pão dos Pobres [...]. Daí depois no outro ano eu entrei daí por causa que tinha os curso profissionalizante que eu queria fazer também. Ai eu queria fazer esses cursos.</p> <p>[...] Daí eu comecei no Pão dos Pobres, em 2007 quando eu entrei na 3ª série, era difícil assim, eu incomodava demais, quase fui expulso do internato. Só que daí me ajudaram as mulherada aí.</p> <p>[...] No início quando cheguei [...] Ah eu senti um pouco de, de medo assim. Báh era minha primeira vez assim, tive um nervoso também. Minha mãe indo embora assim, deu um aperto no coração, mais foi normal assim. Daí eu fiquei um pouco nervoso assim, nos primeiros dias [...] Daí quarta-feira tinha visitas e tinha missa, e toda quarta-</p>
--	---	---	---

	<p><i>prova para nós podermos ingressar. E eu e meu irmão fomos então, no Pão dos Pobres, e fizemos a prova. Nós dois passamos com notas muito boas e nós ingressamos no ano, num outro ano depois nós ingressamos. [...] Uma prova bem difícil memo, tinha muitos colegas que nós vimos né, que fizeram conosco e não, acabaram não passando né, não passando, mas o, o interessante que eu e meu irmão passamos com notas bem boas na prova até pra aquele, pro nível acadêmico que nós tínhamos né.</i></p>	<p><i>tirou do colégio, eu fiquei meia revoltada. Eu tinha me acostumado com o outro colégio, eu não sou muito de trocar de colégio. Eu meio que fiquei revoltada, fiquei triste no momento.</i></p> <p><i>[...], eu também era do SASE do Padre Ceron da Restinga (Centro Social Padre Pedro Leonardi), fiquei muito tempo lá, depois eu saí [...] No SASE, a gente fazia muitas atividades, eles ensinavam a gente, também tinha os marista que iam lá e faziam atividade com nós. A gente tinha lanche, tomava café da manhã, almoçava lá também. Tinha também tipo, meio que um curso de informática que eles davam pra nós. Aí tinha depois um grupo, tipo um grupo de jovens também. Aprendia que a gente tinha que tipo, eu ser amiga da Paula, no grupo de jovens eles ensinavam, tinha muita palestra com nós.</i></p> <p><i>[...] É que, tipo eu tinha brigado com minha mãe. Eu tinha... eu não lembro qual eu, a causa que eu tinha brigado com minha mãe...Ah era porque tipo,</i></p>	<p><i>feira tinha missa e minha mãe não veio daí comecei a “chorá” daí. Eu comecei a falar pra ela me visitar, e ela veio umas três semanas seguida, daí comecei depois eu fui ficando acostumado, daí fui acostumando.</i></p>
--	--	---	---

		<p><i>porque na minha casa somos, éramos quatro. Daí era um briga pra gente fazer as coisa dentro de casa. Daí eu achava que eu estava fazendo mais do que eles. Aí eu briguei com a minha mãe. Aí eu falei pra minha mãe que eu queria morar com meu pai. Daí ela falou pra mim ir. Daí eu fui. Daí ela queria eu de volta, daí a gente foi, foi lá no “conselho”, sei lá foi no conselho tutelar, teve uma conversa, teve várias conversa. Aí a gente teve várias briga por causa disso. Aí minha mãe chegou pro juiz só que meu pai não foi. Daí meu pai teve que esperar a minha guarda, falou que não tinha condições, porque ele tinha prometido pro irmão dele que ia primeiro pegar a guarda dos guri dele.</i></p> <p><i>[...] Aí um dia minha tia se revoltou porque eu tinha ido na minha outra tia [...] a outra tia que começou a falar mal de mim, de que eu tava levando o filho dela pro mau caminho, só que não tava. E daí ela pegou e disse, aconteceu isso e isso! Daí eu comecei a chorar, daí eu fiquei triste, porque também</i></p>	
--	--	---	--

		<p><i>fiquei sabendo que minha mãe tava com pobrema, que tinha ido no médico, daí comecei ficar com medo da minha tia. Daí minha mãe me aceitou de volta. Daí eu fui no conselho tutelar conversemo direito, teve um conversa e daí eles me explicaram que meu pai era drogado e não tinha condições pra mim ficar. Que se eu ficasse, eu ia cair pra um abrigo. Assim como as outras criança tinham ido pro meu tio, porque minha tia bebeu. Aí eu voltei pra mãe. Aí ela deixou eu ficar na minha tia, deixou eu passar o resto das férias. Daí ela pegô e me trocô. Me botô pro SASE e me botou no La Salle.</i></p> <p><i>[...] A gente se levanta as quatro e meia (04h30) e da saímo cinco e dez, as veis, cinco e meia. Daí a gente pega ônibus no parque, aí tem fila, aí a gente tem que acordá cedo. Aí a gente pega o ônibus e chega aqui umas dez pras sete, horário do colégio. Aí eu pego SASE e a gente vem pra cá.</i></p> <p><i>[...] As vezes a gente pega o ônibus alimentadores, quando as vezes a gente</i></p>	
--	--	--	--

		<i>pega alimentadores é mais fácil, porque o “restinga” é mas perigoso, por causa dos tiro. Então a gente pega mais o alimentadores.</i>	
2. Importância do Pão dos Pobres na minha história e trajetória de vida	<p><i>Quando eu dizia: O Pão dos Pobres é minha casa, eu falei sério assim, melhor dizendo, falei sério, eu fazia tudo pelo Pão dos Pobres, tudo pelo Pão dos Pobres. [...] Báh, eu te vejo como um educador da Instituição, um dia. E aquilo me deixava muito feliz, significava pra mim que eu estava passando pra eles uma postura legal, positiva, algo positivo. De eles chegar e dizer que um dia eu seria capaz de tá num cargo desses.</i></p> <p><i>[...] Teve um evento aqui no Pão dos Pobres [...] eu fiquei muito feliz mesmo, cada vez mais [...] foi evento de um acerto de contas, que tem todo ano com as empresas que apoiam a instituição (faz referência ao Balanço Social que a Fundação faz todos os anos para a comunidade e empresas parceira) e aí me chamaram pra ser o</i></p>	<p><i>[...] Eu gosto daqui! Eu gosto, eu venho pro colégio daí vô pro Pão, almoço ali. Às vezes quando minha mãe tem médico, eu levo a Y. (irmã) pro colégio, a Sra. I. (coordenadora do SASE) autorizô eu levar a Y.(mana) pro colégio. Daí a gente fica ali fazendo atividades...</i></p> <p><i>[...] Gosto, gosto dos dois (Pão dos Pobres e da Escola La Salle Pão dos Pobres). Eu gosto da tarde porque eu encontro amigos que aqui eu não vejo. Mas aqui na escola também, é que eu gosto dos dois porque tem meus amigos.</i></p> <p><i>[...] O que a escola significa, o La Salle Pão dos Pobres significa pra mim? Ahm ele é importante pra mim, significa muita coisa. Eu falava, que pena que só tem até a oitava série, porque eu não queria sair daqui, não queria sair do colégio porque comecei uma história, comecei uma parte da minha</i></p>	<p><i>[...] Se eu não tivesse entrado não Pão dos Pobres [...] É acho que ia ser diferente. Eu acho que eu não ia ter uma postura ideal como a que eu tenho agora assim. [...] a amizade, compartilhar as coisas com os amigos. A amizade é a coisa mais importante que teve aqui no Pão do Pobres. [...] a escola é importante pra mim acho que pra estudá assim eu quero passá, ahn, quero me formar pra dar exemplo como um ex-aluno assim.</i></p>

	<i>mestre cerimônia.</i>	<i>história pra mim, me ajuda muito.</i>	
3. Projeto de vida: Sonhos do que eu queria ser na infância e do que eu quero ser hoje	<p>[...] O pessoal com uma postura exemplar, pessoas assim falavam muito bem, pronunciavam muito bem as palavras, um ambiente assim que me identifiquei logo de cara, pô é isso que eu quero. [...] E aí o presidente da época me convidou, M. C. era o presidente e disse: “- Hércules, queria te convidar pra ser diretor de protocolo”. - Diretor de protocolo? Mas que bicho é esse? [...] Diretor de protocolo dentro da função do INTERACT, era o cara que apresentava a mesa diretora, era o cara que tava falando sempre né, que tinha que ter uma boa postura, boa dicção e tinha que tá sempre ali preparado pros improvisos, tudo.</p> <p>[...] Então, comecei a me destacar dentro do INTERACT e crescendo muito também dentro do Interact desenvolvendo meu trabalho. E fui convidado para ser secretário, fui</p>	<p>[...] Sonhos eu tinha um monte, meu sonho sempre foi ter, querer ter minha festa de 15 anos. Por que a angústia de dar ela é do meu pai. Que meu pai, meu pai é drogado. [...] Aí é muito ruim. Porque minha mãe queria tanto me dar uma festa de 15 anos e não dá. E não tem condições de me dar uma festa, só que eu sabia que não ia ter essa festa, porque eu teria problemas com minha família.[...] O meu sonho também era trabalhar e ajudar minha mãe, sempre quis trabalhá pra ajudar minha mãe. [...] dentro de casa, sempre quis o bem dela, ajuda ela. Ajudar um pouco mais a minha mãe e minha irmã. E mesmo brigando com minha mãe, eu queria ajudar ela, só que ela sempre falava que eu não tinha idade. Eu sô menor, ainda pra trabalhar.</p> <p>[...] Quando era, quando eu era menor, eu sempre pensei que trabalhar eu ia gostá. Não sei, no mercado tipo não sei, daí eu pensava que ia trabalhar num mercado, aí quando</p>	<p>[...] Eu sonhava em ser um maquinista de trem assim, o cara que dirige o trem. [...] Ah eu tenho meu sonho de ser médico ginecologista senão obstetra, mas pra isso preciso estudar muito [...] se eu dedicar o suficiente, bastante eu consigo [...] E também quero com o tempo fazer o “vocacionado dos irmãos” (acompanhamento vocacional). [...] E tem um amigo meu que faz. Ele estudou no La Salle Niterói lá só que eles estuda lá em Pelotas. [...] E também o B. também fez, só que ele saiu daí [...] Mas ele ainda tá com vontade, ele fala.</p> <p>[...] Eu preciso “estuda”, eu preciso me “concentrá” assim, ver as coisas e prestar atenção. Assim eu consigo daí as coisas. Arranjar amizades também, criar vínculo com os professores para saber mais as coisas, saber as matérias.</p> <p>[...] que um médico obstetra pode ajudar as pessoas, a salvar vidas. Daí eu gostei daí. [...] eu gosto de ajudar porque as vezes elas tem dificuldades e eu ajudo. Tipo no ônibus tem uma mulher com um bebê daí eu dou</p>

	<p>convidado pra presidente, vice-presidente e tesoureiro.</p> <p>[...] Depois que aprendi a fazer, eu só queria ficar no protocolo, o que pra mim foi muito bom porque foi ali que me destaquei, me tornei diretor de protocolo do Rotary, do Rotary não, do Rotaract que era dos mais velhos, do pessoal mais velho.</p> <p>[...] meu sonho sempre foi ser professor, né assim, ser professor, trabalhar, dar aula. No início eu queria fazer Educação Física né, e hoje eu quero, queria trabalhar com história, ser professor de história, fazer quem sabe filosofia, adoro filosofia ou sociologia trabalhar com sociologia também né, e são coisas que pra mim né, sempre foi assim, sempre teve na minha cabeça, nunca me deu choque de pensamentos “não, não quero ser professor, não é bem isso que quero não”. Eu sempre tive esse objetivo, sempre quis</p>	<p>eu fui crescendo vi que não era tão fácil. Aí agora eu faço, eu [...] queria ser cantora.</p> <p>[...] o que falta eu realizar pra tentar chegar no sonho [...] Eu já tentei iniciar esse ano, eu, ah...eu me... procurei fazer, ah e... eu me acho, ia tentar pedir ajuda pra umas pessoas, ia tentar, ah não posso falar (muita emoção, pausa). Eu ia tentá corrê atrais. Eu conheci pessoas que correu atrás do que queria e conseguiu. [...] então da minha família, ia querer ter a festa de 15 anos, a não ser a minha mãe.</p> <p>[...] Ah, quando eu era pequena, agora lembrei, eu sempre queria ter festa. E queria ter bonecas, quando a gente foi pequeno. Aí depois a gente foi crescendo, porque quando a gente era pequeno, não tinha tudo o que a minha irmã tem agora. Eu falo isso pra ela, eu não tive tudo isso, a mordomia que ela teve agora. E agora ela tem, ela pode muito mais do que eu, quando era pequena, daí agora que eu cresci, eu tenho meu sonho de ter minha festa de 15 ano. E</p>	<p>lugar pra ela daí.</p>
--	---	--	---------------------------

	<p><i>ser professor, sempre quis ser professor, nesse sentido. [...] dentro dessa minha vontade de ser professor, dessas coisas, eu sempre me espelhei nas posturas, nas, nos exemplos dos meus professores que eu tinha na minha volta. [...] Então sempre me empenhei muito nos meus estudos porque eu tive esse sonho na minha cabeça, de querer passar algum ensinamento, de querer dar, de querer dar aulas, de querer ensinar as pessoas. Então eu me pus, me pus pra mim mesmo esse objetivo [...] e assim poder pelo menos trabalhar como Educador Social, né que a Instituição oferece [...]Então, to estudando muito pra quem sabe né, vir a trabalhar no lugar onde eu me formei, no lugar onde, o lugar que me criou, a segunda casa, lugar onde eu me conheci, me conheci por gente [...] Então a partir dos meus sonhos é por aí. É dentro Pão</i></p>	<p><i>sempre quis ajudar minha irmã, a minha mãe quer dizê, minha irmã também, meu pai. Eu queria sempre ajudar meu pai a sair das droga. MEU SONHO sempre foi esse: AJUDAR MINHA MÃE E TIRÁ MEU PAI DAS DROGA. Que meu pai sempre foi um homem muito bom. Ele consegue desmontá uma bateria velha, só que as “Droga” é que atrapalha ele.</i></p> <p><i>[...] Meus sonhos eu tô conseguindo realizar, porque esses tempos eu tava falando com a Sra. Isabel e eu perguntei pra ela por causa do meu aniversário. Aí ela falou que ia falar com o João e que iam fazer festa pras guria que iam fazer 15 anos este ano. E ela falo pra mim que eu ia conseguir fazer uma festa de 15 anos aqui no Pão.</i></p> <p><i>[...] Eu queria tanto uma festa, cantar, ser cantora, fazer shows. E eu tô conseguindo.</i></p> <p><i>[...] Pra festa em primeiro lugar eu ia querer convidar meu pai e eu sei que ele não ia querê ir. Ele já falou isso, que não conhece aqui, e que não ia</i></p>	
--	--	--	--

	<p><i>dos Pobres que eu me vejo realizando eles. É um lugar que abre as portas, se tu sabe aproveitar, te abrem as portas e pra mim foi maravilhoso.</i></p> <p><i>[...] é que eu acho ainda que pra mim me completa, falta só ser professor da Instituição assim, ser educador da Instituição. [...] mas o essencial eu aprendi. Eu quero passar adiante, passar pros jovens que ainda vem pra cá né, passar essa experiência que eu tive aqui dentro que foi maravilhosa [...] Este é um projeto que tenho pra minha vida. De, nem que seja pra daqui a 50 anos, mas que eu possa passar por dentro do Pão dos Pobres como educador, então uma próxima fase da minha vida assim, um passo que vem.</i></p>	<p><i>vim. Eu queria tanto que ele viesse pra cá. Ele falou pra mim que ia dança comigo de qualquer jeito, valsa. Ai eu imagino ele comigo dançando valsa. [...] Éh...tem mais gente que eu vou convidá, mas sei que nem todos da minha família vão podê vim. Os amigos até acredito que eles venham...</i></p> <p><i>[...] Eu sempre falei assim, quando eu crescer eu vou trabalha primeiro, vou montar minha casinha, vou ter minha casa, vou ajudar bastante minha mãe. Vou, pra depois me ajuntar com uma pessoa, mas primeiro vou ajudar minha mãe, pra depois me ajuntar e pensar em ter filhos.</i></p>	
<p>4. Emancipação: atos e fatos emancipatórios</p>	<p><i>[...] os professores, que sempre tinham que escolher dois líderes pra puxar a fila né, e aí ele puxava dois líderes, e aí dizia pros dois líderes bota os shampoo na nossa cabeça. Aí é,</i></p>	<p><i>[...] O SASE tem atividades. Segunda-feira tem o projeto “Tô ligado” aí tem percussão, tem violão, tem dança, tem circo, tem teatro. Eu faço percussão e violão. Que eles ensinam. E terça tem</i></p>	<p><i>[...] Eu fui indo, daí eu passei, passei pra quarta (4ª série). Daí na quarta eu já fui indo. Foi um irmão (lassalista) que deu aula pra mim o ano inteiro também. Daí eu passei também, tranquilo assim, 2008 foi um</i></p>

	<p>nós trazíamos o shampoo, ele administrava durante, a quantidade que nós trazíamos né.</p> <p>[...] Ele (o professor V.) te olhava e dizia assim: me fala a tabuada do sete pra mim! Tu tinha que falar a tabuada.</p> <p>[...] falo da tabuada do sete porque? Eu a única tabuada que eu não sabia de toda né, era a do sete. E aí ele foi escolhendo assim, [...] ele te olhava e apontava o dedo e dizia: agora tu tem que me dizer essa. E aí eu tava rezando para não dizer pra mim dizer a tabuada do sete [...] aí ele me olhou assim, me fala a tabuada do sete, e aí eu não, não... Eu dizia, eu sei é fala, é eu falei um, falei dois, falei três, falei quatro, falei cinco, quando chegou na seis, sete não foi mais e aí eu tive que ficar um pouco mais ainda na sala treinando a tabuada do sete porque eu não sabia ela. E assim eu aprendi. Hoje eu sei a tabuada (han risada)</p> <p>[...] Mas, como eu</p>	<p>tênis, e eu entrei esse ano, e tô gostando muito do tênis. [...] E faço teatro, o teatro é no Teatro São Pedro, só que o teatro é lá no centro. Tiraram daqui essas oficina do teatro, agora saiu. [...] Ah é divertido. A gente vai fazer uma apresentação agora Quinta-feira se não me engano no teatro São Pedro.</p> <p>[...] As vezes tem passeio. Ontem teve passeio do Pão. Só que não é sempre pra todos, é pros que mais se comportam [...] Sim, eles gostariam de levar todos, só que tem uns que não se comportam quanto os outros. [...] as professoras selecionam os que se comportam mais. Porque tem uns que bagunçam muito. É tipo assim se você bagunça é feita uma ocorrência e se a pessoa conquista ele ganha um ponto, aí ele pode ir pro passeio, tipo assim.</p> <p>[...] Eu falei pra minha mãe, quando eu cresce eu quero ser assim, eu quero ajudar bastante as pessoas. Agora eu comecei a ajudar bastante as pessoas e quero ajudar os</p>	<p>ano bom também. 2007 foi um ano bom, 2008 também. Daí em 2009 passei pra 5ª daí. [...] Daí foi um ano bem melhor ainda por causa que passei por média daí, primeira vez que passei por média no Pão dos Pobres [...] e todos os anos que alguém passa por média assim, por bom comportamento no internato, que agora não tem mais, vai pra praia do colégio (alusão a casa de praia em Cidreira onde eles vão durante as férias, ou seja, quem é destaque do colégio-internato, são os alunos destaque nos estudos e estes recebiam como bônus atividades premiadas). Daí no colégio tem isso também, e eu fui nesse ano também. Foi bem tranquilo, foi bem emoção, porque eu estudei bastante, me dediquei.</p> <p>[...] E eu fiz as inscrição pro curso, pra estudar “serralheria” e tinha uns amigos meu que nunca tinham feito serralheria.</p> <p>[...] Eu preciso “estuda”, eu preciso me “concentrá” assim, ver as coisas e prestar atenção. Assim eu consigo daí as coisas. Arranjar amizades também, criar vínculo com os professores</p>
--	--	--	---

	<p><i>sempre digo, como eu disse no início, eu sempre fui de impor objetivos pra mim. Daí desde aquele dia eu comecei a treinar a tabuada do sete. [...] Porque daí eu treinei, treinei pra até aprender a dizer a do sete e ele nunca mais me pediu pra falar a tabuada do sete pra ele. [...] Não me pedia mais. Mas, então foi uma questão de superação né, me auto superar naquele momento. [...] E aí um tempo depois eu acabei me tornando né, um dos líderes da turma. O que foi muito bom pra mim, foi onde me descobri né, me descobri enquanto pessoa assim né, o que devia melhorá, o que devia muda, que tava bom assim, pra descobri minha maturidade também né, pra lidar com as pessoas. Então foi uma das coisas que o professor V. me ajudou muito né, trabalhou muito comigo na questão de liderança, foi algo que pra mim foi um reforço</i></p>	<p><i>outros. [...] Meus sonhos eu tô conseguindo realizar, porque esses tempos eu tava falando com a Sra. Isabel e eu perguntei pra ela por causa do meu aniversário. Aí ela falou que ia falar com o João e que iam fazer festa pras guria que iam fazer 15 anos este ano. E ela falo pra mim que eu ia conseguir fazer uma festa de 15 anos aqui no Pão. [...] Eu queria tanto uma festa, cantar, ser cantora, fazer shows. E eu tô conseguindo. Antigamente o coral era aqui, e aí depois o coral foi transferido pro Teatro São Pedro, a gente tava tendo apresentações, em outros lugares diferentes, então a gente tá conseguindo. [...] A Ísis antes era bagunceira, não fazia nada, não se interessava com nada e sonhava e não, e não fazia coisa pra conquista, de ajuda minha mãe, pra ela vê que eu tô ajudando. Antes eu não ganhava bastante roupa, agora eu ganho bastante como eu ganhei hoje. E agora quando eu entrei pro Pão, pro La Salle eu</i></p>	<p><i>para saber mais as coisas, saber as matérias. [...] Se eu pudesse mudar alguma coisa na vida acho que mudaria, queria mudar pra não estar na série que tô agora mas sim na 2ª série do EM. Que eu não rodasse os três anos que eu rodei</i></p>
--	---	---	---

	<p>muito bom né.</p> <p>[...] E o que acontece que eu comecei. Aí tinha INTERACT, o pessoal foi me ajudando, o Ir. Valério foi me apoiando. Na época o Ir. Valério era diretor de protocolo do Rotary e me deu uma boa ajuda, de uma forma que conversamos bastante então, [...], nos aproximamos muito, nos se tornamos bem amigos, e a companheira ICILDA. também, báh, bem amigos mesmo.</p> <p>[...] Por eu ter me destacado como diretor de protocolo aqui na fundação eu acabei saindo para fora da instituição. Todas as atividades do Pão dos Pobres eu me envolvia, me envolvia em todas.</p> <p>[...] Tínhamos eventos que organizávamos como jantares com o Rotary, jantares que organizávamos para angariar fundos pra Instituição ou e nós trabalhávamos com uma creche próximo daqui, que agora não me recordo o nome. Nós</p>	<p>comecei a conquista, e tô aqui com a minha mãe. Eu tô ajudando ela bastante, to ajudando a conquista. Antigamente eu não era educada. Quando eu sai do SASE do Pe. Ceron, me ajudava bastante, depois que saí aí é que fiquei assim: mal educada, não queria nada com nada.</p>	
--	---	---	--

	<p><i>trabalhávamos com esta creche e, dentro disso, nós angariávamos fundos. Nós também tínhamos as representações fora da Instituição. O que eram essas representações? Nós tínhamos eventos em Minas Gerais, Belo Horizonte, Venâncio Aires no RS, Lajeado, Rio Pardo, Guaíba, eram lugares onde tinham Rotarys.</i></p> <p><i>[...] no terceiro ano, eu fazia, eu trabalhava como garoto propaganda da Instituição. Tinha alguma empresa que fazia uma entrevista, uma propaganda aqui, chamavam o Hércules pra representar, chamavam o Hércules pra dar a entrevista pra falar. Eu me sentia muito feliz e a cada vez mais eu queria fazer mais e mais, dentro da instituição já que essas portas estavam se abrindo pra mim.</i></p> <p><i>[...] Pôh, sô, agora sô formado, sô importante, sô um, faço parte de uma sociedade que trabalha, uma</i></p>		
--	---	--	--

	<i>sociedade formada.</i>		
5. Ser sujeito-cidadão: O que me fez ser o que sou hoje? O que me torna Sujeito-cidadão?	<p><i>Pessoas que ajudaram no processo: todos os professores, o Ir. Valério, Tia Lia (+)</i></p> <p><i>[...] E no caso o professor V. né, ele nos auxiliava muito em matemática que era bem, bem forte, nossas dificuldades, trabalhava matemática conosco.</i></p> <p><i>[...] foi quando também que eu comecei a explorar mais esse meu lado né, de liderança né, entrei no INTERACT, e aí era onde a gente explorava [...]</i></p> <p><i>O Interact, assim óh, é uma palavra que ela é americanizada, como diz, que tem um significado de jovem ativo, alguma coisa mais ou menos assim, jovem ativo, “act” alguma coisa assim, não me recordo muito bem[...]</i></p> <p><i>aí era um espaço onde nós explorávamos nossas lideranças realmente, era, tínhamos delegação com presidente, vice-presidente, o secretário, o tesoureiro e o diretor de protocolo. Bom, eu quando entrei no</i></p>	<p><i>Pessoas que ajudaram no processo: Tia Cleia, o colégio, os amigos.</i></p> <p><i>[...] Aí eu pensei que ia ser que nem no colégio: não arrumar nenhum amigo no primeiro dia. Aí eu cheguei e arrumei um monte de amigas. Eu nunca tinha pensado-visto isso. Nunca aconteceu isso comigo, de um monte falar comigo assim. Daí eu já arrumei um monte de amiga, já gostei, já no primeiro dia gostei.</i></p> <p><i>[...] por causa que quando eu tava no outro colégio, eu bagunçava, eu não me interessava pelo estudo, e quando eu entrei pra cá eu comecei a me interessá pelo estudo, bom eles começaram a me ajudá mais, eu fiz até “Crisma”, com a tia C., comecei a melhorá. Eles me ajudaram bastante, porque eu mudei um pouco, eu não era assim, eu não me interessava nem um pouco pelos estudos e agora eu tô fazendo o maior esforço possível. Me interessei, comecei a me interessa e a fazer curso profissionalizante [...]</i></p> <p><i>Eu não era assim como eu sou</i></p>	<p><i>Pessoas que ajudaram no processo: Os professores Eduardo, Giovanni, Fernanda e meus tios.</i></p> <p><i>[...] o professor E. ele foi meu professor lá no internato e me ajudou bastante lá, [...]</i></p> <p><i>tem a minha suspensão, a minha primeira vez, a minha suspensão que quase saio do internato. Só faltou a assinatura do professor E., mas aí ele falou que queria me dar mais uma chance daí. Senão eu ia sair naquele ano daí.</i></p> <p><i>[...] quem me ajudou muito também foi a sora, a professora F. também, e o professor G. que é meu padrinho, ele me explica o que fazer e o que não fazer.</i></p> <p><i>[...] tenho lembranças boas, que a gente brincava assim, jogava futebol, se divertia. Me lembro que em 2007 a gente fez o livro “Pequenos Escritores”. Cada um botô uma história assim, fez poesia. Daí no final do ano de 2007, quase no fim do ano, a gente foi lá no auditório lá, a gente começou a cantar lá, daí alguns começaram a cantar “rapp” lá, e alguns leram também a sua história e a poesia e todo mundo olhou daí. [...]</i></p> <p><i>Fiz poesia,</i></p>

	<p><i>INTERACT, eu entrei sabe como sócio, quem não era da mesa diretora, era sócio do Interact, trabalhavam como sócio. Eu entrei como sócio [...] Tava lá o Irmão Valério, companheira “L.” que era uma rotariana e uma moça leiga e a mesa diretora. O pessoal com uma postura exemplar, pessoas assim falavam muito bem, pronunciavam muito bem as palavras, um ambiente assim que me identifiquei logo de cara, pô é isso que eu quero.</i></p> <p><i>[...] O que me fez sentir em casa primeiramente assim, foi a questão dos amigos né, os colegas porque foi a minha força, e também os professores né. Não tem como não falar assim. Os professores foram o meu pilar essencial né, pra minha estadia dentro do Pão dos Pobres. Então tá conversando, tá convivendo, tá falando, os professores são [...] tudo assim. Então, cada</i></p>	<p><i>hoje, eu era muito diferente. Não gostava de fazer as coisa, eu ia pro colégio só pra encontrar meus amigos, não pra estuda. E quando eu vim aqui pro Pão dos Pobres e o colégio, aí me ajudou muito [...] O estudo. Tipo que aqui, tanto quanto no “Pão” tem regras. Tipo tanto aqui quanto no Pão tem regras, e onde eu estudava não tinha as tal de regras. Aqui nos primeiros dias de provas eu ia ruim nas provas, aí eu via os outros estudando, falando em estuda, indo bem nas provas, aí eu ia percebendo as pessoas falando isso melhorou meu interesse em estuda mais, melhorou meu interesse em melhorar mais.</i></p>	<p><i>uma poesia [...] Eu lembro que... era... “Olha a Onda” é olha a onda, uma coisa assim.</i></p> <p><i>[...] Ah, a gente começou a se dedicar nos estudos, começamos a se comportar melhor. Daí em 2008, daí em relação a estrutura também a gente...a gente almoçava em vasilhas de metal, eu me lembro. Daí teve um evento e começou a “mostra” buffet, mostraram e botaram um buffet daí.</i></p> <p><i>[...] depois de 2008 [...] Começou a ter as oficinas de música daí. Tinha aula daí, de cavaquinho, violão, bandolim, pandeiro, percussão, teclado também tinha. E tinha tênis também, é tênis. Daí eu fiz o tênis, daí eu fiz o tênis e eu fiz aula de bandolim que é um instrumento parecido com cavaquinho de 8 cordas. E daí essa, essa aula de música era aqui, daí ano passado, deixa eu vê, é ano passado no meio do ano passou pro teatro São Pedro. Aí lá no teatro São Pedro trocou.... Daí eu queria fazer lá no Teatro São Pedro só que eu não pude fazer porque tinha que tirar o meu curso (serralheiro) que é da uma (13h) as cinco e meia</i></p>
--	---	---	--

	<p><i>mijada que eu levava, cada xingão, era pra mim, é fez a pessoa que eu sou hoje né. Eu agradeço sempre, porque se não fosse graças a isso e foi o que me motivou a ficar aqui. [...] Mas principalmente fazer um curso profissionalizante. [...] E o curso profissionalizante nos proporcionaria né, além de uma formação, um emprego, para ajudarmos a nossa família [...]</i></p> <p><i>Pôh, sô, agora sô formado, sô importante, sô um, faço parte de uma sociedade que trabalha, uma sociedade formada.</i></p>		<p><i>(17h30). Daí não dava daí. [...] O tênis também, eu tinha também. Tinha o grupo de jovens também.</i></p>
<p>6. Pedagogia lassalista na formação humana e cristã dos alunos</p>	<p><i>[...] Uma coisa muito linda que até hoje eu cultuo e faço: nós rezávamos antes das refeições, né, fazíamos nossa oração e o mais bonito era o coro né, que todos os meninos dentro do refeitório faziam, na época eram 280 meninos né, em 2007, eram 280 meninos, e todos eles rezavam junto, né,</i></p>	<p><i>[...] É que tipo, eles ajudam, eles chamam as pessoas, eles conversam o que tá acontecendo. Eles chamam os pais e conversam o que tá acontecendo comigo, o que tava acontecendo comigo. Nisso, eu começava a entende, porque eu não entendia o que tava... aí comecei a interessa... tipo eles ajudam as pessoa a melhorá... as pessoas que</i></p>	<p><i>[...] Daí teve também um dia quando que minha mãe veio comigo pro colégio [...], teve o nascimento do meu irmão. Meu irmão nasceu aí na frente do, na frente de La Salle, que lembro saiu no jornal. Saiu no jornal no Diário Gaúcho, na Zero Hora também. Daí na RBS me entrevistaram depois. Daí depois disso, começou a melhorar meu comportamento, começou a</i></p>

	<p>mesmo que tivesse um não era católico né, tivesse outro que não era, independente da religião que eles eram, dentro da instituição todos rezavam juntos e isso era muito lindo.</p> <p>[...] E nesse primeiro ano eu tive a questão da primeira comunhão, depois no próximo ano crisma, que foi pra mim as duas coisas mais marcantes do meu tempo na instituição porque antes de eu entrar na instituição eu não tinha religião nenhuma, não tinha religião nenhuma, agradecia meu alimento, mas não sabia o que era ser católico, ser evangélico, o que que era qualquer religião, independente dela, não sabia o que era. Sabia rezar, mas não sabia rezar pra que, por que, qual o objetivo da oração, pra quem tava rezando. E dentro do Pão dos Pobres eu aprendi, aprendi com a tia C., que foi minha catequista, que foi também que me</p>	<p>eles ajudam. [...] Eu falei pra minha mãe, quando eu cresce eu quero ser assim, eu quero ajudar bastante as pessoas. Agora eu comecei a ajudar bastante as pessoas e quero ajudar os outros.</p>	<p>melhorar tudo daí, começou a “virar minha cabeça, daí começou a virar tudo daí” (alusão a sua tomada de consciência para uma mudança de postura atribuída ao que me parece à santidade do La Salle).</p> <p>[...] Daí quarta-feira tinha visitas e tinha missa, e toda quarta-feira tinha missa.</p>
--	--	--	--

	<p>“<i>crismo</i>” (crismou) também. <i>Que foi pra mim ótimo.</i></p> <p>[...] <i>Eu só usava pra ir pra missa, o sapatinho e a camisa social [...]</i>e depois me tornei coroinha também [...]<i>Tudo isso foram coisas que marcaram, foram coisas bem marcantes que tocaram assim.</i></p>		
<p>7. A institucionalização na vida dos alunos</p>	<p><i>Tínhamos, nós tínhamos muitos horários. Nós era, conosco era, tudo regrado. Horários de refeição, horários de organização, era tudo super regrado assim, tinha horário pra tudo né. Mas a questão é que a gente sabia usar né, sabia lidar né, a gente sabia lidar com esses horários [...] Tinha horário pra comê, tinha horário pra fazer tudo, era como se fosse uma casa. Tratávamos nós, como fossemos, como se fosse uma casa mesmo. Na verdade acaba se tornando né. A partir de um tempo que tu convive dentro do Pão dos Pobres, que tu vive esse Pão dos Pobres, tu torna isso tua casa. [...]</i></p>	<p>[...] <i>Quarta-feira, a gente fica um pouco no pátio, depois a gente entra na sala. Depois do almoço a gente escova os dente, e aí esperamos a escola chega, e quarta-feira a gente vai pra sala fazê as atividade que a professora pediu. A gente faiz os tema, aí depois, aí, depois que todo mundo terminá as atividade direitinho, aí a gente desce pro pátio e fica brincando, falando com os amigos. Até chegar o horário do lanche. Aí quinta é a mesma coisa, tem atividades só que eu não tô porque estou no Teatro São Pedro.</i></p> <p>[...] <i>Eu falei pra minha mãe, quando eu cresce eu quero ser assim, eu quero ajudar bastante as pessoas. Agora eu comecei</i></p>	<p><i>E também, também aí metade do ano de 2008, eles separaram por idade. Quem tinha nascido tipo 2006 vai pra turma tal assim. Dai era pra combinar bem assim, acho que assim era pra começar um vínculo maior daí, ficou melhor pois era da mesma idade (Classificação por faixas etárias).</i></p> <p>[...] <i>que um médico obstetra pode ajudar as pessoas, a salvar vidas. Daí eu gostei daí. [...] eu gosto de ajudar porque as vezes elas tem dificuldades e eu ajudo. Tipo no ônibus tem uma mulher com um bebê daí eu dou lugar pra ela daí.</i></p> <p>[...] <i>Moro na Mathias Velho [...] Me acordo 05h10[...] E aí eu me acordo, me arrumo, pego a roupa que vou pro banho, daí escovo os dentes, tomo algum café, um suco,</i></p>

	<p><i>Disseram pra nós “esse aqui é o melhor pra ti cara, fica aí, o colégio pôh, a escola é boa né, comida nas horas sabe, educação e mais a questão aí da integração com teus colegas né, futebol essas coisas né, tudo vale a pena ficar aqui”.</i></p>	<p><i>a ajudar bastante as pessoas e quero ajudar os outros.</i></p>	<p><i>um refri daí vim pra cá. Daí pego um ônibus até o trem, pego o trem e do centro pego mais um ônibus pra vir pra cá. [...] Volto todo dia. Quando termina a aula, eu almoço aí e depois a uma e meia (13h30) eu tenho curso, curso da uma e meia até as três e meia (15h30), quer dizer as cinco e meia (17h30), as três e meia é o intervalo daí, uns 10 minutos eu acho.</i></p>
--	--	--	--

Fonte: O próprio autor

APÊNDICE F – LINHA DE TEMPO DO PÃO DOS POBRES E DOS SUJEITOS DA PESQUISA (HÉRCULES, CRONOS E ÍSIS)

Linha do Tempo: História do Pão dos Pobres (1895-2013)



1

Linha de Tempo do Pão dos Pobres

Linha do Tempo: História do Pão dos Pobres (1895-2013)



2

Linha de Tempo do Pão dos Pobres

Linha do Tempo: História do Pão dos Pobres (1895-2013)

1913	1913	1915	1916	1924	15/08/1925
Atendendo o desejo do falecido Cônego José Bittencourt, o Pe. João Cordeiro da Silva assume a direção do Orfanotrófio	A escola D. Feliciano para meninos foi confiada aos Maristas	Correspondência ao Superior Geral dos Irmãos das Escolas Cristãs (Bélgica) e definição de detalhes para assumir o Pão dos Pobres com intermediação de D. João Becker	Três Irmãos Lassalistas assumem o Orfanotrófio Santo António do Pão dos Pobres com 40 Órfãos sob regime gratuito. Início da Pedagogia Lassalista (Fé, Fraternidade e Serviço) Campanhas de arrecadação de materiais e donativos para o Orfanotrófio	60 órfãos internos (capacidade máxima) Formatura da 1ª turma (6 jovens) com formação cristã e preparo profissional para ganhar o pão de cada dia e perfeitamente adaptados à sociedade (Catequese, Comunhão e Crisma) Primeiro projeto de ampliação para até 400 internos é elaborado	No 30º aniversário da Instituição é feito o lançamento da pedra fundamental do novo Prédio do Pão dos Pobres

3

Linha de Tempo do Pão dos Pobres

Linha do Tempo: História do Pão dos Pobres (1895-2013)

1927	13/06/1930	1932	1978	1990	2004-2007
O Orfanotrófio foi transformado em Fundação Diocesana O Pão dos Pobres de Santo António (o povo chama de Pão dos Pobres)	Inauguração do Novo Prédio do Orfanato. 250 órfãos matriculados Todos passam a cursar os cursos profissionalizantes	Fundação da Escola D. João Becker. Capacidade para 400 alunos (hoje Colégio La Salle Pão dos Pobres) Escola mista a partir de 1972 com curso Ginásial.	310 órfãos Aprimoramento no ensino industrial e cursos profissionalizantes Tipografia, Mecânica e Marcenaria Aquisição de duas propriedades: Lami (Remanso Santo António) e na Praia Cidreira (Fundação Cicchero) Anualmente se abrem de 30 a 40 vagas de admissão Crianças sem tutor legal são encaminhadas a FEBEM	Apesar da escassez de recursos o Pão dos Pobres segue sem maiores novidades até os anos 90. Surgimento do ECA, instituído pela Lei 8069, de 13 de julho, que regulamenta os direitos das crianças e dos adolescentes Gradativas mudanças no atendimento dos Internatos.	Início das Discussões REORDENAMENTO INSTITUCIONAL Início do Planejamento e elaboração documental Pão dos Pobres conta com aproximadamente e 250 internos passando a 280 em 2007. Atende mais de 550 alunos: Escola e os cursos profissionalizantes

4

Linha de Tempo do Pão dos Pobres

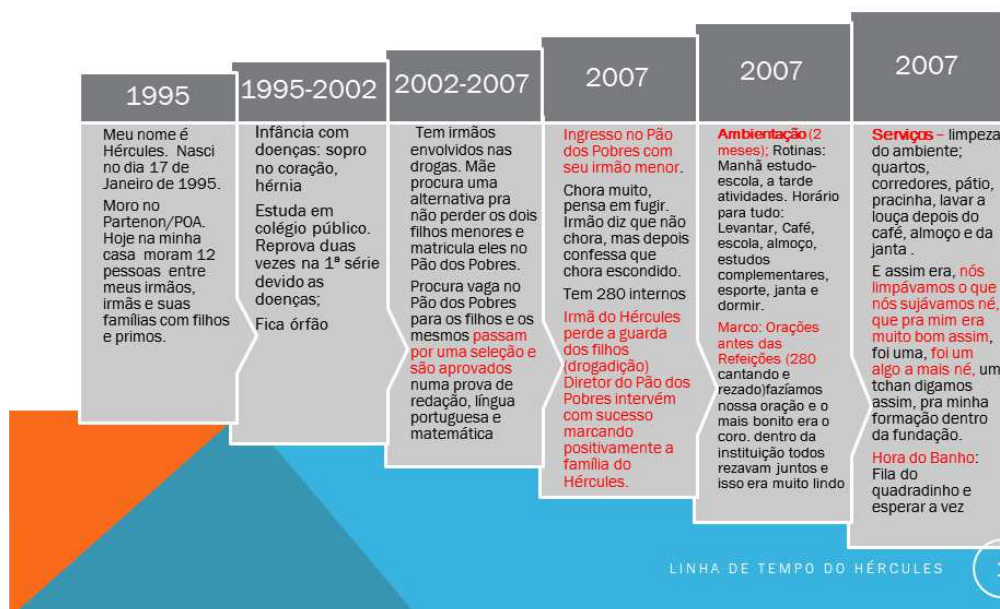
Linha do Tempo: História do Pão dos Pobres (1895-2013)



5

Linha de Tempo do Pão dos Pobres

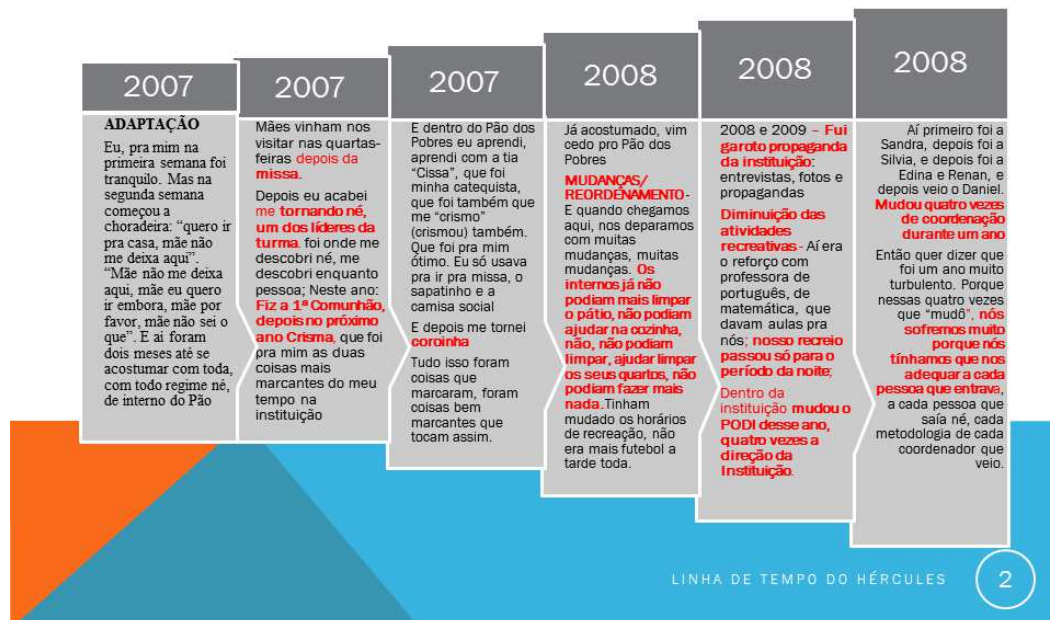
Linha do Tempo: Hércules 1995-2013



LINHA DE TEMPO DO HÉRCULES

1

Linha do Tempo: Hércules 1995-2013



Linha do Tempo: Hércules 1995-2013



Linha do Tempo: Hércules 1995-2013



Linha do Tempo: Hércules 1995-2013



Linha do Tempo: Cronos 2008-2012



Linha de tempo do Cronos

1

Linha do Tempo: Cronos 2008-2012



Linha de tempo do Cronos

2

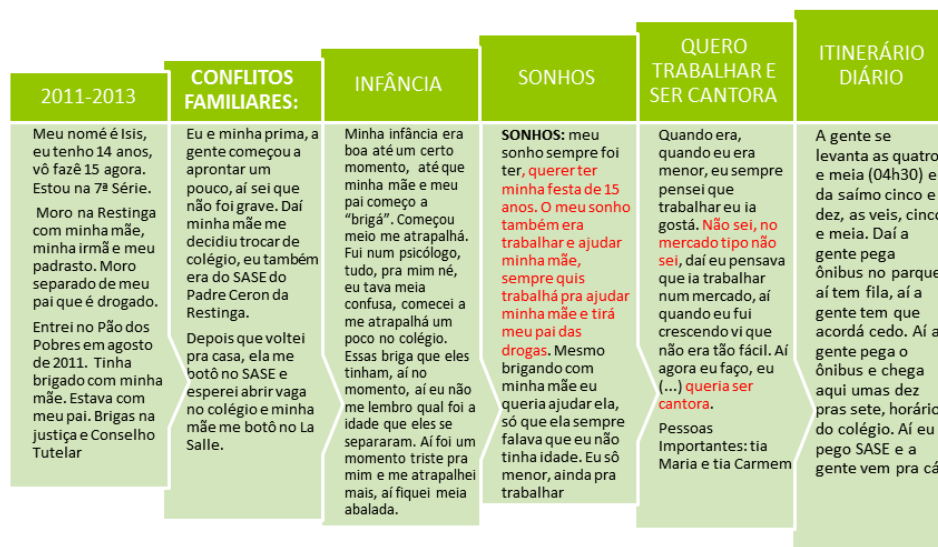
Linha do Tempo: Cronos 2008-2012



Linha de tempo do Cronos

3

Linha do Tempo: Ísis 2011-2013



Linha de tempo da Isis

1

Linha do Tempo: Ísis 2011-2013



Linha de tempo da Isis

2

Linha do Tempo: Ísis 2011-2013



Linha de tempo da Isis

3